

MIA SHERIDAN

A voz do
ARQUEIRO

Signos do Amor 

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

A voz do
ARQUEIRO



O Arqueiro

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente

importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

MIA SHERIDAN

A voz do
ARQUEIRO



Título original: *Archer's Voice*

Copyright © 2014 por Mia Sheridan

Copyright da tradução © 2015 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

Esta obra foi negociada pela Bookcase Literary Agency, representando a Rebecca Fiedman Literary Agency.

tradução: Ana Rodrigues

preparo de originais: Raquel Zampil

revisão: Ana Grillo e Renata Dib

projeto gráfico e diagramação: Valéria Teixeira

capa: Mia Sheridan

adaptação de capa: Miriam Lerner

imagens de capa: Shutterstock

adaptação para ebook: Marcelo Moraes

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

S554v

Sheridan, Mia

A voz do arqueiro [recurso eletrônico] / Mia Sheridan [tradução de Ana Rodrigues]; São Paulo: Arqueiro, 2015.
recurso digital (Signos do amor - 1)

Tradução de: Archer's voice

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-8041-445-5 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Rodrigues, Ana. II. Título. III. Série.

15-23983

CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.

Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

Este livro é dedicado
aos meus meninos, Jack, Cade e Tyler.
O mundo precisa do maior número possível
de homens bons. Tenho orgulho de ser
responsável por três deles. Irmãos até o fim.

A Lenda de Quíron, o Centauro

Os centauros eram conhecidos como arruaceiros, desordeiros e chegados a bebedeiras. Quíron, porém, não era como os outros – ele era chamado de "O Bom Centauro" e de "O Curador Ferido" e era mais sábio, mais gentil e mais justo do que os outros de sua espécie.

Infelizmente, Quíron foi ferido sem querer pelo amigo Hércules com uma flecha envenenada, quando Hércules lutava com os outros centauros. Como Quíron era imortal, não conseguia encontrar alívio para sua ferida incurável e passou a viver com uma dor excruciante.

Por fim, Quíron deparou com Prometeu, que também vivia em agonia. Prometeu fora condenado ao tormento eterno pelos deuses e estava amarrado a uma rocha. Todas as manhãs, uma águia vinha comer seu fígado, que voltava a se regenerar todas as noites.

Quíron então se ofereceu para dar a vida pela de Prometeu. Assim, livraria ambos do tormento eterno. O centauro caiu morto aos pés de Prometeu. Mas, por causa de sua bondade e generosidade, Zeus o tornou parte das estrelas. No céu, sua beleza poderia ser vista por toda a eternidade. O centauro se transformou na constelação de Sagitário, que os gregos antigos chamavam de "O Arqueiro".

O ferimento de Quíron simboliza o poder transformador do

sofrimento – a maneira como a dor, tanto física quanto emocional, pode se tornar fonte de grande força moral e espiritual.



capítulo 1

ARCHER

7 anos, abril

- **A**garre a minha mão! Peguei você – disse eu bem baixinho, o helicóptero se levantando do chão, enquanto Duque segurava a mão de Cobra Invasor.

Eu tentava falar o mais baixo possível enquanto brincava, já que minha mãe estava dormindo depois de levar outra surra, e eu não queria acordá-la. Mamãe me dissera para ficar vendo desenhos ao lado dela na cama, e fora o que eu fizera por algum tempo, mas quando vi que ela começou a dormir, desci para brincar com meus Comandos em Ação.

O helicóptero aterrissou e meus homens saltaram e correram para debaixo da cadeira – eu tinha aberto uma toalha por cima dela para fingir que era um esconderijo subterrâneo. Peguei o helicóptero e o ergui novamente no ar, com o ruído de *vup-vup-vup*. Desejei poder estalar os dedos e transformar o brinquedo em um helicóptero de verdade. Aí, eu colocaria minha mãe dentro dele e voaríamos para longe daqui... para longe *dele*, dos olhos roxos e das lágrimas da mamãe. Não me importava para onde iríamos, desde que fosse para muito, muito longe.

Eu me arrastei para baixo do esconderijo e, poucos minutos depois, ouvi a porta da frente ser aberta e fechada. Então, passos pesados percorreram o hall de entrada e atravessaram o corredor até onde eu estava brincando. Espiei e vi um par de sapatos pretos

brilhantes e a bainha do que eu sabia serem calças de um uniforme.

Saí o mais rápido que pude de baixo da cadeira chamando:

– Tio Connor!

Ele se ajoelhou e me joguei em seus braços, tomando o cuidado de ficar longe do lado em que ele mantinha o revólver e a lanterna de policial.

– Ei, rapazinho – disse ele, me abraçando. – Como está meu herói de resgate?

– Bem. Está vendo a fortaleza subterrânea que eu construí? – perguntei, me afastando e apontando orgulhoso para a fortaleza que tinha montado embaixo da mesa usando mantas e toalhas. Estava muito legal.

Tio Connor sorriu e tornou a olhar para mim.

– É claro que estou vendo. Você fez um bom trabalho, Archer. Nunca vi uma fortaleza que parecesse tão impenetrável quanto essa.

Ele piscou para mim e seu sorriso ficou mais largo.

– Quer brincar comigo? – perguntei.

Ele bagunçou meu cabelo, sorrindo.

– Agora não, amigão. Mais tarde, está bem? Onde está a sua mãe?

Tive a sensação de que meu rosto murchava.

– Hã... ela não está se sentindo muito bem. Está deitada – respondi.

Levantei os olhos para o rosto de tio Connor, para seus olhos castanho-dourados. A imagem que surgiu na minha mente no mesmo instante foi a do céu antes de uma tempestade... escuro e um tanto assustador. Me afastei um pouco, mas rapidamente os olhos de tio Connor voltaram a clarear, ele me puxou outra vez e me abraçou.

– Tudo bem, Archer, tudo bem – disse ele.

Então me afastou um pouco, segurou meus braços e examinou meu rosto. Eu sorri e ele sorriu de volta.

– Você tem o sorriso da sua mãe, sabia?

Meu sorriso ficou mais largo. Eu adorava o sorriso da minha mãe. Era afetuoso, bonito e fazia com que eu me sentisse amado.

– Mas eu me pareço com meu pai – falei, abaixando os olhos.

Todos diziam que eu tinha a aparência dos Hales.

Tio Connor me encarou por um instante, como se quisesse me dizer alguma coisa, mas então mudou de ideia.

– Ora, isso é bom, amigão. Seu pai é bonito pra caramba.

Ele sorriu para mim, mas o sorriso não chegou até seus olhos. Eu o encarei, desejando parecer com ele. Minha mãe me dissera uma vez que o tio Connor era o homem mais bonito que ela já tinha visto na vida. Mas logo parecera culpada, como se não devesse ter dito aquilo. Provavelmente porque ele não era o meu pai, imaginei. Além do mais, tio Connor era um policial – um herói. Quando eu crescesse queria ser igualzinho a ele.

Tio Connor ficou de pé.

– Vou ver se a sua mãe está acordada. Fique brincando com seus bonecos. Desço em um minuto, está certo, amigão?

– Está certo – assenti.

Ele bagunçou os meus cabelos outra vez e se afastou na direção da escada. Esperei alguns minutos e o segui em silêncio. Evitei todas as tábuas que rangiam, segurando no corrimão para subir. Eu sabia como fazer silêncio naquela casa.

Quando cheguei ao topo da escada, fiquei parado diante da porta do quarto da minha mãe. Apenas uma pequena fresta estava aberta, mas era o bastante.

– Estou bem, Connor, de verdade – disse a voz suave da minha mãe.

– Você não está bem, Alyssa – sibilou tio Connor, a voz falhando no final de um jeito que me assustava. – Meu Deus! Tenho vontade de matá-lo. Estou farto disso, Lys. Estou cansado dessa rotina de mártir. Você pode achar que merece isso, mas Archer não merece –

disse ele, cuspidando as últimas três palavras entre os dentes, daquele jeito que eu já vira antes. Normalmente quando meu pai estava por perto.

Não ouvi nada além do choro baixo da minha mãe por alguns minutos, até que tio Connor voltou a falar. Dessa vez a voz dele parecia esquisita, sem nenhuma expressão.

– Você quer saber onde ele está neste momento? Saiu do bar com Patty Nelson. Eles estão fazendo de tudo no trailer dela. Dirigi até lá e consegui ouvir os dois de dentro do carro.

– Pelo amor de Deus, Connor! – A voz da minha mãe saiu engasgada. – Você está tentando tornar tudo pior...

– Não! – rugiu ele, e eu dei um pulo. – Não – repetiu tio Connor agora mais calmo. – Estou tentando fazer você enxergar que já basta. *Já basta*. Se achou que precisava pagar uma penitência, está paga. Não vê isso? Você estava errada ao acreditar que precisava pagar por alguma coisa, mas, já que achou, vamos aceitar... está pago, Lys. Há muito tempo. Agora estamos todos pagando. Você quer saber o que eu senti quando ouvi os sons que saíam daquele trailer? Tive vontade de entrar lá e arrebentar a cara dele por humilhar você, por desrespeitá-la daquela forma. E o pior de tudo é que eu deveria me sentir feliz por ele estar com qualquer outra pessoa que não você, *qualquer* outra que não a mulher que está tão enraizada no meu coração que eu não consigo tirá-la de lá de jeito nenhum. Mas em vez disso eu me senti enjoado, Lys. Porque ele não está tratando você bem, mesmo sabendo que se ele a tratasse bem isso iria significar que eu poderia tê-la de novo.

O quarto ficou em silêncio por alguns minutos e eu tive vontade de espiar lá dentro, mas não fiz isso. Só conseguia escutar o choro baixo da minha mãe e um leve farfalhar.

Por fim, tio Connor voltou a falar, a voz mais tranquila agora, mais gentil.

– Deixe-me levá-la para longe daqui, querida. Por favor, Lys.

Deixe-me proteger você e Archer.

A voz dele estava cheia de alguma coisa que eu não sabia o nome. Prendi a respiração. Ele queria nos levar embora?

– E Tori? – minha mãe perguntou baixinho.

Tio Connor demorou alguns segundos para responder.

– Vou dizer a Tori que estou indo embora. Não temos mesmo um casamento de verdade há anos. Ela terá que entender.

– Ela não vai entender, Connor – disse minha mãe, parecendo assustada. – Não vai mesmo. Tori vai fazer alguma coisa para se vingar de nós. Ela sempre me odiou.

– Alyssa, não somos mais crianças. Essa não é nenhuma disputa idiota. É a nossa vida. E tem a ver com o fato de eu amar você, de merecermos ter uma vida juntos. Tem a ver comigo, com você e com Archer.

– E Travis? – perguntou ela, baixinho.

Houve uma pausa.

– Vou chegar a um acordo com Tori – disse ele. – Você não precisa se preocupar com isso.

Houve mais um momento de silêncio, então minha mãe falou:

– Seu emprego, a cidade...

– Alyssa – disse tio Connor, a voz carinhosa –, não me importo com nada disso. Se eu não tiver você, nada importa. Não sabe disso até hoje? Vou sair do emprego, vender a terra. Vamos ter uma vida, meu amor. Vamos ser felizes. Longe daqui, longe desta cidade. Em algum outro lugar que possamos chamar de nosso. Meu amor, você não quer isso? Me diga que quer.

Mais silêncio. Só que dessa vez eu ouvia um barulho, como se eles estivessem se beijando. Eu já os vira se beijando antes, quando minha mãe não sabia que eu estava espionando, como agora. Eu sabia que era errado – mães não deveriam beijar homens que não fossem seus maridos. Mas também sabia que pais não deveriam voltar para casa bêbados o tempo todo e bater nas esposas. E

também sabia que mães não deveriam olhar para tios com o olhar suave que minha mãe sempre tinha no rosto quando o tio Connor estava por perto. Era tudo muito confuso e eu não sabia o que pensar. Era por isso que eu os espiava, para tentar entender.

Por fim, depois do que pareceu muito tempo, minha mãe sussurrou e eu mal consegui ouvir:

– Está bem, Connor, leve-nos para longe daqui. Leve-nos para bem longe. Eu, você e Archer. Vamos ser felizes. Eu quero isso. Quero você. Você é o único que eu sempre quis.

– Lys... Lys... Minha Lys... – disse tio Connor, a respiração pesada e entrecortada.

Eu me afastei e desci novamente as escadas, em silêncio, evitando os pontos que rangiam.

capítulo 2

BREE

Joguei a mochila sobre o ombro, peguei a pequena caixa de transporte de cães no assento do passageiro ao meu lado e fechei a porta do carro. Fiquei imóvel por um minuto, apenas ouvindo a música das cigarras que ecoava ao meu redor, quase abafando o sussurro suave das folhas das árvores farfalhando. O céu era de um azul vívido e consegui ver de relance o pequeno brilho prateado das águas do lago além dos chalés à minha frente. Estreitei os olhos na direção de um deles, o único que ainda tinha a plaquinha na janela da frente anunciando: *Aluga-se*. Era claramente o mais antigo e estava um tanto decadente, mas tinha um charme que logo me conquistou. Consegui me imaginar sentada na pequena varanda à noite, observando as árvores ao redor oscilando com a brisa enquanto a lua subia acima do lago atrás de mim, o aroma dos pinheiros e da água enchendo o ar. Sorri. Torcia para que o chalé também tivesse certo charme por dentro, ou pelo menos, que estivesse *limpo*.

– O que acha, Phoebe? – perguntei baixinho.

De sua caixinha de transporte, Phoebe pareceu satisfeita.

– Sim, também acho – falei.

Um sedã antigo parou perto do meu fusca e um senhor calvo desceu do carro e veio caminhando na minha direção.

– Bree Prescott?

– Eu mesma. – Eu me adiantei alguns passos e apertei a mão

dele. – Obrigada por vir tão rápido, Sr. Connick.

– Por favor, me chame de George – disse ele, sorrindo para mim e indo em direção ao chalé, nós dois levantando poeira e agulhas de pinheiro secas a cada passo. – Não foi incômodo nenhum. Estou aposentado agora e não tenho compromissos.

Subimos os três degraus de madeira que levavam à pequena varanda. George pegou um molho de chaves no bolso e começou a procurar por uma delas.

– Aqui vamos nós – anunciou ele, enquanto enfiava a chave na fechadura e abria a porta da frente.

O cheiro de poeira e um leve aroma de mofo me receberam enquanto entrávamos e eu olhava ao redor.

– Minha mulher vem aqui sempre que pode e faz uma limpeza básica, mas, como você pode ver, o lugar precisa de uma boa faxina. Norma não consegue mais fazer as coisas tão bem quanto antes por causa da artrite no quadril e tudo o mais. O chalé esteve vazio durante todo o verão.

– Está ótimo – afirmei.

Coloquei a caixa de transporte de Phoebe no chão perto da porta e avancei na direção da cozinha. O interior do chalé estava mesmo precisando de uma boa faxina. Mas me apaixonei imediatamente por ele. Era pitoresco e cheio de charme. Quando ergui alguns lençóis que cobriam a mobília, vi que era antiga, mas de bom gosto. O piso de madeira era de pranchas largas, rústicas e lindas, as cores das paredes eram suaves e aconchegantes.

Os equipamentos de cozinha eram antigos, mas a verdade era que eu não precisava de muito no que se referia à cozinha. Não sabia se um dia ia querer cozinhar de novo.

– O quarto e o banheiro ficam nos fundos... – começou a dizer o Sr. Connick.

– Eu fico com ele – interrompi-o, então ri e balancei a cabeça. – Quero dizer, se o chalé ainda estiver disponível e estiver tudo bem

para o senhor, eu fico com ele.

O Sr. Connick riu e respondeu:

– Ora, sim, isso é ótimo! Vou pegar o contrato de aluguel no carro e podemos resolver tudo. Eu pedi um depósito por segurança, mas podemos negociar se isso for um problema para você.

Balancei a cabeça, negando qualquer problema.

– Não, não é um problema. Me parece ótimo.

– Muito bem, já volto, então – disse ele, encaminhando-se para a porta.

Enquanto o Sr. Connick estava lá fora, aproveitei para dar uma olhada no quarto e no banheiro. Eram pequenos, mas serviriam, exatamente como eu imaginara. O que chamou minha atenção foi a janela grande no quarto, com vista para o lago. Não pude evitar um sorriso quando vi o pequeno píer que levava à água tranquila e espelhada, de um azul impressionante sob o brilho do sol da manhã.

Havia dois barcos no lago, pouco mais de pequenos pontos no horizonte.

De repente, olhando para a água, tive uma estranha sensação, como se quisesse chorar – mas não de tristeza e sim de *felicidade*. Porém, tão rápido quanto veio, a vontade de chorar começou a ceder, me deixando com uma estranha sensação de nostalgia que não consegui explicar.

– Vamos lá – disse o Sr. Connick, e ouvi a porta do chalé sendo fechada.

Saí do quarto para assinar a papelada de aluguel do lugar que eu chamaria de lar – ao menos por algum tempo – enquanto torcia para que ali eu finalmente encontrasse um pouco de paz.



Norma Connick havia deixado todos os produtos de limpeza no

chalé, por isso, depois que peguei minha bagagem no carro e a deixei no quarto, comecei a faxina. Três horas depois, eu afastava uma mecha úmida de cabelo dos olhos e recuava um passo para admirar meu trabalho. Os pisos de madeira estavam limpos e sem poeira, toda a mobília fora descoberta e espanada. Eu havia encontrado lençóis e toalhas no armário do corredor e os lavara e secara na pequena e apertada lavanderia perto da cozinha. Então fizera a cama. A cozinha e o banheiro foram esfregados e desinfetados, e abri todas as janelas para deixar entrar a brisa quente de verão que vinha do lago. Eu não iria ficar muito tempo ali, mas por ora estava satisfeita.

Peguei os poucos artigos de toalete que colocara na mala e arrumei no armário do banheiro. Então, tomei um banho frio demorado, limpando do corpo horas de faxina e de viagem. Eu dividira as dezesseis horas de viagem desde a minha cidade natal, Cincinnati, em Ohio, em dois turnos de oito horas e havia passado a noite em um pequeno motel na beira da estrada. Dirigira ao longo da noite seguinte para chegar ali pela manhã. Havia parado em uma pequena cafeteria com acesso à internet na véspera, em Nova York, e procurara por anúncios on-line de propriedades para alugar na cidade para onde eu estava indo. A cidade no Maine que eu escolhera era um destino turístico popular, por isso, o mais próximo que consegui dela foi do outro lado do lago, nessa cidadezinha chamada Pelion.

Depois de me secar, vesti um short limpo e uma camiseta e peguei o celular para ligar para a minha melhor amiga, Natalie. Ela me telefonara várias vezes desde que eu lhe mandara uma mensagem de texto avisando que estava partindo, e eu só respondera as ligações com mensagens de texto. Devia a Nat uma ligação de verdade.

– Bree? – atendeu Natalie, o som de conversas em voz alta ao fundo.

– Oi, Nat. Está podendo falar?

– Espere um pouco que eu vou lá para fora. – Ela cobriu o bocal com a mão, disse alguma coisa a alguém, então voltou à linha. – Sim, estou podendo falar! Estava louca por notícias suas, aliás! Estou almoçando com minha mãe e com minha tia. Elas podem esperar alguns minutos. Eu estava preocupada – resmungou ela, em um tom levemente acusatório.

Suspirei e respondi:

– Eu sei, me desculpe. Estou no Maine.

Eu tinha dito a Natalie para onde estava indo.

– Bree, você simplesmente desapareceu. Santo Deus! Pelo menos levou bagagem?

– Umas poucas coisas. O suficiente.

Natalie bufou.

– Está certo. E quando vai voltar para casa?

– Não sei. Acho que vou ficar aqui por um tempo. De qualquer modo, Nat, não falei nada, mas estou com pouco dinheiro. Acabei de gastar uma boa grana como depósito do aluguel. Preciso de um emprego, ao menos por alguns meses, para ganhar o suficiente para pagar a viagem de volta para casa e me sustentar por um tempo depois que eu voltar.

Nat ficou em silêncio por alguns instantes.

– Não sabia que as coisas estavam tão ruins assim. Mas Bree, querida, você tem um diploma universitário. Volte para casa e use esse diploma. Você não precisa viver como uma espécie de nômade em uma cidade em que não conhece ninguém. Já estou com saudades de você. Avery e Jordan também. Deixe que seus amigos ajudem você a retomar sua vida... Nós a amamos. Posso lhe mandar algum dinheiro, se isso for trazê-la de volta para casa mais rápido.

– Não, não, Natalie. Estou falando sério. Eu... preciso desse tempo, está bem? Eu sei que você me ama – falei baixinho. – Também amo você. Mas preciso fazer isso.

Ela voltou a fazer uma pausa.

– Foi por causa de Jordan?

Mordi o lábio por alguns segundos antes de responder.

– Não, não só por causa dele. Quero dizer, talvez tenha sido a última gota, mas não, não estou fugindo de Jordan. Ele foi só o empurrão de que eu precisava, entende? Tudo acabou ficando... demais para mim.

– Ah, querida, todos temos um limite.

Fiquei quieta, por isso ela suspirou e disse:

– E então, a viagem meio esquisita e súbita já está ajudando?

Ouvi o sorriso na voz de Natalie e ri baixinho.

– De certa maneira, talvez. De outras, ainda não.

– Então eles ainda não foram embora? – perguntou Natalie, baixinho.

– Não, Nat, ainda não. Mas me sinto bem aqui. De verdade – garanti, tentando parecer animada.

Nat, mais uma vez, não respondeu de imediato.

– Querida, não acho que tenha a ver com o lugar.

– Não é isso que estou dizendo. Só acho que aqui parece um bom lugar para ficar e me afastar de tudo por um tempo... ah, você precisa desligar! Sua mãe e sua tia estão esperando. Podemos conversar sobre isso depois.

– Está certo – disse Natalie, ainda hesitante. – Você está em segurança, então?

Esperei um pouco antes de responder. Nunca me sentia inteiramente segura. Será que me sentiria algum dia?

– Sim, e aqui é lindo. Encontrei um chalé bem à beira do lago.

Olhei pela janela atrás de mim, assimilando novamente a linda vista do lago.

– Posso ir visitá-la? – perguntou Natalie.

– Espere até eu me acomodar, primeiro. Talvez antes de eu voltar para casa...

- Então está combinado. Sinto muito a sua falta.
- Também sinto sua falta. Ligo de novo em breve, está bem?
- Está bem. Tchau, querida.
- Tchau, Nat.

Desliguei e fui até a janela grande. Fechei as cortinas do meu novo quarto e subi na cama recém-arrumada. Phoebe se acomodou aos meus pés. Adormeci no instante em que pousei a cabeça no travesseiro.



Acordei com o canto dos pássaros e com o barulho distante da água do lago batendo na margem. Rolei na cama e olhei o relógio. Passava um pouco das seis da tarde. Me espreguicei e sentei na cama, tentando me orientar.

Levantei, com Phoebe me seguindo, e escovei os dentes no pequeno banheiro. Bochechei e me examinei no espelho do armário em cima da pia. Os semicírculos escuros continuavam sob meus olhos, embora menos pronunciados depois das cinco horas de sono. Belisquei as bochechas para dar um pouco de cor à pele e abri um sorriso grande e falso para mim mesma. Então sacudi a cabeça.

– Você vai ficar bem, Bree. É forte e vai ser feliz de novo, está me ouvindo? Este lugar tem uma energia boa. Está sentindo?

Inclinei a cabeça e me encarei no espelho por mais um minuto. Várias pessoas conversam consigo mesmas no espelho para se animarem, certo? É absolutamente normal. Bufei baixinho e sacudi a cabeça de novo. Lavei o rosto e preendi rapidamente meus longos cabelos castanho-claros em um coque bagunçado na nuca.

Fui até a cozinha e abri o congelador, onde eu guardara as refeições congeladas que trouxera na caixa térmica. Eu não havia trazido muita comida – apenas o que estava na geladeira de casa:

algumas refeições para aquecer no micro-ondas, leite, manteiga de amendoim, pão e algumas frutas. E meio saco de ração canina para Phoebe. Mas daria para alguns dias, antes que eu tivesse de descobrir onde ficava o mercado local.

Coloquei uma massa pronta para descongelar no micro-ondas, me sentei na bancada da cozinha e comi com um garfo de plástico. Fiquei olhando pela janela enquanto comia e vi quando uma senhora de vestido azul, com os cabelos brancos curtos, saiu do chalé ao lado do meu e caminhou na direção da minha varanda com um cesto nas mãos. Quando ouvi a batida de leve na porta, joguei a embalagem vazia de comida congelada no lixo e fui atender.

Abri a porta e a senhora sorriu calorosamente para mim.

– Olá, querida, sou Anne Cabbott. Parece que você é a minha nova vizinha. Seja bem-vinda.

Sorri também e peguei o cesto que ela me ofereceu.

– Bree Prescott. Obrigada. Quanta gentileza!

Levantei a ponta do pano de prato que cobria a cesta e senti o aroma doce de muffins de mirtilo.

– Nossa, que cheiro delicioso! – falei. – Gostaria de entrar um pouco?

– Na verdade, eu ia perguntar se você gostaria de tomar um pouco de chá gelado comigo na minha varanda. Acabei de preparar uma jarra fresquinha.

– Ah – hesitei –, está bem, claro! Só me dê um segundo para eu me calçar.

Entrei em casa novamente, coloquei os muffins sobre a bancada da cozinha e fui até o quarto, onde havia largado os chinelos.

Quando voltei, Anne estava parada na extremidade da varanda esperando por mim.

– A noite está adorável. Em noites assim, procuro me sentar na varanda e aproveitar um pouco. Sei que logo estarei reclamando do frio.

Começamos a caminhar na direção do chalé dela.

– Então, mora aqui o ano todo? – perguntei, olhando para ela.

Anne assentiu.

– A maior parte de nós, deste lado do lago, mora aqui o ano inteiro. Os turistas não estão interessados nesta cidade. Lá – ela acenou com a cabeça na direção da outra extremidade do lago, que mal dava para ver dali – é onde estão todas as atrações turísticas. A maioria das pessoas daqui não se importa com isso, gosta de calma. Mas as coisas vão acabar mudando. Victoria Hale, a mulher que manda nesta cidade, tem planos para vários novos empreendimentos que vão trazer os turistas para cá também.

Ela suspirou enquanto subia os degraus que levavam até sua varanda e se sentou em uma das cadeiras de vime. Eu me sentei no balanço para duas pessoas e me recostei na almofada.

A varanda de Anne era linda e aconchegante, com uma mobília confortável de vime branco e almofadas alegres em azul e amarelo. Havia vasos de flores por toda parte: petúnias e uma variedade de trepadeiras cascadeando pelas laterais.

– O que acha de trazerem turistas para cá? – perguntei.

Ela franziu um pouco o cenho.

– Ah, bem... gosto da nossa cidadezinha tranquila. Eu diria para deixá-los onde estão. Ainda somos um lugar de passagem, o que é o bastante para mim. Além do mais, gosto desse ar de cidade pequena. Ao que parece, vão construir condomínios por aqui, portanto não haverá mais chalés na beira do lago.

Foi a minha vez de franzir o cenho.

– Ah, sinto muito – falei, ao perceber que ela estava dizendo que teria que se mudar.

Anne fez um gesto despreocupado com mão.

– Vou ficar bem. O que mais me preocupa são os negócios da cidade que terão que fechar por causa da expansão.

Assenti, ainda preocupada. Ficamos em silêncio por algum

tempo, até que voltei a falar:

– Passei as férias com a minha família do outro lado do lago, quando era criança.

Anne pegou a jarra de chá que estava sobre a pequena mesa ao lado dela, serviu dois copos e me entregou um deles.

– É mesmo? E o que a traz de volta agora?

Dei um gole no meu chá, ganhando tempo de propósito. Por fim, falei:

– Resolvi sair de carro para viajar um pouco por aí. E fui feliz lá naquele verão.

Dei de ombros e tentei sorrir, mas falar sobre a minha família sempre me deixava com um aperto no peito. Fingi uma expressão alegre e torci para Anne não perceber que não era real.

Ela apenas me observou por um instante, enquanto dava um gole no chá. Então assentiu.

– Ora, querida, acho que é um ótimo plano. E acho que, se este lugar lhe trouxe felicidade antes, trará novamente. Na minha opinião, alguns lugares combinam com as pessoas.

Ela me dirigiu um sorriso caloroso e eu retribuí. Não contei a Anne que a outra razão pela qual eu estava ali era porque aquele era o último lugar em que a minha família fora realmente feliz e despreocupada. Minha mãe recebeu o diagnóstico de câncer de mama assim que voltamos daquela viagem e morreu seis meses depois. Dali em diante, fomos apenas meu pai e eu.

– Quanto tempo está planejando ficar? – perguntou Anne, interrompendo meus devaneios.

– Não sei bem. Na verdade, não tenho um itinerário definido. Mas vou precisar conseguir um emprego. Sabe de alguém que esteja contratando?

Anne pousou o copo.

– Na verdade, sei, sim. A lanchonete da cidade está precisando de uma garçonete para o turno da manhã. Eles abrem para o café

da manhã e para o almoço. Estive lá outro dia e havia um cartaz com o anúncio. A moça que trabalhava na lanchonete teve bebê e resolveu ficar em casa para cuidar dele. A lanchonete fica na rua principal e se chama Norm's. Não tem como errar. Está sempre cheia e é um lugar agradável. Diga a eles que foi indicada pela Anne – disse ela, piscando para mim.

– Obrigada – respondi. – Farei isso.

Ficamos sentadas em silêncio por algum tempo, as duas bebericando o chá, o som dos grilos ao fundo e o zumbido ocasional de um mosquito passando perto do meu ouvido. Podia ouvir os gritos distantes dos barqueiros no lago, provavelmente prestes a aportar e terminar o dia de trabalho, e também o som suave da água do lago batendo na margem.

– É tão tranquilo aqui – comentei.

– Bem, espero que não se incomode por eu dizer, querida, mas você parece estar precisando de um pouco de paz.

Suspirei e ri baixinho.

– Deve ser boa em avaliar as pessoas – falei. – Não está errada.

Ela também riu baixinho.

– Sempre fui boa em entender as pessoas. Meu Bill costumava dizer que não conseguia esconder nada de mim, mesmo se tentasse. É claro que o amor e o tempo também ajudam. Nós nos tornamos tão próximos da outra pessoa que ela passa a ser quase uma parte de nós. E não é possível esconder nada de nós mesmos. Embora muitos sejam bons em fazer isso, acho.

Inclinei a cabeça.

– Sinto muito. Há quanto tempo seu marido se foi? – indaguei.

– Ah, faz dez anos. Mas ainda sinto falta dele.

Uma expressão melancólica dominou o rosto de Anne antes que ela endireitasse os ombros e acenasse com a cabeça para o meu copo.

– Ele gostava de acrescentar um pouco de Bourbon ao chá doce.

Isso o deixava travesso. Eu não me importava, é claro. Não tomava mais do que um minuto ou dois do meu tempo e o fazia sorrir.

Eu acabara de tomar um gole do chá e tive que levar a mão à boca para não cuspir tudo. Depois que engoli o chá, finalmente soltei a gargalhada que estava presa e Anne sorriu para mim.

Assenti depois de algum tempo.

– Acho que os homens são mesmo simples assim.

Anne sorriu.

– Nós, mulheres, aprendemos isso desde cedo, não é mesmo? Há algum rapaz esperando por você no lugar de onde veio?

Balancei a cabeça, negando.

– Não. Tenho alguns poucos e bons amigos, mas ninguém mais está esperando por mim em casa.

Conforme as palavras saíam da minha boca, a verdadeira natureza da minha solidão foi como um soco no estômago. Aquilo não era novidade para mim; ainda assim, por algum motivo, dizer as palavras tornou tudo mais verdadeiro. Bebi o resto do chá, tentando engolir junto a emoção que me dominara subitamente.

– Eu preciso ir – falei. – Obrigada pelo chá e pela companhia. – Sorri para Anne e ela retribuiu o sorriso, começando a se levantar junto comigo.

– Sempre que quiser, Bree. Se precisar de qualquer coisa, sabe onde me encontrar.

– Obrigada, Anne. Você é um amor. Ah! Preciso ir a uma farmácia. Há alguma na cidade?

– Sim, a Haskell's. Basta atravessar a cidade, pelo mesmo caminho por onde veio, e você verá a farmácia à sua esquerda. Fica pouco antes do semáforo. Não tem como errar.

– Está certo, ótimo. Obrigada novamente – falei, descendo os degraus e acenando para ela.

Anne assentiu, sorrindo, e acenou de volta.

Enquanto atravessava meu quintal para ir pegar a bolsa dentro

de casa, vi um dente-de-leão solitário cheio de penugem. Então me inclinei, colhi-o e o levei aos lábios. Fechei os olhos e me lembrei das palavras de Anne. Depois de um instante, sussurrei:

– Paz.

Então assoprei a flor e vi a penugem ser levada pela brisa até perdê-la de vista. Torci para que, de algum modo, aquelas sementes pudessem alcançar algo ou alguém que tivesse o poder de tornar aquele desejo realidade.

capítulo 3

BREE

O céu estava começando a escurecer quando cheguei ao pequeno centro de Pelion, um lugarzinho tranquilo, quase antiquado. A maior parte dos estabelecimentos comerciais parecia pertencer a famílias ou a um proprietário único, e árvores grandes se alinhavam ao longo das calçadas largas, onde pessoas ainda passeavam no crepúsculo fresco de fim de verão. Eu amava essa hora do dia. Havia algo mágico nela, algo *promissor*, que parecia dizer: “Você não sabia se conseguiria, mas chegou ao final de mais um dia, não é mesmo?”

Vi a Haskell’s, entrei no estacionamento à direita e parei o carro em uma vaga.

Ainda não precisava de mantimentos, mas estava em falta de alguns produtos básicos. Era a única razão para eu ter saído de casa. Embora houvesse dormido cerca de cinco horas naquele dia, estava cansada de novo e pronta para ir para a cama com um livro.

Dez minutos depois, eu já havia entrado e saído da Haskell’s e caminhava de volta para o carro enquanto o céu, no crepúsculo, continuava a escurecer. As luzes da rua haviam se acendido enquanto eu estava dentro da farmácia e agora projetavam um brilho onírico sobre o estacionamento. Pendurei a bolsa no ombro e estava mudando a sacola plástica de uma mão para a outra quando o fundo rasgou e minhas compras se espalharam pelo chão de concreto, vários itens rolando para fora do meu alcance.

– Droga! – praguejei, enquanto me agachava para recolher as

compras.

Abri a bolsa, que era grande, e estava jogando lá dentro o xampu e o condicionador que eu comprara. Nesse momento, vi em minha visão periférica que alguém parava ao meu lado. Me assustei e olhei para cima no momento em que um homem se abaixava, apoiava o joelho no asfalto e me entregava um frasco de Advil que, ao que parecia, havia rolado bem na sua frente. Eu o fitei. Ele era jovem e tinha cabelos castanhos longos e desgrenhados, precisando desesperadamente de um corte, e uma barba que parecia mais negligenciada do que propositalmente cultivada. Talvez fosse bonito, mas era difícil ver direito o rosto dele sob a barba e os cabelos que caíam da testa e ao redor do maxilar. O homem usava calça jeans e uma camiseta azul justa sobre o peito largo. A camiseta tivera alguma coisa escrita em algum momento do passado, mas agora estava tão desbotada e usada que o que estivera escrito ficava a cargo da imaginação de cada um.

Percebi tudo isso nos breves segundos que levei para pegar o frasco da mão dele. Então nossos olhares se encontraram e pareceram ficar presos um no outro. Os olhos dele eram profundos, cor de uísque, emoldurados por cílios longos e escuros. *Lindos*.

Enquanto eu o encarava, tive a sensação de que alguma coisa se movia entre nós, quase como se eu devesse estender a mão e tentar agarrar o ar que cercava nossos corpos – como se talvez minha mão acabasse agarrando algo tangível, suave e quente. Franzi a testa, confusa, mas incapaz de afastar os olhos quando os dele rapidamente se desviaram dos meus. Quem era aquele homem de aparência estranha e por que eu estava ali, quase paralisada diante dele? Balancei a cabeça de leve e me obriguei a voltar à realidade.

– Obrigada – disse, pegando o frasco da mão dele ainda estendida.

Ele não disse nada e não olhou novamente para mim.

– Droga – praguejei baixinho mais uma vez, voltando a atenção

para as compras ainda espalhadas no chão.

Arregalei os olhos quando vi que minha caixa de absorventes internos se abria e vários deles estavam espalhados pelo chão. *Alguém me mate, agora.* Ele pegou alguns, estendeu-os para mim e eu os enfiei rapidamente na bolsa, erguendo os olhos para o homem ao mesmo tempo que ele me olhava. Mas não havia nenhuma expressão em seu rosto. Mais uma vez, ele desviou o olhar rapidamente. Senti que enrubescia e comecei a tagarelar enquanto o homem me entregava mais alguns absorventes. Eu os pegava da mão dele e os enfiava na bolsa, tentando reprimir um ataque iminente de risadas histéricas.

– Malditas sacolas plásticas – soltei, falando rápido demais. Então respirei fundo antes de continuar, dessa vez um pouco mais devagar: – Além de serem ruins para o meio ambiente, não são nada confiáveis.

O homem me entregou uma barra de chocolate recheado e mais um absorvente. Peguei tudo da mão dele e joguei outra vez na bolsa aberta, gemendo por dentro.

– Tentei me acostumar a usar minhas próprias bolsas de compra reutilizáveis. Até comprei umas bem bonitinhas, com tecidos divertidos, estampados, de bolinhas – acenei a cabeça e coloquei o último absorvente na bolsa –, mas sempre as esquecia no carro ou em casa.

Balancei mais uma vez a cabeça enquanto o homem me entregava mais duas barras de chocolates.

– Obrigada – falei. – Acho que posso pegar o restante agora.

Apontei para as outras quatro barrinhas que estavam espalhadas no chão. Levantei os olhos para o homem, meu rosto vermelho novamente.

– Estão em promoção – expliquei. – Não estava pensando em comer tudo de uma vez nem nada parecido.

Ele não me encarou enquanto recolhia as barras espalhadas, mas

eu podia jurar ter visto a sombra de um minúsculo sorriso.

– Gosto de ter chocolate pela casa como um presente para mim mesma de vez em quando. Esses devem durar uns dois meses.

Eu estava mentindo. O que comprara duraria dois dias, *se tanto*. Era provável que eu comesse vários deles no carro, a caminho de casa.

O homem se levantou e eu fiz o mesmo, voltando a pendurar a bolsa no ombro.

– Bem, obrigada pela ajuda, por vir em meu socorro... e dos meus... itens pessoais... meu chocolate com coco... e amêndoas... – Ri um pouco, envergonhada, e logo fiz uma careta. – Sabe, me ajudaria muito se você falasse alguma coisa e me livrasse do constrangimento que estou sentindo neste momento.

Sorri para o homem, mas logo fiquei séria quando vi que a expressão dele ficara tensa, os olhos se fecharam e logo um olhar vazio substituiu o calor que eu poderia jurar ter visto momentos antes.

O homem se virou e começou a se afastar.

– Ei, espere! – chamei, começando a ir atrás dele.

Mas me detive e franzi a testa, confusa, enquanto o estranho se afastava de mim, o corpo se movendo com graça quando ele começou a correr devagar na direção da rua. Uma estranha sensação de perda me dominou quando ele atravessou e sumiu de vista.

Entrei no meu carro e fiquei sentada lá dentro, imóvel por alguns minutos, pensando naquele estranho encontro. Quando finalmente liguei o carro, percebi que havia alguma coisa no meu para-brisa. Estava prestes a ligar o jato d'água para limpar quando me detive e me inclinei para a frente, olhando com mais atenção. Sementes de dente-de-leão estavam espalhadas pelo vidro e, conforme a brisa suave soprava, elas saíam voando, em uma dança delicada, afastando-se de mim e seguindo na direção que o homem tomara.



Acordei cedo no dia seguinte, saí da cama e abri as cortinas da janela do meu quarto. Olhei para o lago, o sol da manhã se refletindo na água, dando-lhe uma cor quente e dourada. Um pássaro grande levantou voo e vi ao longe um único barco na água, perto da margem mais distante. Sim, eu poderia me acostumar a isso.

Phoebe pulou da cama e veio sentar-se aos meus pés.

– O que acha, garota? – sussurrei.

Ela bocejou.

Respirei fundo, tentando me equilibrar.

– Hoje, não – sussurrei. – Hoje você está bem.

Caminhei lentamente até o chuveiro, relaxando um pouco, a esperança parecendo desabrochar em meu peito a cada passo. Mas, quando abri a torneira, o mundo ao meu redor pareceu se apagar e o chuveiro aberto se transformou no som da chuva batendo no telhado. O medo tomou conta de mim e fiquei imóvel, enquanto o barulho alto do trovão pulsava em meus ouvidos e a sensação do metal frio percorria o meu peito nu. Me encolhi diante da brusquidão do revólver contornando o bico do meu seio, o frio fazendo com que o mamilo ficasse rígido, enquanto as lágrimas escorriam pelo meu rosto. Minha cabeça parecia ocupada pelo barulho agudo do freio de um trem arranhando os trilhos de metal. *Ah, meu Deus. Ah, meu Deus.* Prendi a respiração, só esperando que o revólver disparasse, o terror gelado percorrendo minhas veias. Tentei pensar no meu pai, que jazia sobre o próprio sangue no quarto mais à frente, mas o meu medo era tão intenso que eu não conseguia me concentrar em mais nada. Comecei a tremer incontrolavelmente, a chuva continuando a cair contra o...

A porta de um carro batendo do lado de fora me trouxe de volta

ao momento presente. Eu estava parada diante do chuveiro aberto, a água empoçando no chão no ponto em que a cortina estava aberta. Senti o vômito subir pela garganta e só tive tempo de me virar para o vaso. Fiquei sentada no chão, ofegando e tremendo por vários minutos, tentando recuperar o domínio sobre o meu corpo. As lágrimas ameaçavam escorrer, mas eu não permitiria. Fechei os olhos com força e comecei uma contagem decrescente a partir de cem. Quando cheguei ao um, respirei fundo novamente e fiquei de pé, cambaleante. Peguei uma toalha para colocar no chão a fim de secar a poça de água que não parava de aumentar.

Despi minhas roupas e entrei sob o chuveiro morno. Inclinei a cabeça para trás e fechei os olhos, tentando relaxar, tentando controlar o tremor que ainda me dominava.

– Você está bem, você está bem, você está bem – entoei, engolindo a emoção e a culpa, meu corpo ainda tremendo.

Eu *ficaria* bem. Sabia disso, mas sempre demorava um pouco para afastar a sensação de estar de volta *lá*, naquele lugar, naquele momento de terror e sofrimento absolutos. Às vezes demorava várias horas para me livrar da tristeza, embora ela nunca me abandonasse por completo.

Toda manhã as lembranças voltavam, e toda noite eu me sentia mais forte novamente. A cada amanhecer eu tinha a esperança de que *aquele* seria o dia que me libertaria e que eu conseguiria chegar ao fim dele sem ter que reviver a dor de estar presa ao sofrimento daquela noite, que seria, para sempre, o divisor de águas entre o *agora* e o *antes*.

Saí do chuveiro e me sequei. Quando me olhei no espelho, achei minha aparência melhor do que na maioria das manhãs anteriores. Apesar de os flashbacks ainda não terem me abandonado, eu havia dormido bem, o que não acontecera com frequência nos últimos seis meses, e experimentava uma satisfação que atribuía ao lago que eu via pela janela. O que poderia ser mais tranquilo do que o som da

água batendo delicadamente na areia da margem? Com certeza parte daquela paz se entranharia na minha alma ou, no mínimo, me ajudaria a ter as noites de sono de que eu tanto precisava.

Voltei para o quarto e peguei um short cáqui e uma blusa preta de manga japonesa. Estava planejando ir à lanchonete que Anne havia mencionado e queria parecer apresentável, já que iria me candidatar à vaga – que eu torcia para que ainda estivesse disponível. Estava ficando sem dinheiro e precisava de um emprego o mais rápido possível.

Sequei os cabelos, deixei-os soltos e apliquei o mínimo de maquiagem. Então calcei minhas sandálias pretas e saí de casa para receber o ar quente da manhã, que acariciou minha pele enquanto eu trancava o chalé.

Dez minutos depois, estacionava diante da Norm's. Parecia uma clássica lanchonete de cidade pequena. Olhei pela grande janela de vidro e vi que o lugar já estava razoavelmente cheio às oito da manhã de uma segunda-feira. O anúncio de "Contrata-se" ainda estava colado na janela. Ótimo!

Abri a porta e fui recepcionada pelos aromas de café e bacon e pelo som das conversas e risadas baixas vindas dos reservados e das mesas.

Fui até o balcão e me sentei perto de duas moças usando shorts jeans e camisetas justas. Obviamente não faziam parte das pessoas que paravam ali para tomar café da manhã antes de ir para o trabalho.

Quando me sentei sobre o banco giratório, coberto de vinil vermelho, a mulher mais perto de mim me olhou e sorriu.

– Bom dia – falei, sorrindo também.

– Bom dia! – disse ela.

Peguei o cardápio à minha frente e a garçonete, uma mulher mais velha, com cabelos curtos e grisalhos, que estava parada diante da janela da cozinha, olhou para mim sobre o ombro e disse:

– Já vou atendê-la, meu bem.

Ela parecia apressada enquanto folheava o bloco de pedidos. O lugar estava com apenas cerca de metade dos lugares ocupados, mas era óbvio que ela estava sozinha e tendo problemas para manter um bom ritmo de atendimento. Os clientes da manhã sempre queriam um serviço rápido para que conseguissem chegar a tempo ao trabalho.

– Não estou com pressa – falei.

Poucos minutos depois, a mulher entregou alguns pedidos e veio até onde eu estava.

– Café? – perguntou em um tom distraído.

– Por favor. E, como você parece ocupada, vou tornar as coisas mais fáceis e pedir o número três, do jeito que está no cardápio.

– Que Deus a abençoe, meu bem. – Ela riu. – Você deve ter experiência como garçoneiro.

– Na verdade, tenho, sim. – Sorri também e entreguei o cardápio a ela. – Sei que não é uma boa hora, mas vi o cartaz de “Contratase” na janela.

– Está falando sério? – perguntou ela. – Quando pode começar?

– O mais rápido possível. Posso voltar mais tarde para preencher uma ficha ou...

– Não precisa. Você tem experiência como garçoneiro, precisa de um emprego, portanto está contratada. Volte mais tarde para preencher a papelada necessária, mas Norm é meu marido. Tenho autoridade para contratar outro garçoneiro e acabo de contratar você. – Ela estendeu a mão. – A propósito, Maggie Jansen.

Sorri para ela.

– Bree Prescott. Muito obrigada! – respondi.

– É você quem acaba de tornar a minha manhã melhor – disse ela, enquanto percorria o balcão para encher novamente algumas xícaras de café.

Bem, aquela fora a entrevista de emprego mais rápida que eu já

tivera.

– É nova na cidade? – perguntou a moça que estava perto de mim.

Eu me virei para ela, sorrindo.

– Na verdade, me mudei para cá ontem.

– Bem-vinda a Pelion. Sou Melanie Scholl e esta é a minha irmã, Liza.

A garota que estava à esquerda dela se inclinou para a frente e estendeu a mão.

Eu também estendi a minha e disse:

– É mesmo um prazer conhecer vocês.

Reparei na alça das roupas de banho por baixo das camisetas e perguntei:

– Estão passando as férias aqui?

– Ah, não. – Melanie riu. – Trabalhamos na outra margem. Somos salva-vidas pelas próximas duas semanas, enquanto os turistas ainda estiverem aqui. Depois, voltamos a trabalhar na pizzaria da nossa família durante o inverno.

Assenti e dei um gole no café. Imaginei que as duas deveriam ter mais ou menos a minha idade e que Liza provavelmente era a mais nova. As duas eram muito parecidas, com os cabelos castanho-avermelhados e os mesmos olhos azuis grandes.

– Se tiver alguma pergunta sobre a cidade, é só falar conosco – disse Liza. – Fazemos questão de saber todas as fofocas. – Ela deu uma piscadela. – Também podemos lhe dar dicas de com quem sair e quem evitar. É muito provável que já tenhamos saído com todos eles, em ambas as cidades... portanto somos uma fonte segura de informação.

Eu ri.

– Está certo, vou me lembrar disso. Estou muito feliz por ter conhecido vocês, garotas.

Já estava me virando para a frente outra vez quando algo me

ocorreu.

– Ei, na verdade, tenho uma pergunta sobre uma pessoa. Ontem, eu estava saindo da farmácia e a sacola com as minhas compras arrebentou. Caiu tudo no chão do estacionamento e um rapaz parou para me ajudar. Era alto, magro, corpo sarado, mas... não sei, ele não disse uma palavra... e tinha uma barba bem longa...

– Archer Hale – adiantou-se Melanie. – Estou chocada por ele ter parado para ajudá-la. Archer não costuma prestar muita atenção em ninguém. – Ela fez uma pausa. – E ninguém presta muita atenção nele também.

– Bem, acho que ele não teve muita escolha – comentei. – Minhas compras literalmente rolaram para os pés dele.

Melanie deu de ombros.

– Ainda assim, não é comum. Acredite em mim. Seja como for, acho que ele é surdo. Por isso não fala. Ele sofreu um acidente quando era menino. Nós duas tínhamos só 5 e 6 anos quando isso aconteceu, logo na saída da cidade, na rodovia. Os pais dele morreram e o chefe de polícia da cidade, que era tio dele, também. Acho que foi nesse acidente que Archer perdeu a audição. Ele mora no fim da Briar Road... morava com o outro tio, que não o matriculou na escola, só o educou em casa, mas esse tio morreu alguns anos atrás e agora Archer mora sozinho lá. Ele nem vinha à cidade enquanto o tio estava vivo. Agora nós o vemos de vez em quando. Mas ele é totalmente solitário.

– Nossa, que triste... – comentei, franzindo a testa.

– Sim – concordou Liza –, afinal, você viu o corpo dele? É claro que está nos genes. Se ele não fosse tão antissocial, eu o pegaria com certeza.

Melanie revirou os olhos e eu levei a mão aos lábios para não cuspir o café com uma gargalhada.

– Fala sério, sua safada – disse Melanie, implicando com a irmã –, você o pegaria de qualquer jeito. Bastaria ele olhar para você uma

única vez.

Liza pensou por um instante no que a irmã falou, então balançou a cabeça, negando.

– Duvido que ele sequer saiba o que fazer com aquele corpo. O que é mesmo uma pena... – Melanie revirou os olhos outra vez, então checou as horas no relógio em cima da janela.

– Droga, temos que ir, ou vamos nos atrasar.

Ela pegou a carteira e chamou Maggie.

– Vou deixar o dinheiro no balcão, Mags.

– Obrigada, querida – gritou Maggie em resposta, enquanto passava rapidamente por nós, carregando dois pratos.

Melanie anotou alguma coisa em um guardanapo e me entregou.

– Aqui está o número do nosso telefone – disse. – Estamos planejando uma noite só de garotas, do outro lado do lago, em breve. Quem sabe você não quer ir conosco...

Peguei o guardanapo.

– Ah, bem, talvez. – Sorri. Peguei outro guardanapo, anotei meu telefone e também entreguei a ela. – Muito obrigada. É realmente muito gentil da sua parte.

Fiquei surpresa com quanto o meu humor havia melhorado depois de eu conversar com duas mulheres da minha idade. Talvez fosse disto que eu precisasse, pensei: lembrar que eu era uma pessoa com uma vida e com amigos antes que a tragédia me atingisse. Era tão fácil achar que toda a minha existência começara e terminara naquele dia terrível... Mas isso não era verdade. Eu precisava me lembrar disso o maior número de vezes possível.

É claro que os meus amigos de Cincinnati haviam tentado me fazer sair algumas vezes nos meses que se seguiram à morte do meu pai, mas eu não tivera a menor disposição. Talvez sair com pessoas que não sabiam da minha tragédia fosse melhor. Afinal, não era esse o objetivo desta viagem? Uma fuga temporária? A esperança de que um lugar novo curasse minha alma? Então eu

teria forças para encarar a minha vida novamente.

Liza e Melanie saíram apressadas, acenando e cumprimentando outras pessoas que estavam no restaurante. Depois de um instante, Maggie colocou um prato diante de mim.

Enquanto comia, eu pensava no que as garotas haviam me contado sobre o cara chamado Archer Hale. Agora tudo fazia sentido... ele era surdo. Me perguntei por que isso não havia me ocorrido. Fora por isso que ele não falara nada. Obviamente conseguira ler meus lábios. E eu o ofendera terrivelmente ao comentar sobre ele não dizer nada. Fora por isso que a expressão dele se fechara e ele se afastara daquele jeito. Me encolhi por dentro.

– Fantástico, Bree... – disse baixinho para mim mesma, enquanto mordida a torrada.

Assumi o compromisso comigo mesma de me desculpar na próxima vez que o visse. Imaginei se ele saberia a linguagem de sinais. Diria a ele que eu sabia, caso ele quisesse conversar comigo. E sabia bem. Meu pai era surdo.

Havia algo em Archer Hale que me intrigava... algo que eu não conseguia compreender. E ia além do fato de ele não conseguir ouvir ou falar e de eu estar familiarizada com essa condição em particular. Pensei a respeito por algum tempo, mas não consegui chegar a nenhuma conclusão.

Terminei meu café da manhã e Maggie acenou me dispensando quando pedi a conta.

– Os empregados da casa comem de graça – disse ela, voltando a encher a xícara à minha frente de café. – Volte a qualquer momento depois das duas para preencher a papelada.

– Está certo – falei. – Até mais tarde.

Deixei uma gorjeta sobre o balcão e segui em direção à porta. *Nada mal*, pensei. Estava na cidade havia apenas um dia e já tinha uma casa, um emprego, uma espécie de amiga em Anne, minha

vizinha, e talvez também em Melanie e Liza. Meus passos tinham outra energia quando me encaminhei para o carro.

capítulo 4

BREE

Comecei a trabalhar na Norm's bem cedo no dia seguinte. O próprio Norm trabalhava na cozinha. Ele era emburrado e rabugento, e não era de muita conversa, mas vi os olhares que lançava de vez em quando para Maggie e que só poderiam ser descritos como de adoração. Desconfiava que ele era um coração mole; Norm não me assustava. Eu também sabia que era uma boa garçonete e que o nível de estresse de Maggie havia diminuído de forma significativa uma hora depois que eu começara a trabalhar, e isso já me garantia uns bons pontos na consideração de Norm.

A lanchonete era movimentada, o trabalho fácil e os clientes que frequentavam o lugar eram agradáveis. Eu não podia reclamar e os primeiros dois dias passaram rápida e tranquilamente.

Na quarta-feira, depois que saí do trabalho, voltei de carro para casa e troquei a roupa que usara por uma roupa de banho, um short jeans e uma camiseta branca sem mangas. Pretendia descer até o lago e explorar um pouco a área. Coloquei a coleira em Phoebe e tranquei a porta quando saí.

Estava me afastando de casa quando Anne me chamou do quintal dela, onde regava suas roseiras. Caminhei até ela, sorrindo.

– Como está se adaptando? – perguntou Anne, abaixando a mangueira e indo até a cerca, onde eu estava parada.

– Muito bem! Estava mesmo querendo falar com você, para agradecer por ter me avisado sobre a vaga na lanchonete. Fui

contratada e estou trabalhando como garçonete lá.

– Ah, isso é fantástico! A Maggie é ótima. Não deixe Norm assustar você. Ele é do tipo que ladra, mas não morde.

– Já notei isso. – Pisquei para ela. – Não, está sendo ótimo. Vou descer um pouco a estrada e ver como está o lago.

– Ah, ótimo. Os píeres dificultam um pouco a caminhada aqui na frente, como você já deve ter percebido. Se descer até a Briar Road, pode seguir as placas até uma prainha.

Ela me orientou rapidamente, então acrescentou:

– Se quiser, tenho uma bicicleta que não uso mais. Com a minha artrite, eu não consigo mais segurar o guidom com segurança. Mas ela está praticamente nova e tem até uma cestinha para o seu cão.

Ela abaixou os olhos para a cadelinha.

– Oi! Como é o seu nome?

Anne sorriu para Phoebe, que arfou, feliz, e dançou um pouco à nossa volta.

– Diga oi, Phoebe. – Eu sorri.

– Ah, você é uma menina muito fofa – disse Anne, inclinando-se um pouco para deixar Phoebe lambe-la sua mão.

Então endireitou o corpo e falou:

– A bicicleta está em um quartinho. Gostaria de dar uma olhada nela?

Eu hesitei.

– Tem certeza? Porque eu adoraria poder descer até o lago de bicicleta, em vez de ter que pegar o carro.

– Sim, sim.

Ela acenou para que eu a acompanhasse e começou a caminhar em direção à casa.

– Adoraria ver aquela bicicleta sendo usada. Eu costumava colher mirtilos por esse caminho que você vai tomar. Eles crescem descontroladamente por lá. Leve umas sacolas e pode trazê-los na cesta da bicicleta quando voltar. Você gosta de cozinhar, fazer

doces?

– Bem... – comentei, enquanto a seguia até o chalé. – Eu gostava. Mas não faço isso há algum tempo.

Anne me olhou.

– Ora, talvez os mirtilos a inspirem a vestir o avental novamente.
– Ela sorriu e abriu a porta para o cômodo principal.

O chalé de Anne era decorado de modo informal com mobília bastante usada, coberta com mantas, muitos enfeites e fotos emolduradas. O cheiro de folhas de eucalipto secas pairava no ar. A sensação era de conforto e bem-estar imediatos.

– Aqui está ela – disse Anne, rolando uma bicicleta para fora do quarto em que entrara segundos antes. Não pude deixar de sorrir. Era uma daquelas bicicletas antigas, com uma cesta grande na frente.

– Ah, meu Deus! É maravilhosa! Tem certeza de que quer me emprestar?

– Nada me faria mais feliz, querida. Na verdade, se for útil para você, fique com ela.

Sorri e saí com a bicicleta para a varanda.

– Muito obrigada. Você está sendo tão gentil. Eu... muito obrigada.

Ela saiu atrás de mim e me ajudou a descer os degraus.

– O prazer é meu. Fico feliz por saber que alguém está aproveitando a bicicleta.

Sorri de novo, admirando-a, quando algo me ocorreu:

– Ah! Posso lhe fazer uma pergunta? Esbarrei com um homem na cidade, e quando o mencionei a uma moça na lanchonete ela me disse que ele mora no fim da Briar Road. Ele se chama Archer Hale. Você o conhece?

Anne franziu a testa, curiosa, e pareceu pensativa ao mesmo tempo.

– Bem, não o conheço exatamente, mas sei sobre ele. Na

verdade, você vai passar pelas terras dele a caminho da prainha. Não há como errar, porque é a única propriedade naquele trecho. – Ela voltou a parecer pensativa. – Sim, Archer Hale... lembro dele quando era um garotinho muito fofo. Mas agora ele não fala. Deve ser porque é surdo.

Inclinei a cabeça.

– Você sabe o que aconteceu com ele?

Ela pensou por algum tempo.

– Houve um grande acidente de carro na saída da cidade, bem na época em que meu Bill recebeu o diagnóstico da doença que o matou. Acho que por isso não prestei tanta atenção aos detalhes quanto o resto da cidade... apenas lamentei, como todo mundo. Mas o que sei é que os pais dele e o tio, Connor Hale, chefe de polícia da cidade, morreram naquele dia, e que seja lá qual for o problema com Archer, aconteceu naquele acidente. Ora, deixe-me pensar...

Anne ficou em silêncio por alguns instantes.

– Ele foi morar com o outro tio, Nathan Hale. Mas esse tio morreu há uns três ou quatro anos... de câncer, pelo que me lembro.

Ela olhou para o vazio por algum tempo.

– Algumas pessoas da cidade dizem que Archer não bate muito bem da cabeça... Mas não tenho certeza disso. Talvez estejam apenas transferindo para ele o que sabiam da personalidade do tio. Minha irmã mais nova frequentou a escola com Nathan Hale, e ele nunca foi muito normal. Era terrivelmente inteligente, mas sempre um pouco estranho. E, quando voltou para casa, depois de servir no exército, estava ainda mais... diferente.

Franzi o cenho e perguntei:

– E mesmo assim mandaram um garotinho para morar com ele?

– Bem, acho que ele pareceu adequado ao pessoal do juizado. Além do mais, até onde eu sei, Nathan era a única família que restava ao menino.

Anne adquiriu uma expressão pensativa outra vez.

– Não falo sobre os rapazes Hales da minha época há anos... Mas com certeza eles sempre causaram frisson.

Anne ficou mais um longo momento em silêncio antes de continuar:

– Hum... agora que estou pensando a respeito, foi mesmo uma situação muito triste a do menino Hale. Às vezes, em cidades pequenas, pessoas que sempre estiveram presentes... acabam fazendo parte do pano de fundo, eu acho. Na ânsia de deixar a tragédia para trás, talvez Archer tenha sido deixado de lado também. É uma pena...

Anne voltou a ficar pensativa, parecendo perdida em seus pensamentos, e achei melhor ir embora.

– Hã, bem, obrigada mais uma vez por me orientar com o caminho. Passo aqui mais tarde – falei.

Ela se animou e pareceu voltar rapidamente ao presente.

– Sim, isso seria fantástico. Tenha uma ótima tarde!

Anne sorriu, se virou e voltou a pegar o regador que havia deixado na varanda, enquanto eu saía com a bicicleta pelo portão da frente.

Coloquei Phoebe dentro da cesta e, enquanto subia na bicicleta e saía pedalando lentamente na direção da Briar Road, pensava no que Anne havia me contado sobre os irmãos Hales e sobre Archer Hale. Ao que parecia, ninguém sabia muito bem o que acontecera com ele – ou será que tinham esquecido os detalhes? Eu sabia como era a sensação de perder os pais, mas não os dois de uma vez. Como era possível lidar com algo assim? A mente permite que se processe uma perda por vez. Será que a pessoa não enlouquecia de sofrimento com tantas perdas ao mesmo tempo? Alguns dias eu tinha a sensação de mal conseguir dar conta das minhas emoções. Acho que cada pessoa lida com o sofrimento de formas diferentes – a dor e a cura são tão individuais quanto as pessoas que as vivenciam.

Fui arrancada de súbito dos meus pensamentos ao ver o que provavelmente era a propriedade dele. Havia uma cerca alta protegendo o lugar, e as copas das árvores eram numerosas e cheias demais para que se conseguisse enxergar além delas. Estiquei o pescoço para tentar ver até onde ia a cerca, mas era difícil fazer isso da estrada e havia bosques de ambos os lados. Meus olhos voltaram para a frente da cerca, onde vi uma tranca fechada.

Sem saber bem por quê, fiquei parada ali, observando e escutando os mosquitos zumbirem. Mas, depois de alguns minutos, Phoebe latiu baixinho, e continuei a descer a estrada até o acesso à praia que Anne me indicara.

Passei algumas horas na beira do lago, nadando e tomando sol. Phoebe ficou deitada na sombra, na ponta da minha toalha, dormindo satisfeita. Era um dia quente de agosto, mas a brisa que soprava do lago e as sombras das árvores que margeavam a praia deixavam a temperatura agradável. Havia poucas pessoas mais adiante na pequena praia, mas a área onde eu me encontrava estava deserta. Achei que era porque estávamos do lado do lago que era usado apenas pelos locais. Deitei-me na toalha que havia levado e levantei os olhos para as copas ondulantes das árvores e para os retalhos de céu azul enquanto ouvia a água bater na margem. Depois de alguns minutos, fechei os olhos, com a intenção de apenas descansar um pouco, mas acabei adormecendo.

Sonhei com meu pai. Só que dessa vez ele não morreria imediatamente. Havia rastejado pelo chão da cozinha bem a tempo de ver o homem escapar pela porta dos fundos.

– Você está vivo! – falei, começando a me erguer do chão onde o homem me largara.

Ele assentiu, um sorriso terno no rosto.

– Você está bem? – perguntei, hesitante e temerosa.

– Sim – disse ele, e me espantei porque meu pai nunca havia usado a voz para se comunicar, apenas as mãos.

– Você consegue falar – sussurrei.

– Sim – disse ele novamente, rindo baixinho. – É claro!

Mas foi então que percebi que os lábios dele não estavam se movendo.

– Quero você de volta, papai – falei, sentindo os olhos marejarem. – Sinto tanto a sua falta.

O rosto dele ficou sério e parecia que a distância entre nós estava aumentando, embora nenhum dos dois se movesse.

– Lamento tanto que você não possa ter nós dois, minha abelhinha – disse ele, me chamando pelo meu apelido.

– Vocês dois? – sussurrei, confusa, observando a distância entre nós crescer ainda mais.

Subitamente ele se foi e eu me vi sozinha. Eu chorava, e meus olhos estavam fechados, mas senti uma presença pairando sobre mim.

Despertei assustada, lágrimas quentes escorrendo pelo meu rosto, enquanto o sonho se perdia em uma bruma. Deitada ali, tentando dominar minhas emoções, eu poderia jurar ter ouvido o som de alguém se afastando entre as árvores do bosque atrás de mim.



Na manhã seguinte, cheguei cedo à lanchonete. Apesar de ter dormido bem, havia tido um flashback particularmente ruim ao acordar e estava com dificuldade de afastar a melancolia que ainda se agarrava a mim.

Mergulhei na agitação da manhã, mantendo a cabeça baixa e a mente ocupada com o trabalho de anotar pedidos, servir a comida e tornar a encher xícaras de café. Por volta das nove horas, quando a lanchonete começou a esvaziar, já me sentia melhor, mais leve.

Estava repondo o estoque de condimentos no balcão quando a porta da lanchonete foi aberta e um jovem usando uniforme de policial entrou. Ele tirou o quepe e passou a mão pelos cabelos castanhos curtos e ondulados antes de acenar com a cabeça para Maggie, que sorriu e o cumprimentou:

– Oi, Trav.

Então ele olhou para mim enquanto caminhava na direção do balcão. Nossos olhares se encontraram por um segundo, e o rosto do policial se acendeu com um sorriso, os dentes muito alinhados e brancos cintilando quando ele se sentou à minha frente.

– Ora, você deve ser o motivo do sorriso no rosto de Maggie esta manhã – disse ele, estendendo a mão. – Sou Travis Hale.

Ah, outro Hale. Retribuí o sorriso e apertei a mão dele.

– Oi, Travis. Sou Bree Prescott.

Ele se sentou, acomodando as pernas longas sob o balcão.

– Prazer em conhecê-la, Bree. O que a traz a Pelion?

Escolhi as palavras com cuidado porque não queria ser vista como uma nômade esquisita. Embora, para ser sincera, uma nômade esquisita era exatamente o que eu era no momento.

– Bem, Travis, eu me formei na faculdade há pouco tempo e resolvi sair e viajar sem rumo por algum tempo. – Sorri. – Então vim parar aqui, em sua linda cidadezinha.

Ele sorriu.

– Explorando o país enquanto pode – comentou. – Gosto da ideia. Eu mesmo gostaria de ter feito isso.

Sorri também e entreguei um cardápio a ele no momento em que Maggie surgia atrás de mim. Ela pegou o cardápio de volta e o jogou debaixo do balcão.

– A essa altura Travis Hale já deve saber este cardápio de cor – disse ela, piscando para mim. – Ele vem aqui desde que a mãe precisava sentá-lo numa cadeirinha infantil para que ele alcançasse a mesa. Por falar nisso, como está sua mãe?

– Ah, está ótima. Você sabe, mamãe se mantém ocupada, está sempre envolvida em alguma atividade social. Além do mais, ela está ainda mais ocupada por causa de todos os planos de expansão para a cidade – explicou Travis.

Maggie contraiu os lábios, mas disse:

– Bem, diga a ela que eu mandei lembranças.

– Eu direi – falou Travis, virando-se para mim outra vez.

– Então, seu sobrenome é Hale – comentei. – Você deve ser parente de Archer Hale.

Travis franziu levemente as sobrancelhas e pareceu confuso por um instante.

– Archer? Sim, ele é meu primo. Você o conhece?

– Ah, não – respondi, sacudindo a cabeça. – Esbarrei com ele na cidade alguns dias atrás e fiquei curiosa. Ele foi um pouco...

– Esquisito? – completou Travis.

– Diferente – corrigi, refletindo. Então afastei o assunto com um gesto. – Só conheci umas poucas pessoas na cidade desde que cheguei e ele foi uma delas, portanto... quero dizer, não cheguei a conhecê-lo de verdade, mas...

Tirei o bule da cafeteira e o ergui na direção dele, oferecendo café. Travis assentiu e eu lhe servi uma xícara.

– É difícil conhecer alguém que não fala – disse Travis. Ele pareceu pensativo por um instante. – Eu tentei me aproximar dele ao longo dos anos, mas Archer simplesmente não responde a gentilezas. Ele vive em um mundo próprio. Lamento que ele tenha sido parte do seu comitê de boas-vindas. De qualquer forma, é bom tê-la aqui.

Ele sorriu e tomou um gole do café.

– Obrigada – falei. – Então você é policial aqui em Pelion? – perguntei o óbvio só para continuar a conversa.

– Sim – respondeu Travis.

– A caminho de se tornar *chefe* de polícia – interrompeu Maggie

–, assim como o pai.

Ela piscou e continuou a caminho da mesa perto do balcão que usávamos em nossos momentos de folga.

Travis ergueu as sobrancelhas e sorriu.

– Veremos – disse, mas ele não parecia ter nenhuma dúvida.

Apenas sorri para ele, e Travis retribuiu o sorriso. Não mencionei que Anne havia me contado sobre o pai dele, que presumi que fosse Connor Hale. Achei que poderia parecer estranho se Travis soubesse que eu já fizera perguntas sobre a família Hale. Ou, ao menos, sobre a tragédia que se abatera sobre eles.

– Onde você está morando? – perguntou Travis.

– Na beira do lago – respondi. – Em Rockwell Lane.

– Em uma das casas que George Connick aluga?

Assenti.

– Bem, Bree, eu adoraria mostrar a cidade a você em algum momento, se estiver disponível.

Os olhos cor de uísque me avaliaram.

Eu sorri, enquanto também o avaliava. Travis era um homem bonito, não havia como discordar. E eu tinha certeza de que ele estava me chamando para sair, não apenas sendo simpático. Mas namorar não era uma boa ideia para mim naquele momento.

– Sinto muito, Travis, mas as coisas estão meio... complicadas para mim agora.

Ele me observou por alguns segundos e eu senti meu rosto ruborizar sob aquele olhar.

– Sou um cara bem simples, Bree – disse Travis, e piscou.

Eu ri, grata por ele ter quebrado a tensão. Conversamos tranquilamente enquanto Travis terminava o café e eu continuava a reabastecer os condimentos no balcão e arrumar tudo.

Norm saiu da cozinha no instante em que Travis se levantava para ir embora.

– Você está paquerando a minha nova garçonete? – grunhiu ele.

– Eu sou obrigado – respondeu Travis. – Por algum motivo que desconheço, Maggie não quer largar essa sua carcaça rabugenta para ficar comigo.

Ele piscou para Maggie, que estava passando um pano na mesa perto do balcão.

– Mas ainda tenho esperança de que ela vai cair em si qualquer dia desses.

Norm bufou, passou as mãos pelo avental manchado de gordura que cobria sua barriga saliente e falou:

– Ela volta para casa para isto à noite. O que iria querer com você?

Travis riu e se virou para partir, mas ainda falou com Maggie:

– Venha me procurar quando se cansar desse traste rabugento.

Maggie riu, arrumou os cachos curtos e grisalhos e Norm grunhiu mais uma vez antes de voltar para a cozinha.

Já na porta, Travis se virou para mim e disse:

– Minha oferta continua de pé, Bree.

Sorri enquanto ele saía e fechava a porta.

– Cuidado – disse Maggie –, ou aquele rapaz vai usar todo o seu charme para conseguir tudo de você. – Mas ela estava sorrindo.

Eu ri, sacudi a cabeça e fiquei olhando pela janela enquanto Travis Hale entrava no carro de patrulha e se afastava.



Naquela noite, desci novamente a Briar Road de bicicleta e colhi mirtilos na beira da estrada. Quando a sacola estava quase cheia e os meus dedos estavam todos manchados de roxo, resolvi voltar para casa. Na volta, fiquei sentada na bicicleta diante da casa de Archer, olhando para a cerca à minha frente sem nenhuma razão em particular – ao menos nenhuma razão que eu pudesse explicar para

mim mesma. Depois de alguns minutos, comecei a pedalar de volta para casa.

Naquela noite, sonhei que estava deitada na margem do lago. Sentia a areia sob a minha pele nua, os grãos me arranhando enquanto eu movia o corpo com o peso bem-vindo de um homem sobre mim. Não havia medo, ou tensão – eu o queria ali. A água batia nas minhas pernas, como seda macia e fria acariciando a pele e aliviando a aspereza da areia.

Acordei ofegante, com os mamilos dolorosamente rígidos sob a camiseta que eu usava, e o sangue pulsando de forma rítmica entre minhas pernas. Virei de um lado para outro na cama até enfim conseguir adormecer, quando o dia já estava quase amanhecendo.

capítulo 5

BREE

Era minha folga da lanchonete no dia seguinte. Quando acordei e olhei o relógio, vi que eram 8h17. Fiquei surpresa. Há meses não dormia até tão tarde, mas imaginei que era de se esperar, já que mal conseguira pregar os olhos na noite anterior. Sentei-me na cama devagar, até o quarto entrar em foco. Eu me sentia pesada e grogue quando me virei para levantar. Minha mente ainda zozna de sono mal começara a clarear quando um som alto do lado de fora – só um galho que caíra ou alguém dando partida no motor de um barco – fez meus músculos congelarem de terror, a mente gritando. Olhei pela pequena janela que havia na porta, que me separava do meu pai. Ele me viu com a visão periférica e começou a dizer *Esconda-se* na linguagem de sinais, sem parar, enquanto o homem gritava para ele abaixar as mãos. Meu pai não conseguia ouvir o invasor e as mãos dele continuavam se movendo apenas para mim. Meu corpo se sobressaltou com a explosão da arma. Gritei e levei rapidamente as mãos à boca para abafar o som enquanto cambaleava para trás, dominada pelo horror e pelo choque. Tropecei na beira de uma caixa e caí para trás. Puxei as pernas na direção do corpo, tentando me encolher o máximo possível. Não tinha telefone ali. Olhei ao redor da sala procurando um lugar para me esconder, algum lugar para onde eu pudesse rastejar. Nesse momento as portas se abriram...

A realidade voltou rapidamente enquanto o mundo ao redor recuperava o foco e eu sentia que meus punhos agarravam o lençol.

Deixei escapar um arquejo, me levantei tremendo e corri para o banheiro bem a tempo. *Deus, não vou conseguir suportar isso para sempre.* Aquilo precisava parar. *Não chore, não chore.* Phoebe ficou sentada no chão, aos meus pés, gemendo baixinho.

Depois de vários minutos, consegui me controlar.

– Está tudo bem, menina – falei, dando tapinhas carinhos na cabeça de Phoebe para acalmar tanto a ela quanto a mim.

Fui cambaleando até o chuveiro e, vinte minutos depois, enquanto vestia o biquíni, um short e uma regata azul, já me sentia melhor. Respirei fundo, fechei os olhos e me acalmei. Estava tudo bem.

Depois de tomar um rápido café da manhã, calcei as sandálias, peguei um livro e uma toalha, chamei Phoebe e saí para o ar quente, levemente úmido, os mosquitos já zumbindo ao meu redor, enquanto um sapo coaxava em algum lugar.

Inspirei o ar puro, o cheiro de eucalipto e da água fresca do lago enchendo meus pulmões. Quando subi na bicicleta, com Phoebe acomodada na cesta à minha frente, finalmente consegui exalar o ar.

Desci a Briar Road outra vez e me sentei na pequena praia onde fora há dois dias. Eu me concentrei no romance que levava e, quando me dei conta, já tinha terminado o livro e duas horas haviam se passado. Levantei-me e alonguei o corpo enquanto olhava para o lago tranquilo, estreitando os olhos para ver o outro lado, onde barcos e jet-skis cruzavam a água.

Dobrei a toalha e pensei ter sido um golpe de sorte ir parar naquele lado do lago. A paz e a tranquilidade eram exatamente o que eu precisava.

Coloquei Phoebe de volta na cesta, empurrei a bicicleta para subir a leve inclinação até a estrada e pedalei lentamente na direção da cerca de Archer Hale.

Parei no acostamento quando o caminhão dos correios passou por mim. O motorista acenou e os pneus levantaram tanta poeira

que tossi, acenando também, mas para clarear o ar à minha frente enquanto voltava para a estrada.

Rodei por mais 30 metros, então parei e fiquei olhando novamente para a cerca. Naquele dia, por causa da posição do sol no céu, pude ver vários retângulos na madeira, um pouco mais claros, como se antes houvesse placas ali.

Quando eu já começava a colocar a bicicleta em movimento, percebi que o portão estava levemente aberto. Então parei e fiquei olhando para a fresta por alguns segundos. O carteiro provavelmente entregara alguma coisa ali e esquecerá de fechar o portão.

Levei a bicicleta até lá, me inclinei contra a cerca, abri um pouco mais o portão e espiei lá dentro.

Prendi a respiração ao ver a bela entrada pavimentada de pedra que levava a uma pequena casa branca a cerca de 30 metros de onde eu estava. Não sabia muito bem o que esperava ver, mas com certeza não era aquilo. Tudo era muito limpo, arrumado e bem-cuidado, com um pequenino trecho de gramado verde-esmeralda recém-aparado entre algumas árvores de um dos lados da entrada para carros e um pequeno jardim plantado em paletes de madeira à esquerda.

Recuei e já começava a fechar o portão quando Phoebe pulou da cesta da bicicleta e se espremeu pela fresta estreita.

– *Merda!* – xinguei. – *Phoebe!*

Abri mais um pouco o portão e espiei lá para dentro outra vez. Phoebe estava parada na entrada de carros mais adiante olhando para mim e arfando.

– Menina má! – sussurrei. – Volte aqui!

Phoebe se virou e saiu trotando ainda mais para dentro da propriedade. *Ah, que merda!* Passei pelo portão, deixando uma fresta ainda aberta, e continuei a chamar por Phoebe, que não estava me dando a menor atenção.

Quando me aproximava da casa, vi um grande pátio de pedra e uma passagem em frente, estendendo-se até os lados, enfeitada com grandes jardineiras cheias de plantas.

Enquanto olhava ao redor do pátio, subitamente me dei conta de um barulho de batidas altas que se repetiam a cada poucos segundos. Alguém estava cortando lenha? Era esse o som que eu estava ouvindo?

Phoebe deu a volta na casa e sumiu de vista.

Inclinei a cabeça para ouvir melhor, oscilando o peso do corpo entre um pé e outro. O que eu deveria fazer? Não podia deixar Phoebe ali nem podia voltar até o portão e gritar o nome de Archer – ele não iria ouvir.

Tinha que entrar e ir atrás dela. Archer estava lá. Eu não era o tipo de garota que gostava de se envolver em situações perigosas. Nunca havia sido e, ainda assim, o perigo me encontrara. Mas a verdade é que eu não estava com a menor vontade de entrar em território desconhecido. *Maldita cachorrinha malcomportada*. Porém, enquanto estava parada ali, tomando coragem para ir atrás de Phoebe, pensei em Archer. Meus instintos me diziam que ele não representava nenhum risco. Isso contava alguma coisa. Eu iria deixar que aquele homem cruel do passado me fizesse duvidar dos meus próprios instintos pelo resto da vida?

Pensei no modo como os pelos do meu braço haviam se arrepiado no instante em que eu ouvira a campainha da porta naquela noite. Algo em meu íntimo adivinhara o perigo, assim como algo dentro de mim sentia que naquele momento eu não corria risco nenhum. Meus pés avançaram.

Desci lentamente a entrada de carros, inalando o cheiro penetrante de seiva de árvore e do gramado recém-aparado enquanto continuava a chamar por Phoebe.

Segui o caminho de pedra que dava a volta na casa, passando as mãos pela madeira pintada. Espiei os fundos da casa e lá estava ele,

as costas voltadas para mim, erguendo um machado sobre a cabeça, os músculos das costas flexionados enquanto ele abaixava o machado, atingindo o meio de uma tora que estava de pé e partindo-a em três pedaços que caíram sobre a terra.

Archer se inclinou, pegou os pedaços e os colocou em uma pilha onde havia mais lenha organizadamente empilhada sob uma árvore, uma grande lona jogada de lado.

Quando tornou a se virar para o toco sobre o qual estava cortando os pedaços menores, ele me viu, se assustou e então ficou imóvel. Nós dois ficamos parados, nos encarando, minha boca levemente aberta e os olhos dele arregalados. Um pássaro cantou em algum lugar próximo e o trinado de outro pássaro em resposta ecoou entre as árvores.

Fechei a boca e sorri, mas Archer continuou me encarando por alguns segundos, antes que seus olhos me examinassem de cima a baixo e voltassem ao meu rosto, estreitando-se então.

Também o examinei, os músculos bem definidos do peito nu, a pele muito lisa e o abdome marcado. Nunca tinha visto de perto um abdome de tanquinho, mas ali estava um, bem na minha frente. Me dei conta, então, de que por mais que pudessem ser um tanto estranhos, ermitões silenciosos também podiam ter físicos excepcionais. *Bom para ele!*

Archer usava o que parecia já ter sido uma calça cáqui, cortada na altura dos joelhos e amarrada na cintura com uma... aquilo era uma *corda*? Interessante. Meus olhos chegaram às botas de trabalho e voltaram ao rosto dele. Archer havia inclinado a cabeça de lado enquanto nos avaliávamos, mas sua expressão permanecia cautelosa.

A barba dele estava tão desgrenhada quanto na primeira vez que o vira. Ao que parecia, o cuidado com o gramado não se estendia à barba, que com certeza se beneficiaria de uma boa aparada. Longa daquele jeito, devia fazer algum tempo que ele a estava deixando

crescer – talvez anos.

Pigarreei.

– Oi. – Dei um sorriso e me aproximei para que ele pudesse ler claramente meus lábios. – Bem, me desculpe por incomodá-lo. Minha cachorrinha entrou correndo aqui. Eu a chamei, mas ela não atendeu.

Olhei ao redor, mas não vi Phoebe.

Archer afastou os longos cabelos dos olhos e franziu as sobrancelhas diante das minhas palavras. Ele virou o corpo, abaixou o machado e o enterrou no tronco. Então virou-se para mim. Eu engoli em seco.

De repente, uma pequena bola de pelo branco saiu em disparada do meio das árvores e seguiu na direção de Archer. Phoebe parou diante dele e sentou-se aos seus pés, arfando.

Archer olhou para ela, então se inclinou e acariciou a cabeça da cachorrinha. Phoebe lambeu a mão dele muito animada, ganhando para pedir mais carinho quando ele recolheu a mão e endireitou o corpo. *Sua pequena traidora.*

– Aí está ela – declarei o óbvio.

Ele continuou a me encarar.

– Hã, bem, sua propriedade – continuei, acenando com a mão para indicar o lugar – é muito bonita.

Archer continuou me encarando. Depois de algum tempo, inclinou a cabeça.

– Você se lembra de mim? Da cidade... As barras de chocolate...?
– perguntei.

Ele continuou a me encarar.

Meu Deus, eu precisava ir embora. Aquela situação estava constrangedora demais. Pigarreei outra vez.

– Phoebe – chamei. – Venha cá, garota.

Phoebe me encarou, ainda sentada aos pés de Archer. Olhei dela para ele. Os dois estavam completamente imóveis, com os olhos

fixos em mim.

Voltei a encarar Archer.

– Você compreende o que estou dizendo? – perguntei.

Minhas palavras pareceram capturar um pouco a atenção dele. Archer continuou a me encarar por um instante, então torceu os lábios e deixou o ar escapar pela boca, parecendo ter tomado uma decisão. Ele passou por mim e seguiu em direção à casa, com Phoebe logo atrás. Eu me virei para observá-lo, confusa, então ele também se virou, olhou para mim e fez sinal para que eu o seguisse.

Imaginei que ele me acompanharia de volta ao portão. Então andei mais depressa para conseguir acompanhar as passadas longas, enquanto a pequena traidora, também conhecida como Phoebe, ficava o tempo todo ao lado de Archer, latindo animada e virando-se de vez em quando para se certificar de que eu os seguia.

Quando me dei conta de onde ele estava parado esperando por mim, falei:

– Você não é uma espécie de assassino do machado ou algo parecido, é?

Eu estava brincando, mas então me ocorreu novamente que, se eu gritasse, não havia ninguém por perto para ouvir. *Confie em seus instintos, Bree*, lembrei a mim mesma.

Archer Hale ergueu as sobrancelhas e apontou para o declive onde havia deixado o machado, preso no tronco. Olhei para o machado e de volta para ele.

– Está certo – sussurrei. – Essa história de assassino do machado não funciona se você não está com o seu machado.

Aquele mesmo minúsculo sorriso que eu vira no estacionamento da farmácia me fez tomar a decisão. Segui Archer pelo caminho que levava até a casa.

Ele abriu a porta da frente e arquejei quando olhei para dentro e vi uma enorme lareira de tijolos flanqueada por duas estantes de livros, que iam do chão ao teto, cheias de brochuras e volumes de

capa dura. Comecei a ir naquela direção como uma sonâmbula, um robô apaixonado por livros, mas senti a mão de Archer no meu braço e parei. Ele ergueu um dedo para me pedir que esperasse um minuto e entrou. Quando voltou, alguns segundos depois, trazia um bloco nas mãos e estava escrevendo alguma coisa nele. Aguardei e, quando ele virou o bloco na minha direção, vi escrito em letras muito bem-feitas, todas maiúsculas:

SIM, ENTENDO O QUE VOCÊ DIZ.
PRECISA DE MAIS ALGUMA COISA?

Levantei rapidamente os olhos para ele e abri a boca para responder, mas logo a fechei outra vez. Era uma pergunta um tanto rude para se fazer. Mas, na verdade, eu queria mais alguma coisa? Mordi o lábio por um instante e mudei o peso do corpo de um pé para o outro enquanto Archer me observava, esperando uma resposta. A expressão em seu rosto era cautelosa e atenta, como se ele não tivesse ideia se eu ia responder ou mordê-lo, e estivesse preparado para as duas possibilidades.

– Ah, eu só... eu me senti mal pelo nosso encontro no outro dia. Eu não sabia que você não... falava. E só queria que soubesse que o que eu disse não foi intencional... eu só... sou nova na cidade e...

Nossa eu estava mesmo me saindo muito bem... Jesus.

– Quer comer uma pizza ou algo assim? – deixei escapar, arregalando os olhos.

Não havia decidido exatamente perguntar isso. Apenas perguntei e o encarei esperançosa.

Archer me encarou de volta, como se eu fosse um problema avançado de matemática que ele não conseguia resolver.

Então ele franziu o cenho e começou a escrever outra coisa, sem nunca abandonar o contato visual. Por fim, abaixou os olhos para o que escrevia e levantou o bloco para que eu lesse:

NÃO.

Não pude conter uma gargalhada. Ele não sorriu, só continuou a me olhar, cauteloso. Meu riso morreu e eu sussurrei:

– Não?

Uma expressão confusa passou rapidamente pelo rosto dele, que ainda me observava. Então Archer voltou a pegar o bloco e escreveu outra coisa. Quando o ergueu de novo, vi que havia acrescentado uma palavra sob a primeira. Agora estava escrito:

NÃO,
OBRIGADO.

Soltei o ar, sentindo o rosto queimar.

– Está certo. Eu entendo. Bem, de novo, me desculpe o mal-entendido no estacionamento. E... me desculpe por invadir sua casa... minha cachorrinha...

Peguei Phoebe no colo.

– Bem, foi um prazer conhecê-lo. Ah! A propósito, não fomos devidamente apresentados. Sei o seu nome, mas você não sabe o meu. Sou Bree. Bree Prescott. E estou indo embora. – Indiquei o portão com o polegar por cima do ombro, comecei a me afastar de costas, então me virei apressada e caminhei rapidamente pela entrada de carros até o portão. Ouvi passos atrás de mim, seguindo na direção oposta. De volta para a pilha de lenha, presumi.

Saí pelo portão, mas não o fechei todo. Em vez disso, fiquei parada do outro lado, a mão ainda na madeira quente. *Nossa, que esquisito!* E constrangedor. O que eu estava pensando quando o convidei para comer uma pizza comigo? Levantei os olhos para o céu, levei a mão à testa e fiz uma careta.

Fiquei parada ali, pensando, quando algo me ocorreu. Eu tivera a intenção de perguntar a Archer se ele conhecia a linguagem de

sinais, mas tinha ficado tão sem jeito que esquecera. Então ele pegara aquele bloco de papel idiota. Mas só então me dei conta de que Archer em nenhum momento olhara para os meus lábios enquanto eu falava. Ele havia olhado para os meus olhos.

Dei meia-volta e passei novamente pelo portão, indo na direção da pilha de lenha atrás da casa, com Phoebe no colo.

Ele estava parado ali, com o machado nas mãos, um pedaço de madeira pronto sobre o apoio. Mas Archer não levantou o machado. Ficou apenas olhando para a madeira, o cenho levemente franzido, parecendo perdido em pensamentos. E, quando me viu, uma expressão de surpresa tomou conta de seu rosto, antes que seus olhos se estreitassem, cautelosos como antes.

Quando Phoebe o viu, começou a arfar e ganir novamente.

– Você não é surdo – falei. – Pode me ouvir muito bem.

Ele ficou imóvel por algum tempo, mas então enfiou o machado no tronco de apoio outra vez, passou por mim e olhou para trás do mesmo modo que fizera da primeira vez, gesticulando para que eu o seguisse. E foi o que fiz.

Archer entrou em casa e mais uma vez saiu com o mesmo bloco e a mesma caneta nas mãos.

Depois de um instante, ergueu o bloco:

NÃO DISSE A VOCÊ QUE ERA SURDO.

Hesitei.

– Não, não disse – sussurrei. – Mas você consegue falar?

Ele me olhou, então levantou novamente o bloco e escreveu por algum tempo, antes de virar o papel para que eu lesse.

EU CONSIGO FALAR. SÓ GOSTO DE EXIBIR MINHA CALIGRAFIA.

Fiquei encarando a folha, digerindo as palavras. Então franzi o

cenho e levantei os olhos para o rosto dele.

– Está tentando ser engraçado? – perguntei, ainda com o cenho franzido.

Ele ergueu as sobrancelhas.

– Muito bem – falei, inclinando a cabeça. – Talvez fosse melhor treinar um pouco mais.

Ficamos parados ali, nos encarando por alguns segundos, antes que ele desse um suspiro pesado e voltasse a escrever no bloco:

VOCÊ QUER MAIS ALGUMA COISA?

Levantei os olhos para ele.

– Conheço a linguagem de sinais – disse. – Posso ensinar a você. Quero dizer, você não teria a oportunidade de exibir sua caligrafia, mas é um modo mais rápido de se comunicar.

Sorri, esperançosa, tentando fazê-lo sorrir também. Ele *sorria*? Era capaz?

Archer me encarou por um longo momento antes de pousar delicadamente o bloco e a caneta no chão, perto dele, então endireitar o corpo, levantar as mãos e sinalizar: *Já conheço a linguagem de sinais.*

Eu me assustei ligeiramente e senti um aperto na garganta. Ninguém se comunicava comigo por sinais havia seis meses, e isso trouxe meu pai de volta, a sensação forte da presença dele.

– Ah. – Suspirei, e então usei a voz porque estava com Phoebe nos braços: – Está certo. Você deve ter conversado com o seu tio desse modo.

Ele franziu a testa, provavelmente se perguntando como eu sabia sobre o tio dele, mas não perguntou. Por fim sinalizou: *Não.*

Pisquei, confusa, e depois de algum tempo pigarreei.

– Não? – perguntei.

Não, ele repetiu.

Silêncio de novo.

Eu suspirei.

– Bem, sei que parece meio bobo, mas achei que talvez pudéssemos ser... amigos.

Dei de ombros e deixei escapar uma risadinha constrangida.

Archer estreitou novamente os olhos, mas ficou só me olhando, sem escrever nada.

Olhei dele para o bloco, mas quando ficou claro que ele não iria “dizer” nada, sussurrei:

– Todos precisam de amigos.

Todos precisam de amigos? É mesmo, Bree? Santo Deus, você está soando patética, pensei.

Ele continuou a me encarar.

Suspirei de novo, sentindo-me constrangida mais uma vez, mas também desapontada.

– Muito bem, você está bem assim, imagino. Vou embora agora.

Sinceramente, por que eu estava tão desapontada? Travis tinha razão: esse cara não respondia a amabilidades.

Ele continuou a me encarar, imóvel, os olhos profundos, cor de uísque, cintilando quando comecei a recuar. Queria afastar aqueles cabelos desalinhados do rosto dele e raspar aquela barba para saber como era exatamente o rosto dele. Archer parecia ter um rosto bonito por baixo de tudo aquilo.

Suspirei pesadamente mais uma vez.

– Está certo. Bem, então, acho que vou indo...

Cale a boca, agora, Bree, e simplesmente VÁ. Obviamente essa pessoa não quer ter nada a ver com você.

Senti os olhos dele me acompanhando quando me virei e atravessei a entrada de carros até o portão. Saí e, dessa vez, eu o fechei com força. Me encostei na madeira por um instante, acariciando o queixo de Phoebe de forma distraída e me perguntando o que havia de errado comigo. Por que fizera tudo

aquilo? Por que eu simplesmente não pegara minha cachorra idiota e fora embora?

– Cachorra idiota – disse para Phoebe, acariciando-a um pouco mais.

Ela lambeu meu rosto e se agitou um pouco. Eu ri e retribuí o beijo.

Quando subi na bicicleta e comecei a me afastar, ouvi o machado tornar a entrar em ação.

capítulo 6

ARCHER

7 anos, maio

Onde eu estava?

Tinha a sensação de estar mergulhando na piscina da Associação Cristã de Moços, a superfície da água a quilômetros de distância. Eu começava a ouvir barulhos e sentia dor no pescoço, quase como se estivesse com a garganta inflamada, tanto no lado de dentro quanto no de fora. Tentei lembrar como me machucara, mas só havia sombras dentro da minha cabeça. Eu as afastei.

Onde eu estava?

Mamãe? Eu queria a minha mãe.

Senti lágrimas, quentes e pesadas, escorrendo dos meus olhos fechados, pelas minhas bochechas. Tentei não chorar. Homens fortes não choravam. Homens fortes deviam proteger os outros, como fazia o meu tio Connor. Mas ele chorara. Chorara muito, gritando para os céus e caindo de joelhos no asfalto.

Ah, não. Ah, não. Não pense nisso.

Tentei mover meu corpo, mas era como se alguém houvesse amarrado pesos aos meus braços e pernas, e até mesmo aos dedos das mãos e dos pés. Pensei que talvez estivesse me mexendo só um pouquinho, mas não tinha certeza.

Ouvi uma voz de mulher dizer:

– Pssiu, ele está acordando. Deixe que volte a si lentamente. Deixe que faça isso no tempo dele.

Mamãe, mamãe. Por favor, esteja aqui também. Por favor, esteja bem. Por favor, não esteja deitada na beira da estrada.

Mais lágrimas quentes escaparam de meus olhos.

Era como se estivessem enfiando agulhas e alfinetes por toda a minha pele. Tentei gritar, pedindo socorro, mas acho que nem cheguei a abrir a boca. Ah, meu Deus! Meu corpo inteiro doía, como se um monstro ganhasse vida na escuridão sob a minha cama.

Depois de alguns minutos só respirando, apenas me aproximando do que podia sentir que era a superfície, abri os olhos e logo os estreitei, porque havia uma luz forte bem acima de mim.

– Diminua a luz, Meredith – ouvi alguém dizer à minha esquerda.

Abri novamente os olhos e deixei que se acostumassem à luz. Então vi uma enfermeira mais velha, com cabelos louros e curtos, me olhando.

Afastei os lábios.

– Mamãe – tentei dizer, mas não saiu som algum.

– Psssiu – disse a enfermeira. – Não tente falar, querido. Você sofreu um acidente. Está no hospital, Archer, e estamos tomando conta de você direitinho, está bem? Meu nome é Jenny e esta é Meredith.

Ela sorriu com tristeza e apontou para uma enfermeira mais nova que estava atrás, verificando alguma coisa em uma máquina perto da cama.

Assenti com a cabeça. Onde estava a minha mãe? Mais lágrimas escorreram pelo meu rosto.

– Muito bem, bom menino – disse Jenny. – Seu tio Nathan está aqui do lado de fora. Vou chamá-lo. Ele vai ficar muito feliz por você estar acordado.

Fiquei deitado, olhando para o teto por alguns minutos, antes que a porta fosse aberta e fechada novamente e tio Nate aparecesse em meu campo de visão, olhando para o meu rosto.

– Seja bem-vindo de volta, pequeno soldado – falou meu tio.

Os olhos dele estavam muito vermelhos e parecia que ele não tomava banho fazia algum tempo. Mas tio Nate sempre tivera uma aparência um pouco estranha, de um jeito ou de outro. Alguns dias ele usava a camisa pelo avesso, em outros usava sapatos de pares diferentes. Eu achava engraçado. Ele me dizia que fazia isso porque seu cérebro estava ocupado com coisas mais importantes, que ele não tinha tempo para pensar sobre que roupas deveria vestir. Achei uma boa resposta. Além do mais, ele me dava furtivamente coisas boas como doces e notas de 10 dólares. Tio Nate me dissera para começar um pé-de-meia em algum lugar onde ninguém pudesse encontrar meu dinheiro. Ele dissera que eu lhe agradeceria mais tarde pelo conselho e piscara para mim, como se eu soubesse o que era esse “mais tarde” quando o momento chegasse.

Abri a boca novamente, mas Jenny e tio Nate balançaram a cabeça ao mesmo tempo, indicando que eu não deveria falar. Jenny pegou alguma coisa que estava em cima da mesa perto dela. Então se virou para mim outra vez e me entregou um bloco e um lápis.

Peguei o que ela me entregava e escrevi uma palavra:

MAMÃE?

Os olhos de Jenny se desviaram daquela palavra e tio Nate abaixou o olhar. Naquele exato momento, o acidente voltou inteiro à minha memória – imagens e palavras martelando em minha mente, me levando a desabar a cabeça no travesseiro e trincar os dentes.

Então abri a boca e comecei a gritar e gritar e gritar, mas o quarto permaneceu em silêncio.

capítulo 7

BREE

No sábado, quando já estava indo embora da lanchonete, apareceu no meu celular um número que não reconheci.

– Alô? – atendi.

– Oi, Bree? É a Melanie. Nós nos conhecemos na lanchonete na semana passada, está lembrada?

– Ah, oi! – falei, acenando para me despedir de Maggie enquanto caminhava em direção à porta. – Sim, é claro que me lembro de você.

Maggie sorriu e acenou de volta.

– Ah, ótimo! – disse ela. – Bem, espero não estar ligando numa hora ruim, mas eu e Liza vamos sair hoje à noite e queríamos saber se você gostaria de ir com a gente.

Saí da lanchonete para a tarde úmida e ensolarada e segui na direção do meu carro. Lembrei do que havia pensado sobre tentar ser uma garota normal outra vez, fazendo coisas que uma garota normal fazia.

– Hã, bem... Sim, está certo. Acho que vai ser legal. É claro, eu adoraria.

– Ok, ótimo! Nós passaremos para buscar você. Às nove está bom?

– Sim, está ótimo. Estarei pronta. – Dei meu endereço a ela, e Melanie sabia onde era. Então me despedi e desliguei.

Estava prestes a abrir a porta do carro quando percebi um grupo

de garotos de cerca de 10 ou 12 anos rindo alto. O maior deles estava empurrando um garoto menor, que usava óculos e estava com os braços cheios de livros. O garoto grande deu um empurrão forte e o garotinho cambaleou para a frente, espalhando pela calçada os livros que carregava. Os outros garotos riram mais ainda e se afastaram. Um deles até virou para trás e gritou:

– Toma essa, esquisito!

Mesmo estando do outro lado da rua, pude ver a expressão de profundo constrangimento no rosto do garotinho antes que ele se abaixasse para pegar os livros.

Idiotas. Nossa, como eu detestava esses garotos que atormentavam os outros.

Atravessei a rua para ajudar o menino.

Quando cheguei, ele me olhou de forma cautelosa, o queixo tremendo um pouco. Percebi que ele tinha uma pequena cicatriz no lugar onde provavelmente fizera a cirurgia para corrigir o lábio leporino.

– Oi – falei em voz baixa, dirigindo-lhe um sorrisinho e me inclinando para ajudá-lo a pegar os livros. – Você está bem?

– Estou – ele respondeu, também em voz baixa, os olhos encontrando os meus e logo se desviando, o rosto ruborizado.

– Você gosta de ler, não é? – perguntei, inclinando a cabeça na direção dos livros.

Ele assentiu, ainda parecendo tímido.

Olhei para o volume que estava em minhas mãos.

– Harry Potter... hummm. Este é bom. Sabe por que gosto tanto desse livro?

Os olhos do menino voltaram a encontrar os meus, e ele balançou a cabeça numa negativa, mas não voltou a afastar os olhos.

– Porque é sobre um pobre coitado em quem ninguém botava fé, um garoto de aparência engraçada, que usava óculos e morava

embaixo da escada na casa dos tios. Mas sabe de uma coisa? Esse garoto acaba fazendo coisas muito legais, apesar de tudo o que havia contra ele. E não há nada melhor do que ver alguém que ninguém esperava que vencesse se dar bem, não acha?

Os olhos do garoto se arregalaram e ele balançou a cabeça, assentindo dessa vez.

Levantei, e ele fez o mesmo. Quando entreguei ao menino os livros que eu recolhera, falei:

– Continue a ler. As garotas adoram caras que leem.

Pisquei para ele e o rosto do garotinho se abriu em um sorriso radiante. Retribuí o sorriso e me virei para ir para o carro, quando percebi Archer Hale parado na porta de uma loja próxima, nos observando, uma expressão intensa e indecifrável no rosto. Sorri para ele, inclinando a cabeça, e algo pareceu se passar novamente entre nós. Pisquei e Archer afastou os olhos, virando-se para descer a rua. Ele se voltou para me olhar uma vez, mas, quando encontrei seu olhar, Archer virou novamente a cabeça e continuou a caminhar.

Fiquei parada onde estava por alguns segundos, observando-o seguir em uma direção, então virei a cabeça para ver o garotinho indo na direção oposta. Deixei escapar um suspiro e segui para onde estava o meu carro.

A caminho de casa, parei na chácara que vendia plantas e escolhi algumas mudas de flores, terra e duas jardineiras de plástico.

Quando cheguei em casa, vesti um short e uma camiseta e passei umas boas horas plantando as flores, colocando as jardineiras na varanda e fazendo uma limpeza geral no pátio, inclusive arrancando ervas daninhas e limpando os degraus da frente. Um deles estava solto e parecendo prestes a se soltar ainda mais, mas eu era um desastre no que dizia respeito a consertar esse tipo de coisa. Teria que ligar para George Connick.

Quando me afastei para admirar meu trabalho, não pude evitar um sorriso ao olhar para o meu chalezinho. O lugar estava um

encanto.

Entrei e tomei um longo banho de chuveiro. Esfreguei bem as unhas para tirar a terra que se acumulara sob elas e me depilei toda. Então liguei o pequeno rádio que já estava no chalé quando me mudei e fiquei escutando uma estação de música local. Demorei um bom tempo arrumando os cabelos, secando e encaracolando-os um pouco. Apliquei a maquiagem cuidadosamente e passei creme nas pernas, para que parecessem bonitas em meu vestido de malha, cor de prata escura, bem justo e decotado nas costas. Era informal, mas sexy, e eu esperava que fosse adequado para o lugar aonde iríamos naquela noite. Tornei o visual ainda um pouco mais esportivo usando minhas sandálias pretas.

A última vez que eu havia usado aquele vestido fora na festa de formatura que o pessoal do meu dormitório na faculdade organizara. Eu bebera bastante chope, rira com as outras meninas do meu andar e ficara com um cara que sempre tinha achado uma graça, mas com quem não havia nem conversado até aquela noite. Ele não beijava muito bem, mas eu estava bêbada o bastante para não me importar.

Fiquei parada algum tempo, lembrando, pensando na garota que eu tinha sido, e *senti falta* dela. Senti falta de meu antigo eu. Não que naquela época eu fosse uma garota que não conhecia o sofrimento. Não era inocente em relação ao que acontecia no mundo. Eu sabia que não tínhamos garantia de nada e que a vida nem sempre era justa. Mas meu pai e eu havíamos sobrevivido juntos à tragédia da doença da minha mãe e éramos fortes. Eu jamais havia imaginado que ele seria arrancado de mim em um instante, em uma situação sem lógica, e que eu ficaria só e profundamente abalada. E que não conseguiria nem sequer me despedir dele.

Talvez esta viagem não fosse a resposta que eu esperara. Mas não fora exatamente uma decisão consciente.

Tudo em Ohio me fazia lembrar do meu pai, do meu sofrimento, do meu medo e da minha solidão. Depois daquela noite, passei vários meses me sentindo anestesiada e acabara arrumando uma mala pequena, colocara Phoebe na caixa de transporte dela, entrara no carro e partira. Parecera a única opção. A tristeza era sufocante, claustrofóbica. Eu precisava escapar.

Então me forcei a afastar aqueles pensamentos antes que eu afundasse demais no medo e na melancolia. Era sábado à noite, fim de semana. E no fim de semana, garotas normais saíam com as amigas e se divertiam. Eu precisava de um pouco mais disso na vida, não é mesmo... não é mesmo?

Melanie e Liza chegaram poucos minutos depois das nove e, quando vi os faróis, saí e tranquei o chalé.

Quando as meninas abriram a porta do pequeno Honda, Justin Timberlake estava cantando aos berros, quebrando o silêncio da noite.

Abri a porta de trás e entrei, cumprimentando Melanie e Liza calorosamente:

– Oi!

– Você está um arraso! – elogiou Liza, olhando por cima do ombro enquanto Melanie saía com o carro.

– Obrigada! – falei. – Vocês também!

As duas estavam de saia e top, e fiquei aliviada por ter escolhido uma roupa no mesmo estilo.

Levamos meia hora para chegar do outro lado do lago e, no caminho, conversamos descontraidamente sobre o meu trabalho na lanchonete e se eu estava gostando de Pelion até agora. Melanie e Liza falaram um pouco sobre o emprego de verão como salva-vidas.

Estacionamos na frente de um bar chamado The Bitter End Lakeside Saloon, um prédio pequeno de madeira na beira da estrada. Quando descemos do carro de Melanie, vi que a frente do bar era decorada com varas de pescar, armadilhas para lagostas,

placas de aviso para pescadores, caixas de iscas e outros artigos relacionados à pescaria.

Entramos no bar e fomos recebidas pelo cheiro de cerveja e pipoca, pelo som de risadas, de conversa alta e de bolas de sinuca batendo umas nas outras. O bar parecia um pouco maior do lado de dentro do que eu imaginara ao olhar o prédio de fora. Parecia ao mesmo tempo decadente e cheio de estilo, com mais artigos de pescaria e placas decorando as paredes.

Mostramos nossas identidades ao segurança e nos sentamos em uma mesa perto do bar. Quando nossa primeira rodada de bebida chegou, já havia uma fila se formando na porta.

Passamos os primeiros vinte minutos aproximadamente rindo e conversando. Melanie e Liza avaliavam os homens que achavam interessantes, tentando não parecer muito óbvias. Melanie logo se interessou por um deles e passou a se dedicar a chamar sua atenção. A tática funcionou e, depois de poucos minutos, o cara se aproximou e a convidou para dançar.

Ela o seguiu em direção à pista de dança, olhando para trás e piscando para mim e para Liza, que sacudimos a cabeça, rindo. Fizemos sinal para que a garçonete trouxesse outra rodada de bebidas. Eu estava me divertindo.

Ao dar um gole na cerveja, um homem que entrava chamou minha atenção. A cabeça dele estava virada em outra direção, mas vi que seus ombros eram largos, as pernas longas e musculosas, vestidas em uma calça jeans desbotada. *Ah, uau...* O tamanho dele, seu físico e os cabelos castanhos ondulados mantiveram meus olhos fixos no rapaz. Ele começou a se virar na minha direção, rindo de alguma coisa que o cara perto dele dissera, e nossos olhares se cruzaram. Travis Hale. Os olhos dele cintilaram por um momento e o sorriso ficou mais largo enquanto ele se dirigia à nossa mesa.

Duas garotas que vinham atrás dele pararam quando viram para onde ele estava indo. As duas se voltaram para o grupo atrás delas.

– Bree Prescott – disse ele, abaixando os olhos para os meus seios por um instante, antes de voltar a se concentrar no meu rosto.

– Travis Hale – respondi, sorrindo e dando outro gole na cerveja.

Ele retribuiu o sorriso e falou:

– Não sabia que você estaria aqui esta noite.

Travis relanceou o olhar na direção de Liza e disse apenas:

– Liza.

Ela deu um gole no drinque que estava tomando e o cumprimentou:

– Oi, Trav.

Liza então se levantou e falou para mim:

– Vou ao banheiro. Volto logo.

– Ah, está bem. Quer que eu vá com você? – perguntei, já começando a me levantar.

Travis pousou a mão no meu braço.

– Tenho certeza de que ela consegue se virar sozinha – disse ele.

– Está tudo bem – afirmou Liza, os olhos se demorando na mão de Travis em meu braço. – Daqui a pouco estou de volta.

Então ela se virou e caminhou em direção ao banheiro.

Travis voltou a olhar para mim.

– E eu que pensei que seria *eu* a lhe oferecer um passeio de boas-vindas.

Dei de ombros, encarando-o com os olhos semicerrados.

Ele riu de novo. Travis tinha mesmo um belo sorriso. Um tanto predatório, talvez, mas isso era ruim? Dependia. Eu já havia tomado duas cervejas e, naquele momento, me parecia bom.

Travis se inclinou na minha direção.

– Então, Bree, essa sua viagem... quando vai terminar?

Ponderei sua pergunta.

– Não tenho um plano específico, Travis. Acho que em algum momento vou resolver voltar para casa – respondi, tomando outro gole da cerveja.

Ele assentiu.

– Acha que vai ficar algum tempo por aqui?

– Depende – respondi, franzindo ligeiramente a testa.

– Do quê?

– De eu me sentir segura aqui – deixei escapar.

Não tivera a intenção de dizer aquilo, mas a cerveja estava atingindo meu estômago vazio e minha corrente sanguínea como se fosse um soro da verdade.

Suspirei e comecei a arrancar o rótulo da garrafa de cerveja, sentindo-me subitamente exposta.

Travis me observou por um instante, então abriu um sorriso lento.

– Ora, isso é bom, já que por um acaso segurança é a minha especialidade.

Levantei os olhos para o rosto dele e não pude conter uma risada diante da expressão presunçosa.

– Ah, tenho a sensação de que você representa tudo, menos segurança, policial Hale.

Ele fingiu estar magoado e ocupou a cadeira na qual Liza estivera sentada poucos minutos antes.

– Nossa, você me magoou profundamente, Bree. Por que diz isso? – indagou Travis.

– Ora, em primeiro lugar – eu me inclinei para a frente –, se os olhares dessas louras que entraram com você pudessem disparar flechas venenosas, eu já estaria morta há quinze minutos. E a ruiva à minha esquerda não tirou os olhos de você por um segundo desde que você entrou. Acho até que a vi secar a baba que escorreu. Tenho a sensação de que todas elas têm planos para você esta noite.

Ergui uma sobrancelha.

Ele manteve os olhos fixos em mim, sem voltá-los para nenhuma das mulheres que eu mencionara. Então se recostou na cadeira,

inclinou a cabeça e apoiou um dos braços nas costas do assento.

– Não posso controlar as ideias das outras pessoas. E se os meus planos forem outros? E se eles envolverem você?

Ele sorriu preguiçosamente.

Meu Deus, o cara era bom. Cheio de charme e autoconfiança. Mas era gostoso flertar com alguém de forma inofensiva – eu me sentia feliz por não ter esquecido por completo como fazer isso.

Sorri para ele também e dei mais um gole na cerveja, mantendo os olhos presos aos dele.

Travis estreitou os olhos, fitando meus lábios que envolviam o gargalo da garrafa.

– Você joga sinuca? – perguntei depois de algum tempo, mudando de assunto.

– Faço qualquer coisa que você quiser – disse ele, tranquilo.

– Muito bem, então, impressione-me com seus talentos geométricos – falei, e comecei a me levantar.

– Com certeza – retrucou ele, pegando a minha mão.

Fomos até as mesas de sinuca e Travis pediu outra rodada de bebidas enquanto esperávamos a nossa vez. Depois de algum tempo, Melanie, Liza e os caras que Melanie conhecera também se aproximaram, e passamos o resto da noite rindo e jogando sinuca. Travis era muito bom no jogo e ganhou todas as partidas com facilidade, obviamente satisfeito por estar exibindo seu talento.

Liza trocara a cerveja pela água mais cedo, para que pudesse nos levar de volta para casa, e eu fiz o mesmo perto da meia-noite. Não queria passar o dia seguinte, minha folga, de ressaca na cama.

Quando as luzes piscaram, indicando que o bar estava prestes a fechar, Travis me puxou contra o corpo e disse:

– Nossa, Bree, você é a garota mais linda que eu já vi. – A voz dele era como seda. – Deixe-me levá-la para jantar essa semana.

Os drinques que eu tomara mais cedo estavam perdendo o efeito e eu me senti um pouco desconfortável com os movimentos de

Travis e com a continuação da paquera.

– Hã... – hesitei.

Liza nos interrompeu de repente:

– Está pronta para irmos, Bree?

Travis olhou para ela, irritado.

– Todo mundo precisa comer – insistiu Travis, voltando a olhar para mim e sorrindo com charme.

Ainda hesitante, anotei o número do meu celular em um guardanapo e o entreguei a ele, enquanto fazia uma anotação mental para comprar mais créditos. Deixara meu celular em Cincinnati ao partir e comprara um pré-pago qualquer. Estava funcionando bem para mim, mas eu vivia me esquecendo de acrescentar mais créditos.

Por fim, me despedi de todos e saí com Melanie e Liza, rindo até chegarmos no carro.

Quando já estávamos na estrada, Melanie comentou:

– Travis Hale, Bree? Nossa, você foi direto à liga profissional de Pelion, hein? Na verdade, à liga profissional de todo o Maine.

– É assim que Travis Hale é considerado? – indaguei.

– É, sim. Quero dizer, ele sai com muitas garotas, mas não posso culpá-lo. As mulheres se jogam em cima dele, tentando fisgá-lo. Talvez seja você quem finalmente vai conseguir fazer isso. – Ela piscou para mim e Liza riu.

– Vocês duas...?

– Ah, não, não – as duas disseram ao mesmo tempo.

Então Liza continuou:

– Muitas amigas nossas saíram com ele e acharam que ele estava apaixonado. Somos testemunhas do rastro de destruição que ele deixa. Por isso, tenha cuidado.

Sorri de novo, mas não disse nada. Cuidado era meu sobrenome nesses dias. No entanto, apesar do óbvio interesse de Travis ter me deixado um pouco desconfortável no fim da noite, eu estava

orgulhosa de mim mesma por ter dado alguns passos naquela direção. Tinha sido divertido.

Conversei um pouco mais com as garotas sobre os outros caras que elas haviam conhecido e, antes que me desse conta, estávamos parando na frente do meu chalé.

Desci e sussurrei, para não acordar os vizinhos:

– Tchau! Muito obrigada!

– Ligaremos para você! – disseram as duas, e partiram.

Lavei o rosto, escovei os dentes e fui sorrindo para a cama, achando que talvez fosse possível também *acordar* sorrindo. Na verdade, estava *torcendo* para isso.

capítulo 8

BREE

Acordei ofegante. Antes mesmo que eu pudesse me sentar na cama, fui catapultada para a mãe de todos os flashbacks. Tinha a força e a clareza dos que eu experimentara logo depois do assassinato do meu pai: completo, com meu pai deitado sobre uma poça de sangue, os olhos sem vida voltados para o teto. Agarrei os lençóis da cama, puxando-os com força, ouvindo o mesmo som agudo encher meu cérebro até finalmente começar a recuperar o controle e ver o mundo ao meu redor clarear.

Alguns minutos mais tarde, eu me debruçava sobre o vaso sanitário, com os olhos cheios de lágrimas.

– Por quê? – gemi, me deixando dominar pela autopiedade e pelo sofrimento que as lembranças traziam.

Em seguida me levantei e entrei tremendo no chuveiro, me recusando a passar o resto do dia na cama, como era o meu desejo naquele momento, e como eu fizera por meses depois daquela noite.

O flashback com certeza destruía a felicidade descuidada que eu havia experimentado na noite anterior.

Tomei um banho rápido, vesti minha roupa de banho, um short e uma regata. Por alguma razão, passar um tempo na prainha em Briar Road me enchia de um tipo particular de contentamento. Sim, eu tivera aquele sonho com o meu pai ali, mas apesar da tristeza de tê-lo perdido, e do sonho ter tocado nessa perda, eu havia despertado dele com uma sensação de esperança. Eu gostava

daquele lugar.

Saí na bicicleta com Phoebe acomodada na cestinha da frente. A manhã estava ensolarada e já começava a ficar quente. Era fim de agosto e eu não tinha ideia de quando o clima começava a esfriar no Maine, mas por enquanto a sensação ainda era de verão.

Entrei na Briar Road, deixando a bicicleta correr livre, esticando as pernas para o lado. Tirei as mãos do guidom por alguns segundos e deixei a bicicleta descer por conta própria, saltando sobre as pedras na estrada de terra e rindo alto. Phoebe latiu várias vezes, como se dissesse:

“Tome cuidado, maluca.”

– Eu sei, minha carga preciosa. Não vou nos machucar, Phoebe.

Quando cheguei ao lago, estendi a toalha, pousei a caixa térmica no lugar de sempre e fui para a água fria, enquanto Phoebe me observava da margem. A água estava deliciosa, batendo suavemente nas minhas coxas enquanto eu avançava mais no lago. Por fim, mergulhei todo o corpo e comecei a nadar, a água me envolvendo como uma carícia fresca.

Quando me virei e comecei a voltar para a margem, ouvi o ganido de um animal, provavelmente um cachorro grande, parecendo agoniado. Phoebe começou a latir, agitada, correndo de um lado para outro na praia. Saí da água e fiquei parada ouvindo, enquanto o animal continuava a gemer à minha esquerda, na direção da propriedade de Archer Hale.

Imaginei se o terreno dele se estenderia até a prainha. E deduzi que era bem provável. Caminhei até o começo do bosque e, quando afastei alguns arbustos e espiei por entre as árvores, não consegui ver nada além de mais árvores. Mas cerca de 30 metros adiante, vi vários arbustos de amora. Prendi a respiração, animada. Meu pai fazia uma torta de amora maravilhosa. Se ele visse aqueles arbustos... Me adiantei naquela direção, mas quando um galho arranhou minha barriga nua, resmunguei e recuei. Não estava

vestida para colher amoras. Teria que ficar para outro dia.

Voltei para onde estava a minha toalha, me sequei e sentei. Passei várias horas ali, lendo e tomando sol antes de eu e Phoebe voltarmos para casa. Como sempre, parei rapidamente diante do portão de Archer, me perguntando outra vez o que diriam as placas que haviam deixado marcas na cerca.

– Está perseguindo o homem, Bree? – sussurrei para mim mesma.

Quando já começava a pedalar, me afastando, ouvi o mesmo ganido agoniado. Esperava que, fosse o que fosse, Archer estivesse no controle da situação.



Voltei para casa, troquei de roupa e fui de carro até o centro da cidade, à biblioteca pública de Pelion. Passei uma hora lá escolhendo vários livros novos. Infelizmente, havia deixado meu leitor de e-books em Cincinnati, e tive que voltar aos livros impressos. Até então não havia me dado conta do quanto sentia falta do cheiro e da sensação de segurar um livro nas mãos. Além disso, não era preciso fazer downloads, ou ter uma conta. Eu não entrava no Facebook havia uns seis meses e não sentia falta.

Coloquei a pilha de livros no assento do passageiro do meu carro e fui ao mercado fazer as compras da semana.

Passei um bom tempo passeando por todos os corredores, lendo rótulos e enchendo o carrinho. Quando finalmente me dirigi ao caixa, vi pelas janelas grandes do mercado que já começava a anoitecer.

– Oi – sorri para a moça atrás da caixa registradora.

– Oi – respondeu ela, mascando chiclete. – Algum cupom de desconto?

– Ah, não – retruquei, balançando a cabeça. – Nunca consegui fazer isso direito. Sempre que tento, termino com uma dúzia de caixas de algo que nem como e sabão em pó que deixa tufo enormes de...

Parei de falar quando percebi que a garota à minha frente estava registrando minhas compras com uma das mãos e escrevendo uma mensagem de texto no celular com a outra. Não estava ouvindo uma só palavra do que eu estava dizendo. Ok, sem problemas.

– São 62,87 – informou e voltou a mascar o chiclete.

Quando fui pegar o dinheiro na carteira, vi que só tinha 60 dólares. *Merda.*

– Ah, droga – falei, o rosto vermelho de vergonha –, lamento, achei que estava prestando atenção. Só tenho 60 dólares. Preciso devolver alguma coisa.

A moça suspirou pesadamente e revirou os olhos.

– O que quer devolver?

– Hã... – comecei a procurar nas compras que já estavam nas sacolas. – Que tal isso? Não preciso realmente dela.

Entreguei à garota uma esponja nova que havia comprado apenas para repor a antiga que estava no chalé quando cheguei.

– Ela custa só 64 centavos – disse a moça.

Hesitei e alguém atrás de mim na fila grunhiu.

– Ah, bem, hum, vamos ver... – Procurei um pouco mais. – Ah! Que tal isso? Não preciso delas, na verdade.

Entreguei à moça uma embalagem de lâminas para me depilar. Ela estendeu a mão para as lâminas, mas eu as guardei de volta.

– Espere, na verdade, preciso delas, sim. Sabe como é, origem polonesa...

A garota do caixa estava séria.

– Hã... – Enfiei a cabeça de volta nas sacolas, ouvindo mais grunhidos atrás de mim.

– Ah, obrigada. – Ouvi a garota dizer.

Quando levantei os olhos para o rosto dela, percebi uma expressão confusa. Ela fez um movimento para a direita com a cabeça e disse devagar:

– Ele pagou a diferença.

Confusa, me inclinei para a frente, olhando além do rosto mal-humorado de um senhor que estava atrás de mim na fila e vi Archer Hale parado atrás dele, os olhos fixos em mim. Ele estava usando um moletom com o capuz levantado, embora não estivesse nem um pouco frio.

Sorri, inclinando levemente a cabeça. A moça do caixa pigarreou, chamando minha atenção. Peguei a nota fiscal da mão dela e fui para a extremidade do caixa.

– Muito obrigada, Archer – falei.

Ele manteve os olhos fixos em mim. A moça do caixa e o senhor olharam de mim para Archer, com a mesma expressão confusa no rosto.

– Vou pagar a dívida, é claro.

Eu sorri de novo, mas ele não.

Balancei levemente a cabeça, olhando à minha volta e percebendo que agora as pessoas nos caixas à esquerda e à direita nos observavam.

O senhor pagou os poucos artigos que comprara e passou por mim um minuto depois. Então Archer colocou um saco grande de comida de cachorro no balcão.

– Ah – falei –, eu estava no lago hoje e pensei ter ouvido um cachorro ganindo na sua propriedade. Parecia que ele estava sentindo dor.

Archer relanceou o olhar para mim, enquanto entregava algumas notas para a moça do caixa. Olhei ao redor novamente e notei que todos os olhares continuavam fixos em nós. Archer Hale não parecia se dar conta disso.

Bufei e sinalizei para Archer:

Essas pessoas são enxeridas, não?

Um leve curvar dos lábios. Uma piscada. Fim.

Ele pegou as compras e passou por mim. Eu me virei e empurrei o carrinho de compras atrás dele, me sentindo boba e constrangida outra vez. Balancei a cabeça e segui na direção do meu carro. Dei uma última olhada na direção de Archer e vi que ele também estava olhando para mim.

Fiquei boquiaberta quando ele ergueu a mão e sinalizou: *Boa noite, Bree*. Em seguida, virou de costas novamente e, segundos depois, tinha sumido. Encostei no meu carro e sorri como uma boba.

capítulo 9

ARCHER

14 anos

Eu caminhava pelo bosque, evitando os lugares onde sabia que poderia torcer o tornozelo, desviando dos galhos que poderiam me atingir se me aproximasse demais. Conhecia aquele terreno de cor. Não saía dali havia sete anos.

Irena, à direita, vinha me seguindo, acompanhando meu passo, mas explorando tudo que o seu focinho achasse interessante. Eu tinha que estalar os dedos ou bater palmas se precisasse chamá-la para que me alcançasse. Mas Irena era uma cadela idosa e só me obedecia metade do tempo – eu não sabia se era porque já apresentava dificuldade de audição ou simplesmente porque era teimosa.

Encontrei a rede da armadilha que tio Nate me pedira que o ajudasse a instalar dois dias antes e comecei a desmontá-la. Eu gostava do fato de esse tipo de coisa ajudar a aquietar as vozes que tio Nate parecia ouvir em sua cabeça e também gostava que esses projetos me mantivessem ocupado, mas o que não suportava era ouvir animaizinhos sendo pegos por elas no meio da noite. Por isso, percorria a propriedade desarmando o que tínhamos montado apenas alguns dias antes e procurando outras que tio Nate montara sozinho.

Quando já estava terminando, ouvi vozes, risadas e barulho na água. Pousei no chão tudo o que recolhera e que carregava nos

braços e caminhei hesitante na direção dos sons de pessoas brincando no lago.

Assim que cheguei ao limite do bosque, eu a vi. Amber Dalton. Tive a sensação de deixar escapar um gemido mas, é claro, não emiti nenhum som. Ela usava um biquíni preto e nesse momento saía do lago, toda molhada. Senti que estava tendo uma ereção. Ótimo. Isso parecia acontecer o tempo todo agora mas, por algum motivo, quando aconteceu em reação à visão de Amber, eu me senti estranho, envergonhado.

Apesar de me sentir aflito com tudo aquilo, tentara falar a respeito com tio Nate no ano anterior, quando fizera 13 anos. A reação dele fora jogar no meu colo algumas revistas com fotos de mulheres nuas e sair para montar mais armadilhas. As revistas não explicavam muita coisa, mas eu gostava de olhá-las. Provavelmente passava tempo demais olhando-as. E então deslizava a mão para dentro da calça e me tocava até deixar escapar um suspiro de alívio. Não sabia se o que fazia era certo ou errado, mas era bom demais para eu parar.

Estava tão concentrado observando Amber, vendo-a rir e torcer os cabelos molhados, que não vi que *ele* chegava. De repente, uma voz masculina soou alto:

– Olhem para *isso!* Há um tarado no bosque! Por que não diz alguma coisa, tarado? Tem algo a *dizer?* – Então ele murmurou em voz baixa, mas alto o bastante para que eu ouvisse: – Aberração dos infernos.

Travis. Meu primo. A última vez que o vira fora logo depois de perder a voz. Ainda estava de cama na casa de tio Nate, quando Travis e a mãe dele, tia Tori, foram me visitar. Eu sabia que ela estava ali para ver se eu diria alguma coisa sobre o que descobrira naquele dia. Eu não faria isso. Não tinha importância, de qualquer forma.

Travis havia trapaceado quando jogávamos cartas, mas

choramingou para a mãe dizendo que *eu* havia trapaceado. Eu estava cansado e machucado demais, de todas as formas, para me importar. Virara o rosto para a parede e fingira dormir até eles irem embora.

E, agora, lá estava Travis na praia, com Amber Dalton. Senti o rosto quente e vermelho ao ouvir as palavras debochadas dele. Todos os olhos se voltaram para mim. Fiquei parado onde estava, me sentindo exposto e humilhado. Levei a mão à cicatriz, cobrindo-a. Não sabia por quê, mas foi o que fiz. Não queria que a vissem – a prova de que eu era culpado e incapacitado, *feio*.

Amber olhou para o chão, parecendo constrangida também, mas um instante depois ergueu os olhos para Travis e disse:

– Vamos, Trav, não seja *mau*. Ele é deficiente. Não consegue nem *falar*.

Ela quase sussurrou a última frase, como se estivesse contando um segredo.

Alguns olhares se voltaram para mim com pena, desviando ao encontrar o meu, e outros cintilaram, animados e ansiosos para ver o que aconteceria em seguida.

Meu rosto latejava com a humilhação, enquanto todos continuavam a me olhar. Eu parecia estar paralisado. O sangue zumbia em meus ouvidos e eu me sentia tonto.

Por fim, Travis foi até onde Amber estava e a abraçou pela cintura, puxando-a para ele e lhe dando um beijo de língua. Ela pareceu enrijecer, desconfortável, enquanto ele esfregava o rosto no dela, os olhos abertos, fixos em mim.

Foi isso o que finalmente fez meus pés se moverem. Ao dar meia-volta, tropecei em uma pedra que estava atrás de mim e caí esparramado no chão. Pedrinhas sob as agulhas de pinheiros se cravaram nas minhas mãos e um galho arranhou meu rosto. Gargalhadas explodiram atrás de mim e eu me levantei apressado, quase correndo de volta para a segurança da minha casa. Estava

tremendo de vergonha e raiva e algo mais que me parecia uma espécie de tristeza. Embora não soubesse muito bem o motivo da tristeza.

Eu *era* uma aberração. Estava ali, sozinho e isolado, por uma razão. Era eu o culpado de tanta tragédia e tanta dor.

Eu não valia nada.

Saí furiosamente pelo bosque e, quando senti as lágrimas ardendo nos olhos, deixei escapar um grito silencioso, peguei uma pedra e a atirei em Irena, que, desde que as pessoas na praia começaram a zombar de mim, não havia saído do meu lado um só instante.

Irena ganiu e saltou para o lado quando a pedrinha atingiu seu flanco traseiro e então imediatamente voltou para o meu lado.

Por alguma razão, o fato de aquela cadela tola voltar para perto de mim depois de eu ter sido cruel com ela foi o que finalmente fez com que as lágrimas começassem a escorrer sem parar pelo meu rosto. Meu peito arfava enquanto eu enxugava o pranto que descia dos meus olhos.

Desabei no chão e puxei Irena para os meus braços, abraçando-a com força, acariciando seu pelo e dizendo silenciosamente *desculpe, desculpe, desculpe*, sem parar, torcendo para que os cães tivessem o poder de ler mentes. Era tudo que eu tinha a oferecer a Irena. Enfiei a cabeça no pelo dela e torci para que me perdoasse.

Depois de alguns minutos minha respiração começou a se acalmar e as lágrimas secaram. Irena continuou a focinhar o meu rosto, deixando escapar ganidos baixos quando eu parava de acariciá-la.

Ouvi agulhas de pinheiro sendo esmagadas atrás de mim sob o peso dos pés de alguém e soube que era tio Nate. Continuei olhando para a frente quando ele se sentou ao meu lado, encolhendo os joelhos, como os meus estavam.

Por longos minutos, ficamos sentados ali, sem dizer nada, apenas

olhando para a frente, Irena arfando e ocasionalmente ganindo baixinho – os únicos sons entre nós.

Depois de algum tempo, tio Nate estendeu a mão e segurou a minha, apertando-a. A mão dele era grossa, seca, mas estava quente, e eu precisava daquele contato.

– Eles não sabem quem é você, Archer. Não têm ideia. E não merecem saber. Não deixe que a opinião deles o magoe.

Ouvi o que ele disse e fiquei revirando as palavras na mente. Deduzi que meu tio tinha visto a cena da praia. As palavras dele não faziam muito sentido para mim, mas me confortaram mesmo assim. Tio Nate sempre parecia estar no limite de algo profundo, mas não conseguia que ninguém mais, além dele mesmo, compreendesse a profundidade de seus pensamentos. Assenti para ele sem virar a cabeça.

Ficamos sentados por mais algum tempo, então nos levantamos e fomos para casa jantar e fazer um curativo no meu rosto.

As risadas e o barulho na água a distância foram ficando mais fracos, até que por fim desapareceram por completo.

capítulo 10

BREE

Poucos dias depois de Archer Hale acenar para mim no estacionamento do mercado, eu trabalhei no turno da manhã e, quando cheguei em casa à tarde, vi que Anne estava sentada na varanda da casa dela. Fui até lá para cumprimentá-la. Ela sorriu e ofereceu:

– Aceita chá gelado, querida?

Abri a tranca do portão, entrei e subi os degraus até a varanda.

– É uma ótima ideia. Isso se você conseguir suportar meu perfume... *eau* de grelha e gordura de bacon.

Anne riu.

– Acho que consigo aguentar. Como foi seu turno?

Desabei no balanço de vime, me recostando e inclinando o corpo na direção do pequeno ventilador que estava ligado perto de Anne. Suspirei, sentindo-me confortável.

– Ótimo – respondi. – Eu gosto do trabalho.

– Ah, isso é bom – comentou ela, e me entregou um copo de chá gelado que acabara de servir. Dei um gole, agradecida, e me recostei de novo.

– Vi que as meninas Scholls passaram para buscá-la na outra noite e fiquei muito feliz por você já ter feito amigas. Espero que não se importe de ter uma vizinha tão bisbilhoteira. – Ela sorriu com carinho, e eu retribuí o sorriso.

– Não, de forma alguma. E, sim, fui até o outro lado do lago com

elas. Esbarramos com Travis Hale e nos divertimos juntos no The Bitter End.

– Ah, você está conhecendo todos os rapazes Hale – disse Anne.

– Sim, há mais deles? – perguntei.

– Não, apenas Archer e Travis, da geração mais jovem. Imagino que, na verdade, Travis seja a única chance de haver mais uma geração Hale.

– Por que diz isso?

– Ora, não consigo imaginar Archer Hale saindo muito da propriedade dele para namorar, menos ainda para se casar com alguém. Mas a verdade é que não sei quase nada sobre ele, a não ser pelo fato de que não fala – explicou Anne.

– Na verdade, ele fala – disse eu. – Conversei com ele.

Anne pareceu surpresa e inclinou levemente a cabeça.

– Ora, eu não tinha ideia. Nunca o ouvi dizer uma palavra.

Balancei a cabeça.

– Ele usa a linguagem de sinais – falei. – E eu também. Meu pai era surdo.

– Ah, entendo. Bem, nunca havia pensado nisso. Acho que ele se mostra como alguém que não quer ter muito assunto com ninguém, ao menos nas poucas vezes que o vi na cidade.

Anne franziu ligeiramente o cenho.

– Acho que ninguém nunca tentou se comunicar com ele de verdade – comentei, dando de ombros. – Mas não há nada de errado com ele, a não ser, talvez, sua falta de jeito com as pessoas e o fato de não conseguir falar – disse eu, o olhar perdido, lembrando de Archer. – Ah, ele também tem alguns problemas com a moda.

Sorri. Anne sorriu também e falou:

– Sim, Archer realmente tem uma aparência interessante, não é mesmo? É claro que, se o arrumassem um pouco, ele pareceria mais apresentável. O rapaz vem de uma longa linhagem de homens bonitos. Na verdade, todos os rapazes Hale eram tão atraentes que

nem pareciam humanos.

Anne riu como uma garotinha.

Tomei um longo gole de chá e inclinei a cabeça de lado.

– Você não se lembra exatamente o que aconteceu com os outros dois irmãos no dia do acidente de Archer?

Ela balançou a cabeça, negando.

– Não, só lembro do que ouvi na cidade. Não sei o que aconteceu entre eles para causar toda aquela tragédia. Tento me lembrar deles como eram... como toda garota, no raio de 200 quilômetros, babava por eles. É claro que os dois tiravam vantagem disso, até mesmo Connor, que, dos três, era o que se metia em menos confusões. Mas até onde me lembro a única garota pela qual todos eles realmente se interessaram foi Alyssa McRae.

– Todos os *três*? – perguntei, arregalando os olhos. *Aquela* parecia uma história e tanto.

– Hummm – murmurou Anne, o olhar perdido na distância. – Essa história foi uma novela, principalmente a questão entre Connor e Marcus Hale. Aqueles dois rapazes estavam sempre competindo por alguma coisa. Se não era pelos esportes, era pelas garotas. E, quando Alyssa chegou à cidade, passou a haver apenas uma garota por quem competiam. Nathan Hale não fazia questão de esconder que também estava interessado nela, mas os outros dois não prestavam muita atenção nele. Como eu já lhe disse, Nathan sempre foi um pouco diferente.

– E quem ganhou a garota? – sussurrei.

Anne piscou e olhou para mim, sorrindo.

– Marcus Hale. Ela se casou com ele... um casamento na polícia, como chamávamos naquela época. Alyssa estava grávida, mas perdeu o bebê e só engravidou novamente alguns anos depois, de Archer. – Anne balançou a cabeça. – Depois que se casou com Marcus, aquela garota sempre estava com um semblante triste, assim como Connor Hale. Sempre imaginei que os dois achavam que

ela fizera a escolha errada. Do jeito que Marcus Hale bebia e corria atrás de mulheres, mesmo depois de se casar com Alyssa, a cidade toda também soube que ela havia feito a escolha errada.

– Então Connor Hale se tornou chefe de polícia? – perguntei.

– Sim, isso mesmo. E também se casou, tentando seguir com a própria vida, imagino. E teve Travis.

– Uau. E então toda essa história terminou em uma enorme tragédia.

– Sim, sim... foi muito triste. Mas, querida, acho maravilhoso você conseguir se comunicar com Archer. – Anne balançou a cabeça, de leve. – E faz com que eu me dê conta de que não fizemos nada por aquele garoto. – Ela pareceu triste e perdida em pensamentos.

Nós duas ficamos em silêncio por alguns minutos, bebericando o chá, até que eu disse:

– É melhor eu ir tomar banho e trocar de roupa. Vou de bicicleta até o lago novamente.

– Ah, ótimo. Estou tão feliz por você estar usando bastante a bicicleta. Aproveite o máximo que puder no lago. O tempo logo vai mudar.

Sorri e me levantei.

– Eu farei isso. Obrigada, Anne. E obrigada também pela conversa.

– Eu que agradeço, querida. Você traz um sorriso ao rosto desta velha, aqui.

Sorri para Anne outra vez e acenei, enquanto descia os degraus da varanda e saía pelo portão.



Uma hora depois, eu descia a Briar Road de bicicleta, levando na cestinha uma garrafa de água, uma toalha e minha doce e travessa

cachorrinha.

Ao passar pela casa de Archer, freei a bicicleta, arrastando o pé no chão. O portão dele estava entreaberto. Olhei para a fresta e freei por completo. Não vira nenhum caminhão do correio voltando pela estrada. Será que o próprio Archer o deixara aberto? Inclinei a cabeça, avaliando a situação. Levei um dedo aos lábios, pensando. Seria muito grosseiro entrar na propriedade dele sem ser convidada outra vez? Ou ele deixara o portão levemente aberto como um *convite*? Seria ridículo da minha parte considerar essa possibilidade? Provavelmente.

Rodei a bicicleta até a cerca alta e deixei-a encostada ali, então peguei Phoebe e espiei pela fresta do portão, com a intenção apenas de dar uma olhadinha. Archer estava caminhando na direção da casa, mas, quando ouviu o portão ranger, se virou, os olhos fixos em mim, mas não surpresos.

– Oi – falei.

Então, entrei, coloquei Phoebe no chão e passei a falar em sinais:

Estou torcendo de verdade para que o fato de você ter deixado o portão aberto signifique que não se incomoda de eu entrar, ou seja, que eu não invadi a sua propriedade de novo. Isso seria muito constrangedor. Fiz uma careta, levei as mãos ao rosto e prendi a respiração, aguardando uma resposta.

Os olhos profundos e cor de âmbar me observaram por alguns segundos, enquanto eu ruborizava, e então sua expressão se suavizou.

Archer usava uma calça jeans que parecia prestes a se desintegrar, tantos eram os buracos que tinha, uma camiseta justa – *justa demais* – e pés descalços.

Quería lhe mostrar uma coisa, ele disse.

Soltei o ar e não consegui evitar que um sorriso se espalhasse pelo meu rosto. Mas então inclinei a cabeça para o lado, confusa.

Você sabia que eu viria?

Ele assentiu lentamente.

Achei que talvez viesse. Eu vejo as marcas dos pneus da bicicleta.

Voltei a enrubescer.

– Ah – suspirei, deixando os sinais de lado. – Hã...

Você quer ver, ou não?, perguntou ele.

Fiquei encarando-o por um instante, então assenti.

Está certo. Espere, onde está o seu machado?

Ele ergueu uma sobrancelha, examinando-me por alguns segundos.

Está tentando ser engraçada?

Eu ri, encantada com o fato de ele ter mencionado nossa última conversa.

Touché, falei e sorri. *O que quer me mostrar?*

Estão bem ali.

Estão?, perguntei, avançando com ele, descendo a entrada de carros e passando pelas árvores.

Archer assentiu, mas não explicou.

Phoebe viu um pássaro passar voando pelo gramado e saiu correndo atrás dele o mais rápido que suas pernas curtas permitiam.

Chegamos à casa dele e subi alguns degraus até a varanda, cujo espaço era suficiente apenas para abrigar uma cadeira de balanço branca e uma pequena caixa.

Ele afastou a cadeira de balanço e deixei escapar um arquejo.

Ah, meu Deus!, exclamei, prendendo a respiração e avançando alguns passos.

Aquele som que você disse que ouviu alguns dias atrás era Kitty dando à luz.

Sorri e abaixei os olhos para a cachorrinha que dormia, com três minúsculos filhotinhos marrons, agarrados preguiçosamente à barriga dela. Os três obviamente haviam acabado de se alimentar e

estavam embriagados de tanto leite. Mas em seguida franzi as sobrancelhas quando me dei conta do que ele acabara de dizer. Levantei os olhos para Archer.

O nome da sua cadela é Kitty?, perguntei.

Ele afastou um pouco o cabelo do rosto e me encarou.

Longa história. Meu tio me confiou um segredo. Ele me contou que os animais das nossas terras eram espiões que trabalhavam para ele e os batizou de acordo. O nome todo dela é Kitty Storms. Ela foi treinada pela Agência de Inteligência Russa para Assuntos Estrangeiros. E Kitty agora trabalha para mim.

Oh-oh... aquilo não era bom.

Entendo, falei. *E você acredita nisso?* Eu o encarei com uma expressão cautelosa.

Bem, as missões dela se limitam principalmente à perseguição de esquilos e, ao que parece, ele gesticulou para onde a cadela dormia com os filhotes, *encontros escondidos com indivíduos férteis do sexo masculino.* Algo que parecia um ar divertido dançava nos olhos dele.

Deixei o ar escapar com alívio, ri e balancei a cabeça.

Então seu tio era um pouco...

Paranoico, completou Archer. *Mas inofensivo. Ele era um cara legal.*

Pensei ter visto um lampejo de tristeza cruzar o rosto de Archer, antes que ele virasse novamente a cabeça para os filhotes.

Toquei o braço de Archer, ele se sobressaltou e voltou-se para mim.

Soube que seu tio faleceu há alguns anos. Sinto muito.

Ele me olhou, examinando meu rosto. Então assentiu, quase imperceptivelmente, e virou-se para os filhotes mais uma vez.

Examinei o perfil dele por alguns segundos, notando o quanto era bonito, ao menos o que eu conseguia ver. Então me abaixei para olhar os filhotes mais de perto.

Sorri para Archer quando ele se abaixou ao meu lado.

Posso segurar um?, perguntei.

Ele assentiu.

São machos ou fêmeas?

Dois machos e uma fêmea.

Peguei no colo o corpinho quente e macio de um dos filhotes e o aconcheguei em meu peito, ninando o animalzinho adormecido e acariciando com o nariz o pelo macio. O filhotinho choramingou e começou a fuçar meu pescoço, o focinho molhado me fazendo rir.

Voltei-me para Archer, que me observava com atenção, um leve sorriso nos lábios. Era o primeiro que eu conseguia arrancar dele, e fiquei um pouco surpresa. Eu o encarei. Nossos olhos se encontraram e ficaram presos, como no dia em que nos conhecemos. Fiquei confusa quando tudo dentro de mim pareceu acelerar. Continuei a olhá-lo fixamente, roçando o rosto, distraída, na maciez aveludada da barriga gordinha do filhote.

Depois de um minuto, coloquei-o de novo no chão, para poder utilizar as mãos.

Obrigada por me mostrar os cachorrinhos...

Ele estendeu a mão e deteve as minhas, ainda me olhando nos olhos. Dirigi-lhe uma expressão questionadora e baixei os olhos para a mão grande pousada na minha. Archer tinha belas mãos, fortes, mas elegantes ao mesmo tempo. Levantei os olhos para ele outra vez.

Ele ergueu ambas as mãos e disse:

Você pode falar comigo do modo tradicional. Eu consigo ouvi-la, lembra?

Pisquei e, depois de alguns segundos, também levantei as mãos.

Se você não se incomodar, gostaria de falar a sua linguagem.

Abri um sorriso tímido.

Ele me olhou com uma expressão indecifrável antes de se levantar.

Tenho que voltar ao trabalho, ele disse.

Trabalho?, perguntei.

Ele assentiu, mas preferiu não explicar mais nada. Ora, muito bem, então.

Bom, acho que é melhor eu ir embora.

Archer continuou apenas me olhando.

Posso voltar?, perguntei. *Para ver os filhotes?*

Ele franziu o cenho por um segundo, mas assentiu, concordando.

Deixei escapar o ar que estava prendendo.

Ok. Se o seu portão estiver aberto, vou saber que não há problema se eu entrar.

Ele assentiu de novo, tão brevemente dessa vez que mal consegui perceber.

Ficamos nos encarando por mais alguns segundos antes que eu sorrisse, me virasse e seguisse pela entrada de carros em direção ao portão. Chamei Phoebe, que veio correndo dessa vez, e a peguei no colo. No portão, virei-me e Archer ainda estava parado no mesmo lugar, me observando. Acenei rapidamente e fechei o portão ao sair.

capítulo 11

BREE

No dia seguinte, caminhei hesitante pela entrada de carros de Archer, mordendo o lábio. Ouvi um som que parecia pedra batendo em pedra em algum lugar nos fundos da casa. Quando dei a volta na construção, vi Archer, sem camisa, de gatinhas, posicionando pedras no que parecia ser o começo de um pátio lateral.

– Oi – eu disse baixinho, e ele levantou rapidamente a cabeça.

Parecia ligeiramente surpreso, mas... satisfeito? Será? Archer com certeza não era a pessoa mais fácil de interpretar, principalmente porque eu não conseguia ver seu rosto direito debaixo de toda aquela barba e aqueles cabelos que lhe caíam sobre a testa e cobriam seu queixo e maxilar.

Ele me cumprimentou com a cabeça e levantou a mão, indicando uma pedra grande ali ao lado, e voltou ao trabalho.

Eu deixara a lanchonete às duas da tarde e fora para casa, tomara um banho rápido, pegara a bicicleta e seguira para a casa de Archer. Deixara Phoebe com Anne porque não estava certa se outros cães deveriam ficar perto dos filhotes ainda tão pequenos.

Ao chegar ao portão de Archer, não conseguira evitar um sorriso ao ver que estava entreaberto.

Fui até a pedra que ele acabara de indicar, me sentei na borda e fiquei observando-o em silêncio por um minuto.

Ao que parecia, ele era pedreiro nas horas vagas. Provavelmente fora ele que fizera a longa entrada para carros e o pátio na frente da

casa. Archer era cheio de surpresas. Não pude deixar de perceber o modo como os bíceps se flexionavam e contraíam quando ele erguia cada pedra e a colocava no lugar. Não era de estranhar que estivesse tão em forma. Só o que fazia era trabalhar.

– Ok, eu fiz uma lista – falei, olhando para ele e me ajeitando melhor na pedra grande, tentando ficar mais confortável.

Archer levantou os olhos para mim, as sobrancelhas erguidas.

Estava usando a voz para me comunicar, para que ele pudesse continuar a trabalhar sem ter que olhar para mim.

Mas Archer se apoiou nos joelhos, pousou as mãos protegidas por luvas nas coxas musculosas e olhou para mim. Estava usando um short desbotado, joelheiras e botas de trabalho. O peito nu era bronzeado e estava coberto por uma leve camada de suor.

Uma lista?, perguntou ele.

Assenti, deixando a lista sobre o colo. *Nomes. Para os filhotes.*

Archer inclinou a cabeça para o lado. *Ok.*

Muito bem, falei, sintá-se livre para vetar, afinal os cães são seus, mas acho que Ivan Granite, Hawk Stravinski e Oksana Hammer são boas escolhas.

Ele me encarou. Então algo milagroso começou a acontecer com o rosto dele: Archer abriu um sorriso.

Senti a respiração presa na garganta e o olhei, boquiaberta.

Gosta dos nomes?, perguntei por fim.

Sim, gosto, respondeu Archer.

Assenti, um sorriso abrindo-se lentamente em meu rosto. *Bem, ok então.*

Fiquei sentada ali mais um pouco, aproveitando o sol de verão e a presença de Archer, enquanto o observava trabalhar – o corpo forte movendo as pedras, posicionando-as no lugar certo.

Archer me olhou algumas vezes e me lançou um sorriso tímido. Não trocamos muitas palavras depois disso, mas o silêncio entre nós era confortável.

Por fim, me levantei e disse:

– Preciso ir, Archer. Minha vizinha, Anne, tem um compromisso e preciso pegar Phoebe, que ficou com ela.

Archer também se levantou, secou as mãos nas coxas e assentiu.

Obrigado, ele gesticulou.

Sorri, assenti e fui andando em direção ao portão. Voltei pedalando para casa com um sorrisinho feliz no rosto.



Dois dias depois, passei pela casa de Archer em meu caminho de volta da prainha no lago e o portão estava entreaberto de novo. Um arrepio me percorreu a espinha quando desci da bicicleta. Entrei e percorri a entrada de carros, levando Phoebe no colo.

Bati na porta da casa, mas ele não respondeu, por isso segui os sons de latidos de cães que ouvi vindo da direção do lago. Quando entrei no meio das árvores, vi Archer e Kitty um pouco mais à frente na praia. Fui ao seu encontro e, quando ele me viu, me dirigiu outro sorrisinho tímido e disse: *Oi*.

Sorri, estreitando os olhos por causa do sol forte. Coloquei Phoebe no chão e respondi: *Oi*.

Caminhamos ao longo da margem por algum tempo, em um silêncio tranquilo. Quanto mais tempo passávamos juntos, mesmo sem falar, mais confortável eu me sentia com ele. Eu percebia que Archer também se sentia cada vez mais à vontade perto de mim.

Ele pegou uma pedra na praia e a jogou no lago. A pedra saiu quicando várias vezes pela água, mal levantando um respingo da superfície tranquila.

Eu sinalizei:

Me mostre como consegue fazer isso!

Archer observou minhas mãos, então abaixou os olhos para a

areia, procurando uma pedra.

Quando encontrou uma que o satisfizesse, entregou-a a mim.

Quanto mais plana a pedra, melhor, disse ele. *Agora jogue como se fosse um frisbee, de modo que a parte plana toque de leve na superfície da água.*

Assenti e me preparei. Lancei a pedra e observei enquanto ela deslizava pela superfície da água uma vez, então quicava e voltava a acertar a água. Soltei um grito de comemoração e Archer sorriu.

Ele pegou outra pedra pequena e a atirou no lago. A pedra acertou a superfície, quicou... e quicou... e quicou, umas vinte vezes.

– Exibido – resmunguei.

Olhei para o rosto divertido dele.

Você é bom em tudo o que faz, não é?, perguntei, inclinando a cabeça para o lado e estreitando os olhos.

Archer pareceu pensativo por alguns segundos, antes de sinalizar:

Sim.

Eu ri. Ele deu de ombros.

Depois de um minuto, perguntei:

Seu tio o ensinou em casa?

Ele olhou para mim.

Sim.

Ele devia ser inteligente, falei.

Archer pensou por um instante.

Era. Principalmente em relação a matemática e a tudo o que se referia a ciência. A mente dele divagava, mas ele me ensinou o que eu precisava saber.

Assenti, lembrando que Anne me contara que Nathan Hale sempre fora inteligente no colégio.

Antes de vir aqui, perguntei a seu respeito na cidade, confessei, me sentindo um pouco tímida.

Archer olhou para mim e franziu levemente a testa.

Por quê?

Inclinei a cabeça e considerei a pergunta.

Depois da primeira vez que nos encontramos... alguma coisa em você despertou o meu interesse. Mordi o lábio. *Eu quis saber mais a seu respeito.* Minhas bochechas queimavam.

Archer me encarou por um instante, como se estivesse querendo chegar a alguma conclusão. Então pegou outra pedra e arremessou no lago, fazendo-a quicar tantas vezes que meus olhos a perderam de vista antes que parasse.

Balancei a cabeça lentamente.

Se eles soubessem...

Ele virou todo o corpo na minha direção.

Se quem soubesse o quê?

Todos na cidade. Algumas pessoas acham que você não é bom da cabeça, você sabe. Ri baixinho. *É engraçado, na verdade.*

Ele deu de ombros novamente, pegou um graveto e o jogou para Kitty, que vinha na nossa direção pela praia.

Por que deixa que pensem assim?

Ele deu um suspiro e manteve o olhar fixo no lago por algum tempo antes de se virar para mim.

É mais fácil assim.

Eu o examinei, então suspirei também.

Não gosto disso.

As coisas são assim há muito tempo, Bree, está tudo bem. Funciona para todos os envolvidos.

Não entendi exatamente o que ele quis dizer, mas vi que o corpo dele ficou tenso enquanto falávamos da cidade, então recuei, querendo que ele se sentisse confortável comigo outra vez.

Então, o que mais você pode me ensinar?, perguntei, de brincadeira, mudando de assunto.

Ele ergueu uma sobrancelha e olhou bem dentro dos meus olhos.

Senti um frio na barriga.

O que você pode me ensinar?, perguntou ele.

Balancei a cabeça levemente, batendo com a ponta do dedo nos lábios.

Eu provavelmente poderia lhe ensinar uma coisinha ou outra.

É mesmo? O quê?

Os olhos dele cintilaram por um instante, mas então ele os desviou.

Eu engoli em seco.

– Hum – sussurrei, e então continuei na linguagem dos sinais, para que ele tivesse que olhar novamente para mim. *Eu era uma ótima cozinheira.*

Não sabia por que havia mencionado isso. Na verdade, não tinha nenhuma intenção de cozinhar para ninguém ou de ensinar ninguém a cozinhar. Mas, naquele momento, foi a primeira coisa que me veio à mente e eu quis preencher o estranho constrangimento que havia se instalado entre nós.

Você quer me ensinar a cozinhar?

Assenti lentamente com a cabeça.

Quero dizer, se essa não for uma das muitas coisas em que você já é mestre.

Ele sorriu. Ainda não estava acostumada com os sorrisos dele e aquele em especial fez meu coração acelerar mais um pouco. Eram como um presente que ele distribuía de forma parcimoniosa. Eu o recolhi e guardei em algum lugar dentro de mim.

Eu gostaria, disse ele depois de um minuto.

Assenti, sorrindo, e Archer me presenteou com outro sorriso.

Caminhamos pela margem do lago por mais uma hora, recolhendo pedras e jogando-as na água até eu conseguir fazer com que a minha quicasse três vezes.

Quando cheguei em casa mais tarde, percebi que havia muito tempo não tinha um dia tão bom.



No dia seguinte, empacotei alguns sanduíches na lanchonete, fui para casa, tomei um banho, troquei de roupa, coloquei Phoebe na cestinha da bicicleta e pedalei novamente até a casa de Archer. Apesar de ser eu quem ia até a casa dele e de ter tomado a iniciativa para que passássemos algum tempo juntos, eu tinha a sensação de que ele também estava se esforçando, pelo simples fato de permitir que eu o visitasse.

Então, Archer, perguntei, se o seu tio não sabia a linguagem de sinais, como você se comunicava com ele?

Estávamos no gramado, Kitty e os filhotes acomodados perto de nós, sobre uma manta, os corpinhos gorduchos dos filhotes se movendo ao redor, perdidos em sua cegueira temporária, antes que a mãe os trouxesse de volta para perto dela.

Phoebe também estava deitada por perto. Ela demonstrava uma razoável curiosidade em relação aos filhotes, mas não prestava muita atenção neles.

Archer levantou os olhos para mim de onde estava deitado, a cabeça apoiada na mão. Sentou-se lentamente, para que pudesse usar as mãos.

Eu não falava muito. Ele deu de ombros. Escrevia, se fosse alguma coisa importante. Caso contrário, só ouvia.

Fiquei olhando para ele em silêncio por um minuto, desejando poder enxergar melhor a expressão de seu rosto – mas estava escondida sobre todos aqueles pelos.

Como você aprendeu a linguagem de sinais?, perguntei por fim.

Eu ensinei a mim mesmo.

Inclinei a cabeça, dando uma mordida no sanduíche de carne que tinha na mão. Archer havia devorado o dele em cerca de trinta segundos, mas sem esquecer de separar uns pedaços de carne para

Kitty. Abaixei o sanduíche.

Como? Através de um livro?

Sim, ele assentiu.

Você tem um computador?

Archer levantou os olhos para mim, franzindo a testa ligeiramente.

Não.

Tem eletricidade?, indaguei.

Ele me encarou com uma expressão divertida.

Sim, tenho eletricidade, Bree. Todos têm, não é?

Preferi não contar a Archer que ele era visto como o tipo de pessoa que não necessariamente tinha *qualquer* tipo de conveniência moderna. Inclinei a cabeça.

Tem televisão?, perguntei depois de um tempo.

Archer negou, balançando a cabeça.

Não, tenho livros.

Assenti, enquanto examinava o homem à minha frente.

E todos esses projetos que você faz, com as pedras, no jardim... também aprendeu sozinho?

Archer deu de ombros.

Qualquer um pode aprender a fazer qualquer coisa se tiver tempo. Eu tenho tempo.

Assenti novamente, pegando um pedaço de carne da lateral do meu sanduíche e mastigando por um instante antes de perguntar:

Como conseguiu todas as pedras para a entrada de carros e para o pátio?

Algumas eu recolhi ao redor do lago; outras, comprei na cidade, na chácara.

E como conseguiu trazê-las para cá?, perguntei.

Eu as carreguei, respondeu Archer, me olhando como se a pergunta parecesse absurda.

Então você não dirige?, perguntei. *Vai a pé para toda parte?*

Sim, ele disse, dando de ombros. Muito bem, agora chega de perguntas a meu respeito. E você? O que está fazendo em Pelion?

Eu o observei por algum tempo antes de responder, vendo os olhos castanho-dourados de Archer me encarando, à espera do que eu iria dizer.

Estou em uma espécie de viagem de férias... comecei, mas logo me detive. Não, quer saber de uma coisa? Eu fugi, confessei. Meu pai... faleceu e... algumas outras coisas aconteceram, com as quais tive muita dificuldade de lidar, então me apavorei e fugi. Suspirei. Essa é a verdade. Não sei bem por que contei a você, mas é a verdade.

Ele ficou me olhando por tanto tempo que comecei a me sentir desconfortável e exposta, e desviei os olhos. Quando vi as mãos dele se moverem em minha visão periférica, voltei a encará-lo.

Está funcionando?, ele perguntou.

– O que você quer saber se está funcionando? – sussurrei.

Fugir, ele gesticulou. *Está ajudando?*

Olhei para ele.

De um modo geral, não, respondi por fim.

Archer assentiu, me olhando, pensativo, antes de desviar os olhos.

Fiquei feliz por ele não tentar dizer algo encorajador. Às vezes, um silêncio compreensivo era melhor do que um monte de palavras sem sentido.

Olhei ao redor, para o pátio imaculado, para a casinha, compacta, mas em ótimo estado. Tive vontade de perguntar a Archer como ele tinha dinheiro para viver ali, mas achei que não seria educado. Ele provavelmente vivia com o dinheiro de algum seguro que o tio deixara... ou talvez os pais.... Santo Deus! Quantas perdas ele já tivera na vida...

Então, Archer, voltei a falar, levando a conversa em outra direção, *sobre aquela aula de culinária que mencionei... Você está*

livre neste sábado? Na sua casa. Às cinco da tarde? Ergui uma sobrancelha.

Ele deu um sorrisinho.

Não sei, tenho que checar minha agenda, disse Archer.

Grunhi.

Está tentando ser engraçado?

Ele ergueu uma sobrancelha.

Foi melhor dessa vez, concedi.

O sorriso dele ficou mais largo.

Obrigado, venho trabalhando nisso.

Eu ri. Os olhos dele cintilaram e se desviaram para a minha boca. Senti de novo aquele frio na barriga e nós dois desviamos o olhar.

Depois de algum tempo, recolhi minhas coisas, peguei minha cachorrinha, me despedi de Archer e comecei a subir a entrada de carros.

Quando cheguei ao portão, parei e olhei para a casinha atrás de mim. Subitamente me ocorreu que Archer Hale havia ensinado a si mesmo uma linguagem completa, mas não tinha uma única pessoa com quem conversar.

Até me conhecer.



No dia seguinte, eu estava levando um sanduíche de carne assada com uma porção de fritas para Cal Tremblay e um sanduíche de bacon, alface e tomate com salada de batata para Stuart Purcell na mesa três, quando a campainha acima da porta tilintou e eu vi Travis entrar, de uniforme. Ele abriu um grande sorriso para mim e gesticulou para o balcão, perguntando se eu estava servindo ali também. Sorri e assenti, dizendo em voz baixa:

– Já estou indo.

Servi os pratos que estavam nas minhas mãos, voltei a encher os copos de água e retornei para o balcão, onde Travis já estava sentado.

– Oi – cumprimentei, sorrindo. – Como vai? – Levantei o bule de café e ergui as sobrancelhas em uma pergunta silenciosa.

– Por favor – disse ele, aceitando o café. – Andei tentando ligar para você – afirmou Travis. – Está me evitando?

– Evitando... ah, droga! Meus créditos acabaram. Droga. – Levei a mão à testa. – Desculpe, meu telefone é um desses pré-pagos e eu raramente o uso.

Ele ergueu as sobrancelhas, surpreso.

– Você não mantém contato com ninguém da sua família?

Balancei a cabeça.

– Com alguns amigos, mas meu pai faleceu há seis meses e... não, na verdade não há ninguém.

– Meu Deus, sinto muito, Bree – disse Travis, uma expressão preocupada no rosto.

Fiz um gesto com a mão, indicando que ele não precisava se preocupar. Eu me recusava a ficar sentimental no trabalho.

– Está tudo bem. Estou bem. – Eu estava bem na maior parte do tempo, às vezes. Estava até melhor nesses últimos dias.

Travis me observou por um instante.

– Bem, a razão de eu estar ligando para você era para saber se você toparia aquele jantar sobre o qual conversamos.

Encostei o quadril no balcão e sorri para ele.

– Quer dizer que você me rastreou quando não conseguiu me ligar?

Ele sorriu.

– Ora, eu não chamaria isso exatamente de uma operação de rastreamento digna de um espião.

Eu ri, mas as palavras dele me fizeram lembrar de Archer e, por alguma estranha razão, algo semelhante à culpa se agitou em meu

peito. O que era aquilo? Eu não tinha ideia. Nossa amizade estava desabrochando, mas Archer ainda era bastante fechado em muitos aspectos. Acho que eu compreendia seus motivos e ficava com muita raiva que toda a cidade o ignorasse, quando, na verdade, ele era um homem incrivelmente inteligente e gentil que, até onde eu podia dizer, nunca fizera nada de errado a ninguém. Não era justo.

– Alô, Terra chamando Bree – disse Travis, interrompendo meus devaneios.

Eu estivera olhando fixamente pela janela. Balancei a cabeça de leve.

– Desculpe, Travis. Acabei me perdendo em meus pensamentos por um instante. Meu cérebro às vezes é um buraco negro. – Ri baixinho, envergonhada. – De qualquer modo, hã... Claro, podemos sair para jantar.

Ele ergueu as sobrancelhas.

– Nossa, tente não parecer tão animada com isso – ironizou ele.

Eu ri, balançando a cabeça.

– Não, desculpe, é que... é só um jantar, certo?

Travis sorriu.

– Bem, talvez um aperitivo... e quem sabe uma sobremesa...

– Está certo.

– Sexta à noite? – perguntou Travis.

– Sim, está bem. – Levantei o dedo para um casal que acabara de se sentar em uma das mesas. – Tenho que voltar ao trabalho, mas vejo você na sexta? – Anotei meu endereço em uma folha do meu bloco e a entreguei a ele, sorrindo.

– Sim, que tal eu pegá-la às sete?

– Perfeito – falei, com outro sorriso. – Até lá. – Quando dei a volta no balcão para ir até a mesa, pude ver que ele se inclinava para trás no banco para conferir meu traseiro quando passei.

capítulo 12

BREE

Trabalhei cedo na sexta-feira e voltei para casa a fim de me arrumar para o encontro com Travis.

Tomei um longo banho de chuveiro quente e dediquei um tempo extra a arrumar os cabelos e passar a maquiagem, tentando me animar pelo simples fato de ser uma garota prestes a sair para um encontro.

E se ele me beijasse? Senti um frio no estômago de nervosismo. Estranhamente, mais uma vez a imagem de Archer surgiu na minha mente e experimentei a mesma vaga sensação de culpa. Era uma bobagem, afinal Archer era só meu amigo. No entanto, eu achava que talvez houvesse algo sutil entre nós, apesar de não ter a menor ideia do que pudesse ser. Era um território confuso, estranho e desconhecido para mim. Archer tinha um rosto bonito – ao menos o que eu conseguia ver –, mas será que eu me sentia atraída por ele? Parei de aplicar o delineador e franzi o cenho para a minha imagem no espelho. Ele sem dúvida tinha um belo corpo – não, ele tinha um corpo *incrível*, de fazer qualquer uma babar – e eu o admirava constantemente, mas era atração? Como me sentir atraída por alguém tão diferente de qualquer outra pessoa que já me atraía antes? Ainda assim, não podia negar o charme dele. Quando pensava em Archer e lembrava de seu sorriso tímido e do modo como seus olhos constantemente observavam tudo em mim, sentia o meu estômago se contrair. Sim, havia alguma coisa ali – eu só não

sabia exatamente *o quê*.

No caso de Travis, por outro lado, parecia mais fácil me sentir atraída. Ele tinha tudo, incluindo a postura confiante e a aparência que qualquer garota em seu juízo perfeito acharia atraente. Ao que parecia, eu não estava exatamente em meu juízo perfeito. Mas talvez fosse bom me dar um empurrãozinho. Talvez fosse necessário. Já fazia seis meses...

Terminei a maquiagem. Eu não precisava complicar a situação. Era apenas um encontro com um cara bonito e legal.

E eu não precisava ficar tão nervosa. Não era inexperiente... e não era virgem. Tivera três namorados razoavelmente sérios na faculdade e até chegara a pensar que estava apaixonada por um deles. No fim das contas, descobri que o tal namorado estava apaixonado por todas as garotas do meu dormitório – ou, pelo menos, apaixonado pela ideia de levá-las para a cama pelas minhas costas. E a história não terminou bem. Mas a questão era que eu não precisava ficar nervosa por causa de Travis Hale. Era só um encontro, um primeiro encontro. E se eu não quisesse sair com ele outra vez, não sairia. Simples assim.

Travis bateu na porta às sete horas em ponto, lindo, de calça e camisa social. Eu escolhera um vestido preto, transpassado, que valorizava as minhas poucas curvas, e estava com sandálias prateadas de salto alto. Havia deixado os cabelos soltos, cacheando-os ligeiramente. Travis me examinou com ar de aprovação e me entregou o buquê de rosas vermelhas que tinha nas mãos, já em um vaso de vidro.

– Você está linda, Bree.

Levei as flores ao nariz e sorri.

– Obrigada – disse, deixando o vaso na mesa perto da porta e aceitando o braço que ele ofereceu, enquanto caminhávamos até a caminhonete grande, de um prata escuro.

Ele me ajudou a entrar no carro e, a caminho do restaurante,

fomos conversando sobre a minha adaptação a Pelion.

Travis me levou a um lugar chamado Cassell's Grill, do outro lado do lago. Eu já ouvira dizer que aquele era o restaurante mais elegante da região. E parecia ser verdade – o lugar era acolhedor, romântico e tinha uma bela vista da margem pelas enormes janelas.

Quando nos sentamos e comentei como o restaurante era lindo, Travis disse:

– Logo não teremos que atravessar o lago para frequentar lugares como este. Teremos várias escolhas em Pelion.

Levantei os olhos do cardápio.

– Pelo visto, você gosta das mudanças propostas.

Ele assentiu.

– Sim. Não apenas irão modernizar a cidade, mas garantirão mais renda para todos, incluindo a minha família. Acho que, no fim das contas, a maioria das pessoas ficará feliz.

Assenti, refletindo. Pelas conversas que ouvira na lanchonete, a maioria das pessoas na cidade não estava muito animada com a ideia de transformar Pelion em outro destino turístico grande e moderno.

– E mais – continuou Travis –, logo vou tomar posse das terras onde a cidade está construída, por isso já estou trabalhando em alguns projetos com a minha mãe.

Levantei os olhos para ele, surpresa.

– Ah, não sabia disso – exclamei.

Ele assentiu, uma expressão levemente presunçosa no rosto. Então deu um gole na água e comentou:

– As terras em que a cidade foi construída estão na minha família desde que as primeiras pessoas de Pelion construíram suas casas lá. E sempre foram passadas de um primogênito para outro, quando este completa 25 anos. No próximo mês estarei no comando das coisas.

Assenti. Antes de me mudar para Pelion, sequer havia me dado

conta de que pessoas *eram donas* de cidades inteiras.

– Entendo. Ora, isso é ótimo, Travis. E o fato de você ter seguido os passos do seu pai e ter se tornado policial... eu admiro muito isso.

Travis pareceu satisfeito. Jantamos, tomamos vinho e ele manteve a conversa leve e divertida. A noite estava sendo agradável. No meio da refeição, Travis me perguntou o que eu andava fazendo para me divertir na cidade, além de ter saído com Melanie e Liza. Fiz uma pausa e então respondi:

– Na verdade, venho passando algum tempo com Archer.

Ele engasgou com a água que bebia e levou o guardanapo aos lábios.

– Archer? Está brincando, não é?

Balancei a cabeça, franzindo a testa.

– Não. Você sabe que ele usa a linguagem de sinais? – perguntei.

– Ah, não – respondeu Travis. – Archer nem me olhou da última vez que o vi na cidade.

Eu o examinei.

– Hum, ora, ele não é uma pessoa que confia nos outros com facilidade. Mas acho que tem uma boa razão para isso. Talvez você devesse se esforçar um pouco mais.

Travis me encarou sobre a borda da taça de vinho antes de dar um gole.

– Talvez. Ok.

Ele ficou em silêncio por um momento.

– E o que é que vocês dois fazem juntos?

– Bem – respondi –, nós conversamos, na maior parte do tempo. Também sei usar a linguagem de sinais... meu pai era surdo.

Ele pareceu surpreso por um instante.

– Nossa, que coincidência! O que Archer tem a dizer exatamente?

Dei de ombros.

– Conversamos sobre várias coisas. Archer é gentil, inteligente e... interessante. Gosto dele.

Travis franziu o cenho.

– Muito bem, mas, Bree, tenha cuidado com ele, está bem? Archer não é lá muito... estável. Falo por experiência própria. Confie em mim. – Travis levantou os olhos para mim com uma expressão preocupada. – Não quero que ele faça nada que a machuque.

Assenti.

– Não estou preocupada com isso – retruquei em voz baixa.

Não perguntei sobre o pai dele e o de Archer, embora soubesse um pouco sobre a rivalidade entre os dois. Por alguma estranha razão, queria saber dessa história por Archer, não por Travis. Não sabia bem por quê... talvez pelo fato de Archer e eu já termos forjado uma amizade maior do que eu tinha com Travis até então.

De qualquer modo, Travis mudou de assunto depois disso e voltamos para os temas mais leves. No fim, ele pagou a conta, voltamos à caminhonete, ele pegou minha mão e a segurou durante todo o caminho de volta.

Travis me levou até a porta e voltei a sentir um frio na barriga. Quando chegamos à varanda e me virei, ele pegou meu rosto entre as mãos e pressionou os lábios contra os meus. Sua língua forçou caminho em minha boca e me senti congelar brevemente, mas ele insistiu e, depois de um instante, relaxei. Travis beijava bem, as mãos descendo para os meus ombros, em seguida deslizando por minhas costas sem que eu nem percebesse. Só me dei conta dos avanços quando ele segurou meu traseiro e me puxou contra seu corpo. Senti sua ereção através do tecido da calça e interrompi o beijo, nós dois respirando pesadamente quando fitei seus olhos cheios de desejo. Alguma coisa parecia... deslocada. Devia ser eu. Precisava ir devagar. A última vez que um homem me olhara com desejo fora no momento mais traumático da minha vida. Eu precisava mesmo ir muito devagar.

Sorri para Travis.

– Obrigada. A noite foi ótima, de verdade – falei.

Ele retribuiu meu sorriso e beijou minha testa com carinho.

– Ligarei para você. Boa noite, Bree.

Ele se virou e desceu os degraus da varanda. Quando Travis partiu na caminhonete, entrei em casa e fechei a porta.



No dia seguinte, acordei cedo, tive um flashback terrível – ao que parecia, encontros com caras bonitos também não eram a cura para eles – e me arrastei para a cozinha para tomar uma xícara de chá quente.

Quando lembrei que aquele era o dia da minha aula de culinária com Archer, a felicidade esvoaçou levemente em meu peito, ocupando o lugar da sensação de pavor que o flashback deixara. Precisava resolver o que ensinaria a ele. Senti o peito apertado quando pensei em cozinhar outra vez. Será que era uma boa ideia? Na noite da véspera, eu me dera conta de que precisava ir muito devagar no que se referia à intimidade, e o mesmo valia para cozinhar. Eu não ia me lançar no preparo de uma refeição complicada. Ia mostrar a Archer como preparar algo simples. Pronto. Já me sentia bem a respeito. E estava esperando ansiosa as horas que passaria com ele.

Fiquei parada diante da pia, sacudindo o saquinho de chá e dando goles cautelosos no líquido quente enquanto pensava em tudo aquilo, me sentindo melhor. O flashback fora ruim, mas eu sabia que ficaria bem mais uma vez. Até o dia seguinte, quando voltaria a acontecer. Me apoiei pesadamente na bancada, tentando não deixar esse pensamento deprimente tomar conta de mim.

Felizmente foi um dia de trabalho intenso na lanchonete e as

horas pareceram voar. Quando meu turno terminou, fui para casa, tomei banho, vesti um short jeans e uma regata e me sentei à mesa da cozinha para fazer uma lista de ingredientes. Quando terminei, peguei a bolsa, as chaves e calcei os chinelos.

Dez minutos mais tarde, estacionava no mercado no centro da cidade. Sorri para mim mesma quando me encaminhava para a porta da frente, lembrando da última vez que estivera ali e de como me sentira quando Archer se virara e me dera boa-noite. Eu tinha me sentido como uma pessoa que descobre que havia comprado um bilhete premiado. Duas palavras de um rapaz que vivia em silêncio – minha sorte inesperada. Ele havia me deixado *empolgada!*

Dessa vez passei pelo caixa com dinheiro suficiente e logo estava de volta ao meu chalé.

Homens gostam de carne e batata. E Archer morava sozinho. Pensei em ensiná-lo a fazer um bife perfeito, além de batatas gratinadas simples, e uma guarnição de vagem ao forno com parmesão.

Ainda no mercado, quando eu passara pela seção de frutas, havia me lembrado dos arbustos de amoras no bosque perto da praia. Eu não tinha mais nada para fazer até a hora de encontrar Archer, por isso pensei que seria uma boa ideia colher amoras para fazer um bolo. Embalaria tudo o que comprara e iria até o lago por volta das quatro e meia para ter cerca de meia hora para colher a quantidade de que precisava. Era melhor aproveitar para colher frutas silvestres enquanto podia. Além do mais, era um trabalho agradável e mecânico, que resultava em algo maravilhoso. Essa ideia me agradava.

Quando cheguei de volta ao chalé, peguei tudo que já deixara pronto e arrumado em potes plásticos e guardei na minha caixa térmica grande. Teria de acomodar tudo tanto na traseira da bicicleta quanto em cima da cesta, em vez de dentro dela, mas achei que ia dar tudo certo.

Phoebe teria que ficar de fora dessa vez, mas ela sobreviveria. Eu a levaria para uma caminhada mais longa no lago no dia seguinte.

Saí para a tarde quente e levemente úmida e sorri, sentindo-me feliz. Por que estava mais animada para ir ensinar meu estranho e silencioso rapaz a cozinhar do que me sentira ao beijar o cara mais cobiçado da cidade na minha varanda na noite anterior? *Uau*. Fiquei parada ao lado da bicicleta por um instante. *Meu* estranho e silencioso rapaz? Menos, Bree... Apenas suba na sua bicicleta e vá mostrar ao seu amigo como preparar uma refeição decente para si mesmo.

Deixei a bicicleta apoiada numa árvore na entrada da praia, como sempre, e caminhei até o começo do bosque. Afastei com cuidado os galhos e arbustos, espiando com cuidado. Lá estavam eles – vários pés de amora, carregados de frutas maduras, prontas para serem colhidas. Seria uma pena deixar tudo aquilo apodrecer e cair no chão.

Passei lenta e cautelosamente entre os arbustos, evitando os galhos mais pontudos que se projetavam no caminho. Depois que consegui passar pelos maiores na frente, cheguei a uma clareira, onde poderia andar com mais facilidade para colher as frutas.

Fui até um dos pé e arranquei uma fruta madura e macia, jogando-a na boca. Fechei os olhos ao sentir a explosão doce em minha língua e gemi baixinho. Nossa, estava muito boa. Elas dariam uma torta deliciosa.

Eu colhia as amoras com cuidado, colocando-as dentro de uma pequena cesta que levara comigo. Depois de algum tempo, comecei a cantarolar. Estava mais fresco ali, as árvores afastando o calor do sol do fim de tarde, apenas alguns raios atravessando as copas, sua calidez acariciando minha pele quando passava por eles.

Avancei mais no bosque, indo em direção a um arbusto solitário, muito carregado. Estendi a mão na direção dele, um sorriso nos

lábios, quando de repente meu tornozelo torceu e fui agarrada violentamente por trás, meus braços se agitando no ar e minha cabeça bateu no chão antes que meu corpo fosse catapultado para cima, erguido no ar.

Gritei, gritei e gritei, mas ele não me soltava. Ele havia me encontrado – tinha ido atrás de mim. E, dessa vez, ia me matar. Lutei, me debati e gritei, mas isso só serviu para que ele me agarrasse com mais força.

Estava acontecendo de novo. Ah, meu Deus! Ah, meu Deus! Estava acontecendo de novo.

capítulo 13

ARCHER

Assentei as últimas pedras no lugar e me afastei para examinar o trabalho. Fiquei satisfeito com o que vi. O padrão circular acabara se mostrando um desafio, mas no fim tudo se resumira à matemática. Eu projetara tudo no papel primeiro, mapeando o diagrama e o espaçamento antes mesmo de colocar a primeira pedra no lugar. Então usara cordas e estacas para me certificar de que a inclinação ficaria no ângulo correto, para que a chuva fosse levada para longe da casa. Parecia bom. Amanhã pegaria um pouco de areia na margem do lago, colocaria entre as fendas e molharia.

Nesse momento, porém, precisava tomar banho e me arrumar para receber Bree. *Bree*. Senti um calor aquecer meu peito. Ainda não estava cem por cento certo dos motivos dela, mas havia me permitido começar a ter esperança de que era mesmo amizade que ela buscava. Por que comigo, eu não sabia. Tudo começara com a linguagem de sinais e, talvez para ela, isso preencheria algo. Eu tinha vontade de perguntar a Bree por que ela queria passar seu tempo comigo, mas não tinha certeza das regras sociais nesse caso. Eu podia compreender diagramas avançados de alvenaria, mas, no que se referia a outras pessoas, eu me sentia perdido. Era mais fácil fingir que elas simplesmente não existiam.

É claro que já fazia tanto tempo que eu nem me lembrava como havia começado – se fora com a cidade agindo como se eu fosse invisível ou se fora comigo deixando claro que *queria* ser invisível.

De qualquer modo, agora assumira esse modo de ser. Assim como obviamente meu tio Nate fizera.

– É bom assim, Archer – dissera ele, passando a mão pela minha cicatriz. – Não há ninguém nesta terra de Deus que possa torturá-lo para os serviços de inteligência. Mostre sua cicatriz a eles e finja que não entende que eles o deixarão em paz. – E assim eu fizera, mas não fora difícil. Ninguém queria acreditar que pudesse ser diferente. Ninguém se importava.

E, a essa altura, tanto tempo se passara que eu tinha a sensação de que não havia mais como voltar atrás. E estava tudo bem para mim – até ela surgir, serelepe, nas minhas terras. E agora eu estava tendo todo o tipo de ideias malucas e indesejadas. E se fosse vê-la na lanchonete onde ela trabalhava? Só me sentar ao balcão e tomar uma xícara de café como um cliente habitual?

Mas como eu pediria uma xícara de café? Apontaria para as coisas como uma criança de 3 anos enquanto as pessoas riam e balançavam a cabeça com pena do pobre homem mudo? De jeito nenhum. A simples ideia já me enchia de ansiedade.

Estava saindo da chuveiro quando ouvi um grito distante. Dei um pulo e vesti a calça jeans rapidamente, pondo a camiseta enquanto corria para a porta. Sapatos... sapatos... corri os olhos à minha volta e os gritos continuaram. Parecia a voz de Bree. Deixei os sapatos para lá e saí correndo de casa na direção do bosque.

Segui o som dos gritos angustiados através dos arbustos, descendo na direção do lago no limite das minhas terras. Quando a vi, enrolada na rede, se debatendo, agitando os braços, os olhos fechados, gritando e chorando, foi como se o meu coração se rasgasse no peito. Tio Nate e suas malditas armadilhas! Se ele já não estivesse morto, eu o teria matado.

Corri até Bree e coloquei minhas mãos nela, dentro do emaranhado de cordas. Ela se sobressaltou e começou a choramingar, levando as mãos à cabeça e enrolando o corpo como

uma bola, o máximo que conseguia dentro da armadilha. Parecia um animal ferido. Eu queria rugir com a raiva tomando conta de mim diante da minha incapacidade de tranquilizá-la. Não conseguia dizer a ela que era eu. Abri a parte de cima da armadilha. Eu sabia como funcionavam aquelas coisas, afinal, montara várias delas com Nate, sentado nas pedras perto do lago, enquanto ele planejava a segurança de sua fortaleza.

Bree agora tremia violentamente, deixando escapar pequenos gemidos, o corpo tenso sempre que minhas mãos a tocavam. Abaixei-a até o chão e removi as cordas que estavam ao redor de seu corpo. Então a peguei no colo e voltei pelo bosque em direção à minha casa.

No meio do caminho, Bree abriu os olhos e me encarou, lágrimas grossas correndo por seu rosto. Meu coração batia ruidosamente no peito, não pelo esforço de carregá-la colina acima – ela parecia uma pena em meus braços, de tanta adrenalina que corria em minhas veias –, mas por causa do medo e da devastação que vi estampados em seu lindo rosto. Havia um vergão grande e vermelho na testa de Bree, no lugar onde ela provavelmente batera com a cabeça quando a armadilha a levantara. Não era de estranhar que estivesse tão perturbada. Cerrei o maxilar, jurando mais uma vez acertar as contas com Nate quando o encontrasse no além.

Quando Bree levantou a cabeça, pareceu me reconhecer, os olhos arregalados varrendo meu rosto. Mas então ela voltou a franzir o cenho e desatou em soluços, passando os braços pelo meu pescoço e pressionando o rosto contra o meu peito. O choro fazia seu corpo convulsionar. Segurei-a com mais força quando pisei na grama em frente à minha casa.

Abri a porta com o pé, entrei e sentei no sofá, com Bree ainda em meus braços, chorando desesperadamente, as lágrimas encharcando minha camiseta.

Como não sabia bem o que deveria fazer, fiquei ali sentado,

abraçando-a enquanto ela chorava. Depois de algum tempo, percebi que a estava embalando e que meus lábios estavam encostados no topo de sua cabeça. Era o que minha mãe costumava fazer quando eu me machucava ou ficava triste por algum motivo.

Bree chorou por muito, muito tempo, mas por fim os soluços foram se acalmando e a respiração quente em meu peito agora saíam em jatos mais suaves.

– Eu não lutei – disse ela baixinho depois de algum tempo.

Afastei-a só um pouco do meu corpo para que ela pudesse ver meus olhos questionadores.

– Eu não lutei – repetiu, balançando levemente a cabeça. – E também não teria lutado, se ele não houvesse fugido. – Ela fechou os olhos, mas tornou a abri-los segundos depois, me encarando com a expressão desolada.

Levantei-a com cuidado e a deitei no sofá, a cabeça apoiada na almofada, em uma das extremidades. Meus braços estavam doloridos e com câibras por segurá-la na mesma posição por tanto tempo, mas não me importava. Eu a teria segurado pelo resto da noite se achasse que ela precisava disso.

Eu a observava avidamente, ainda tão linda, mesmo em meio à dor, os cabelos longos, castanho-dourados, espalhados em ondas soltas, os olhos verdes cintilando por causa das lágrimas.

Não lutou com quem, Bree?, perguntei.

Com o homem que tentou me estuprar, ela respondeu com sinais, e meu coração vacilou, antes de voltar a bater rápido e irregular no peito. *O homem que matou o meu pai.*

Eu não sabia o que pensar, o que sentir. E com certeza não sabia o que dizer.

Não lutei com ele, repetiu ela. *Nem quando o vi apontando o revólver para o meu pai nem quando ele partiu para cima de mim. Meu pai me disse para me esconder e foi o que fiz. Não lutei*, repetiu Bree mais uma vez, o rosto se enchendo de vergonha. *Talvez eu*

pudesse ter salvado o meu pai, disse ela. Ele o matou e então veio para cima de mim. E ainda assim eu não lutei.

Eu a observava, tentando entender. Por fim, disse:

Você lutou, Bree. Sobreviveu. Lutou pela sua vida e conseguiu. Foi isso que seu pai lhe disse para fazer. Você não teria feito o mesmo por alguém que amasse?

Ela me encarou, piscando, então algo em sua expressão pareceu relaxar e seus olhos vagaram pelo meu rosto. E alguma coisa dentro de mim também pareceu se libertar – embora eu não soubesse exatamente o quê.

As lágrimas de Bree voltaram a rolar, mas a expressão distante de agonia em seus olhos pareceu atenuar-se pelo menos um pouco. Eu a peguei novamente no colo e a segurei contra o meu corpo de novo, enquanto ela chorava baixinho, e mais tranquila dessa vez. Depois de algum tempo, senti que Bree respirava mais profundamente. Ela adormecera. Deitei-a outra vez no sofá, peguei uma manta e a cobri. Então fiquei sentado junto dela por um longo tempo, apenas olhando pela janela, observando o sol baixar no céu. Pensei em como eu e Bree éramos diferentes... e ainda assim tão parecidos. Ela carregava a culpa de não ter lutado quando pensava que deveria e eu carregava a cicatriz do que acontecera quando eu lutara. Tínhamos reagido de formas diferentes em um momento de terror e ambos ainda sofriamos com isso. Talvez não houvesse certo ou errado, branco ou preto, apenas muitos matizes de cinza no que se referia à dor e às responsabilidades que cada um de nós atribuía a si mesmo.

capítulo 14

BREE

Acordei e abri os olhos. Podia sentir que estavam inchados. A sala estava na penumbra, apenas uma única luminária acesa no canto perto de uma das estantes de livros. Eu estava deitada em um sofá de couro bastante usado e havia uma mesa de centro antiga, de madeira, à minha frente. Pelas cortinas abertas, vi que o sol já se pusera completamente.

Afastei para o lado a manta que me cobria. Archer provavelmente a colocara ali. Meu coração se apertou. *Archer*. Ele tomara conta de mim. Me salvara.

Eu me sentei e, apesar dos olhos inchados e do ponto na testa levemente dolorido ao toque, eu me sentia bem, descansada. O que era surpreendente, já que havia me transformado em um animal selvagem quando aquela rede caíra sobre mim. Eu percebera em algum ponto distante da mente o que estava acontecendo quando Archer removia as cordas do meu corpo. Por que havia uma armadilha montada na propriedade, eu não sabia, mas desconfiei que fosse obra do tio dele.

Meu Deus, eu *surtara*. Estava me sentindo envergonhada agora. Mas, de algum modo, também me sentia aliviada... mais leve? Quando percebera que estava sendo carregada e vira os olhos preocupados de Archer, eu me sentira *segura* e, por isso, as lágrimas finalmente haviam caído.

Meus pensamentos foram interrompidos com o som dos passos

de Archer atrás de mim, voltando para a sala.

Virei-me para agradecer, com um sorriso constrangido nos lábios, mas, quando ele entrou em meu campo de visão, eu congelei. Minha Nossa Senhora! Ele prendera os cabelos para trás e fizera a barba.

E estava... *lindo*.

Eu arquejei.

Não, lindo não. Era másculo o bastante para não cair no que, de outra forma, seria uma beleza excessiva. O maxilar não era duro, era levemente anguloso, mas não de um modo exagerado. Os lábios eram mais largos do que cheios, de uma bela cor rosada.

Com os cabelos puxados para trás e sem barba, eu podia ver como os olhos e o nariz dele combinavam perfeitamente com o restante das feições. Por que Archer sempre escondera isso? Eu sabia que havia um rosto bonito por trás de tantos pelos desgrenhados, mas não assim. Nunca imaginara *aquilo*.

Quando eu estava prestes a falar, Archer aproximou-se sob a luz, e foi então que vi a cicatriz na base de seu pescoço – rosada e brilhante, a pele em relevo em certos pontos e plana em outros, destoando drasticamente da beleza das feições dele.

– Archer – sussurrei, encarando-o.

Ele se deteve, mas não disse nada. Ficou ali parado, a insegurança clara em sua expressão e em sua postura, rígida e imóvel. E eu não conseguia fazer nada além de continuar a encará-lo, enfeitiçada por sua beleza. Senti um aperto forte no peito. Ele não tinha a menor ideia.

Venha cá, pedi, indicando o sofá perto de mim.

Eu me virei quando ele deu a volta no sofá e se sentou ao meu lado. Meus olhos se moveram pelo rosto dele.

Por que fez isso?, indaguei.

Archer ficou em silêncio por algum tempo, os olhos baixos, mordendo o lábio inferior antes de levantar as mãos e dizer:

Não sei. Ele ficou pensativo, os olhos presos nos meus, então

continuou: *Quando você estava presa na armadilha, eu não conseguia falar para tranquilizá-la. Você não pode me ouvir... isso eu não posso mudar.* Ele baixou os olhos por um instante, então voltou a me encarar. *Mas quero que me veja.* Uma expressão de vulnerabilidade dominou seu rosto. *Agora você pode me ver.*

Senti um aperto no peito outra vez. Eu compreendia. Aquele era o modo de Archer fazer com que eu me sentisse mais confortável por ter exposto uma parte minha para ele... fazendo o mesmo por mim. Ergui as mãos e disse:

Sim, agora posso vê-lo. Obrigada, Archer.

Tinha a sensação de que poderia ficar olhando-o para sempre. Depois de um instante, respirei fundo e voltei a falar:

E obrigada... pelo que fez mais cedo. Balancei de leve a cabeça. *Estou envergonhada. Você me salvou. Eu estava um trapo.* Levantei os olhos para ele. *Me desculp...*

Archer segurou minhas mãos nas dele para deter minhas palavras. Então foi a sua vez de falar:

Não, sou eu quem deveria pedir desculpas, disse ele, uma expressão muito intensa nos olhos. *Meu tio espalhou armadilhas por toda parte nestas terras. Tentei encontrar todas e desarmá-las, mas aquela escapou.* Ele desviou os olhos. *A culpa foi minha.*

Balancei a cabeça.

Não, Archer. Não foi culpa sua. Voltei a balançar a cabeça. *Não. E, de qualquer forma, por mais que eu lamente ter surtado,* ri, envergonhada, e Archer abriu um sorrisinho, *talvez... eu precisasse disso. Não sei.*

Ele franziu a testa.

Quer conversar sobre isso?

Recostei-me no sofá e suspirei. Eu não havia falado com ninguém sobre aquela noite. Com absolutamente ninguém, a não ser com os investigadores do caso. Nem mesmo com meus melhores amigos. Eles só sabiam que meu pai fora baleado por um ladrão e

que eu fora testemunha. Mas não sabiam do resto, não sabiam de tudo. No entanto, por algum motivo, eu me sentia segura para falar a respeito daquele dia nesse momento. Me sentia segura com Archer. E havia algo de reconfortante no ato de contar aquela história através das minhas mãos.

Estávamos quase fechando naquela noite, comecei. O rapaz que costumava trabalhar no balcão da frente da nossa delicatessen já fora embora e meu pai estava cuidando do livro-caixa. Eu estava nos fundos, assando pão para o dia seguinte. Ouvi o sino da porta tilintar e só demorei um minuto para lavar as mãos e secá-las. Então, fui até a porta da cozinha e vi pela janelinha que um homem estava apontando um revólver para o meu pai.

Lágrimas encheram meus olhos, mas eu prossegui:

Meu pai me viu pelo canto do olho e começou a sinalizar "Esconda-se", sem parar. O homem gritava para que ele lhe desse dinheiro. Mas meu pai não podia ouvi-lo e, por isso, não respondia. Respirei fundo enquanto Archer me observava com aqueles olhos que pareciam não deixar escapar nada, ouvindo com atenção o que eu dizia, seu silêncio me dando a força de que eu precisava para continuar.

Antes que eu sequer tivesse tempo de me dar conta do que estava acontecendo, o revólver disparou.

Fiz uma pausa, revivendo o momento em minha mente. Então, sacudi ligeiramente a cabeça, e voltei ao presente – voltei ao olhar de compaixão de Archer.

Mais tarde eu soube que o tiro acertara o coração do meu pai. Ele morreu na hora. Lágrimas grossas caíam dos meus olhos. Como eu ainda tinha lágrimas? Respirei fundo mais uma vez para me acalmar.

Tentei me esconder na cozinha, mas estava em choque, então tropecei e caí. O homem deve ter me ouvido. Ele veio atrás de mim e... estremei ao lembrar e prossegui, os olhos dele estavam

injetados, as pupilas dilatadas, ele estava tremendo... Era óbvio que estava drogado. Fiz outra pausa, mordendo o lábio. Mas ele olhou para mim de tal modo que eu soube o que ele ia fazer. Eu soube.

Levantei os olhos para Archer, que estava sentado muito quieto, os olhos mergulhados nos meus. Respirei fundo de novo.

Ele me obrigou a tirar a roupa e... começou a contornar meu rosto com o revólver. Então passou aos meus seios. E disse que ia me... estuprar com a arma. Eu estava apavorada. Fechei os olhos por um momento e olhei para o lado, desviando-os de Archer. Senti seus dedos em meu queixo e Archer puxou meu rosto de volta para ele, e havia tanto carinho naquele gesto que deixei escapar um soluço abafado. Era como se ele estivesse me dizendo que eu não precisava me sentir envergonhada, que não precisava desviar os olhos dos dele. Meus olhos fixaram-se nos dele outra vez.

Ele quase me estuprou, mas, antes que conseguisse, ouvimos as sirenes se aproximando. Ele fugiu. Fugiu para a tempestade pela porta dos fundos. Fechei os olhos por um instante e em seguida voltei a abri-los. Agora detesto tempestades – o trovão, os relâmpagos. Eles me levam de volta àquele momento. Respirei fundo mais uma vez, trêmula. Acabara de contar tudo o que acontecera naquela noite e sobrevivera.

Bree, Archer começou a dizer, parecendo não saber como continuar. Mas eu não precisava que ele falasse nada. Meu nome parecia tão adorável dito por aquelas mãos que meu coração ficou mais leve.

Os olhos de Archer percorreram meu rosto antes que ele perguntasse:

Foi por isso que você partiu? Por isso veio para cá?

Balancei a cabeça.

Depois que meu pai foi assassinado, descobri que ele deixara de pagar o seguro de vida. Na verdade, ele se descuidara de várias coisas enquanto eu estava na faculdade. Não fiquei tão surpresa.

Meu pai... era o homem mais bondoso na face da Terra, mas era muito desorganizado. Deixei escapar uma risadinha.

Olhei para Archer e os olhos dele me encorajaram a continuar. Havia algo no modo como ele me olhava – uma compreensão que me acalmava e me dava força.

Quando descobri que teria que vender a delicatessen para pagar as despesas do funeral e as outras contas da loja, eu... acho que fiquei entorpecida. Não demorou muito para que eu recebesse uma oferta pelo negócio, mas estava tão magoada quando fui assinar os documentos de venda que mal conseguia respirar. Balancei de novo a cabeça, porque não queria voltar àquele dia nem mesmo em pensamento. Foi como perder outra parte do meu pai. Ele foi dono daquela delicatessen a minha vida toda – eu praticamente cresci ali.

Archer pegou minha mão por um instante, então soltou-a e disse:

Sinto muito.

Eu já ouvira aquelas palavras antes, mas, olhando para ele naquele momento, soube que elas nunca tiveram tanto peso como quando ditas por Archer.

Prenderam o homem que matou seu pai?

Fiz que não com a cabeça.

A polícia me disse que o homem que matou meu pai provavelmente era um drogado que nem se lembraria do crime no dia seguinte. Fiquei quieta por um minuto, pensando. Alguma coisa sempre me pareceu estranha nessa história... mas era a polícia que entendia disso. Ainda assim, às vezes me pegava olhando por cima do ombro e só me dava conta do que estava fazendo um tempo depois.

Archer assentiu, o cenho franzido. Eu o olhava, encantada, sentindo-me mais calma perto dele, mais leve, como se me livrasse de um peso que só então percebera que carregava. Sorri para ele.

Que jeito de estragar nossa aula de culinária, hein?

Após um instante, Archer também sorriu, os dentes cintilando. Percebi nesse momento que um de seus dentes inferiores era um pouquinho torto e isso me fez amar ainda mais o seu sorriso. Não sabia bem por quê – talvez fosse apenas uma dessas imperfeições que tornam as coisas mais perfeitas. Ele tinha uma marquinha em cada lado do rosto que não eram exatamente covinhas, era apenas a forma como os músculos se moviam quando ele sorria. Fitei essas marquinhas como se fossem dois objetos mágicos que haviam se escondido de mim sob a barba cheia. Olhei fixamente para a boca de Archer por um segundo e, quando nossos olhares enfim voltaram a se encontrar, os olhos dele se arregalaram por um instante antes de se desviarem.

Fui buscar sua bicicleta e as caixas térmicas enquanto você dormia, disse ele. *Coloquei as caixas na geladeira. Acho que as coisas não estragaram.*

Obrigada, falei. *Então vamos remarcar nossa aula de culinária?* Levei a mão à testa e gemi baixinho. *Quero dizer, se você me deixar voltar às suas terras.*

Archer sorriu para mim e não disse nada por um bom tempo. Por fim, ergueu as mãos e falou:

Eu adoraria. E prometo não deixá-la pendurada em uma árvore na próxima vez.

Sorri para ele e falei:

Está certo. Então estamos combinados?

Ele sorriu, a beleza de seu sorriso me tirando o fôlego, e então disse:

Sim, estamos combinados.

Continuei sorrindo para ele como uma boba. Quem diria que eu ia terminar aquele dia rindo? Não a garota que fora pega em uma armadilha no bosque e que surtara na frente de um homem lindo (como acabara se revelando) e silencioso.

Fiquei séria quando reparei no movimento do pescoço dele ao

engolir e meus olhos se moveram para a cicatriz em seu pescoço. Estiquei a mão para tocá-la com cautela e Archer instintivamente recuou, mas então ficou imóvel. Levantei os olhos para olhar para ele e deixei as pontas dos meus dedos roçarem com delicadeza a pele marcada.

– O que aconteceu com você? – sussurrei, a mão ainda no pescoço dele.

Archer tornou a engolir em seco, os olhos percorrendo meu rosto, como se estivesse tentando decidir se ia me responder ou não. Por fim, levantou as mãos e disse:

Levei um tiro quando tinha 7 anos.

Arregalei os olhos, levantei uma das mãos e cobri a boca. Depois de um segundo, abaixei novamente a mão e perguntei com a voz abafada:

– Um tiro? Quem atirou em você, Archer?

Meu tio.

Senti o sangue gelar nas veias.

Seu tio?, perguntei, confusa. *O que morava nestas terras com você?*

Não, meu outro tio. No dia em que perdi meus pais, meu tio atirou em mim.

Eu não... não entendo. Por quê?, perguntei, sabendo que minha expressão deixava claro o horror que sentia. *De propósito? Por que ele iria...*

Archer se levantou e soltou os cabelos, que até então estavam presos, afastados do rosto. Ele foi até uma mesinha que ficava atrás do sofá e pegou um tubo de alguma coisa. Quando voltou ao sofá e se sentou novamente perto de mim, com o tubo no colo, disse:

Vou passar uma pomada antisséptica nos seus arranhões para que não infeccionem.

Percebi que Archer não falaria mais sobre si. Eu queria saber mais, mas achei melhor não pressioná-lo. Sabia melhor que ninguém

que, se não estamos preparados para falar sobre algo, ninguém deveria tentar nos forçar.

Abaixei os olhos para meus braços e minhas pernas. Havia vários arranhões espalhados, uns pequenos e outros maiores. Estavam ardendo um pouco, mas não era nada sério. Acenei para Archer, concordando.

Ele abriu a pomada e começou a esfregar o remédio com o dedo em cada machucado.

Quando Archer se inclinou para a frente, senti o aroma dele de limpeza, de sabonete, um cheiro masculino e totalmente Archer. A mão dele ficou imóvel, seus olhos encontraram os meus e ficamos nos encarando. O tempo pareceu parar e meu coração acelerou antes que Archer desviasse os olhos e pousasse novamente o frasco no colo.

O remédio vai ajudar, disse ele, voltando a se levantar. Nesse momento olhei para os pés dele e arquejei. Havia cortes e arranhões por toda parte, grandes e pequenos, vermelhos e levemente inchados.

Ah, meu Deus! O que aconteceu com os seus pés?, perguntei.

Ele baixou os olhos para os próprios pés, como se acabasse de perceber que estava machucado.

Não consegui encontrar meus sapatos quando a ouvi gritando, disse ele. *Mas isso não é nada.*

Ah, Archer, falei, olhando para baixo. *Sinto muito. Você deveria fazer um curativo neles. Se tiver atadura, posso enrolá-los...*

Não há necessidade. Vou passar um pouco da pomada neles. De manhã estarão melhores.

Suspirei. Com certeza a pomada ajudaria, mas não estariam curados de um dia para outro. Não aqueles ferimentos que pareciam tão doloridos. Os pés de Archer estavam todos cortados. Meu Deus, ele havia corrido por cima de pedras, galhos afiados e do terreno irregular para me salvar.

Levantei-me e perguntei:

Posso usar o banheiro?

Archer assentiu e apontou para uma porta que ficava logo depois do cômodo principal.

Passei por ele e entrei no pequeno banheiro. Tudo era limpo e arrumado ali também – a pia e o espelho brilhavam e havia um suave aroma de limão no ar. Eu com certeza não poderia criticar as habilidades domésticas dele.

Sobre a pia havia uma barra de sabonete de um dos lados e, do outro, todo tipo de produtos para limpeza bucal disponíveis – uma escova de dentes elétrica, fio dental, vários tipos de enxaguantes bucais, palitos e – ergui um frasco – pastilhas de flúor. Muito bem, o homem levava um pouco a sério demais sua saúde bucal. Mas acho que não se podia considerar isso um defeito grave.

Usei o banheiro e voltei para junto de Archer. Abri um sorriso para ele.

Nossa, você leva seus dentes muito a sério, falei em tom de brincadeira.

Ele sorriu também, balançou a cabeça de leve e levou a mão ao pescoço. Os cabelos caíram na frente do rosto dele e senti vontade de afastá-los para poder enxergar melhor seu belo rosto outra vez.

Meu tio não confiava em médicos ou dentistas. Ele dizia que implantariam rastreadores se tivessem acesso aos nossos corpos. Uma vez eu o vi arrancar um dente com um alicate. Archer fez uma careta. Depois disso, a saúde dos meus dentes se tornou uma grande prioridade para mim.

Eu também fiz uma careta.

Ah, meu Deus! Isso é terrível, comentei. Quero dizer, seu tio arrancar o próprio dente. Mas se empenhar em manter a saúde bucal é um bom hábito. Não pude evitar um risinho, e ele sorriu também, parecendo mais relaxado.

Depois de um instante, Archer perguntou:

Está com fome?

Morrendo, falei:

Ele assentiu.

Não tenho uma ampla gama de opções, mas poderia fazer uma sopa.

Parece ótimo, falei. Mas deixe isso comigo. Eu prometi que lhe prepararia uma grande refeição e, em vez disso, tive uma crise de nervos. Foi uma falta de educação. Mordi o lábio e então ri baixinho, dando de ombros, num pedido de desculpas.

Archer me encarou e riu também, o peito se movendo sob a camiseta, mas sem que nenhum som saísse de sua boca. Era a primeira vez que ele deixava escapar algo semelhante a uma risada na minha frente. Fiquei encantada, adorando ver as marquinhas no rosto dele.

Preparamos o jantar na cozinha pequena e, como eu já esperava, muito limpa. Fizemos sopa com frango e macarrão e pãozinho. Quando abri a geladeira, voltei-me para Archer:

Manteiga de amendoim, gelatina, purê de maçã? Quantos anos você tem? Seis?, perguntei, sorrindo para ele.

Mas Archer não retribuiu o sorriso. Ele continuou a me encarar por mais alguns instantes, como se estivesse considerando a minha pergunta.

Em alguns aspectos, sim, Bree. Em outros, não.

O sorriso desapareceu do meu rosto.

Ah, meu Deus, Archer, me desculpe. Foi muita falta de consideração da minha parte... mas ele agarrou minhas mãos e me deteve. Ficamos parados daquele jeito por alguns segundos, os dois apenas olhando para os nossos dedos entrelaçados.

Por fim, ele me soltou e disse:

Mas, como brinde para os meus amigos... tenho canudinhos naquele armário ali. Podemos fazer bolhas no nosso leite com achocolatado. Ele inclinou a cabeça, indicando um armário acima do

meu ombro.

Virei-me devagar, então tornei a olhar para ele. Inclinei a cabeça também.

Está tentando ser engraçado?, perguntei.

Archer sorriu para mim.

Bom trabalho, falei, piscando para ele.

Archer me mostrou onde estavam as panelas e me ocupei aquecendo a sopa. Os equipamentos da cozinha eram antigos, mas Archer tinha as mais lindas bancadas de cimento. Eu vira algo semelhante em um programa de TV, mas não eram nem de longe tão bonitas quanto as que ele fizera. Enquanto a sopa esquentava, passei a mão por elas, encantada com o talento de Archer.

Comemos na pequena mesa da cozinha, depois arrumamos tudo, na maior parte do tempo em um silêncio agradável. Mas eu estava consciente da presença de Archer, do corpo alto e esguio se movendo ao meu redor. Era possível ver cada músculo delineado sob a camiseta, e reparei nos músculos dos braços se destacando enquanto ele lavava e secava a louça que tínhamos usado. Enquanto o observava, eu fingia limpar as bancadas que, na verdade, já estavam muito limpas.

Quando terminou com a louça, Archer se virou para mim, ainda segurando o pano de prato. Ele secou as mãos enquanto nos olhávamos, sentindo uma certa eletricidade no ar. Engoli com certa dificuldade e o vi fazer mesmo, meus olhos se detendo por uma fração de segundos na cicatriz.

Levantei os olhos para ele e disse:

Preciso ir.

Archer abaixou o pano de prato, balançou a cabeça e respondeu:

Não posso permitir que você volte de bicicleta para casa no escuro, e ainda não consigo caminhar toda a distância até lá. Ele olhou para baixo, indicando os machucados nos pés. *Estarei bem pela manhã e a acompanharei até a sua casa.*

Assenti.

– Hum... – murmurei. Então voltei à linguagem de sinais: *Está certo. Posso dormir no sofá.*

Archer balançou a cabeça.

Não, você pode dormir na minha cama. Quando viu que arregalei os olhos, ele empalideceu e fechou os olhos por alguns instantes. *Quero dizer que eu dormirei no sofá e você pode ficar com a cama,* explicou ele. Seu rosto ficou ruborizado e eu poderia jurar que meu coração havia dado uma cambalhota no peito.

– Não posso aceitar – sussurrei.

Sim, você pode, insistiu Archer, passando por mim e saindo da cozinha.

Eu o segui até o quarto que ficava em frente ao banheiro e corri os olhos pelo cômodo pouco mobiliado: apenas uma cama, uma cômoda e uma cadeira em um canto. Não havia enfeites, fotografias, nada.

Lavei os lençóis há dois dias. Eles estão... limpos, disse ele, afastando os olhos dos meus, ruborizando outra vez.

Tudo bem, concordei. Obrigada, Archer. Por tudo.

Ele assentiu, nossos olhares se demorando no do outro. Nossos ombros se tocaram quando ele saía do quarto e senti que Archer se sobressaltou ligeiramente. Ele fechou a porta ao passar.

Olhei mais uma vez ao redor do quarto e percebi que havia, sim, uma pequena foto sobre a cômoda. Fui até lá e a peguei com cuidado. Era de uma linda moça, os cabelos castanhos caindo pelos ombros, rindo para a pessoa atrás da câmera. Parecia despreocupada e feliz. Parecia apaixonada. Percebi por que o sorriso dela me parecia familiar – era o sorriso de Archer. A moça devia ser a mãe dele, Alyssa McRae, pensei. Virei a foto e vi escrito no verso: *“Minha linda Lys, amor eterno, C.” C? De Connor, o tio de Archer. O homem que atirara nele.* Mas o tal Connor era visto como um herói na cidade... as pessoas provavelmente não sabiam que ele havia

atirado no sobrinho.

– Mas como isso é possível? – perguntei baixinho à garota da foto.

Os olhos grandes e castanhos permaneceram sorrindo, sem me dar uma única pista. Coloquei a foto de volta onde estava antes.

Em seguida me despi rapidamente, ficando de calcinha e sutiã e me deitei sob as cobertas na cama de Archer. A cama tinha o cheiro dele: de homem limpo e sabonete.

Fiquei deitada, pensando em Archer na sala, o corpo comprido provavelmente ultrapassando as dimensões do sofá. Inspirei o cheiro dele nos lençóis e o imaginei sem camisa, a luz do luar cintilando sobre o peito nu. Estremeci ligeiramente. Ele estava a poucos metros de mim, do outro lado da parede.

Considerar Archer daquela forma parecia um tanto perigoso – eu não sabia se era uma boa ideia. Pensando bem, percebi que tinha uma química rolando entre nós desde o princípio. Só fora difícil identificar isso porque Archer era diferente dos outros de muitas formas. E eu *ainda* me sentia um pouco confusa. Mas, ao que parecia, meu corpo não estava nada confuso enquanto meus hormônios ateavam fogo nas minhas veias, o calor me invadindo, a mente incapaz de se livrar de imagens de Archer comigo entre aqueles lençóis, os olhos lindos, cor de uísque, carregados de paixão.

Eu me virei, ajeitei o travesseiro, gemi baixinho e fechei os olhos com força, tentando dormir. Depois de algum tempo, embora eu já houvesse dormido várias horas um pouco mais cedo, caí em um sono tranquilo e só acordei quando o sol que nascia, sombreado pelas árvores ao redor da casa, iluminou o quarto.



Sentei-me na cama e me espreguicei, correndo os olhos pelo quarto de Archer sob o sol da manhã. Vesti o short, a blusa e pus a cabeça para fora da porta. Archer não estava à vista, por isso fui direto para o banheiro. Fiz o que precisava fazer, usei o dedo para escovar os dentes e bochechei com um dos enxaguantes bucais dele. Lavei o rosto e me olhei no espelho. Estava bem. Meus olhos ainda se mostravam levemente inchados, mas, fora isso, achei que o surto da véspera não havia me deixado com uma aparência tão terrível naquela manhã. Arrumei os cabelos com as mãos e me apoiei na pia.

Lembrar do meu surto me fez pensar no flashback que eu estava certa de que viria a qualquer instante. Seria melhor se estivesse sozinha, longe das vistas de Archer. Ele provavelmente já me achava meio maluca. Deixar que presenciasse um dos meus episódios de estresse pós-traumático com certeza o convenceria de que eu era completamente louca.

Permaneci encostada à pia por alguns minutos, os olhos fechados, desejando que o pior do flashback acontecesse enquanto eu estava trancada no banheiro. Mas nada aconteceu.

Abri a água e imaginei a chuva caindo ao meu redor, como naquela noite. Mas nada aconteceu.

Tentei abafar a esperança que começava a desabrochar no meu peito – em um passado recente, eu tivera esperança de que os flashbacks houvessem parado, só para em seguida ser atingida por um deles.

Fechei os olhos e pensei na noite anterior, no que Archer me dissera quando eu contara a ele sobre a minha maior vergonha, o fato de que eu não fizera nada quando meu pai fora baleado nem quando eu quase fora estuprada. Ele não me olhara com desprezo... muito pelo contrário, com *compreensão*. O alívio voltou a invadir meu corpo com a lembrança.

E eu tinha chorado mais do que imaginara ser capaz. Chorara um

rio de lágrimas... Pelo meu pai, pela sensação de perda que eu sentia todos os dias por causa da morte do meu melhor amigo, *de mim mesma...* por ter perdido *a mim mesma* em algum lugar ao longo do caminho, por ter fugido...

Abri os olhos, mordendo a unha, a testa franzida. Era disso que eu precisava? Era esse o propósito dos flashbacks o tempo todo? Me forçar a encarar as coisas de que eu estava fugindo? Parecia que sim. Mas isso não era tudo. Talvez eu precisasse me sentir segura e aceitar minha dor antes de me livrar de vez daquela tristeza diária. Eu precisara de alguém que entendesse e que me abraçasse enquanto eu chorava.

Precisara de Archer.

Abri a porta do banheiro e atravessei rapidamente a casa, chamando por ele. Archer não estava ali dentro. Corri para o lado de fora e tornei a chamar. Depois de alguns minutos, ele surgiu, vindo da direção do lago, em meio às árvores, e parou com uma expressão interrogativa nos olhos ao me ver.

Não achei que você fosse acordar tão cedo, disse ele.

Desci correndo o declive e parei bem na frente dele, um sorriso amplo no rosto, a animação transbordando. Fitei o belo rosto de Archer. Ainda não estava acostumada a vê-lo por completo. Ou, pelo menos, a maior parte dele. Archer ainda precisava desesperadamente de um corte de cabelo.

Não tive um flashback esta manhã, falei rapidamente com as mãos.

Ele franziu o cenho e continuou a me encarar, sem compreender.

Balancei a cabeça e dei uma risadinha.

Acho que ainda não estou conseguindo acreditar... Eu sempre tenho um. Todos os dias. Tenho um flashback todos os dias há seis meses, falei, minhas mãos ainda se movendo rapidamente, meus olhos se enchendo de lágrimas.

Archer continuou a me olhar, agora começando a compreender,

um lampejo de compaixão passando por sua expressão.

Tenho que voltar para casa para soltar Phoebe e dar comida a ela, eu disse, secando as lágrimas com a mão. Voltei a encarar Archer, sentindo a alegria invadir todo o meu corpo. Ele me dera um presente incrível, e eu estava eufórica. Queria passar o dia com ele e não me importei com o fato de ser eu a perguntar.

Posso voltar mais tarde?, soltei em um impulso, olhando ansiosa para Archer.

Os olhos dele percorreram meu rosto por alguns instantes, então ele assentiu com a cabeça.

Sorri.

– Ok – suspirei, satisfeita.

Dei um passo à frente e os olhos de Archer se arregalaram, mas ele não se moveu. Passei os braços ao redor dele e o abracei com força. Ele não me envolveu com os braços, mas me deixou abraçá-lo.

Depois de um minuto, me afastei e sorri para ele outra vez.

Eu voltarei.

Ok, disse Archer, com um sorriso surgindo no canto dos lábios.

Então me virei, subi correndo a ladeira arborizada até a casa dele e saí pela entrada de carros. Minha bicicleta estava apoiada na parte de dentro da cerca. Passei com ela pelo portão e comecei a pedalar na direção de casa. De vez em quando, deixava a bicicleta deslizar sozinha ao longo da estrada de terra, com a cabeça levantada para o céu, me sentindo feliz, viva, *livre*.

capítulo 15

BREE

Quando cheguei em casa, deixei Phoebe sair para fazer suas necessidades. Eu me sentia mais leve, mais feliz, como se houvesse me livrado das correntes que me mantinham presa à dor e ao sofrimento pela minha perda nos últimos seis meses. Ali, parada sob o sol quente, esperando Phoebe, senti uma profunda sensação de paz tomar conta de mim. Eu nunca esqueceria o meu pai. Ele estaria comigo em tudo o que eu fizesse pelo resto da vida. Ficar livre das cadeias da dor e da culpa que me prendiam não significava esquecê-lo. Meu pai me amava; ele iria querer que eu fosse feliz. O alívio que invadiu meu corpo quase me fez chorar. Engoli a emoção, chamei Phoebe e voltei para dentro de casa.

Depois de alimentá-la, sentei e tomei uma xícara de chá. Pensei no meu pai o tempo todo que permaneci sentada ali, lembrando os momentos especiais que tínhamos compartilhado, as pequenas manias dele, visualizando seu rosto com absoluta clareza. Pensei no que havia tido, no que algumas pessoas não têm nem por um instante. Eu tivera meu pai por 21 anos. Tinha *sorte* – fora abençoada. Quando me levantei para colocar os pratos na pia, estava sorrindo.

Fui até o banheiro, abri o chuveiro e me despi. Meus machucados pareciam melhores. Ao que parecia, o remédio que Archer aplicara havia funcionado.

Archer... suspirei, sentindo um misto de emoções e sentimentos

invadirem meu corpo. Uma sensação agradável enchia meu peito sempre que eu pensava nele.

Queria saber qual era a história de Archer. Queria saber tudo sobre ele. Mas instintivamente eu sabia que não deveria insistir no assunto do que acontecera no dia em que o tio havia atirado nele. O chefe de polícia, *tio dele*, o baleara. Meu Deus, como alguém conseguia lidar com uma situação assim? E que *diabos* acontecera para provocar aquilo?

Meia hora mais tarde, eu estava novamente vestida com short e camiseta, os cabelos secos e arrumados em um rabo de cavalo.

Quando calçava os chinelos, vi meu celular em cima da cômoda e o apanhei. Havia duas mensagens, ambas de Travis. Coloquei o telefone de volta sobre a cômoda. Eu retornaria as ligações dele, mas não naquele momento.

Peguei Phoebe e me preparei para voltar à casa de Archer. Quando estava prestes a fechar a porta, lembrei de uma coisa e voltei. Alguns minutos depois, saía de bicicleta em direção à Briar Road.



– Oi – cumprimentei Archer com um sorriso quando ele abriu a porta de casa.

Ele havia deixado uma pequena fresta do portão aberta para que eu pudesse entrar. Deixei a bicicleta do lado de dentro e soltei Phoebe, que foi direto procurar Kitty e os filhotes.

Ele sorriu também e abriu mais a porta para que eu entrasse.

Entrei e me virei para ele. Respirei fundo e disse:

Obrigada por me receber de volta, Archer. Mordi o lábio, pensativa. Espero que não se importe... Depois da noite passada não havia nenhum outro lugar no mundo em que eu quisesse estar

hoje mais do que aqui com você. Inclinei a cabeça, observando-o.
Obrigada.

Ele observou minhas mãos enquanto eu falava e, quando finalmente levantou os olhos para encontrar os meus, a expressão em seu rosto era de satisfação. Ele assentiu com a cabeça e sorriu. Eu o examinei.

Archer usava o mesmo jeans desbotado que parecia prestes a se desintegrar a qualquer momento e uma camiseta azul-marinho justa. Ele estava descalço, e, quando baixei a cabeça, vi que seus pés tinham uma aparência melhor, principalmente porque o inchaço cedera. Mas os cortes e arranhões ainda pareciam doer. Fiz uma careta.

Os olhos de Archer seguiram os meus até os próprios pés.

Eles estão bem, Bree.

Eu ainda não estava convencida, mas assenti e falei:

Então, Archer, trouxe uma coisa comigo, mas antes de lhe mostrar, queria dizer que, se não gostar da ideia ou se quiser me dizer não, vou entender completamente.

Ele ergueu uma sobrancelha.

Parece assustador.

Deixei escapar uma risadinha.

Não... é só... bem, deixe eu lhe mostrar.

Fui até a bolsinha que levava e peguei minha tesoura.

Archer ficou olhando para o objeto com uma expressão cautelosa.

Pensei que talvez você quisesse cortar o cabelo, falei, e logo me apressei em acrescentar: mas se não quiser, não tem problema. Não estou dizendo que você precisa de um corte. Eu posso só aparar...

Archer deu um sorrisinho envergonhado e levou a mão à nuca, mas então abaixou-a novamente e ergueu os olhos para mim.

Eu gostaria, sim.

Abri um sorriso.

É mesmo? Então está bem! Quero dizer, não sou a melhor cabeleireira do mundo, mas consigo cortar reto. Aparei o cabelo do meu pai várias vezes, informei a Archer.

Corte quanto quiser, Bree.

Bem, como você quer? Farei o que quiser.

Ele me olhou com uma expressão carinhosa, mas não sorriu. Apenas me encarou, muito sério, hesitando um pouco antes de dizer:

Quero que fique de um jeito que você goste. Faça o que quiser.

Hesitei, porque não queria que ele se sentisse na obrigação de fazer algo que não tinha vontade.

Tem certeza?

Toda, retrucou ele.

Então, foi até a cozinha, pegou uma das cadeiras que estavam diante da mesa e colocou-a no meio do cômodo, onde seria fácil varrer os cabelos cortados.

Fui até o banheiro, peguei uma toalha e o pente que estava em cima da pia, voltei para junto de Archer na cozinha e cobri seus ombros com a toalha.

Comecei a cortar o cabelo concentrada no trabalho de medir e deixar o corte simétrico. Archer me dissera que eu poderia fazer o que quisesse, e eu pretendia cortar curto. Queria ver seu rosto e tinha a impressão de que ele usava os cabelos para escondê-lo. Não era função minha evitar que fizesse isso, mas ele me dera permissão e eu iria fazer o que queria. Os cabelos cresceriam de novo se ele quisesse.

Deixei o pente de lado e usei os dedos para desembaraçar os cabelos escuros e sedosos antes de usar a tesoura. Passar as mãos pelas mechas grossas e levemente onduladas era um gesto muito sensual e íntimo, e minha pulsação estava disparada enquanto eu movia meu corpo ao redor do dele, cortando atrás primeiro e depois na frente. Cada vez que eu passava a mão bem devagar pelo couro

cabeludo dele, Archer estremeceu um pouco. Eu me inclinei mais para perto e trabalhei nos cabelos, sentindo o perfume do xampu que ele usava e seu cheiro de limpeza. Senti o perfume do sabonete, mas logo abaixo dele estava o aroma almiscarado de homem, que fez meu ventre se contrair de desejo.

Enquanto me movimentava na frente de Archer, alisando para trás os cabelos que lhe caíam sobre a testa, olhei para o rosto dele e seus olhos encontraram os meus por um instante, antes que ele os fechasse com força. Era quase como se estivesse com dor, e meu coração se apertou. Alguém já o tocara com carinho desde que a mãe morrera?

Continuei trabalhando e, quando cheguei mais perto para cortar os cabelos acima das orelhas, a respiração de Archer saiu em um arquejo. Voltei a encará-lo. Suas pupilas estavam levemente dilatadas e os lábios entreabertos. Meus mamilos se enrijeceram sob a camiseta e os olhos de Archer se fixaram neles, arregalados. Ele logo desviou o olhar, o rubor voltando-lhe ao rosto, os punhos cerrados sobre as coxas musculosas.

Então me inclinei para continuar o corte, meu peito chegando ainda mais perto do rosto dele. Ouvi a respiração entrecortada ficar mais rápida, os arquejos quebrando o silêncio da cozinha. Olhei para baixo ao me inclinar para trás e vi o membro rígido forçando o tecido da calça.

Fui rapidamente para trás dele, onde aparei um pouco mais os cabelos e tentei manter minha própria respiração sob controle. Meus olhos estavam vidrados e eu torcia para estar fazendo um bom trabalho – era difícil me concentrar, a umidade se acumulando entre minhas coxas. Estava tão excitada que mal conseguia suportar: a proximidade de Archer, a sensação de tocá-lo e a consciência de que eu também o estava afetando. Eu nunca ficara excitada tão rápido antes – e por causa de um corte de cabelo! Mas estava claro que ele se encontrava no mesmo estado que eu.

Quando voltei para a frente dele, vi que Archer tremia ligeiramente.

– Pronto – sussurrei. – Terminei. Ficou muito bom, Archer. – Ajoelhei-me diante dele e engoli em seco ao ver o resultado final.

Pousei a tesoura sobre a bancada atrás de mim e me virei, ainda ajoelhada, levantando o corpo o mais alto que consegui e me aproximando dele, o coração batendo ruidosamente em meus ouvidos e o latejar incessante entre as minhas pernas. Ergui os olhos para Archer, passando rápido pela boca. Os olhos dele também se fixaram nos meus lábios. Meu Deus, minha vontade de beijá-lo era tanta que chegava a doer.

Archer me encarou, e senti que engolia com dificuldade, o pomo de adão se movendo na garganta e a cicatriz se elevando. Continuamos a nos encarar e vi um lampejo de incerteza transpassar seu rosto. Ele cerrou os punhos com mais força sobre as coxas.

Subitamente, Archer afastou a cadeira e se levantou. Chocada, fiz o mesmo.

Você precisa ir embora agora, ele disse.

Ir embora?, perguntei. Por quê? Archer, me desculpe, eu...

Ele sacudiu a cabeça e vi a veia pulsando em seu pescoço.

Não, não é nada, eu só... tenho coisas para fazer. Você precisa ir.

Archer respirava com dificuldade, como se houvesse corrido uns 10 quilômetros. Sempre que eu o observara fazendo um trabalho físico, nunca o vira ofegante. A expressão no olhar dele era de súplica.

– Tudo bem – sussurrei, ruborizando. – Está certo.

Recolhi a tesoura, fui até a sala e a guardei na bolsa. Então me virei para Archer.

Tem certeza? Eu não...

Sim, por favor, pediu ele.

Baixei os olhos e vi o volume de seu membro ainda muito rígido sob a calça. Hesitei mais uma vez. Não sabia o que pensar. Ele

estaria constrangido por estar excitado? Ou estava aborrecido por estar excitado comigo? Eu fora longe demais? Será que ele só queria ser meu amigo e eu entendera tudo errado? A mágoa e a confusão embaralhavam a minha mente.

– Tudo bem – repeti, indo em direção à porta.

Archer segurou meu braço com delicadeza quando passei, me assustando um pouco.

Me desculpe. Gostei muito do corte de cabelo.

Eu o encarei de novo, notando como ele estava lindo, recém-barbeado, com o novo corte de cabelo e o rosto ainda ruborizado, os olhos vidrados, de um castanho-dourado ainda mais cintilante que o normal.

Assenti e passei pela porta. Phoebe estava na varanda. Eu a peguei e saí apressada pelo portão.

capítulo 16

BREE

Pedalei bem devagar no caminho de volta para casa. Quando estava entrando na minha rua, percebi que não me lembrava de nada do trajeto. Era como se eu estivesse imersa em uma bruma, alheia a tudo ao meu redor, concentrada apenas na confusão e na mágoa que me dominavam.

Quando avistei meu chalé, notei que havia uma caminhonete grande parada na frente e alguém de pé na minha varanda. Que diabos...

Cheguei mais perto e vi que era Travis. Desci da bicicleta, encostei-a contra a cerca, peguei Phoebe no colo e fui na direção dele com um sorriso confuso no rosto.

– Olá, estranha – disse ele, vindo ao meu encontro.

Ri baixinho e respondi:

– Desculpe, Travis. Não estou querendo ser uma estranha. Na verdade, vi suas mensagens. É que eu estava ocupada, só isso.

Travis passou a mão pelos cabelos.

– Não estou tentando persegui-la. – Ele deu um sorrisinho envergonhado. – É só que gostei tanto da sua companhia na outra noite... e a cidade está organizando um desfile do departamento de polícia e dos bombeiros em algumas semanas. Depois haverá um jantar em homenagem ao meu pai. É um grande acontecimento para a cidade, e eu meio que esperava que você me acompanhasse.

– Ele sorriu e acrescentou: – É claro que também espero que saia

comigo antes disso, mas queria garantir logo o convite para o jantar. É um evento importante para mim.

Mordi o lábio. Não sabia o que fazer. Então me ocorreu que o pai dele era o homem que atirara em Archer. Uma homenagem a ele? Como eu poderia participar disso? Não queria magoar Travis, gostava dele. Só que gostava ainda mais de Archer. Ah, meu Deus. Era verdade. Eu realmente gostava mais de Archer. Mas ele tinha me expulsado de sua casa, enquanto Travis estava fazendo um grande esforço para passarmos mais tempo juntos, mesmo que fosse para um evento ao qual eu não me sentia confortável em comparecer. Tudo o que eu queria era entrar em casa para poder pensar em tudo aquilo. Queria ficar só.

– Travis, posso pensar? Sinto muito. É que... aquela coisa complicada de que eu falei... Eu só...

Um lampejo de algo semelhante a raiva ou desapontamento perpassou seu rosto antes que ele sorrisse e dissesse:

– Que tal se eu te ligar daqui a uns dias com os detalhes, para que você possa me dizer um sim?

Abri um sorriso e falei:

– Está bem. Me ligue em uns dois dias.

Travis pareceu apaziguado, então inclinou-se para me beijar. Virei um pouco a cabeça para que ele beijasse o meu rosto. Ele tinha a testa franzida ao se empertigar, mas não disse nada.

– Então nos falamos em breve – murmurei.

Ele assentiu, passou por mim e foi em direção à caminhonete. Observei-o de onde eu estava, os ombros largos e o traseiro musculoso preenchendo o jeans com perfeição. Travis era realmente um espetáculo. Por que eu não sentia nada por ele? Suspirei e entrei em casa com Phoebe.

Fui para o quarto, deitei na cama e, sem que me desse conta, adormeci. Quando acordei, o quarto estava escuro. Conferi o relógio. Já passava das dez da noite. Eu dormira durante a tarde toda e boa

parte da noite. Provavelmente porque não tinha dormido bem na cama de Archer... estivera consciente demais da presença dele no cômodo ao lado. Gemi ao pensar em Archer e me perguntei o que ele estaria fazendo naquele momento. Torcia para que eu não tivesse estragado tudo entre nós.

Suspirei, me sentei na cama e Phoebe entrou trotando no quarto.

– Oi, garota – sussurrei. – Você provavelmente precisa ir lá fora, não é?

Fui com ela até a porta da frente e calcei os chinelos, percebendo que precisava jogar no lixo as rosas já murchas que estavam na mesinha da entrada. Quando abri a porta vi que havia algo sobre o tapete da varanda. Confusa, me abaixei para pegar o objeto. Prendi a respiração e logo comecei a rir. Era um “buquê” de barras de chocolate recheado amarradas com um pedaço de barbante.

Virei os chocolates nas mãos, sorrindo feito boba, sentindo a felicidade me preencher. Seria isso um pedido de desculpas? Ou um gesto de amizade? O que exatamente significava aquilo? Gemi. Ah, aquele homem!

Então gargalhei, abraçada às barras de chocolate, ainda parada no mesmo lugar. Que garoto estranho. O doce e silencioso Archer Hale.



No dia seguinte, meu turno na lanchonete era de seis da manhã às duas da tarde, e eu estava quase flutuando quando entrei lá. Era a minha segunda manhã sem flashbacks. Quando fora dormir na noite anterior, tinha ficado um pouco preocupada com a possibilidade de um episódio desagradável. Mas nada havia acontecido. Eu me sentia uma nova pessoa, mais leve, cheia de esperança e livre.

Quando a grande quantidade de fregueses que enchia a lanchonete no café da manhã se dispersou, Norm gritou da cozinha:

– Maggie, preciso fazer um intervalo lá nos fundos. Me chame se alguém entrar.

Ele tirou as luvas plásticas, afastou-se da grelha e foi para o pequeno quarto de descanso atrás da cozinha.

Maggie sacudiu a cabeça.

– Ele está bem? – perguntei.

– O teimoso está doente, mas é claro que não quer contratar outro cozinheiro. É pão-duro e acha que é o único que pode fazer as coisas.

Franzi o cenho, parei de limpar o balcão e me virei para Maggie. Então inclinei a cabeça, pensei um pouco e disse:

– Maggie, se algum dia você precisar de ajuda na cozinha, minha família era dona de uma delicatessen e eu costumava cozinhar lá. Acho que poderia me virar aqui... quero dizer, você sabe, se for necessário.

Maggie me examinou.

– Ora, obrigada, querida. Vou me lembrar disso.

Assenti e voltei a limpar o balcão.

Quando eu já estava terminando, o sininho acima da porta de entrada tilintou e vi uma mulher de 40 e poucos anos entrar na lanchonete. Ela usava um terninho de calça e blazer de manga curta bege que parecia ser de grife e, embora não conhecesse muitas marcas famosas, até eu sabia que o C grande na bolsa significava Chanel.

Os cabelos louros e brilhantes da mulher estavam presos em um coque baixo elaborado, com algumas mechas cuidadosamente soltas emoldurando o rosto. A maquiagem era impecável, embora um pouco pesada demais, decorando um rosto esticado, que obviamente já tinha passado por uma cirurgia plástica.

– Ora, olá, Sra. Hale – disse Maggie, se apressando como se a

rainha da Inglaterra acabasse de entrar pela porta.

– Olá, Maggie – cumprimentou a mulher, mal olhando para ela enquanto caminhava em minha direção, no balcão.

O aroma do perfume caro e forte, misturando lírios e rosas, fez cócegas no meu nariz. Espirrei, levantei o braço para cobrir o nariz e a boca e logo voltei a abaixá-los.

– Me desculpe! – falei.

A mulher me encarou como se eu pudesse ser contagiosa. Meu Deus, um “Saúde” não era pedir muito, era? Nossa, estava sentindo ótimas vibrações vindas dali...

– Esperarei enquanto você lava as mãos.

– Hã... certo. Volto logo para anotar seu pedido.

– Não vou pedir nada – afirmou a mulher.

Assenti e me apressei até os fundos, onde lavei e sequei as mãos e em seguida voltei correndo. Estava indo em direção ao balcão quando me ocorreu perguntar a mim mesma por que diabos estava aceitando ordens daquela pessoa.

– Como posso ajudá-la? – perguntei, mantendo distância do balcão, para não ter outra crise de espirros.

Estava certa de que era alérgica àquela mulher.

– Sou Victoria Hale, certamente você já ouviu falar de mim.

Olhei para ela com uma expressão vazia.

– Não, lamento, mas não ouvi – menti, sentindo um pequeno prazer ao notar o lampejo de raiva na expressão dela. Vaca.

Mas Victoria Hale logo se recuperou.

– Ora, então fico feliz por ter passado aqui para me apresentar. Sou a mãe de Travis. Pelo que sei, vocês estão saindo, certo?

– Hã, eu... – Parei por um instante. Que diabos estava acontecendo ali? – Saí uma vez com ele – comentei, franzindo as sobrancelhas e examinando a mulher insolente.

Não pretendia voltar a sair com Travis, mas aquela mulher não precisava saber disso.

– Sim, foi o que ouvi dizer – disse ela. – Isso não é problema, imagino. Travis escolhe as mulheres que quer... ver. O que não acho bom é o fato de você aparentemente ter se tornado amiga de Archer Hale.

Arregalei os olhos e fiquei boquiaberta. Como diabos ela sabia disso? Cruzei os braços.

– Na verdade – retruquei –, ele é mais do que um amigo.

Levantei o queixo e olhei de cima para ela. Muito bem, aquilo não era bem verdade, ao menos no que dizia respeito a Archer, mas eu queria ver a expressão no rosto da mulher ao ouvir aquilo. O desdém de Victoria Hale por Archer era óbvio, eu só não tinha ideia do motivo. E, naquele momento, o melhor modo que encontrei para defendê-lo foi dizendo a ela que éramos mais do que amigos.

Ela me encarou por um tempo e então riu, fazendo uma onda de raiva percorrer meu corpo.

– Ora, isso me soa familiar... Outra garota segurando os rapazes Hale por suas partes íntimas. – Ela estreitou os olhos. – Aquele garoto tem um lado violento. Alguém já lhe contou a respeito disso?

Fiquei boquiaberta de novo.

– Um lado violento? – Comecei a rir. – Está errada a esse respeito.

Ela acenou com a mão para me silenciar.

– Pergunte a ele, mocinha. Ouvi dizer que você sabe a linguagem de sinais e que está ensinando a Archer. Pergunte a ele como tentou me atacar anos atrás.

A Sra. Hale assentiu, como se concordasse consigo mesma.

Não disse nada, fiquei apenas encarando-a, sem corrigir sua suposição de que eu estava ensinando a linguagem de sinais a Archer.

– Fique longe dele – continuou ela. – Nada de bom pode vir dali. E, para uma garota que conhece a violência muito bem, acho que você deveria ouvir o que estou dizendo. Não há como saber quando

ele vai surtar e fazer alguma coisa para machucá-la. Lembre-se disso. Ele já fez algo parecido antes. Tenha um bom dia.

Com isso, a Sra. Hale se virou e se encaminhou para a porta, dando um pequeno aceno muito ligeiramente para Maggie, que estava sentada à mesa onde descansávamos nos intervalos, tentando não demonstrar que ouvia a conversa.

Eu estava pasma. Aquela mulher havia me investigado? Havia investigado quem eu era e o que havia em meu passado? *Por quê?* Que vaca insuportável!

Quando a porta se fechou, Maggie correu para mim.

– Que diabos foi isso? – perguntou, os olhos arregalados.

Eu ainda estava parada no mesmo lugar, a testa franzida.

– Não faço a menor ideia. Quem essa mulher pensa que é?

Maggie suspirou.

– Tori Hale sempre foi arrogante, desde o dia em que entrou na cidade, e ficou ainda mais arrogante depois que se casou com Connor Hale. Ela é presunçosa e um pouco difícil de lidar, mas o que dizer de uma mulher que é dona da cidade toda, incluindo todos os negócios, e que tem mais dinheiro do que Deus?

– Que ela precisa comprar uma personalidade melhor? – sugeri.

Maggie riu baixinho.

– Não discordo de você, mas... – Ela deu ombros. – Tori Hale costuma ficar do outro lado da cidade, nos vários clubes que frequenta. Não tenho motivo para interagir com ela. É claro que a mulher não está ganhando novos fãs com os planos que tem para a cidade.

Olhei para Maggie.

– As mudanças afetarão você e Norm?

Ela sacudiu a cabeça.

– Ainda não sabemos. Ninguém viu o projeto final. A única coisa que sabemos é que vão construir condomínios na margem do lago.

Virei para a janela por onde vira Victoria Hale desaparecer na

esquina havia poucos instantes.

– Hummm.

– Mas, me diga, que história é essa de você estar se encontrando com Archer Hale? – perguntou Maggie, interrompendo meus pensamentos.

Respirei fundo, olhei para ela e apoiei o quadril no balcão.

– Acho que foi um certo exagero, mas... às vezes vou até a casa de Archer e passamos um tempo juntos. Gosto dele.

– Sempre achei que ele fosse um tanto simplório.

Balancei a cabeça, negando com determinação.

– De jeito nenhum. Archer é inteligente, engraçado e doce. É um cara incrível – falei, ruborizando um pouco e baixando os olhos quando Maggie me encarou com curiosidade.

– Você gosta mesmo dele – comentou ela, parecendo chocada. – Ora, quem teria imaginado?

– Gosto – admiti. – Archer tem muitas qualidades. Aliás, do que Victoria Hale estava falando quando disse que Archer era violento?

Maggie encolheu os ombros.

– Não tenho ideia. Nunca vi nada disso. Como eu disse, sempre achei que o rapaz fosse um simplório. É claro que não me surpreenderia muito. Está nos genes, eu imagino. O pai dele era um bêbado cruel. A pobre mulher tentava cobrir as manchas roxas, mas todos sabíamos...

– Alguém fazia alguma coisa? – perguntei, sentindo um peso no coração ao pensar na mãe de Archer.

Maggie assentiu.

– Connor Hale, irmão dele, estava sempre lá. Pelo que sei, os dois partiram para os socos algumas vezes. – Ela voltou a sacudir a cabeça.

Mordi o lábio, me perguntando mais uma vez o que realmente teria acontecido entre aqueles dois irmãos tantos anos antes.

– É melhor eu ir ver como Norm está – disse Maggie. – Vou me

certificar de que ele não está grasnando lá no quarto de descanso. Isso não seria bom para os negócios.

Ri baixinho e voltei ao trabalho, a mente cheia de perguntas sobre os irmãos, sobre segredos, sobre uma moça que ambos haviam amado... e uma viúva amarga. Como se encaixariam as peças daquele quebra-cabeça? E onde Archer entrava naquilo tudo?

capítulo 17

BREE

Deixei a lanchonete mais tarde naquele dia e percebi que o clima estava nitidamente mais frio – ainda agradável e mais próximo do verão, embora já estivéssemos no começo de setembro, mas achei que havia um toque de outono no ar. As folhas começavam a mudar de cor aos poucos, e vi calças jeans e suéteres no meu futuro próximo. Parei diante do meu carro. Aquilo significava que eu ficaria ali? Estava em Pelion havia menos de um mês, mas já começava a pensar no lugar como meu lar. Precisava refletir em relação a isso, mas por enquanto não tinha nenhuma pressa.

Abri a porta do carro e, de repente, senti um leve toque no ombro. Tomei um susto, respirei fundo e me virei. Um par de olhos castanho-dourados encontrou os meus. Por uma fração de segundos, fiquei confusa, examinando o rosto bonito emoldurado por cabelos curtos e escuros. *Archer*. Deixei o ar escapar, ri e levei a mão ao peito.

Ele sorriu.

Desculpe.

Retribuí o sorriso.

Está tudo bem. Só não o ouvi se aproximar. Franzi a testa. *O que está fazendo aqui?*

Vim por sua causa, disse ele. Então enfiou as mãos nos bolsos e baixou os olhos para os sapatos por um instante, antes de levantar as mãos para voltar a falar em sinais. *Tudo bem para você?*

Archer manteve a cabeça baixa, mas levantou os olhos para mim, estreitando-os levemente. Senti um frio no estômago.

Sim, tudo bem, respondi, sorrindo. *Encontrei o buquê que você me deixou. Adorei!*

Ele assentiu, com um sorrisinho, mas em seguida uma expressão de preocupação dominou seu rosto.

Lamento por ontem, disse ele, passando a mão pelos cabelos curtos. *Preciso explicar, eu...*

Archer, falei, segurando a mão dele para fazer com que parasse com os sinais, *que tal aquela aula de culinária esta noite e então conversamos? Está bem para você?*

Ele me examinou por um instante antes de assentir. Então voltou a enfiar as mãos nos bolsos, olhando ao redor com uma expressão tensa.

Eu sorri.

Muito bem, ótimo. Bom, vou para casa agora, tomar um banho e pegar a bicicleta.

Archer assentiu outra vez, concordando.

Entre, falei, apontando para o carro. *Eu levo você para casa.*

Ele olhou para o carro, parecendo estar diante de um disco voador.

Não. Vou caminhando.

Franzi o cenho.

Fala sério, Archer. Por que caminhar quando posso levá-lo de carro?

Ele começou a recuar.

Vejo você daqui a pouco.

Fiquei olhando até ele se virar e começar a se afastar. Bem, faça como quiser, pensei. Só então percebi que todas as pessoas na rua me encaravam, curiosas, andando devagar, sem nem tentar esconder que estavam bisbilhotando. Meu Deus, cidades pequenas podem ser muito irritantes. Era possível ter alguma privacidade ali?

Entrei no carro e fui para casa.



Quando cheguei ao chalé, tomei um banho rápido, vesti um short de linho amarelo-claro e minha regata branca favorita. Sequei o cabelo depressa e o preendi atrás frouxamente, deixando algumas mechas caídas, emoldurando meu rosto. Eu me demorei um pouco diante do espelho, pois queria estar bonita para Archer, e senti um frio no estômago ao pensar em ir ao encontro dele.

Vinte minutos depois, Phoebe e eu paramos diante do portão aberto de Archer, entramos e eu fechei o portão.

Como sempre, Phoebe saiu em disparada pelo pátio, em busca de Kitty e dos filhotes, que agora seguiam a mãe em suas missões secretas por todo o terreno. Sorri para mim mesma. Acho que gostaria de ter conhecido o tio Nate.

Archer saiu de casa, sorriu para mim e eu retribuí o sorriso, caminhando na direção dele. Ia precisar de um tempo para me acostumar com o novo visual. Minha nossa, ele era lindo. É verdade que as roupas ainda eram um pouco esquisitas para um cara de 20 e poucos anos que... espere, quantos anos Archer *tinha* na verdade?

A poucos metros dele, perguntei com os sinais:

Quantos anos você tem?

Ele pareceu confuso por um instante, então olhou para a distância, como se estivesse calculando. E enfim respondeu:

Tenho 23 anos.

Parei, franzindo o cenho.

Por que pareceu confuso?

Ele sacudiu levemente a cabeça.

Tio Nate não comemorava aniversários, por isso eu às vezes esqueço minha idade. Meu aniversário é no dia 2 de dezembro.

Eu não sabia o que dizer. Ninguém comemorara o aniversário dele em todos aqueles anos? Parecia uma coisa sem importância, mas por alguma razão meu coração ficou apertado de tristeza.

Lamento, Archer, disse quando o alcancei.

Ele deu de ombros como se não ligasse muito.

Vamos entrar?, perguntou.

Assenti.

– A propósito – falei, entrando na casa atrás dele –, você sabe alguma coisa a respeito daquele degrau solto na minha varanda?

Eu tinha percebido que o degrau não estava mais solto quando chegara em casa do trabalho mais cedo. Não havia como George Connick ter sabido a respeito, já que eu não avisara a ele. A última pessoa que subira aqueles degraus fora Archer.

Ele se virou para me olhar e girou o corpo devagar.

Era perigoso, falou. Passei por lá mais cedo hoje e consertei. Levei só alguns minutos.

Suspirei.

– Obrigada. Foi mesmo muito atencioso da sua parte. – Meu Deus, o que era aquele homem? Ele ia me matar com uma overdose de doçura.

Archer apenas assentiu, como se não tivesse feito nada de mais.

Quando entramos, ele pegou a minha mão e me levou até o sofá. Nós nos sentamos e eu olhei para ele, esperançosa. Olhar para aquele homem alto e lindo, com um corpo que muitos homens passavam horas na academia desejando ter, sentado à minha frente com uma expressão tão tímida e insegura era algo difícil para a minha mente compreender, mas fazia meu coração bater mais rápido e o sangue circular mais quente em minhas veias. Ele pareceu ligeiramente desconfortável, mas respirou fundo e sinalizou:

Sobre ontem à noite... eu...

Archer, interrompi, você não precisa explicar. Acho que compreendo...

Não, você não compreende. Foi sua vez de me interromper.

Archer passou a mão sobre os novos cabelos, curtos.

Bree, eu não... ele deixou escapar um suspiro e cerrou levemente o maxilar. *Não tenho experiência com...*

Os olhos de Archer se demoraram nos meus, brilhando muito. Senti aquela intensidade no meio das minhas coxas. Não conseguia evitar – meu corpo reagia a ele a favor ou contra a minha vontade.

Posso lhe perguntar uma coisa?, disse Archer, o rosto novamente ruborizado. Minha nossa, eu o achava tão bonito.

Qualquer coisa, respondi.

Você... queria que eu a beijasse, ontem? Queria que eu a tocasse?

Os lábios de Archer se abriram um pouco e ele ficou me observando, esperando a minha resposta como se sua vida dependesse disso.

Sim, respondi sem hesitar.

Eu fizera joguinhos com outros caras no passado. Joguinhos de paquera, nos quais me fazia de difícil, mas com Archer não pensei duas vezes. A total honestidade era o que eu sempre daria a ele. Nunca magoaria de propósito aquele homem lindo, sensível e sofrido que já fora tão magoado.

Ele deixou o ar escapar com força dos pulmões.

Eu queria beijar você, tocá-la. Só não sabia... se você queria a mesma coisa...

Sorri e o encarei com os olhos semicerrados.

Archer, falei, pegando a mão dele e pousando-a sobre o meu coração, que batia freneticamente.

– Está sentindo? – sussurrei usando a voz, já que minhas mãos estavam segurando a mão dele. – É isso que você faz comigo. Meu coração está disparado assim porque quero tanto que você me beije que mal consigo respirar.

Ele arregalou os olhos, as pupilas tão dilatadas que as íris

castanho-douradas pareciam castanho-escuras. Algo quase palpável se passou entre nós. Archer desviou o olhar para a minha boca e voltou para os meus olhos. Não me mexi, sabendo instintivamente que era importante para ele assumir o controle naquele momento. Fiquei sentada, imóvel, os olhos também fixos na sua boca. Archer umedeceu os lábios e só aquilo bastou para que uma descarga elétrica parecesse me atingir entre as pernas. Apertei-as uma contra a outra devagar, tentando aliviar a aflição que crescia ali.

Me beije, me beije, entoei mentalmente, a tensão aumentando de tal modo que quando Archer enfim começou a abaixar a cabeça na direção da minha, quase deixei escapar um gemido de alívio.

Ele se aproximou de mim, os lábios entreabertos, uma expressão no rosto que era uma mistura de incerteza e desejo flagrante. Eu jamais esqueceria aquele olhar – enquanto vivesse, jamais esqueceria a beleza da expressão no rosto de Archer. Na próxima vez, não seria a mesma coisa. Uma vez que ele me beijasse – seu primeiro beijo, isso eu sabia –, nunca mais seria da mesma forma. Sorvi aquela imagem e memorizei-a, fiz com que se tornasse parte de mim.

Então os lábios de Archer alcançaram os meus e gemi, um som ofegante que saiu de forma espontânea de minha garganta. Seus olhos se abriram e por um instante ele se deteve, as íris tornando-se ainda mais escuras, antes de ele pressionar os lábios com firmeza contra os meus, tornando a fechar os olhos. Fiz o mesmo e mergulhei na sensação dos lábios macios experimentando o sabor dos meus, roçando-os levemente e logo voltando a pressioná-los. Depois de alguns segundos, Archer aproximou o corpo do meu e passou a língua pela linha em que meus lábios se encontravam. Abri os lábios no mesmo instante, convidando-o sem reservas. A língua de Archer entrou na minha boca, hesitante, e usei minha própria língua para brincar com a dele. Archer pressionou o corpo com mais força contra o meu e um suspiro escapou de sua boca na minha,

como se ele estivesse soprando vida em mim. E talvez estivesse. Talvez viesse fazendo isso o tempo todo.

Archer me deitou delicadamente no sofá, a boca sempre colada à minha, e se debruçou sobre mim, inclinando a cabeça. O beijo se tornou mais profundo e a língua dele continuou a investigar minha boca, encontrando minha língua em uma dança lenta e erótica.

E nada nunca pareceu tão certo.

O alívio delirante que desabrochou em meu coração ao me dar conta do quanto eu desejava o homem que estava em cima de mim, me beijando, quase me fez chorar de felicidade.

Depois de vários minutos, ele se afastou, ofegante, olhando nos meus olhos. Eu o encarei e sorri, mas em vez de sorrir também, ele pressionou os lábios novamente contra os meus, ergueu as mãos e passou os dedos pelos meus cabelos, agarrando algumas mechas com delicadeza. A sensação foi tão boa que gemi mais uma vez e pressionei os quadris contra o corpo rígido de Archer. Senti a ereção dele, firme e volumosa, e ajeitei o corpo até que ela estivesse pressionada onde eu precisava, o calor atravessando o tecido da calça jeans e do meu short fino. Ele deixou o ar escapar com força dentro da minha boca outra vez e eu me deleitei com aquilo, pois sabia que era um gemido sem som.

Archer abaixou mais o corpo, pressionando a ereção contra mim, e afastou a boca da minha para me dirigir um olhar interrogativo, querendo se certificar de que eu concordava com o que ele estava fazendo. Sua gentileza e preocupação com o que eu desejava fizeram meu coração se apertar no peito e eu sorri brevemente.

– Sim – disse, ofegante. – Sim.

Ele voltou a me beijar e agora passou a mexer também os quadris, a ereção sobre o meu clitóris, em movimentos circulares deliciosos. Perguntei-me se ele sabia que os movimentos que estavam lhe dando prazer também eram prazerosos para mim. Arquejei e pressionei os quadris contra os dele para demonstrar que

estava adorando aquilo. Archer ajustou os movimentos de acordo com as minhas reações, e o fato de estar tão sintonizado com o meu prazer fez com que outra onda de desejo me atingisse com força. Meu clitóris estava latejando, intumescido, o sangue pulsando furiosamente ali. Pensei, um pouco zonha, no quanto aquela dança entre um homem e uma mulher era puro instinto, uma comunicação silenciosa.

Enquanto ele se movia em cima de mim, meus mamilos rígidos roçavam em seu peito, provocando-lhe mais fagulhas elétricas.

Outro arquejo saiu da boca de Archer e, ao senti-lo, meu corpo se retesou deliciosamente. Eu estremeci de prazer, afastei a boca da dele e gritei alto, arqueando o peito.

Senti Archer estremecer também e então ficar imóvel em cima de mim, a respiração entrecortada. Quando abri os olhos, ele me fitava com uma expressão de surpresa e puro encantamento. Archer se sentou, ainda me olhando e falou:

Isso deveria ter acontecido? Quero dizer, só por nos beijarmos?

Eu ri e fiz que sim com a cabeça, erguendo as mãos também.

Sim, falei, quero dizer, sim, às vezes acontece.

Eu me inclinei e o beijei suavemente na boca. Quando tornei a me deitar, Archer abriu um enorme sorriso. Ah, meu Deus. Meu coração não aguentava aqueles sorrisos... eles eram lindos demais, irresistíveis demais.

Ri ao ver a expressão levemente presunçosa no rosto dele. Não ia contar a Archer que gozar nas calças não era algo muito digno de orgulho, porque a verdade era que eu achava que nunca havia sentido metade da excitação que me dominara enquanto estava deitada naquele sofá com ele, minutos antes. Portanto, ele podia, sim, se sentir presunçoso por enquanto. Ri mais uma vez e tornei a beijá-lo de leve. Então me recostei e disse:

Não vou lhe dar aquela aula de culinária agora. Vou cozinhar para você. Quero cuidar de você esta noite. Pode ser?

Archer me observou e vi algo cáldo e gentil surgir em seus lindos olhos. E ele assentiu simplesmente, concordando.



Enquanto Archer se lavava, tomei conta de sua pequena cozinha e comecei a preparar uma refeição para ele. Era a primeira vez que eu cozinhava em quase um ano, mas só sentia felicidade e satisfação enquanto picava, misturava e preparava, cantarolando. Archer chegou e colocou batatas chips em uma tigela. Pegou uma pasta de cebola na geladeira e pousou tudo sobre o balcão.

Tira-gosto, disse ele, sorrindo.

Que elegante! Afastei algumas batatas para o lado até encontrar uma que houvesse se dobrado durante o processo de fritura. Aquelas eram as minhas favoritas. Eram um pouco mais crocantes e perfeitas para serem usadas como uma colherzinha para a pasta. Coloquei a batata na boca, sorri para Archer e voltei ao trabalho.

Não conversamos muito enquanto eu cozinhava, minhas mãos estavam ocupadas, mas Archer parecia contente em ficar me observando, o quadril estreito apoiado na bancada. Relanceei os olhos para ele algumas vezes, parado ali, com os braços cruzados e um sorrisinho feliz no rosto.

Archer me puxou para ele várias vezes e me beijou intensamente, parecendo surpreso mais uma vez que eu não o detivesse. Então eu sorria, pegava outra batata dobrada e colocava na boca.

Quando o jantar estava pronto, arrumei a mesinha da cozinha, nos sentamos e servi a comida. Archer segurou minha mão e disse:

Obrigado por isso, parecendo quase um garotinho que não soubesse expressar exatamente o que queria dizer. *Obrigado*, repetiu. Mas eu compreendi o que significava aquele simples

obrigado. Havia muito tempo que ninguém tomava conta dele.

Archer deu uma garfada, recostou-se e seu rosto assumiu a mesma expressão sonhadora após nosso primeiro beijo.

Está gostoso?

Ele assentiu com a cabeça, ainda mastigando.

Você estava certa. É mesmo uma ótima cozinheira.

Obrigada. Costumava cozinhar na nossa delicatessen. Eu e meu pai inventávamos todas as receitas. Cozinhávamos e assávamos pães e bolos juntos.

Deixei meus olhos se perderem em um ponto atrás de Archer, lembrando de meu pai passando farinha no meu rosto e fingindo que aquilo fora acidente. Dei um sorrisinho – a lembrança trazia um calor ao meu peito, e não a dor que provocara nos últimos seis meses sempre que lembrava do meu pai.

Você está bem?, perguntou Archer, parecendo preocupado. Sorri, peguei a mão de Archer e apertei-a ligeiramente.

Sim, estou bem.

De repente, vi a chuva começar a cair bem devagar do lado de fora da janela da cozinha e franzi o cenho. Olhei novamente para Archer quando vi suas mãos se movendo em minha visão periférica.

Não deve haver tempestade esta noite, disse ele, obviamente lendo a minha mente.

Deixei o ar escapar lentamente e sorri, relaxando os ombros.

Archer me observou, segurou minha mão e a apertou.

Levantei, fui até a porta da frente e chamei Phoebe, que já estava na varanda. Trouxe-a para dentro e ela se acomodou no tapete da sala de estar.

Eu me sentei outra vez à mesa e voltei a comer com Archer, ambos em silêncio por alguns minutos.

Quando acabamos, Archer me ajudou a lavar a louça e a arrumar a cozinha. Enquanto eu secava uma travessa que ele acabara de lavar, falei:

– Archer, aconteceu uma coisa na lanchonete hoje e eu queria saber sua opinião.

Ele me olhou, a mão na água com sabão e assentiu.

Guardei a travessa seca no armário e prossegui em sinais:

Uma mulher foi até lá hoje... Fiz uma pausa, pensando em como organizaria as palavras. *Ela não me ameaçou exatamente – foi mais como um aviso, eu acho. Mas me disse para ficar longe de você.*

Archer observava minhas mãos com um olhar intenso e, nesse momento, seus olhos se desviaram rapidamente para o meu rosto, a testa franzida. Ele inclinou a cabeça para o lado, mas parecia cauteloso, quase como se soubesse o que eu estava prestes a dizer.

Victoria Hale?, falei e, no mesmo instante, o maxilar de Archer se retesou e ele virou a cabeça, abaixando os olhos para a pia cheia de água e detergente. Archer ficou quieto por vários segundos antes de tirar a panela que estava lavando da água e jogá-la no lado vazio da pia, provocando um barulho súbito que me assustou.

Ele levou as mãos aos cabelos, alisou-os para trás e permaneceu quieto, o músculo no maxilar pulsando sem parar.

Toquei o braço dele com delicadeza, mas Archer não olhou para mim, embora eu sentisse seu corpo relaxar um pouco.

Retirei a mão e fiquei quieta por um tempo, notando o corpo tenso dele, a expressão preocupada, pensando que nunca tinha visto Archer Hale furioso. Eu o vira cauteloso, tímido, inseguro, mas nunca furioso. Não sabia muito bem o que fazer.

Ele respirou fundo, mas não disse nada, olhando além de mim, os pensamentos parecendo subitamente muito distantes.

Vai me contar sobre ela, Archer?

Os olhos dele voltaram a me encarar, mais suaves agora. Ele respirou fundo outra vez e assentiu, concordando. Secamos as mãos, deixamos o resto da louça na pia e fomos para a sala. Sentei perto dele no sofá e esperei que falasse.

Depois de um instante, Archer me olhou e disse:

Quando meu tio estava morrendo, sua mente parecia... clarear às vezes.

Ele ficou em silêncio, perdido em pensamentos por mais alguns segundos, o olhar distante, mas logo voltou ao presente e me encarou outra vez.

Era quase como se o câncer houvesse devorado uma parte daquilo que o fazia ser tão... diferente mentalmente. Ele tinha momentos de normalidade que eu nunca vira antes, ou pelo menos não por períodos tão longos. Às vezes, durante esses momentos, meu tio me confessava algumas coisas – sobre os mais diversos assuntos. Coisas que ele fizera na vida, o quanto amara minha mãe...

Um lampejo de dor passou pelo rosto de Archer.

Um dia, entrei no quarto dele e o peguei chorando. Ele me puxou para perto e ficou repetindo o quanto se arrependia. Quando perguntei o motivo, tio Nate disse que quando eu estava no hospital, logo depois de ser baleado, Archer levou a mão à cicatriz, inconscientemente, acariciando-a devagar, e voltou a baixá-la, os médicos disseram a ele que minha laringe talvez pudesse ser reparada e eu pudesse recuperar a voz, mas que havia pouco tempo para isso.

Ele fez outra pausa, o maxilar cerrado, uma expressão amarga no rosto.

Então tio Nate me contou que falara com Victoria sobre a cirurgia já marcada, e ela começou a plantar na mente dele a ideia de que seria melhor se eu não pudesse falar. Assim, eu não poderia ser interrogado. Ela explorou a paranoia do meu tio para que ele cancelasse a cirurgia e, assim, eu perdesse a oportunidade de algum dia voltar a falar.

Prendi a respiração, horrorizada.

Por quê?, perguntei. Por que ela faria isso? Por que Victoria não queria que você falasse?

Ele sacudiu a cabeça, desviando o olhar por um momento.

Porque eu sei de coisas que ela não quer que ninguém saiba. Ou talvez seja só porque ela me odeia. Ou as duas opções. Nunca consegui entender muito bem. Ele voltou a sacudir a cabeça. Mas isso realmente não importa.

Franzi o cenho, confusa.

Archer, ela com certeza sabe que você pode escrever... que pode se comunicar, se quiser. O que ela não quer que ninguém saiba?

Ele respirou fundo.

Não importa, Bree. Eu não posso nem falar sobre isso, de qualquer modo. Essa é a pior parte de tudo. Ela tirou a minha única oportunidade de ser normal, de ser uma pessoa de verdade, de viver uma vida como a das outras pessoas – e por nada. Eu nunca teria contado o maldito segredo dela de qualquer forma.

– Archer – falei, agarrando as mãos dele e levando-as ao peito, como fizera mais cedo. – Você é uma pessoa de verdade e pode viver uma vida como a das outras pessoas. Quem lhe disse que não poderia?

Era como se meu coração estivesse se partindo. Aquele homem doce, inteligente e gentil tinha tão baixa autoestima...

Ele baixou os olhos e sacudiu a cabeça, sem conseguir responder, já que eu estava segurando suas mãos.

Não perguntei mais a respeito do segredo que Archer guardava contra Victoria. Sabia que ele confiaria em mim quando se sentisse confortável. Archer passara a vida toda sozinho e isolado, sem ninguém para conversar por muito tempo. Assim como acontecera comigo em relação a cozinhar e a ter intimidade... era preciso ir devagar. Cada um à sua maneira, estávamos ambos aprendendo a confiar.

Mas eu tinha uma última pergunta a fazer. Soltei as mãos dele e falei em sinais:

Por que ela me disse que você era violento?

Era uma ideia quase ridícula. Archer era o homem mais gentil que eu já conhecera.

Ela veio até aqui depois que meu tio morreu, depois de me ver na cidade algumas vezes. Não tenho ideia do porquê e não me importo. Estava com raiva, triste. Empurrei-a para fora do portão e ela caiu sentada.

Ele parecia envergonhado, embora não devesse, ao menos na minha opinião.

Franzi os lábios.

Entendo, Archer. Ela merecia isso e muito mais. Sinto muito.

Ele me encarou, observando meu rosto. Então inclinou a cabeça e alguma coisa pareceu entrar em foco em seus olhos.

Você não deu atenção a ela. Só me perguntou sobre o que ela lhe disse depois que nos... beijamos.

Assenti.

Conheço você, eu disse simplesmente.

Ele parecia estar tentando resolver um quebra-cabeça.

Você acreditou em mim e não nela de cara?

Sim, confirmei. *Totalmente.*

Ficamos nos encarando por algum tempo, então o rosto dele se abriu em um daqueles sorrisos de parar o coração. Eu quase gemi, sentindo o calor subir pelas veias. Aquele sorriso era meu – e eu garantiria que ninguém fizesse Archer Hale sorrir da mesma maneira por muito, muito tempo. Me sentia ávida e possessiva em relação àquele belo sorriso. Sorri também.

Podemos nos beijar mais um pouco?, perguntou Archer, os olhos cintilando de desejo.

Eu ri.

O que foi?, perguntou ele.

Nada, respondi. *Nada mesmo. Venha cá.*

Ficamos nos agarrando no sofá por um longo tempo. Mas foi doce e gentil dessa vez, o desejo intenso que sentíamos já mais

apaziguado. Conhecemos melhor a boca um do outro, memorizamos nossos sabores e aproveitamos a intimidade do beijo, lábios contra lábios, respiração com respiração.

Quando abrimos os olhos, Archer me encarou, alisando meus cabelos para trás e prendendo uma mecha solta atrás da minha orelha. Os olhos dele me diziam tudo que a voz não poderia dizer. Dissemos mil palavras sem que nenhuma delas fosse pronunciada.

Mais tarde, depois que a chuva leve passou, Archer foi caminhando comigo até em casa, levando a bicicleta ao lado dele, com Phoebe sentada quietinha na cesta.

Ele segurava minha mão, me olhando com uma expressão tímida e sorridente. Eu sorria também, sentindo meu coração inchar.

Então Archer me beijou nos degraus da varanda, um beijo tão doce e delicado que me deixou com um aperto no peito. Ainda sentia o toque suave de seus lábios nos meus muito depois de ele ir embora, dobrar a esquina e sair do meu campo de visão.

capítulo 18

BREE

Na manhã seguinte, acordei de um sono profundo sobressaltada com o toque do celular. Chequei o relógio. Quatro e meia da manhã? Que diabos estava acontecendo?

– Alô? – atendi, grogue.

– Querida? – Era Maggie.

– Oi, Mags, o que houve? – perguntei, preocupada.

– Querida, hoje vou aceitar aquela sua oferta de trabalhar na cozinha. Norm ficou acordado a noite toda colocando os bofes para fora... desculpe a expressão... e não há como ele ir trabalhar. Se você não quiser, não tem problema. Mas, nesse caso, não abrirei a lanchonete.

Fiquei em silêncio por um breve instante, sabendo que manter a lanchonete fechada mesmo que por um dia seria tirar dinheiro do bolso deles. Os filhos dos dois já estavam criados, mas eu ouvira Maggie mencionar que ela e Norm estavam se matando de trabalhar nos últimos dois anos para compensar o dinheiro da aposentadoria que não haviam conseguido juntar enquanto os filhos estavam na faculdade.

– É claro que cuidarei da cozinha, Maggie.

Ela deixou escapar um suspiro de alívio.

– Ótimo. Muito obrigada, meu bem. Vejo você daqui a pouco, então?

– Sim, e diga que desejei melhoras a Norm.

– Farei isso, querida. Obrigada.

Desliguei. Iria cozinhar para muitas pessoas. Fiquei sentada por alguns minutos, mas não senti a ansiedade que imaginara, nada além do nervosismo de dar conta dos pedidos que entrassem. Talvez porque eu já houvesse cozinhado para Archer, ou simplesmente porque estava mais tranquila no que se referia aos meus medos e emoções. De qualquer modo, não tinha tempo para ficar ali parada, pensando, o dia todo.

Tomei um banho rápido, vesti o uniforme, sequei o cabelo e o preendi em um coque baixo, certificando-me de que ele estivesse bem preso. Deixei Phoebe sair, alimentei-a e corri para a porta.

Dez minutos mais tarde entrava na lanchonete. Maggie havia chegado alguns minutos antes de mim.

– Vou ajudá-la a deixar tudo esquematizado – disse ela. – Mas é bem simples. Se você conseguir preparar alguns ovos, omeletes, bacon e panquecas, se sairá bem. Nada do que servimos é muito complicado.

– Acho que ficarei bem. Mas avise aos clientes que esse é o meu primeiro dia. Com sorte, eles terão paciência se o prato que pedirem demorar um pouco mais do que estão acostumados – disse eu, sorrindo.

– Cuidarei deles – afirmou Maggie, sorrindo de volta.

Começamos a tirar do congelador os ingredientes para os omeletes e a colocá-los na parte de trás da bancada, atrás da grelha, para facilitar o acesso. Maggie bateu várias dúzias de ovos e as colocou em tigelas na geladeira debaixo da bancada, para que estivessem à mão quando eu precisasse pô-los direto na chapa. Meia hora depois, achei que tinha todos os ingredientes preparados. Maggie começou a fazer café e virou a placa da porta de “fechado” para “aberto”.

O sininho acima da porta começou a tilintar alguns minutos depois, quando os primeiros fregueses entraram.

Passei a manhã inteira fazendo omeletes, fritando bacon e batata rosti, e preparando a mistura de panquecas de Norm na chapa. Em alguns momentos, acabei me atrasando um pouco, mas, de modo geral, considerando-se que era a minha primeira vez naquela cozinha e que eu estava cozinhando com pressa para uma grande quantidade de pessoas, fiquei muito satisfeita com o trabalho que fiz. Percebi que Maggie também estava feliz por causa de todas as piscadelas e sorrisos que me dava através da janela aberta.

– Está fazendo um ótimo trabalho, querida – dizia ela.

Quando as coisas começaram a acalmar um pouco, passei a colocar meu toque pessoal em alguns pratos: um pouco de alho nos ovos que usava para as omeletes, uma colherada de creme de leite nos ovos mexidos, leiteiro no lugar de água na massa da panqueca – coisas que meu pai havia me ensinado.

Quando estava limpando a cozinha para começar a prepará-la para o almoço, resolvi acrescentar aos pratos do dia minha salada de batata com bacon e uma salada de macarrão com pimentão assado que haviam sido os favoritos na nossa delicatessen. Sorri enquanto cozinhava, sentindo o coração leve e alegre por aquela não ser uma tarefa triste e sim um modo de manter viva a memória do meu pai.

O almoço foi ainda melhor que o café da manhã, pois eu agora conhecia bem a cozinha e dominava o funcionamento de todos os utensílios.

Maggie avisou a todos sobre as duas saladas “especiais” e, por volta de meio-dia e meia, as duas travessas já estavam vazias.

– Fizeram elogios fantásticos às suas saladas, querida – disse Maggie, sorrindo. – Você se incomodaria de preparar mais algumas travessas para amanhã?

– É claro que não – respondi animada.

Por volta das três da tarde, hora em que a lanchonete fechava, Maggie e eu estávamos exaustas, mas nos cumprimentamos espalmando as mãos nas da outra, rindo. Eu estava cansada, mas

muito feliz.

– Vai precisar de mim amanhã outra vez?

– Espero que não. Com sorte, Norm estará bem, mas lhe avisarei. – Ela piscou para mim e continuou: – Você fez um excelente trabalho na cozinha. – Maggie pareceu pensativa. – Mesmo depois que Norm voltar, estaria interessada em fazer algumas daquelas saladas como um prato regular do cardápio?

– Adoraria – respondi.

Saí da lanchonete feliz e segui na direção do meu carro. Quando estava quase lá, um veículo de patrulha da polícia parou na vaga ao lado da minha, com Travis ao volante.

Fiquei parada perto do meu carro, esperando Travis desligar as luzes em cima do carro e sair.

Ele se aproximou de mim, com um sorriso que não parecia nada sincero.

– Oi, Bree.

– Oi, Travis – cumprimentei-o sorrindo.

– Então é verdade?

O sorriso desapareceu do meu rosto.

– O que é verdade? – perguntei também, sabendo exatamente a que ele se referia.

– Que Archer é mais do que um amigo para você?

Ele encostou o quadril no meu carro e cruzou os braços, os olhos fixos em mim.

Suspirei, baixando os olhos por alguns segundos, e então voltei a encarar Travis.

– Sim, Travis. É verdade.

Apoiei o corpo em uma das pernas, me sentindo um pouco desconfortável diante daquele homem que eu já havia beijado.

– Na verdade, estou, hã, me encontrando com ele.

– Se encontrando com ele? Como assim? – perguntou Travis, rindo.

Ele parecia sinceramente confuso. Fiquei furiosa no mesmo instante e aprumei o corpo.

– Por que está me perguntando isso? Ele é um bom rapaz. E inteligente, doce e... por que estou me explicando? Escute, Travis, a verdade é que... eu gosto de Archer. E não estava tentando enrolar você quando saímos juntos. Naquele momento eu não tinha certeza do que estava acontecendo entre mim e Archer, mas agora tenho. E espero que você entenda quando lhe digo que não quero sair com mais ninguém. Só com Archer.

Os olhos dele se estreitaram e um lampejo de raiva perpassou seu rosto. Mas Travis rapidamente se recompôs e deu de ombros.

– Escute, não fiquei feliz em saber disso. Estou interessado em você, portanto, sim, é bastante desagradável ouvir o que disse. – Ele franziu os lábios. – Mas, entenda, se você encontrou um modo de se comunicar com Archer, como posso ficar zangado com isso? Aquele garoto já passou por maus bocados. Não sou tão egoísta a ponto de não conseguir perceber que ele merece um pouco de felicidade. Por isso, desejo o melhor a vocês dois, Bree. De verdade.

Deixei escapar um suspiro de alívio e resolvi ignorar o fato de Travis se referir ao primo como “garoto”, quando poderia lembrá-lo de que, na verdade, Archer era alguns meses mais velho que ele.

– Obrigada, Travis. Fico muito satisfeita. Amigos? – perguntei, sorrindo para ele.

Travis gemeu.

– Ai! Relegado à categoria de amigo... – Mas então sorriu e pareceu falar com sinceridade. – Sim, amigos.

– Ótimo.

Ficamos sorrindo um para o outro por um instante, então ele inclinou a cabeça para o lado parecendo estar pensando em algo.

– Escute, Bree, toda essa situação me fez perceber que tenho sido um idiota por não ter me esforçado mais para ser amigo de Archer. Talvez eu tenha desistido muito rápido, achando que seu

silêncio significava que ele não estava interessado em ser meu amigo. Talvez eu devesse ter feito um esforço maior.

Assenti, animada.

– Na verdade ele só quer ser tratado como uma pessoa normal, Travis. E ninguém na cidade parece fazer isso. Todos o ignoram e fingem que ele não existe.

Franzi a testa. Ele assentiu, me observando.

– Você é uma boa pessoa, Bree. Vou passar na casa dele ainda esta semana para dar um oi.

– Isso seria ótimo, Travis. Acho que Archer ficaria feliz – afirmei.

– Está certo – falou ele. – Agora vou afogar minhas mágoas em uma fatia de torta de cereja da Maggie.

– A lanchonete está fechada – informei, fazendo uma careta de tristeza e sorrindo logo depois.

Ele sorriu também.

– Sim, mas Maggie ainda está lá, e quando vir meu estado vai se dispor a me servir uma fatia de torta – disse ele, com uma piscadinha. – Tenha um bom dia.

Ri baixinho.

– Você também, Travis.

Entrei no carro e fui para casa, cantando o tempo todo com o rádio do carro.



Uma hora mais tarde, estava de banho tomado, com uma calça jeans preta e justa e camiseta azul-clara, os cabelos soltos. Dez minutos depois, parei na frente do portão de Archer com Phoebe na cestinha. Abri o portão que ele deixara ligeiramente aberto e coloquei minha cachorrinha no chão para que encontrasse os amigos.

Apoiei a bicicleta na cerca e comecei a descer a longa entrada de carro, bem no momento em que ele surgia, vindo de trás da casa, usando calça jeans rasgada, botas de trabalho e mais nada. O peito dele brilhava um pouco por causa do suor e Archer usou o braço para secar a testa. Obviamente estivera trabalhando em um de seus muitos projetos.

Senti um frio na barriga ao ver aquele corpo lindo e me dei conta do quanto desejava vê-lo todo, cada pedacinho. Será que isso aconteceria logo? Eu esperava que sim.

Archer sorriu para mim e começou a caminhar mais rápido. O frio na barriga ficou mais forte. Também me apressei na direção dele.

Quando estava quase alcançando-o, corri e me atirei em seus braços. Archer me pegou no ar e me levantou, e eu ri feliz enquanto ele me girava e também ria, silenciosamente.

Inclinei a cabeça e o beijei com intensidade, perdida no sabor doce de sua boca, canela misturada a algo mais peculiar, que era só dele. Beijei todo o rosto de Archer, sorrindo e adorando o gosto ligeiramente salgado de sua pele.

Archer ergueu os olhos para mim e me encarou com aquela expressão que fazia com que eu me sentisse querida. Era uma expressão ao mesmo tempo encantada e alegre. Eu me dei conta de que era a responsável por aquela expressão no rosto daquele homem lindo. Meu coração se derreteu e meu estômago se contraiu novamente. Passei o polegar pelo rosto dele e o olhei de cima, pois ele ainda me segurava no ar.

– Senti saudade de você hoje – falei.

Ele sorriu e seus olhos disseram tudo o que as mãos não podiam enquanto ele me apertava junto a si. Archer colou os lábios aos meus outra vez e me deu um beijo longo e profundo.

Depois de alguns minutos, me afastei em busca de ar.

– Você aprendeu essa história de beijar bem rápido, né?

Pisquei para ele, que riu silenciosamente, o peito vibrando contra

o meu.

Archer me colocou no chão e falou:

Você está excepcionalmente feliz hoje.

Assenti enquanto caminhávamos em direção à casa dele. Fomos para a cozinha, onde ele serviu dois copos d'água enquanto eu contava a ele sobre meu dia cozinhando na lanchonete.

Ele bebeu a água, me observando tagarelar, obviamente satisfeito com minha felicidade. Que homem doce... Os músculos da garganta dele se moviam cada vez que ele engolia a água, a cicatriz se esticando com o movimento. Parei de falar, me inclinei e o beijei, lembrando por um instante do que ele me contara na véspera sobre Victoria Hale, a vaca cruel. Que tipo de demônio alguém tem que ser para fazer o que ela fizera a Archer, assegurando-se de que ele vivesse com aquela deficiência para sempre, levando-o a se isolar e se sentir imperfeito e limitado? Eu não era uma pessoa violenta, mas, quando pensava nisso, tinha a sensação de que poderia machucar aquela mulher e não me sentir nem um pouco culpada por isso.

Passei os braços pela cintura de Archer e pousei a cabeça em seu peito. Virei o rosto sobre a pele quente e rocei o nariz nela, sentindo seu cheiro almiscarado. Passei a língua também, para saboreá-lo, e, ao sentir que Archer enrijecia de encontro ao meu corpo, pressionei-o de encontro ao dele, apertando-o, e ele estremeceu ligeiramente.

Archer correu os dedos pelos meus cabelos até eu gemer, fechando os olhos. Quando tornei a abri-los, vi que Archer me encarava com a mesma expressão de encantamento que fazia meu coração querer saltar do peito. Por vários segundos, ficamos apenas nos olhando, até que ele encostou os lábios nos meus e invadiu a minha boca com a língua, quente e úmida, deslizando deliciosamente sobre a minha. Senti faíscas disparando na direção de minhas partes mais íntimas e pressionei o corpo com mais força contra a ereção de Archer para tentar aliviar o intenso latejar entre

as minhas pernas. Mas esse gesto só serviu para torná-lo mais intenso.

– Archer... – arquejei, interrompendo o beijo.

Ele passou os braços ao meu redor e seus olhos buscaram os meus, a expressão ao mesmo tempo nervosa e faminta.

Sei que você gosta das minhas mãos em seus cabelos. Me mostre outras maneiras como gosta de ser tocada. Me ensine o que você gosta, disse ele.

Enquanto as mãos dele sinalizavam as palavras lentamente, minha respiração estava ofegante e senti a umidade aumentar entre minhas pernas. Por mais erótico que tivesse sido o pedido dele, também me senti um pouco insegura. Ninguém nunca me perguntara nada parecido – e eu não sabia o que fazer, por onde começar. Engoli com dificuldade.

Sem afastar os olhos dos meus, Archer caminhou comigo até o sofá e me deitou gentilmente. Pisquei, inquieta, e mordi o lábio. Parado acima de mim daquele jeito, a ereção elevando o tecido do jeans, Archer parecia a realização de todas as minhas fantasias. Mas minha imaginação não chegara tão longe a ponto de acrescentar aquela expressão de encantamento e desejo nublando as lindas feições da minha fantasia. Nunca pensara em dar a ela aqueles maravilhosos olhos cor de uísque, com os cílios escuros. Eu não tinha como saber que Archer existia em algum lugar daquele mundo louco, e que fora feito especialmente para mim. Naquele momento eu soube. Estava me apaixonando por aquele homem lindo e silencioso que me encarava. Se é que já não estava completamente apaixonada.

Archer se sentou no sofá ao meu lado, inclinou-se e me deu um beijo doce, recostando-se em seguida, correndo as mãos pelos meus cabelos até me fazer gemer. Eu adorava aquilo. Se ele passasse a noite toda só correndo as pontas dos dedos pelos meus cabelos, talvez isso fosse suficiente para mim. Está certo, não seria. Mas era

muito bom. Sorri para ele, que me encarou com uma expressão de dúvida no olhar.

– Meu pescoço – sussurrei. – Gosto de beijos no pescoço.

Ele se inclinou na mesma hora e correu os lábios macios sobre a pele do meu pescoço. Arqueei a cabeça para trás e suspirei, passando também os dedos por seus cabelos macios e espessos.

Ele experimentou o sabor da minha pele com a boca, correndo os lábios suavemente por ela, e, com meus gemidos, eu ia dizendo a ele do que mais gostava. Como era bom em tudo o que fazia, Archer rapidamente aprendeu a me fazer arquejar e me contorcer sob o corpo dele.

Como estava muito excitada, comecei a ficar mais ousada e puxei a cabeça dele mais para baixo, na direção dos meus seios. Ele entendeu na mesma hora, chegou para trás e os tomou nas mãos, sopesando-os.

Na mesma hora os olhos de Archer encontraram os meus, brilhando de desejo, então voltaram ao meu corpo, enquanto ele erguia minha camiseta e a tirava. Seus olhos me percorreram, ali deitada com meu sutiã simples de renda branca, e ele respirou fundo.

Ergui as mãos, abri o sutiã e deixei-o cair de lado. Os olhos de Archer se arregalaram enquanto ele fitava meus seios. Em outras circunstâncias, talvez tivesse me sentido desconfortável, mas o desejo óbvio cintilando nos olhos dele e a expressão de admiração em seu rosto eram tão intensos que me senti desabrochar.

Você é a coisa mais linda que eu já vi, disse ele, e eu sorri.

– Pode beijá-los, Archer – sussurrei, ansiando desesperadamente por sentir sua boca quente e úmida sugando meus mamilos.

Os olhos de Archer brilharam, e ele se inclinou na mesma hora, como se aquilo fosse exatamente o que ele quisesse fazer e estivesse apenas esperando a minha orientação.

Ofeguei e gemi quando ele usou a língua para saborear e lambe

um mamilo, e depois o outro. O sangue rugia em minhas veias e não pude evitar projetar os quadris para a frente, buscando alívio para a pulsação louca entre as minhas pernas.

Archer continuou a provocar e sugar meus mamilos até eu começar a gemer em uma combinação de agonia e êxtase.

– Archer – arquejei. – É demais. Você precisa parar.

Ele levantou a cabeça e me encarou com a testa ligeiramente franzida.

Não está bom?, perguntou.

Ri, com um som torturado.

– Não, está bom demais – disse, mordendo o lábio.

Ele inclinou a cabeça, me observando, então assentiu.

Você precisa de alívio, falou. *Me mostre como fazer isso com a minha mão.*

Pisquei, surpresa.

– Está bem – sussurrei.

Percebi que ainda estava usando a voz, em vez das mãos, embora agora houvesse bastante espaço entre nós. Tirei as mãos que estavam na cintura dele e perguntei:

Pode tirar a minha calça?

Na mesma hora ele desabotoou minha calça, abriu o zíper e se levantou para puxá-la pelas minhas pernas. A ereção ainda se destacava em seu jeans. Archer também precisava de alívio. Eu o queria dentro de mim desesperadamente, mas sabia que seria sua primeira vez. Achei que deveríamos ir com calma. Não havia motivo para ter pressa.

Ele voltou a se sentar perto de mim e me olhou como quem pedia mais orientações. Peguei sua mão e a coloquei de leve sob o elástico da minha calcinha. Senti que ela estava encharcada.

Ele desceu a mão, hesitante. Quando seus dedos encontraram minhas dobras e deslizaram por aquela umidade, gemi e joguei a cabeça para trás, uma perna caindo para o lado, de encontro às

costas do sofá, para facilitar o acesso dele. A sensação dos dedos de Archer deslizando sobre mim e me penetrando ligeiramente era deliciosa.

Depois de um instante, ele abaixou meu corpo, tirou a calcinha e voltou a posicionar minha perna contra as costas do sofá. Então, com o dedo, traçou as linhas das minhas partes mais secretas, me olhando ao fazê-lo. Eu estava aberta e exposta para ele da forma mais íntima possível. Mas, estranhamente, eu não me sentia envergonhada. Quando o dedo de Archer tocou o feixe de nervos que era o centro do meu prazer, gemi e pressionei o corpo contra os dedos dele. Os olhos de Archer se inflamaram e ele começou a fazer movimentos circulares com o dedo, enquanto eu gemia e virava a cabeça de um lado para outro na almofada do sofá. Sentia o meu sangue, que até então pulsava em fogo baixo, começar a ferver.

– Mais rápido, por favor – implorei.

Archer acelerou o ritmo, os dedos fazendo círculos firmes ao redor do meu clitóris, em resposta aos meus gritos e gemidos. Ele me deixara tão excitada que, em questão de minutos, meu corpo se retesou e logo relaxei em um gozo delicioso, um jorro de prazer tão intenso que me fez gritar o nome de Archer, arquear as costas para trás e voltar a cair sobre o sofá.

Quando abri os olhos, Archer estava me olhando, com os lábios entreabertos e aquela mesma mistura de adoração e desejo no rosto.

Ele se aproximou e me beijou com carinho, mordiscando meus lábios de forma provocante. Podia sentir o sorriso em seus lábios e sorri também.

Mas, quando me mexi no sofá, Archer arquejou e lembrei que ele provavelmente também estava precisando de alívio.

Sem dizer nada, empurrei-o para trás delicadamente até que estivesse recostado no sofá. Archer me observava o tempo todo, esperando para ver o que iria acontecer. Fiquei de pé e subi a

calcinha que estava ao redor dos tornozelos para não tropeçar nela.

Então me ajoelhei na frente de Archer, desabotoei sua calça e levantei os olhos para ele, que continuava a me observar, ansioso. Archer não tinha a menor ideia do que eu estava fazendo. Ah, meu Deus! Eu sabia que ele vivera isolado naquela casa, mas agora me perguntava se o tio havia conversado com ele sobre sexo. Perguntei-me quanto ele saberia sobre as coisas que homens e mulheres faziam no quarto. Ou no sofá da sala.

Abaixei a calça e o pênis dele saltou, livre. Examinei-o por algum tempo, meus lábios se entreabrindo. Ele com certeza não tinha nenhuma deficiência ali embaixo. Assim como o resto do corpo de Archer, seu membro era grande e lindo. E parecia dolorosamente rígido, a cabeça roxa e engurgitada.

Levantei os olhos para o rosto dele, que me observava, a incerteza nublando suas feições.

– *Você é lindo* – eu disse, e ele relaxou.

Inclinei-me para a frente e lambi de leve a ponta inchada; Archer fez um movimento brusco e arquejou. Olhei para ele com satisfação e seus olhos estavam arregalados, as pupilas ainda mais dilatadas.

Tornei a me inclinar e lambi a parte de trás do pênis, da base até a ponta, então circulei a ponta outra vez com a língua. A respiração de Archer ficou entrecortada e eu podia ouvi-lo inalar golfadas de ar.

Coloquei a boca sobre a cabeça do pênis e segurei a base com a mão, para que conseguisse sugá-lo pela maior extensão que minha garganta permitisse. Fiz alguns movimentos para cima e para baixo com a boca e, quando me afastei um pouco para ver se Archer estava gostando, ele pressionou o membro na minha direção, me implorando com os olhos para continuar. Sorri e voltei a colocá-lo na boca.

Archer levou as mãos à minha cabeça e voltou a passar os dedos pelos meus cabelos, enquanto minha boca subia e descia pela extensão de seu membro rígido.

Menos de um minuto depois, senti que ele ficava ainda maior e mais duro em minha boca, seus arquejos ficaram mais altos e ele começou a empurrar o corpo contra o meu rosto. Mais algumas carícias e Archer ficou imóvel, sua essência espessa e salgada jorrando em minha boca. Eu a engoli e então deslizei a língua pela cabeça de seu pênis uma última vez, antes de me levantar e olhá-lo.

As mãos de Archer agora estavam nos próprios cabelos, agarrando as mechas logo acima da testa, e ele me olhava como se houvesse acabado de descobrir o Santo Graal. Sorri, orgulhosa.

Foi bom?, perguntei.

Ele se limitou a fazer que sim com a cabeça, aquela mesma expressão encantada no rosto. Então me sentei em seu colo, beijando sua boca. Ele retribuiu o beijo com intensidade por vários minutos e voltou a se recostar no sofá.

Vai fazer isso de novo?, perguntou Archer.

Deixei escapar uma risadinha.

Sim. Não assim... agora. Mas, sim. Vou fazer de novo.

Beije-o outra vez, então me levantei do seu colo e me vesti, enquanto Archer subia a calça jeans pelos quadris estreitos. Já vira quase todo o corpo dele agora, mas não tudo, e mal podia esperar para vê-lo completamente nu. Mal podia esperar para sentir nossas peles se roçando enquanto ele se movia dentro de mim. Estremeci. Embora houvesse tido um orgasmo há menos de quinze minutos senti o calor voltando a se espalhar pelas minhas veias.

Voltei a me sentar no colo dele e beije de leve o seu pescoço, passando a língua na pele salgada. Ele estivera trabalhando no pátio mais cedo e suara um pouco, mas, para mim, tudo em relação a Archer era delicioso. Inspirei fundo quando ele passou os braços ao meu redor, me abraçando com força. Me sentia segura e protegida, e estava transbordando de felicidade.

Depois de um instante, levantei a cabeça e perguntei:

Archer, seu tio lhe ensinou sobre... sexo?

Enrubesci ligeiramente, porque não queria embarçá-lo. Era muito estranho estar sentada no colo do cara mais sexy que eu já conhecera, um homem lindo de 23 anos e perguntar a ele se sabia o que era sexo. Não que eu estivesse muito preocupada com a atuação de Archer – era evidente que ele aprendia rápido, era um ótimo aluno. Imaginei que conhecesse os aspectos reprodutivos do sexo, presumindo que aprendera biologia. Mas será que Archer sabia a variedade de coisas que homens e mulheres faziam juntos?

Ele deu de ombros.

Não. A mente dele não funcionava dessa forma. Tio Nate parecia estar sempre tentando resolver algum problema – ou protegendo a nossa propriedade. Perguntei-lhe sobre isso uma vez, quando tinha uns 13 anos, e ele me deu algumas revistas. Archer desviou os olhos, parecendo um tanto desconfortável. Havia algumas matérias nas revistas... e eu entendi a ideia central da coisa. Ele franziu o cenho, examinando meu rosto por um instante. Você se incomoda por eu nunca ter...

Antes que ele pudesse terminar, eu já estava negando com a cabeça.

Não, Archer. Você é o homem mais sexy que eu já conheci. Desde aquele dia em que parou no estacionamento da farmácia para me ajudar, eu me senti atraída por você. Mesmo com aquela barba maluca e os cabelos compridos.

Sorri e ele retribuiu o sorriso.

Acho que somos muito bom juntos, você não acha?, provoquei, beijando o pescoço dele.

Ele abriu um sorriso genuíno dessa vez, assentiu e beijou meus lábios.

Ficamos assim por alguns minutos, só trocando beijinhos, abraçados, eu chamegando aquele pescoço que tinha um cheiro tão gostoso. Poderia ficar assim o dia inteiro.

Levantei a cabeça quando me lembrei da conversa que tivera

com Travis.

Ah, encontrei com Travis na cidade hoje e ele me disse que queria vir aqui visitá-lo.

Archer franziu a testa mas não comentou nada. Não mencionei o fato de que havia saído uma vez com o primo dele. Não significara nada de qualquer modo e eu nunca sentira nada por Travis, portanto, para que falar disso agora?

Enfim, continuei, ele disse que se sente mal por vocês serem tão distantes. Archer ergueu uma sobrancelha, mas continuou ouvindo. *E ele disse que viria até aqui esta semana para fazer uma visita.*

Archer pareceu desconfiado.

O que foi?, perguntei. *Você não gosta dele?*

Saí do colo de Archer e me sentei ao lado dele, para podermos usar as mãos para conversar com mais facilidade. No pouco tempo que o conhecia, havíamos nos tornado muito bons na linguagem de sinais, usando uma espécie de atalho para palavras que ambos conhecíamos, soletrando algumas palavras apenas parcialmente, entre outras coisas. Agora levávamos cerca da metade do tempo que levaríamos duas semanas antes para dizer uma frase completa.

Archer estava muito melhor na linguagem de sinais do que quando eu conversara com ele da primeira vez; ele ia aprendendo coisas comigo conforme nos comunicávamos. Afinal, eu me comunicara daquele jeito durante a vida toda. Era a minha segunda língua. Archer aprendera em um livro e essa era a primeira vez que realmente a colocava em prática. Apenas duas semanas antes, ele soletrara coisas para as quais não tinha sinais específicos – esse não era mais o caso.

Não, na verdade, não gosto, respondeu ele. *Travis maltrata as pessoas, Bree.* O maxilar dele ficou tenso por causa de alguma lembrança enquanto seu olhar se perdia no vazio. *Não o vejo há uns dois anos – a não ser pelas vezes em que ele passa no carro de polícia.*

Eu o observei.

Bem, acho que Travis mudou. Na verdade, ele é um cara muito legal. Talvez, quando seu primo aparecer aqui, você devesse dar uma chance a ele. Não seria bom ter um parente na cidade com quem realmente se relacionasse?

Pensei em como faria qualquer coisa para ter ao menos um parente para quem pudesse ligar – e como faria o que pudesse para estabelecer um relacionamento desse tipo se tivesse oportunidade. E queria isso para Archer. Detestava pensar nele completamente sozinho ali o tempo todo, a não ser por mim. Queria que ele tivesse amigos, família... que fosse feliz e fizesse parte da comunidade.

Archer ainda parecia em dúvida, mas diante da expressão esperançosa que deve ter visto em meu rosto, perguntou:

Você quer que eu dê uma chance a ele?

Assenti lentamente, dizendo que sim.

Ele continuou a me olhar por um tempo.

Muito bem, então. Farei isso, disse com simplicidade.

Segurei o queixo dele entre as mãos, me inclinei para a frente e o beijei.

– Sei que não é fácil para você. Obrigada – falei, usando a voz, de encontro aos lábios dele.

Archer assentiu, me puxou para junto dele outra vez e me abraçou com força.

capítulo 19

ARCHER

Eu nunca fora tão feliz na vida. Todos os dias, trabalhava na propriedade enquanto os filhotes brincavam nos meus calcanhares, arrumando confusão sempre que podiam, derrubando coisas e fazendo a bagunça típica que cachorrinhos costumam fazer.

E, toda tarde, meu coração se enchia de alegria quando ouvia o rangido do portão, avisando que Bree chegara.

Conversávamos, e ela me contava sobre o dia dela. Os olhos de Bree brilhavam enquanto ela falava sobre as novas receitas que estava fazendo, agora que Norm e Maggie tinham lhe dado a atribuição de renovar algumas partes do cardápio. Ela parecia muito orgulhosa e feliz quando ria e me contava sobre como Norm havia admitido, a contragosto e com rabugice, que as receitas de acompanhamentos dela eram melhores que as dele. Bree dizia que tinha planos de também renovar alguns pratos principais, e dava uma piscadinha ao dizer isso, fazendo meu peito se apertar de tão bonita que ela era.

Às vezes eu achava que a olhava demais com um ar admirado, e tentava desviar o olhar quando ela me surpreendia. Mas a verdade é que eu sentia vontade de ficar olhando o dia todo para Bree – para mim, ela era a mulher mais linda do mundo.

Amava as mechas douradas que se destacavam nos cabelos castanhos quando o sol os iluminava. Amava o formato levemente amendoado dos olhos e os lábios cheios e rosados, como um botão

de rosa. Adorava beijar aqueles lábios com sabor de pêssego, poderia fazer isso para sempre.

Amava o formato do rosto dela – como um coração. E amava o sorriso de Bree, a forma como o rosto todo dela se iluminava e como a felicidade cintilava em seus olhos. Era lindo e sincero, e fazia meu coração vacilar sempre que ela o dirigia a mim.

Amava o corpo esguio e a alvura da pele nas partes que ficavam cobertas pela roupa de banho. Me ajeitei na calça e afastei os pensamentos do corpo de Bree. Estava trabalhando naquele momento e precisava me concentrar. Espalhei um pouco mais de argamassa no espaço entre as pedras que estava posicionando nas laterais dos degraus de cimento dos fundos. Eram apenas pedras que eu recolhera perto do lago, mas achei que faziam com que os degraus simples combinassem melhor com a nova pedra do pátio.

Estava terminando o trabalho quando ouvi o portão sendo aberto e fechado. Franzi o cenho. Quem diabos poderia ser? Bree trabalharia na lanchonete até as duas naquele dia. Ainda era meio-dia.

Levantei e dei a volta na casa para checar a entrada de carros e vi Travis, de uniforme, caminhando devagar e olhando ao redor como se nunca houvesse estado ali antes. Mas a verdade era que a última vez que entrara na propriedade, eu era criança, e o lugar estava mesmo diferente.

Travis me viu e pareceu surpreso. Atravessamos os poucos metros que nos separavam e nos encontramos na frente da casa.

– Oi, Archer.

Limpei as mãos no trapo que estava segurando e fiquei olhando para ele, esperando que me dissesse por que estava ali.

– O lugar está bonito.

Assenti, aceitando o cumprimento. Sabia que estava mesmo bonito.

– Você tem trabalhado duro.

Assenti novamente.

Ele suspirou.

– Escute, cara. Bree me contou que vocês dois estão se vendo, e eu... – Ele passou as mãos pelos cabelos, parecendo considerar o que deveria dizer. – Bem, acho que quis vir até aqui dizer oi. E dizer também que sinto muito por não ter vindo antes.

Continuei a observá-lo. Sempre tivera dificuldade em saber o que Travis estava pensando. Já caíra nas armadilhas dele antes, quando ele tentara fingir que era meu amigo para, logo depois, “atirar nas minhas costas”. Mesmo quando éramos meninos, mesmo antes do acidente. Não confiava nele agora, mas supus que talvez fosse possível que as pessoas mudassem – muito tempo se passara. Eu daria uma chance a ele. Por Bree. Somente por Bree. Porque achava que ela ficaria feliz. E eu faria qualquer coisa para fazê-la feliz.

Assenti para ele, curvei levemente os lábios e gesticulei na direção da casa, perguntando se ele queria entrar.

– Sim, sim, claro – disse Travis.

Fomos até a porta da frente e deixei que ele entrasse primeiro. Apontei para a cozinha. Fui até um armário, peguei um copo, enchi de água até a borda e dei um longo gole.

Quando terminei, apontei para o copo e para ele, e ergui as sobrancelhas.

– Não, obrigado – disse Travis. – Na verdade, estou na minha hora de almoço e não posso demorar. O que eu realmente queria saber era se você gostaria de sair comigo e com alguns amigos esta noite. Nada de mais, só uma noite de homens, para tomar umas cervejas e dar umas risadas.

Franzi as sobrancelhas e o encarei. Então apontei para a minha cicatriz e fingi o movimento de uma risada.

Travis deixou o ar escapar com força.

– Você não consegue dar risada?

E ele realmente parecia constrangido. Nunca vira aquela

expressão no rosto de Travis. Talvez ele houvesse mesmo mudado um pouco.

– Espere – falou, como se reconsiderasse. – Você consegue rir. Uma risada sem som ainda é uma risada. Vamos lá. Você não gostaria de se divertir um pouco? De sair desta casinha por uma noite? Ser um cara normal?

Eu queria ser um cara normal. Ou, ao menos, queria que Bree me visse como um homem que era pelo menos um pouco como os outros homens. Nunca quisera isso antes. Na verdade, sempre quisera o oposto – parecer o mais anormal possível para que ninguém olhasse para mim. Mas agora... agora havia Bree. E eu ansiava por lhe oferecer o que ela merecia, não um ermitão triste que nunca saía de casa. Tinha certeza de que Bree já namorara outros homens. Eles provavelmente a haviam levado a restaurantes e cafés. Eu não sabia fazer nada disso. Precisava aprender.

Assenti para Travis e disse silenciosamente:

Está bem.

Ele pareceu um pouco chocado, mas logo abriu um sorriso, mostrando os dentes grandes, brancos e cintilantes.

– Muito bem, então! – falou. – Voltarei para pegar você hoje à noite. Às nove está bom?

Dei de ombros. Parecia um pouco tarde, mas o que eu sabia sobre a hora em que os homens iam para os bares?

Travis estendeu a mão e eu a apertei.

– Muito bem. Até logo, então. – Ele sorriu. – Não precisa me acompanhar. – E, com isso, ele saiu da cozinha e fechou a porta da frente ao passar.

Então me apoiei na bancada e cruzei os braços, pensando. Por alguma razão, não tinha um bom pressentimento em relação àquilo. Mas achei que era só nervosismo e fui tomar banho.



Às dez para as nove, Travis abriu o portão da minha casa e eu me levantei da cadeira na varanda onde estivera esperando. Subi a entrada de carros e tranquei o portão ao passar. Travis tinha uma caminhonete grande, prata e escura, parada ali na estrada com o motor ligado. Respirei fundo. A última vez que entrara em um carro – ao menos que eu me lembrasse, não achava que a ambulância contava – fora o dia em que perdera a voz.

Cerrei os dentes e entrei, expulsando da minha mente as lembranças daquele dia.

Travis ligou o carro e partimos.

– Nossa, cara – disse ele, olhando para mim –, você deu um jeito na sua aparência. Acho que está até mais bonito que eu.

Ele riu, mas o sorriso não chegou aos olhos.

Bree praticamente pulara de alegria quando eu contara a ela que iria sair com Travis e os amigos dele, quem quer que fossem. E me ajudara a escolher uma roupa decente, não que houvesse muitas opções.

– Archer – perguntara Bree, levantando uma camisa –, quando foi a última vez que você comprou roupas?

Eu dera de ombros.

Foi meu tio. Ele comprou algumas coisas quando fiz 18 anos.

Bree me olhara em silêncio por um minuto, então dissera:

– E deixe-me adivinhar, na época você não era tão... – ela agitou a mão na minha direção, apontando meus músculos, imaginei – desenvolvido.

Assenti, dando de ombros.

Ela suspirara, como se isso fosse um problema e começou a procurar nas minhas roupas surradas. Finalmente escolhera uma calça jeans ainda decente, que disse que passaria por desbotada de

propósito, e uma camisa social que eu já havia esquecido, e que estava um pouco grande para mim quando meu tio comprara.

Bree pareceu satisfeita e eu também. Talvez eu pudesse ir até a cidade comprar algumas roupas novas se isso fizesse Bree feliz, se ela quisesse que eu ficasse mais apresentável.

Travis ligou o rádio e seguimos durante algum tempo apenas escutando música. Quando percebi que estávamos saindo da cidade, bati no braço de Travis, apontei para a estrada e ergui os ombros, questionando para onde estávamos indo.

– Vamos a um clube do outro lado da cidade. Chama-se As Provocadoras.

Ele me olhou, erguendo as sobrancelhas, e voltou a atenção para a estrada.

Depois de um instante, tornou a olhar para mim.

– Podemos ter uma conversa de homem para homem?

Ergui as sobrancelhas também, sem saber muito bem aonde aquilo iria levar e me sentindo um tanto desconfortável.

– Você já chegou às vias de fato com Bree? – questionou Travis.

Olhei-o rapidamente e voltei a fitar a estrada. Não queria falar com ele sobre esse assunto. Se eu realmente confiasse nele, iria querer fazer uma ou duas perguntas a esse respeito. Mas não confiava. Até que Travis me provasse o contrário, para mim ele continuava *não* sendo confiável.

– Muito bem, entendi. Você não quer falar nada sobre Bree. – Ele ficou em silêncio por algum tempo. – Posso ao menos assumir que não foram até o fim ainda?

Dei de ombros e assenti. Achei que não haveria problema em contar a ele o que *não* havíamos feito.

Travis sorriu e, sob a luz fraca da caminhonete, seus dentes cintilaram e uma sombra atravessou seu rosto. Por um segundo, ele pareceu um daqueles palhaços do mal que eu via nas lojas na época do Dia das Bruxas. Pisquei e logo ele era apenas Travis outra vez.

– Mas presumo que você queira ir até o fim, certo?

Olhei para ele, estreitei os olhos, mas assenti. É claro que queria. Quem não iria querer? Bree era doce e linda.

Ele tornou a sorrir.

– Muito bem. Olhe, Archer, vou lhe dizer como acontece quando você está se encontrando com uma garota linda como Bree. Ela provavelmente já tem alguma experiência, então é claro que vai querer que você saiba o que está fazendo quando der o grande passo. É por isso que estou levando você a esse clube. Lá, há mulheres que o deixarão... praticar um pouco com elas. Entendeu o que eu quis dizer?

Meu coração disparou no peito. Na verdade, não, senti vontade de dizer. Mas fiquei apenas encarando-o e estreitei os olhos para que ele soubesse que teria que me explicar mais. Até ali, não estava gostando nem um pouco da ideia. Mas, acima de tudo, não gostava de pensar na experiência que Bree deveria ter, nos homens com quem ela provavelmente já estivera no passado. Na verdade, sentia meu sangue gelar nas veias ao pensar nisso e tinha vontade de dar um soco em alguma coisa. Não, preferia realmente não pensar nisso.

Além do mais, Bree me dissera que não se incomodava por eu não ter nenhuma experiência nessa área. Ela dissera a verdade? Dúvidas começaram a se assentar no meu peito e senti dificuldade de engolir.

Travis pareceu ler meus pensamentos.

– As garotas dizem que não se importam que você seja inexperiente, mas acredite em mim, ela vai gostar que você saiba o que está fazendo quando a levar para a cama. Você não quer ficar feito um bobo, sem saber o que fazer com ela, quer? Quer passar vergonha?

Desviei os olhos para a janela, sentindo vontade de dizer a ele que desse a volta com a maldita caminhonete e me levasse para

casa. Aquilo não era o que eu havia imaginado para aquela noite.

– Ei, não fique chateado, cara. Todos os homens fazem isso, confie em mim. Solteiros, casados... Meu amigo Jason é casado há quase dez anos e ainda aproveita as garotas nos quatinhos dos fundos do clube. A mulher finge que não vê porque também se beneficia da situação, entende?

Continuei a olhar pela janela, pensando em tio Nate e em como ele às vezes saía e, quando voltava, estava cheirando a perfume feminino, além de ter marcas de batom no colarinho. Ele não tinha namorada e não era casado, portanto devia se encontrar com mulheres como as que Travis disse que trabalhavam nesse clube para onde estávamos indo. E Nate era um bom homem. Desejei que ainda estivesse vivo para que eu pudesse lhe perguntar sobre isso.

Eu sabia que não era burro, mas também sabia que tinha muito a aprender. Havia lido todos aqueles livros várias vezes mas, quando se tratava do mundo real, do modo como as pessoas se relacionavam umas com as outras, do modo como agiam e reagiam, eu tinha a sensação de que estava constantemente em desvantagem – e não gostava dessa sensação.

Paramos diante de um prédio com janelas escuras e um grande estacionamento na frente. Havia uma placa enorme de neon, preta e rosa, onde se lia *As Provocadoras*, em letras que piscavam.

Estacionamos em uma vaga e Travis se virou para mim.

– Archer, você não precisa fazer nada que o deixe desconfortável. Mas confie em mim quando digo que, se vir alguém que o agrada, pode partir para cima. Bree vai gostar. É isso que os homens fazem.

Suspirei e abri a porta. Entraria com Travis. Ao menos Bree ficaria feliz por eu ter saído com outros caras, já que ficara tão entusiasmada com a ideia.

Fomos até a porta e um cara grande, com a cabeça raspada e uma camiseta onde se lia “funcionário”, pediu nossas identidades. Bem, já dera tudo errado. Eu não tinha identidade. Comecei a me

virar para ir embora, mas Travis segurou meu braço, mostrou o distintivo ao homem e disse alguma coisa a ele. O homem assentiu e acenou para que entrássemos.

Dentro do clube, a música era muito alta – algo sobre sexo e doces – e eu estreitei os olhos examinando o salão com a iluminação fraca, e logo os arregalei ao ver uma mulher seminua deslizar por um poste dourado. Por alguns segundos, fiquei parado ali, observando-a, antes que Travis agarrasse novamente o meu braço e me puxasse para uma mesa onde estavam sentados outros dois homens com copos de bebida já pela metade diante deles.

– Ei, babacas – disse Travis, virando uma das cadeiras de costas, sentando-se e apontando a cadeira ao lado para mim.

Eu me sentei.

– Jason, Brad, este é meu primo, Archer.

– Oi, cara – disse Jason, estendendo a mão. – Que bom que se juntou a nós.

Apertei a mão e percebi que Travis dissera a verdade. O homem usava uma aliança de casado.

– Prazer em conhecê-lo – falou Brad, e também apertei a mão dele.

Uma garçonete se aproximou da mesa, usando o que parecia ser um maiô com uma saia curta, e perguntou se gostaríamos de pedir alguma bebida.

Travis se virou para a garota, olhou para o crachá dela e disse:

– Oi, Brenda – falou, sorrindo.

Ela deu uma risadinha e olhou ao redor da mesa.

– Ora, vocês são um belo grupo – disse Brenda, sorrindo para nós.

Sorri educadamente quando a moça fez contato visual comigo.

– O que posso trazer para vocês?

Travis se inclinou para a frente.

– Uma rodada de shots de tequila e uma rodada de cerveja.

A garçonete sorriu e foi buscar nossos drinques. Travis ficou conversando com Brad e Jason enquanto eu assistia ao show no palco. Quando a garota abriu as pernas e deslizou lentamente descendo o poste, senti o pênis enrijecer um pouco sob a calça jeans e empurrei a cadeira mais para baixo da mesa, para que os outros caras não pudessem ver. Travis me olhou e me dirigiu um sorriso maroto.

A garçonete pousou nossas bebidas na mesa e Travis lhe entregou algumas notas. Ela se inclinou levemente para a frente e enfiou as notas entre os seios grandes. Eu engoli em seco. Não sabia muito bem o que pensar sobre tudo aquilo.

Travis se virou, levantou o copo pequeno com o shot de tequila e disse:

– A Archer! E a uma noite inesquecível!

Os outros caras levantaram os copos, rindo e gritando:

– Bravo, bravo!

Eu os observei enquanto entornavam a bebida em um único gole e em seguida espremiam limão na boca. Fiz o mesmo, me esforçando para não cuspir a bebida quando ela desceu queimando pela minha garganta. Fiquei com os olhos marejados e também espremi limão na boca, sugando o caldo azedo. Isso ajudou.

Travis deu um tapa no meu ombro e disse:

– Isso aí!

Ele ergueu a cerveja na minha direção. Peguei a minha também, ergui na direção dele e tomei, fazendo uma breve careta ao sentir o sabor.

Tio Nate fora um bom bebedor. Ele sempre tinha bebidas em casa e eu experimentara um pouco quando tinha uns 15 anos. Meu tio parecia gostar bastante. Achei que tinha gosto de álcool puro e cuspi logo no primeiro gole. Não entendia por que ele gostava tanto daquilo.

Fiquei longe de bebidas alcoólicas depois disso. Além do mais,

meu pai fora um bêbado agressivo e eu ainda me lembrava de vê-lo chegando em casa, mal conseguindo andar, mas com força suficiente para bater na minha mãe.

Afastei essas lembranças e voltei a olhar para o palco. Havia outra moça lá, pequena, com cabelos castanho-claros longos. Ela me lembrou um pouco Bree. Fiquei observando-a girar ao som da música, escorregar para cima e para baixo no poste com uma perna passada ao redor dele. A garota se inclinou para trás, os cabelos cascadeando enquanto ela arqueava bem o corpo. Levei a garrafa de cerveja aos lábios e dei um grande gole.

Era tudo excessivo – a música alta saindo dos alto-falantes, todos os gritos, assovios e a conversa alta ao meu redor, as imagens e os sons me oprimindo e meu corpo reagindo a coisas que eu não estava certo se eram aceitáveis. Mas a cerveja parecia estar ajudando agora, tornando as coisas indistintas o bastante para que eu conseguisse suportar a quantidade excessiva de informações e para que parte da minha confusão parecesse não ter importância.

Quando a dança da garota terminou, todos os homens que estavam próximos ao palco se inclinaram para a frente e começaram a enfiar notas na calcinha dela. Um deles acenou com o que parecia uma nota de 20 dólares e, quando ela foi engatinhando até ele, o homem enfiou a nota entre as pernas dela, por baixo da calcinha. Eu desviei os olhos.

Para mim bastava. Eu não tinha um termo de comparação para tudo o que estava acontecendo ali e isso fazia com que me sentisse inferior, como se todos ali fossem melhores do que eu. Não gostava disso. Era essa a razão pela qual eu ficava no meu pedaço de terra e não tentava interagir com ninguém. A última coisa de que precisava era de outra razão para sentir que todos a não ser eu sabiam que diabos estava acontecendo.

Virei-me para Travis e comecei a me levantar, apontando para a porta. Travis puxou meu ombro com força, e eu voltei a me sentar

pesadamente, cerrando o maxilar.

Ele se inclinou na minha direção, franzindo os lábios e segurando meu ombro entre os dedos e o polegar enquanto eu o olhava, estreitando os olhos. Se Travis achava que me obrigaria a ficar ali contra a minha vontade, estava muito enganado. Eu pegaria uma carona para casa se fosse preciso.

– Olha só, cara – disse ele, baixinho, para que os outros homens na mesa não pudessem ouvir, imaginei, embora eles estivessem ocupados gritando e assoviando para a garota no palco. – Você acha que Bree não gosta de uma diversãozinha paralela de vez em quando? Na verdade, eu sei muito bem.

Ele me encarou maliciosamente e se inclinou mais para a frente.

– Adoro o sabor de pêssego dos lábios dela.

Meus olhos arderam de raiva e meu estômago se contraiu. Travis tinha beijado Bree?

Ele suspirou.

– Estou só tentando ajudar você, Archer. Bree não acha que você pode satisfazê-la, por isso vem procurar o que precisa onde sabe que vai encontrar.

Ele ergueu as sobrancelhas, obviamente falando de si mesmo.

– E, do jeito que estão as coisas, é bem provável que você não possa dar isso a ela. Por isso eu o trouxe aqui, cara.

Eu me recostei na cadeira, olhando para o palco com o cenho franzido, vendo a morena se inclinar sobre uma cadeira. Bree estava beijando outros homens? Bree estava beijando Travis? A fúria correu por minhas veias. Talvez eu não pudesse culpá-la. Talvez estivesse entendendo tudo errado. Eu pensei que ela gostava do que tínhamos juntos, mas como eu poderia saber de verdade? Como eu *não* me mostraria um cara inexperiente por completo? Ela provavelmente *estava* entediada.

Outra rodada de cerveja apareceu na nossa mesa e tomei um gole grande do copo à minha frente.

Estava infeliz e furioso diante da ideia de Bree com Travis, mas o álcool e as garotas no palco estavam fazendo o sangue correr quente nas minhas veias – e eu estava excitado. Não queria nada além de ir para casa e ver Bree. Queria beijá-la e saborear todo o seu corpo. Queria que ela me tomasse na boca outra vez... mas queria saber que estava fazendo tudo certo. Não queria me sentir como o virgem que eu era.

A garota no palco correu as mãos pelos seios, então agarrou o poste e simulou um ato sexual com ele. Eu estava muito rígido sob a mesa. Naquele momento, levantar e ir embora não era uma opção.

Os outros caras ainda estavam dividindo a atenção entre a garota no palco e os amigos na mesa, conversando e rindo alto. Eu não os escutava mais. Continuei a beber, o sabor agora me agradava.

Uma loura que estivera no palco um pouco mais cedo se aproximou da nossa mesa e se inclinou para sussurrar alguma coisa no ouvido de Jason. Ele riu, se levantou e a seguiu por uma porta perto do palco. Olhei para Travis, que ergueu as sobrancelhas para mim, com um sorriso largo no rosto, e se inclinou na minha direção.

– Tenho uma surpresa para você – disse ele, bem alto, acima da música. – Acho que vai gostar.

Ele olhou para trás e fez sinal para alguém. Logo depois, uma garota veio até nossa mesa. Ela sorriu para mim e eu a fitei; parecia tão familiar.

Travis se inclinou para a frente.

– Archer, lembra-se de Amber Dalton? Ela trabalha aqui agora.

Amber Dalton: a garota por quem eu tivera uma paixão aos 14 anos. Aquela na frente da qual Travis me humilhara. O álcool em meu organismo deve ter sido o motivo pelo qual não me senti envergonhado diante dela. Apenas continuei a encará-la, percebendo os cabelos negros na altura dos ombros, os mesmos olhos grandes, castanhos, que eu amara tantos anos atrás. Ela ainda era tão bonita quanto eu me lembrava.

– Archer Hale? – sussurrou Amber, arregalando os olhos. – Meu Deus, eu não tinha ideia. – Os olhos dela me examinaram. – Nossa, você cresceu bem, não é mesmo?

Ela sorriu e não pude evitar a onda de prazer que percorreu meu corpo. Era como se o que havia acontecido anos antes houvesse terminado bem, agora que eu via o quanto a agradava fisicamente pelo brilho em seus olhos.

– Amber – interrompeu Travis –, acho que Archer está pronto para aquele momento particular que combinei com você.

Ele piscou para ela.

Minha cabeça pareceu clarear um pouco e eu a sacudi, dizendo que não, e estendi a mão para apertar a dela – era a minha maneira de me despedir com um “prazer em vê-la”.

Mas ela ignorou minha mão estendida e se sentou no meu colo, o cheiro forte e doce do perfume de baunilha me envolvendo. Enrijei levemente o corpo, sem saber o que deveria fazer com as mãos, além de mantê-las caídas ao lado do corpo.

– Acho ótimo! – sussurrou ela, inclinando-se para mim e se remexendo em cima da minha quase ereção.

Prendi a respiração. Era uma sensação esquisita, mas boa. Eu não sabia o que fazer.

Com a música pulsando ao fundo, Amber sussurrou no meu ouvido:

– Nossa, você está lindo, Archer. E o seu corpo... – Ela passou o dedo pelo meu peito. – Sabe que eu gostava de você naquela época, não sabe? Via como você ficava me olhando lá no lago. Queria que se aproximasse... mas você nunca fez isso...

Vi o dedo dela descer do meu peito até o cós da calça, e seguir um pouco mais para dentro, então voltar para o meu peito. Agora eu estava totalmente rígido de novo.

– Vão, vocês dois. – Travis riu. – Divirtam-se.

Amber pulou do meu colo, se levantou e me puxou para que eu

também me levantasse. Procurei caminhar atrás dela, para esconder minha ereção e cambaleei um pouco. Droga, estava mais bêbado do que imaginara.

Amber me conduziu para a mesma porta por onde Jason havia desaparecido pouco antes, e seguimos por um longo corredor mal iluminado. Ela então me puxou para dentro de um quarto, à esquerda, e fechou a porta depois que entramos.

Havia uma cadeira no meio do quarto. Amber me levou até ali e me empurrou delicadamente para que eu me sentasse.

Ela foi até a mesa, onde se ocupou com alguma coisa e, um minuto mais tarde, a música começou a sair pelos alto-falantes na parede. Mas dessa vez a música era agradável, nem alta demais nem exagerada. Eu me sentia melhor ali.

Amber veio até mim e me forcei a não abaixar os olhos. Era como se o sangue estivesse zumbindo em minhas veias, mas também me sentia um pouco zozzo.

Ela sentou no meu colo e seu perfume voltou a me envolver, fazendo meu nariz coçar. Amber balançou o corpo no ritmo da música por algum tempo, fechando os olhos e inclinando o corpo para trás para que eu pudesse examiná-la melhor. Era bonita, mas não era Bree. Agora que a olhava mais de perto, sob uma luz mais forte do que a do palco, não gostei da maquiagem excessiva no rosto e achei que havia algo um pouco duro nela – diferente de quando era adolescente.

Amber endireitou o corpo e abaixou a frente do top. Os seios saltaram para fora e ela agarrou minhas mãos e pousou neles. Meu pênis latejava dentro da calça. Rocei os mamilos dela do jeito que Bree gostava e Amber jogou a cabeça para trás, gemendo. Apertei-a delicadamente. Os seios dela eram maiores do que os de Bree, mas pareciam diferentes – não eram macios, eram quase firmes demais, e a pele, esticada e resplandecente.

Amber abriu os olhos, levantou a cabeça e ficou me olhando,

semicerrando os olhos enquanto passava a língua pelos lábios.

– Sabe – disse ela, abrindo os primeiros botões da minha camisa –, na verdade, esse espaço só deve ser usado para dançarmos no colo dos clientes, fazer uma dança sensual, como chamamos, mas Travis me deu uma gorjeta a mais para eu fazer tudo o que você quiser.

Amber estendeu a mão e me esfregou por cima do jeans. Fechei os olhos e arquejei alto.

– Nossa, você é grande, meu bem – ofegou ela, passando os lábios pelo meu pescoço.

Ela chupou a pele ali, fazendo com que eu me sobressaltasse levemente quando senti seus dentes me mordiscarem.

– Hummm – gemeu ela, esfregando o corpo no meu. – Mal consigo esperar para cavalgar esse seu pau grande e grosso, lindo. Gosta de mais rápido e selvagem ou mais lento e profundo? Hein? – sussurrou. – Vamos descobrir, não vamos, meu bem?

Meu corpo reagiu às palavras dela, mas no meu íntimo sentia que algo estava muito errado. Nem sequer conhecia aquela garota. Realmente deveria usá-la para fazer sexo e então voltar para casa, para Bree, a garota de quem eu realmente gostava? Era mesmo isso que Jason fazia com a esposa? Queria que Bree me visse como os outros homens – não queria que ela quisesse beijar Travis –, mas isso, isso parecia... Meu Deus, eu não conseguia pensar direito por causa do álcool e do modo como Amber me esfregava por cima da calça. Minhas ideias estavam confusas, minhas emoções caóticas. Precisava sair daquele quarto. Acabaria com aquilo e iria para casa. Então, de manhã cedo, procuraria Bree.



Saí cambaleando do quarto dez minutos mais tarde e procurei

Travis. Ele ainda estava na mesma mesa, com uma ruiva no colo. Bati no ombro dele, que levantou os olhos para mim e abriu um enorme sorriso. Travis tirou a ruiva do colo e disse:

– Pronto para ir para casa, cara?

Assenti, franzindo o cenho. Era tudo o que eu queria: sair dali e ir encontrar Bree. Queria abraçá-la. Me senti deprimido ao pensar no que acabara de fazer com Amber. Mas tentei afastar a lembrança – afinal, ao que parecia, eu não fizera nada que os outros homens no clube não houvessem feito. E vira várias alianças de casamento ali. Era óbvio que as esposas aceitavam aquele tipo de coisa. Mas concluí que eu era mesmo anormal, porque não faria aquilo de novo. Me sentia vazio, infeliz e envergonhado.

Atravessamos a ponte para Pelion. Travis permaneceu em silêncio durante toda a viagem, com um sorrisinho nos lábios. Eu não me importava com o motivo do sorrisinho – o álcool estava me deixando sonolento, então apoiei a cabeça na janela e fechei os olhos, pensando em Bree.

Travis me sacudiu e achei que haviam se passado apenas alguns segundos. Ainda sonolento, abri a porta do carro e saí. Pouco antes de eu voltar a fechar a porta, Travis piscou para mim e disse:

– Vamos fazer isso de novo, cara.

Eu não respondi e dei as costas à caminhonete. Foi então que percebi que estávamos na frente do chalé de Bree. Me virei para voltar para dentro da caminhonete, mas Travis ligou o motor e eu cambaleei para trás quando ele deu a partida, fazendo bastante barulho.

capítulo 20

BREE

Eu me virei na cama, sorrindo na direção da janela, para o lago escuro mais além. Havia ligado para Melanie e Liza quando soubera que Archer ia sair com Travis e também saíramos e tivéramos uma noite só de garotas.

Fomos até o barzinho de Pelion, tomamos algumas cervejas e conversamos, principalmente sobre as fofocas da cidade. Ao que parecia, havia uma garota que estava tendo um caso com pelo menos três homens casados. As esposas de Pelion estavam alvoroçadas. É claro que eu achava que a garota era menos culpada do que os homens, afinal eles é que haviam feito os votos matrimoniais e os quebrado. Mas imaginava que devia ser menos doloroso acreditar que os maridos tinham sido persuadidos por alguma sedutora com poderes mágicos do que aceitar que eram mentirosos e infiéis.

Também conversamos muito sobre Archer e eu lhes contei sobre ele. As duas me ouviram chocadas, mas empolgadas também.

– Meu Deus, não tínhamos ideia, Bree – disse Melanie.

Ela ficou pensativa por um instante enquanto eu tomava um gole da minha cerveja.

– Mas sabe – continuou ela –, só você poderia ter descoberto isso. Conhece a linguagem de sinais... e acabou vindo para aqui... e ele vivia tão sozinho, sem ninguém para conversar... É um lindo desígnio do destino.

Eu sorriera, sonhadora, deixando-me levar por suas palavras. Era exatamente essa a sensação que eu tinha. *Um lindo desígnio do destino.*

Voltei para casa cedo, por volta das onze horas, pois tinha de trabalhar na manhã seguinte e queria tomar um banho e depois ler um pouco. Desliguei a luz e fiquei pensando em Archer e imaginando como estaria sendo a noite dele. Ficara tão orgulhosa por ele ter concordado em sair com Travis. Archer parecera desconfiado e inseguro, e eu sabia que o principal motivo para ter ido fora porque eu o encorajara. Ainda assim, era um grande passo. Ele mal saía de suas terras, a não ser numa eventual ida à cidade, para fazer compras ou adquirir suprimentos para os projetos que fazia na propriedade. E isso acontecia desde que ele tinha 7 anos. Ir a um bar ou a um restaurante era mesmo um grande passo. Esperava que ao menos Archer se divertisse um pouco.

Tornei a me virar quando ouvi o barulho alto de porta de carro batendo e, logo em seguida, o que pareceu o ronco de uma caminhonete grande se afastando. Que diabos estava acontecendo? Phoebe, que se encontrava deitada aos pés da minha cama, levantou a cabeça e deu um latido baixo.

Meu coração disparou e senti uma onda de medo me dominar. Mas acalmei minha respiração. Se fosse alguém tentando me fazer mal, se fosse *ele*, com certeza não se anunciaria com tanto barulho.

– Deixe de ser paranoica, Bree – murmurei.

Mas mesmo assim fui na ponta dos pés até a sala, com Phoebe nos meus calcanhares.

Afastei a cortina e espiei pela janela. Vi uma figura grande e cambaleante se afastando do meu chalé. Aquele era... Archer? Sim, era ele.

Corri para abrir a porta e chamei baixinho:

– Archer?

Ele se virou na estrada e ficou parado onde estava.

Inclinei a cabeça para o lado e lhe dirigi um sorrisinho confuso.

– O que está fazendo aqui? – perguntei. – Venha cá, estou de pijama.

Ele continuou parado onde estava por mais alguns instantes, oscilando ligeiramente, parecendo... estreitei os olhos na luz mortíca... bêbado e aborrecido. Travis o deixara *bêbado*? Ótimo!

De repente, Archer começou a caminhar na minha direção, a cabeça baixa. Ele subiu os degraus da varanda e veio direto até mim, tomando-me nos braços. Archer me abraçou com força, enfiou o nariz no meu pescoço e inalou profundamente.

Congelei nos braços dele. Archer estava cheirando ao perfume de outra mulher. Estava fedendo, na verdade. Um perfume vagabundo de baunilha. Meu coração pareceu parar no peito e então os batimentos voltaram irregulares. Que diabos acontecera naquela noite só de homens?

– Archer – falei, afastando-o delicadamente.

Ele recuou e fez um gesto, aparentemente tentando afastar os cabelos do rosto. Mas não tinha mais os cabelos longos. Então correu a mão pela cabeça, sentindo o corte novo e me encarando com uma expressão muito infeliz.

Ele então falou em sinais um tanto confusos:

Não gostei dessa noite só de homens. Não gosto de clubes de striptease.

– Clubes de striptease? – repeti, em um arquejo.

Foi então que vi a marca de lábios e dentes no pescoço dele e a mancha de batom rosa forte no colarinho. Senti meu sangue gelar.

– Você esteve com outra mulher, Archer? – perguntei, sentindo o coração afundar mais no peito.

Minhas mãos pareciam incapazes de fazer qualquer outra coisa que não fiquem caídas ao lado do corpo.

Por um longo tempo, ele ficou apenas me encarando, os olhos atormentados me dizendo tudo o que passava em sua cabeça.

Archer chegou a pensar em mentir para mim, eu *vi* isso nos expressivos olhos castanho-dourados, mas então seu rosto assumiu um ar de derrota e ele assentiu com a cabeça.

Não fiz nada além de encará-lo por alguns segundos, antes de falar:

– Eles o colocaram em cima do palco ou algo semelhante? – perguntei, com a esperança de ter sido algum tipo de brincadeira de despedida de solteiro.

Archer franziu a testa, mas então duas manchas vermelhas surgiram em suas bochechas. Ele ergueu as mãos e disse:

Não, em um dos quartos dos fundos.

– Quartos dos fundos? – sussurrei.

Archer assentiu e continuamos apenas nos encarando por algum tempo.

– Então você esteve *mesmo* com ela? – perguntei.

Senti a cor sumindo do meu rosto.

O rosto de Archer ficou ainda mais atormentado e ele confirmou. Então baixou a cabeça e olhou para os pés.

Fechei os olhos por alguns segundos, tentando digerir aquilo, e então voltei a abri-los.

– Por quê? – perguntei, as lágrimas começando a chegar.

Archer enfiou as mãos nos bolsos e ficou apenas me encarando. Sua expressão era uma máscara de infelicidade. Mas o que eu deveria fazer nessa situação? Era impossível que Archer não soubesse que eu ficaria aborrecida por ele ter estado com outra mulher. Será que sabia tão pouco sobre o mundo? Sobre relacionamentos? Sobre amor? Não, eu não podia acreditar nisso.

Archer tirou as mãos dos bolsos e disse:

Você beijou Travis.

O maxilar dele tremia.

Fiz uma pausa, franzindo a testa.

– Beije Travis *uma vez*, quando eu e você ainda éramos apenas

amigos – falei baixinho. – Mas, quando nos tornamos mais do que isso, eu escolhi você, Archer... – Minhas palavras saíram sufocadas. – Eu escolhi você.

A mágoa, a raiva e uma sensação de perda se abateram sobre mim outra vez enquanto ele cambaleava na minha frente, como um filhote de cachorro que tinha acabado de ser chutado. Mas não fora eu que havia acabado de ser chutada?

Pigarreei para não começar a chorar.

– Você está bêbado – falei. – Vou levá-lo de carro até a sua casa. Você precisa dormir para passar o porre.

Eu agora me sentia entorpecida.

Archer agarrou meu braço e eu baixei os olhos para os dedos em minha pele e em seguida olhei novamente para sua expressão derrotada. Ele me soltou e disse:

Me desculpe.

Assenti, então peguei um casaco leve que estava pendurado no gancho perto da porta e saí. Ouvei Archer fechar a porta e começar a me seguir.

Entrei no carro. Ele ocupou o assento do passageiro e fechou a porta devagar.

Seguimos em silêncio a curta distância até Briar Road e, quando parei em frente ao portão, ele se virou para mim, com um olhar suplicante.

– Vá embora, Archer – falei.

Precisava voltar para casa e me enfiar na cama. Não sabia como lidar com meus sentimentos naquele momento.

Archer ficou me encarando por alguns segundos, então se virou, saiu do carro e fechou a porta.

Fiz o retorno e voltei para o meu chalé. Quando olhei pelo retrovisor, Archer ainda estava parado na estrada, as mãos enfiadas nos bolsos, o olhar acompanhando o carro se afastar.

Quando cheguei em casa depois alguns minutos, tirei o casaco

sem me dar conta do que estava fazendo, voltei para o quarto e me enfiei na cama, puxando as cobertas e cobrindo a cabeça. Só então deixei as lágrimas caírem, sentindo o coração devastado. Archer estivera com outra mulher. O homem por quem eu estava me apaixonando escolhera ter sua primeira vez com uma stripper barata no quarto dos fundos de um bar. E eu sabia que tinha uma parcela de culpa pelo que acontecera.



Na manhã seguinte, me arrastei para fora da cama, depois de apenas duas horas de sono. Sentia o peso da tristeza enquanto seguia minha rotina matinal.

Quando cheguei à lanchonete, me ocupei o máximo possível, tentando, sem sucesso, manter a mente longe de Archer. Mas era uma causa perdida, e enquanto reabastecia o açúcar em cada mesa, pensei em como eu insistira para que Archer saísse de sua zona de conforto e fosse mais sociável. Senti vontade de rir com a ironia da situação, e logo depois queria me enfiar embaixo de uma das mesas para chorar. Em vez disso, respirei fundo e contei os sachês de açúcar.

Parte do que acontecera fora culpa minha. Eu não deveria ter insistido tanto para que ele fizesse algo para o qual não estava preparado. Mas achava que talvez Archer nunca estivesse de verdade preparado e que um empurrãozinho de alguém que gostava dele seria bom. Ele não podia ficar a vida toda só naquelas terras, sem nunca se aventurar além do mercado e da loja de ferragens. Mas talvez devesse ter sido eu a ajudá-lo, em vez de aceitar a oferta de Travis. *Travis*. Que papel ele desempenhara em tudo aquilo? Tinha a sensação de que não era nada inocente e de que havia jogado Archer aos lobos em vez de ajudá-lo a sair do casulo. No

mínimo, Travis não impedira o que acontecera no clube. Archer era tão tímido. Com certeza não teria procurado sexo com outra mulher por conta própria. Uma fisgada de dor fez meu coração se apertar de novo e senti vontade de chorar outra vez ao imaginá-lo transando com alguma mulher seminua. Fechei os olhos e afastei as lágrimas. Eu já fora traída antes. Podia superar aquilo.

O problema era que... alguma coisa no que acontecera não me fazia achar que Archer me traía... não exatamente. Era como se houvesse... mais alguma coisa. Interrompi meus pensamentos. Não, eu não iria ficar arrumando desculpas para o que, em última instância, fora uma escolha dele. Ah, meu Deus. Como me sentia confusa e magoada.

Naquela tarde, após fazer duas travessas das minhas saladas, me despedi de Norm e Maggie e fui para casa, onde pretendia passar o resto do dia.

Lembrei que precisava comprar algumas coisas e dei um pulo no mercado. Estava voltando para o carro que deixara no estacionamento, a mente ainda revirando a situação com Archer sem parar, me deixando com vontade de gritar, quando ouvi alguém chamar meu nome em voz baixa.

Virei-me e vi uma mulher de cabelos curtos e castanhos, usando óculos, vindo em minha direção, empurrando um carrinho do mercado.

Parei o meu próprio carrinho e a aguardei, com um sorriso.

– Oi – cumprimentei-a.

– Oi. – A mulher deu um sorriso caloroso. – Sei que não me conhece. Meu nome é Amanda Wright. Não ache estranho eu saber seu nome. Faço parte do mesmo grupo de Anne que se reúne para jogar cartas.

– Ah! Está certo – falei. – Sou vizinha de Anne.

Ela assentiu.

– Eu sei. Ela nos contou sobre você durante o jogo da semana

passada. E quando a vi hoje, imaginei que só poderia ser a Bree que Anne descrevera.

Fiz que sim com a cabeça.

– Ora, é um prazer conhecer uma das amigas de Anne. Ela tem sido tão gentil comigo.

– Sim. Anne é adorável.

Amanda ficou em silêncio por um instante.

– Espero que não pense que estou sendo invasiva, mas... ela mencionou que você fez amizade com Archer.

Amanda me olhou com curiosidade.

As coisas haviam mudado um pouco desde a última vez que eu conversara com Anne, mas não havia a menor possibilidade de eu dar explicações nesse momento, por isso apenas respondi:

– Sim.

Ela sorriu e suspirou.

– Eu era a melhor amiga de Alyssa, a mãe dele – disse ela.

Encarei-a, surpresa.

– Você conheceu a mãe dele?

Ela assentiu.

– Sim, e sempre me senti tão mal por não ter feito mais por Archer depois que Alyssa morreu.

Amanda balançou a cabeça com tristeza.

– Tentei ir até lá algumas vezes, mas sempre havia aquelas placas malucas na cerca, alertando sobre bombas e armadilhas e... eu simplesmente me acovardei – disse ela, pensativa. – Então ouvi dizer na cidade que Archer ficara com algum tipo de sequela por causa do acidente e achei que a família teria mais capacidade de tomar conta dele e de lidar com a situação.

Ela cerrou os lábios.

– Explicar isso em voz alta me faz perceber o quanto pareço fraca.

– Sra. Wright... – comecei a dizer.

– Por favor, me chame de Amanda.

Assenti.

– Está bem, Amanda. Se permite minha intromissão, você sabe qual foi a causa do acidente? Archer não fala muito a respeito e, bem...

Eu não sabia como terminar a frase e simplesmente fiquei em silêncio.

Amanda pousou a mão no meu braço.

– Você gosta dele – disse ela, sorrindo.

Parecia haver lágrimas em seus olhos.

– Gosto – afirmei.

E, naquele momento, percebi que não importava o que havia acontecido entre mim e Archer. Eu gostava muito dele e ainda queria ajudá-lo a viver uma vida que incluísse mais do que apenas ele, alguns cães e muitos projetos para a casa, ano após ano.

Amanda olhou por cima do meu ombro por alguns segundos, pensativa, então disse:

– Tudo o que sei sobre o acidente em si são os poucos detalhes que estavam no jornal. A matéria foi escrita por um repórter de fora da cidade. Não temos jornal em Pelion. As pessoas simplesmente não falam sobre o assunto. Mas, se quer mesmo saber, acho que é por causa de Victoria Hale... *todo mundo* se sente intimidado por ela, que detém o poder de acabar com empregos, de fechar negócios... e é o que faz quando alguém a enfrenta, por isso todos nos preocupamos com razão. E vou lhe dizer uma coisa: na minha opinião, o que quer que tenha acontecido no dia do acidente, começou com Victoria Hale. Ela nunca teve escrúpulos para acabar com a vida das pessoas se isso fosse necessário para dar prosseguimento aos seus planos.

Fiquei estupefata.

– Victoria Hale? – perguntei. – Ela esteve na lanchonete onde trabalho na semana passada para me mandar ficar longe de Archer.

Amanda assentiu mais uma vez, parecendo estar tomando uma decisão.

– Nunca falei com ninguém sobre isso, mas Tori Hale sempre teve um ciúme doentio de Alyssa. Ela estava sempre tentando manipular as pessoas para conseguir o que queria. E, no caso de Alyssa, costumava ter sucesso.

Ela voltou a balançar a cabeça com tristeza.

– Alyssa sempre teve um enorme complexo de culpa em relação a alguma coisa. Ela nunca se achava digna de nada nem de ninguém. Cresceu em um orfanato e não tinha mais ninguém até vir para Pelion...

Amanda pareceu perdida no passado.

– Era a moça mais doce que você poderia imaginar. Ela não tinha uma gota de maldade, e os rapazes Hale ficaram loucos por ela.

Amanda deu um sorrisinho.

– Anne me contou que ela escolheu Marcus Hale.

Eu sorri. Mas Amanda franziu a testa e balançou a cabeça.

– Não, não escolheu. Ela caiu em uma armadilha. Fomos a uma festa na noite em que Alyssa ficou grávida. Victoria estava lá... Nunca poderei provar, mas sei que ela colocou alguma coisa na bebida de Alyssa e que Marcus tirou vantagem da garota. Foi o modo que ele encontrou para ficar com ela e ganhar do irmão, Connor. Estava ficando óbvio que Alyssa amava Connor. É claro que Marcus não previu que ela ficaria grávida, mas foi o que aconteceu. Eles se casaram três meses depois. Alyssa estava de coração partido e Connor também. E, é claro, Alyssa se culpava e achava que seu castigo era estar casada com um homem que não amava. Ela fez muitas escolhas ruins, mas a maioria delas se deveu ao fato de ela ter uma autoestima muito baixa.

Amanda adquiriu um expressão pensativa outra vez.

– Eu sempre disse que o principal dom de Tori Hale é manipular os outros para que façam o que ela quer. As mãos dela estão

sempre limpas, e no entanto, ela é sempre a cabeça por trás das cortinas, por assim dizer.

Ela balançou a cabeça, ainda triste, parecendo prestes a chorar. Mas então voltou ao presente, levou a mão ao peito e riu baixinho.

– Minha nossa! Olhe só para mim, fofocando sobre o passado aqui no estacionamento do mercado, enquanto as suas compras provavelmente estão derretendo! Por favor, me perdoe. Só queria mesmo me apresentar e perguntar se você se incomodaria de mandar lembranças minhas a Archer e de dizer que a mãe dele era muito especial para mim.

Assenti para Amanda, triste com a informação que ela me dera sobre a mãe e o pai de Archer.

Amanda continuou:

– Tenho uma boutique de roupas na cidade, a Mandy's – falou com um sorriso. – Criativo, não? Venha me visitar um dia desses e eu lhe darei um desconto de amiga.

Sorri para ela.

– É muito gentil da sua parte, obrigada. Irei, sim.

– Ótimo. Foi um prazer conhecê-la, Bree – disse Amanda.

– Igualmente.

Coloquei as compras no carro e fiquei sentada no estacionamento, pensando na garota doce que chegara a uma cidade nova e nos irmãos que a amaram. Pensei em como aquele que ela não amava manipulou a situação para que ela o escolhesse. E tudo terminara em tragédia. Também pensei no garotinho que a mulher deixara para trás e no quanto meu coração doía pelo que talvez nunca mais voltássemos a ter.



Passei os dois dias seguintes indo direto do trabalho para casa me

esconder. Lia a maior parte do tempo, tentando fazer os dias passarem mais rápido. *Eu sofria*. Sentia saudades de Archer. E, estranhamente, queria confortá-lo. Não sabia muito bem o que acontecera naquele clube, a não ser que ele fora para um quarto nos fundos com uma das strippers e fizera sexo com ela – e eu nem imaginava que essa possibilidade estava no “cardápio” de um clube de striptease, mas o que eu sabia? Bem, sabia que Archer não ficara feliz com o que fizera. Então, por que fizera aquilo? Tentei me colocar no lugar dele, tentei entender como devia ter sido para ele estar em um clube de striptease. Mas pensar muito a respeito só fazia com que eu me sentisse pior.

Na sexta-feira, estava saindo do trabalho quando vi Travis atravessar a rua em trajes civis. Estreitei os olhos contra o sol e vi que estava conversando distraidamente com um homem mais velho. Senti a raiva me dominar. Ele estivera lá... fora ele que levava Archer a um clube de striptease. Travis *planejara* aquilo.

Sem parar para pensar, atravessei intempestivamente a rua, na frente de um carro que soou a buzina estridente para mim. Travis ergueu os olhos e começou a abrir um sorriso, mas então viu a expressão no meu rosto e ficou sério. Ele se virou para o homem com quem conversava, disse alguma coisa e veio ao meu encontro na calçada.

Assim que Travis me alcançou, dei uma bofetada em seu rosto, e o som reverberou no ar ameno de outono. Ele fechou os olhos, levou a mão ao rosto e movimentou lentamente o maxilar.

– Por que diabos fez isso? – sibilou Travis.

Eu o encarei.

– Você é um idiota cruel e egoísta, Travis Hale. Que diabos estava pensando quando levou Archer a um clube de striptease? Achei que poderia confiar em você para tomar conta dele!

– Tomar conta dele? – repetiu Travis, rindo baixinho. – Por acaso ele é uma criança, Bree?

– O quê? – falei, furiosa. – É claro que ele não é uma *criança*. Mas você *sabe* que Archer precisava que você cuidasse um pouco dele. Ele nunca tinha saído antes! Precisava que você...

– É isso que você quer? Um homem que precise de cuidados o tempo todo? É esse o tipo de homem que você quer?

Eu estava vendo tudo vermelho agora e sentia vontade de dar outro tapa na cara de Travis.

– Você está distorcendo tudo! Está fazendo parecer que Archer é mentalmente incapaz de lidar com coisas que nunca fez antes. Ele só precisava que você...

– O quê? Que eu segurasse a mão dele a noite toda para que ele não trepasse com outra mulher?

Fiquei boquiaberta e o encarei ultrajada.

Ele suspirou e passou a mão pelos cabelos.

– Minha nossa, Bree, eu não estava tentando armar uma situação para magoar você. Estava só tentando oferecer uma noite divertida para Archer. Fazer com que ele se sentisse *homem*, dar a ele alguma confiança, para que não se sentisse tão inferior a você! Tudo bem, é óbvio que não foi o melhor dos planos. Descobri isso depois que ele foi para os fundos com uma garota de quem gostava quando era adolescente e trepou com ela, tá bom?

– Meu Deus, pare de dizer isso! – falei, sentindo as lágrimas aflorarem.

Sequei-as, irritada comigo mesma por estar chorando no meio da rua, na frente de Travis Hale.

– Archer não é para você, Bree. Ele é... diferente demais... fechado demais, vai acabar tomando decisões que irão magoá-la. Sinto muito se descobriu isso do modo mais difícil.

Sacudi a cabeça.

– Você está distorcendo a situação!

– Não estou – disse ele em um tom carinhoso, me puxando e passando os braços ao meu redor. – Sinto muito, Bree. Muito

mesmo.

Eu o afastei, me virei e segui para o meu carro. Sentia a cabeça girando de mágoa e raiva... de Travis, de Archer, de mim mesma. Só precisava ir para casa.

– Bree – chamou Travis. Eu parei de caminhar, mas não me virei.
– Estou aqui se precisar de mim.

Continuei andando, notando que as pessoas ao nosso redor estavam paradas observando- nos. Nossa, que sutileza. Mas nós tínhamos acabado de dar um show, ou melhor, eu tinha acabado de dar um show.

Caminhei rapidamente até o carro e segui para casa me sentindo entorpecida. Arrastei-me para dentro do chalé e afundei no sofá.

Phoebe se levantou e pulou animada no meu colo, balançando o rabo e lambendo meu rosto. Eu ri, apesar do meu péssimo humor, e a abracei.

– Oi, garota – falei.

Phoebe pulou do meu colo e correu para a porta, ganindo baixinho, pedindo para sair. Estava tão acostumada a ser colocada na cesta da bicicleta e ir para a casa de Archer todos os dias que devia estar sentindo falta dos amigos e também daquele terreno enorme onde podia correr e explorar à vontade.

– Também sinto saudade dele, garota – falei, sem ter a menor ideia do que fazer.

Depois de alguns minutos, entrei no chuveiro. Enquanto me despia no quarto as primeiras gotas de chuva começaram a cair.

capítulo 21

BREE

Por volta das oito, a chuva caía com força, e os trovões tinham começado a ribombar, e os raios, a zigzaguear no céu.

Fiquei encolhida no meu quarto, com Phoebe no colo. A sensação *daquela* noite voltou com força enquanto eu estava ali. Eu lidava melhor com as lembranças agora, mas sabia que temporais como aquele sempre me lembrariam da sensação de solidão e desamparo.

Havia acendido várias velas pelo quarto, para o caso de acabar a luz. Normalmente, as velas garantiam uma atmosfera calma e romântica, mas naquela noite as sombras que elas projetavam na parede tornavam a tempestade ainda mais assustadora.

Ouvi uma batida suave na porta e me sobressaltei. Phoebe levantou as orelhas e latiu baixinho. Quem estaria ali?

Já estava com *e/e* na mente por causa da chuva, por isso meu coração disparou quando levantei bem devagar da cama e atravessei o corredor na ponta dos pés, com Phoebe nos meus calcanhares.

Fui até a janela da frente e afastei a cortina, onde podia ver parte da varanda. Archer inclinou o corpo para trás, me olhando. Meu coração bateu com mais força ainda quando o vi encharcado: o jeans, a camiseta branca e o agasalho com o zíper aberto colado ao seu corpo. Minha nossa, ele devia ter vindo andando da casa dele até ali em plena tempestade.

Só hesitei um segundo antes de correr para abrir a porta, o som da chuva mais forte batendo no pátio diante da varanda. Um trovão

alto sacudiu o chalé e eu me sobressaltei, fazendo Archer dar um passo em minha direção.

O que está fazendo aqui?, perguntei.

Você não gosta de tempestades, respondeu ele.

Inclinei a cabeça para o lado, confusa.

Você caminhou quase 2 quilômetros na chuva por eu não gostar de tempestades?

Archer hesitou por um segundo, desviando os olhos e franzindo o cenho. Então olhou de volta para mim e disse apenas:

Sim.

Então fez uma pausa, com uma expressão infeliz no rosto.

Sei que provavelmente sou a última pessoa que você quer ver neste momento, mas achei que, se ficasse sentado na sua varanda, você não ficaria com medo. Não estaria sozinha.

Não pude evitar as lágrimas que começaram a jorrar.

Archer deu um passo hesitante em minha direção e, me olhando nos olhos, silenciosamente pediu minha permissão. Assenti, aceitando o que me oferecia, e Archer me tomou nos braços e me apertou contra seu corpo.

Passsei os braços ao redor dele e enfiei o rosto em seu pescoço, inspirando o cheiro limpo, de chuva. Chorei baixo nos braços de Archer por um longo tempo, enquanto ele me abraçava, acariciando minhas costas em movimentos circulares, o hálito quente próximo ao meu ouvido, as roupas encharcadas molhando as minhas também. Durante esse tempo, esqueci os trovões e a chuva que caía ao nosso redor... éramos apenas eu e ele, nada mais.

Eu não sabia o que pensar. Só sabia que aquilo parecia certo. Archer ainda era meu melhor amigo, meu garoto doce e silencioso, e eu sentira uma saudade tão desesperada dele que chegava a doer. Ele me magoara e, ainda assim, eu me agarrava a ele como se minha vida dependesse disso.

Depois de alguns minutos, recuei e olhei para o rosto dele.

Archer me encarou com uma expressão tão doce, tão carinhosa, que senti meu coração apertado no peito.

Você me magoou, falei, me afastando.

O rosto de Archer se encheu de tristeza e ele assentiu, reconhecendo que sabia disso.

Deixe-me consertar o que eu fiz, falou ele, por favor. Quero consertar as coisas entre nós. O que eu posso fazer?

Suspirei, os ombros caídos.

Você fez sexo com outra mulher, Archer.

Ele sacudiu a cabeça.

Eu não fiz sexo com ela, eu só... fiquei lá com ela.

Minhas sobrancelhas franziram e eu levantei a cabeça rapidamente.

O quê? Achei que você... espere um pouco, então o que fez com ela?

Eu não sabia o que ele iria me contar, mas um alívio profundo me invadiu quando percebi que Archer não tinha ido até o fim com a garota.

Ele suspirou, passou a mão pelos cabelos molhados e então a sacudiu ao lado do corpo.

Eu... é..., ele suspirou de novo. *Ela me levou para um quarto nos fundos, beijou meu pescoço e colocou minhas mãos nos seios dela. Meu corpo... reagiu.* Archer fechou os olhos e segundos depois voltou a abri-los. *Ela me disse que Travis tinha pagado para que fizesse sexo comigo, mas não achei certo e fui embora. Foi isso que aconteceu. Eu sinto muito. Sabia que não era certo. Eu não queria aquilo. Quero dizer... eu...* A expressão no rosto de Archer era de muita vergonha e ele tornou a baixar os olhos.

Deixei o ar que estava prendendo escapar dos pulmões e ri baixinho, sacudindo a cabeça. Archer segurou meu queixo entre os dedos frios e levantou a minha cabeça. Ele me olhava com uma expressão indagadora.

Você ganhou uma dança erótica comum em bares de striptease, só que foi longe demais. Mas você disse não para ela e foi embora. Eu o observei por um instante. Por que disse não?

Ele não disse nada por um tempo. Então falou:

Porque não quero estar com ninguém que não seja você. Não queria aquela mulher, só você. Eu só quero você, Bree.

Ficamos parados na porta da minha casa, nos encarando e, naquele momento, percebi que ele estava tremendo, os lábios já ficando azulados, e que a água da chuva estava formando uma poça no chão da varanda, embaixo dele.

– Ah, minha nossa, você está congelando – falei, minhas mãos ocupadas, puxando-o para dentro. – Temos que aquecê-lo.

Fui com ele até o banheiro, liguei o chuveiro e o vapor quente logo se espalhou. Comecei a despir Archer, primeiro o casaco e a camiseta. Ele permitiu, os olhos fixos no meu rosto, só ajudando quando eu precisava. Então tirou os sapatos e me ajoelhei diante dele para tirar suas meias molhadas. Levantei outra vez, devagar, correndo os olhos pelo abdome e pelo peito de Archer. O banheiro subitamente pareceu ainda mais quente. Mordi o lábio e levantei os olhos para seu rosto bonito.

Entre no chuveiro, falei, quando ele não usava mais nada além da calça jeans. Preciso mudar de roupa também, continuei, baixando os olhos para a minha camisola molhada.

Archer assentiu, eu me virei rapidamente e saí do banheiro. Fechei a porta e me encostei nela por um instante, mordendo o lábio mais uma vez. Gemi baixinho.

– Só você, Bree – murmurei para mim mesma. – Só você para se apaixonar pelo mudo solitário da cidade.

Mas então sorri. Sim, mudo, solitário, mas *meu* mudo solitário.

Alguns minutos depois, ouvi o chuveiro ser desligado e, quando a porta foi aberta, falei:

– Estou na cozinha.

Archer entrou com apenas uma toalha enrolada nos quadris estreitos, passando a mão pelos cabelos e parecendo um tanto envergonhado. Olhei para o belo peito nu e para o modo como a toalha deixava pouco à imaginação no que se referia aos seus dotes e engoli em seco.

– Estou acabando de preparar o chá – falei, abrindo dois saquinhos. – Se quiser pegar suas roupas e colocá-las para secar, a máquina fica ali no corredor.

Ele assentiu, saiu da cozinha enquanto eu terminava de preparar o chá e se juntou a mim quando eu já levava as canecas para a sala. Archer pegou uma das canecas e nos sentamos juntos no sofá, bebericando o chá quente em um silêncio confortável por vários minutos.

Depois de algum tempo, ele pousou a caneca na mesa próxima ao sofá e se virou para mim.

Posso lhe dizer uma coisa?

Olhei para ele, inclinei a cabeça e falei:

– É claro.

Archer respirou fundo e pareceu estar organizando os pensamentos.

Andei pensando muito nestes últimos dias e... Eu estava tentando ser o que você quer que eu seja, mas... é demais para mim, Bree. Ele balançou a cabeça levemente. Detestei aquela noite. O barulho, todas aquelas pessoas, o fato de eu não poder falar. Archer ficou em silêncio por um instante antes de encontrar meus olhos. Quero fazer você feliz, mais do que qualquer coisa, mas...

Ele correu a mão pelos cabelos novamente.

Pousei a xícara na mesa de centro à nossa frente e cheguei mais perto dele.

Archer, eu fiz você se sentir como se fosse um projeto para mim. Fiz com que achasse que você, do jeito que é... não era o bastante. Baixei os olhos e logo voltei a encará-lo. Me desculpe.

Ele segurou minhas mãos, apertou-as e soltou.

Não, não é culpa sua. Sei que estava tentando... expandir meu mundo. Só que eu preciso fazer isso quando estiver preparado. E eu não sei quando estarei preparado. Talvez demore muito, Bree.

Assenti, as lágrimas afluindo.

Tudo bem, afirmei.

Então ri baixinho, subi no colo dele, abrindo as pernas, e me inclinei para a frente, apertando-o com força contra o meu corpo.

– Mas só um aviso – sussurrei no ouvido dele, sem querer me afastar ainda.

Archer esperou. Inclinei o corpo para trás e concluí:

– A única mulher que faz danças sensuais para você sou eu.

Ele sorriu, os olhos dançando. Senti que aquele sorriso poderia me matar do coração por overdose de beleza. Sorri também, me inclinei para a frente e o beijei com paixão.

Um trovão ribombou e um raio riscou o céu, sua luz pulsando na sala por vários segundos. Suspirei, contente, e deslizei minha língua para dentro da boca quente de Archer. O sabor dele era uma mistura de canela da pasta de dente e mel do chá. A língua de Archer encontrou a minha, deslizou ao redor dela e fez com que eu deixasse escapar um suspiro profundo. Ele segurou meu rosto entre as mãos e inclinou a minha cabeça para que pudesse ampliar o seu alcance, assumindo o comando do beijo e explorando minha boca lenta e completamente até me fazer arfar e me esfregar sobre seu membro grosso e rijo.

Archer era tímido e inseguro na maior parte do tempo, mas quando se tratava de alguma coisa que ele se dedicara a aperfeiçoar, era firme e confiante. Me perguntei se ele já teria percebido isso sobre si mesmo.

Interrompi o beijo em busca de ar e inclinei a cabeça para trás, para que ele tivesse livre acesso ao meu pescoço. Archer o beijou e mordiscou de leve enquanto eu corria os dedos pelos cabelos dele.

Suas mãos dirigiram-se aos meus seios e ele esfregou os mamilos preguiçosamente sobre o algodão fino da minha camisola. Suspirei de prazer, agarrando-lhe os cabelos.

Senti que seu membro ficava ainda mais rígido debaixo de mim. Nada nos separava, a não ser o tecido, agora úmido, da minha calcinha, e o tecido felpudo da toalha.

Enfiei a mão entre nossos corpos e passei os dedos de leve sobre o abdome dele. Archer arfou, os músculos tensos sob o meu toque. Levei a mão ainda mais para baixo e acariciei-o por cima da toalha, enquanto ele me olhava com olhos pesados, os lábios ligeiramente entreabertos. Minha nossa, eu o achava estonteante! A umidade crescia entre as minhas coxas e eu me sentia latejar, pulsar, ansiando para ser preenchida.

– Archer... eu quero você – sussurrei.

Sem hesitar, ele passou os braços por baixo do meu corpo e se levantou, indo na direção do quarto. Eu passei os braços ao redor do pescoço dele.

– Acho que isso é um sim – disse eu.

Ele sorriu para mim, parecendo um pouco nervoso.

Quando chegamos ao quarto, Archer me deitou com delicadeza na cama e ficou olhando para mim, com um misto de carinho e desejo em sua expressão. O coração ribombava em meus ouvidos.

Archer se virou para a parede e apagou a luz. As velas ainda estavam acesas e emprestavam um brilho sonhador ao quarto. Que diferença meia hora fazia, pensei, lembrando que estivera sentada naquele mesmo quarto, havia pouco tempo, me sentindo só e assustada.

Archer virou-se, deixando cair a toalha enrolada em sua cintura, e pude ter de relance a visão de seu corpo completamente nu antes que ele apoiasse o joelho na cama e abaixasse o corpo sobre o meu. Santo Deus! Construir pátios de pedra, cortar lenha e caminhar por toda parte era um vídeo de exercícios que ele precisava colocar no

mercado o mais rápido possível.

Archer uniu sua boca à minha em um beijo longo e profundo, e desceu os lábios para o meu pescoço quando nos separamos para respirar. Ele sugou delicadamente a pele e inclinei ainda mais a cabeça para trás, dando mais espaço para os lábios dele e erguendo os quadris contra o pênis rígido. Archer arquejou, levantou a cabeça e olhou nos meus olhos.

Ele estava apoiado nos cotovelos, mantendo o corpo erguido sobre o meu, e portanto não podia usar as mãos para se comunicar. Preferi não falar nada também. A expressão no rosto dele já me dizia tudo o que eu precisava saber. Que, no fundo, não havia outro lugar onde ele preferisse estar a não ser ali, comigo, fazendo o que estávamos prestes a fazer. E, quando vi seus olhos escuros de desejo e a expressão terna e emocionada, soube que para mim também não havia outro lugar no mundo em que eu preferisse estar.

Levantei os braços, indicando que ele deveria tirar minha camisola. Archer ergueu o corpo, segurou-a pela bainha e levantou-a lentamente, passando-a pelos meus braços e por cima da minha cabeça. Então deixou a camisola cair no chão, perto da cama.

Ele se levantou outra vez, olhando nos meus olhos enquanto segurava de ambos os lados da minha calcinha e a deslizava pelas coxas. Olhei dos olhos dele para o pênis muito rígido, e a pulsação na minha parte mais íntima ganhou intensidade.

Archer ficou me encarando e comecei a me remexer enquanto os olhos dele passeavam para cima e para baixo no meu corpo. Nunca havia ficado parada daquele jeito, enquanto alguém examinava meu corpo nu, mas quando Archer levantou os olhos para mim e disse *Você é tão linda*, eu relaxei. Percebi que as mãos dele tremiam um pouco.

– Você também – sussurrei quando ele voltou a se abaixar sobre mim, os músculos dos braços se flexionando mais uma vez para sustentar seu peso e os lábios voltando a encontrar os meus.

Passei as mãos devagar pelos músculos rígidos dos braços de Archer e subi para os ombros. Em seguida, desci pelas costas macias e parei no traseiro, onde corri as mãos com suavidade, apertando ligeiramente e puxando-o mais para mim. Senti o sorriso dele contra a minha boca.

Afastei-me dos lábios dele, sorrindo também, e Archer beijou novamente o meu pescoço.

– Você gosta que eu aperte a sua bunda? – perguntei, sorrindo.

Ele sorriu junto ao meu pescoço.

Levei as mãos outra vez ao traseiro de Archer e apertei, pressionando os quadris contra o pênis dele, rígido sobre a minha barriga, o calor que emanava dele queimando minha pele de um modo delicioso e me fazendo tremer de desejo.

Archer abaixou a cabeça sobre os meus seios e sugou um mamilo na boca quente, acariciando-o com movimentos circulares da língua.

– Ah, Archer – arquejei –, por favor, não pare.

Ele levantou uma das mãos e brincou com o outro mamilo, enquanto sugava e provocava o que continuava em sua boca. Então revezou.

Gemi e continuei erguendo os quadris, procurando alívio para a ânsia entre as minhas pernas, sentindo meu clitóris tão inchado que achei que gozaria no instante em que ele o tocasse.

Archer levou as mãos ao meio das minhas pernas e enfiou o dedo na carne úmida, trazendo um pouco dessa umidade até meu pequeno feixe de nervos enquanto, com o dedo, fazia pequenos círculos sobre ele, exatamente como eu tinha mostrado. Arquejei e gemi, os quadris cada vez mais altos, pressionados contra a mão dele, implorando pelo alívio que estava tão próximo. Eu já podia senti-lo, como pequenas descargas elétricas.

– Ah, meu Deus – gemi, movendo a cabeça de um lado para o outro.

Senti o pênis de Archer saltar contra a minha barriga e foi só o que bastou para me fazer chegar a um gozo intenso, o prazer se espalhando lentamente pelo meu corpo enquanto eu continuava a arquejar e gemer.

Quando abri os olhos, Archer me olhava com aquela expressão de deslumbramento e ternura que eu amava.

– Quero tanto você dentro de mim... – sussurrei.

Ele continuou a olhar nos meus olhos e ajustou o quadril entre as minhas pernas. Então segurou seu pênis e o guiou até a minha entrada. Eu o vi engolir com dificuldade quando ergui os joelhos e os afastei para facilitar o acesso.

Nossos olhares se encontravam, e algo se passou entre nós – aquela mesma sensação indescritível que eu percebera no dia em que nos conhecemos – só que muito mais intensa.

Apoiei-me nos cotovelos e ambos observamos enquanto Archer entrava lentamente em mim, penetrando centímetro a centímetro, me esticando e me preenchendo. Quando ele parou, levantei os olhos e o prazer absoluto que vi em seu rosto era tão primitivo e intenso que não pude desviar os olhos, fascinada. *Eu era a responsável por aquela expressão em seu rosto.* Archer latejava dentro de mim e, com uma estocada, me preencheu por completo. Deixei o corpo cair para trás, gemendo baixinho, quando ele começou a arremeter devagar. Eu o olhava fascinada por todas as emoções que passavam por seu rosto à medida que ele acelerava o ritmo – deslumbramento, desejo intenso, a tentativa de manter o controle e, por fim, a rendição ao prazer enquanto ele arremetia com mais força, mais profundamente, a respiração saindo em arquejos.

Levantei o quadril e passei as pernas pelas costas de Archer. Os olhos dele cintilaram por um breve instante, antes que ele enterrasse o rosto em meu pescoço. As arremetidas ficaram mais bruscas até ele dar uma última e profunda estocada. Archer

pressionou o corpo contra o meu, girando os quadris bem devagar, ordenhando seu prazer.

Ficamos ali deitados juntos por longos minutos, Archer respirando pesadamente junto à lateral do meu pescoço, enquanto eu sorria para o teto.

Por fim, levantei as mãos, passando as unhas de leve pelo traseiro dele e apertei-o delicadamente. Senti o sorriso de Archer junto à minha pele, mas ele não levantou a cabeça nem tentou se mover, o corpo apoiado parte no meu, parte na cama, para não me esmagar.

– Ei – sussurei –, você está vivo?

Senti outro sorriso lento em meu pescoço, então ele sacudiu a cabeça, dizendo que não.

Ri baixinho e ele levantou a cabeça, um sorriso doce em seu rosto. Archer segurou meu rosto entre as mãos e beijou meus lábios ternamente por vários minutos antes de se sentar.

Sentei-me também. Precisava me limpar.

Segurei seu rosto entre as mãos e o beijei de novo, em seguida me levantei e fui até o banheiro. No caminho, olhei para Archer, que ainda me observava, os olhos passeando pelas minhas costas nuas. Escapei para o banheiro, me limpei e voltei para o quarto, encontrando Archer ainda sentado na beira da cama, parecendo um pouco inseguro.

– Esse é o momento em que ficamos abraçados.

Sorri. Ele retribuiu o sorriso, suspirou e puxou as cobertas. Deitamos lado a lado, Archer me trazendo para junto de seu corpo, e eu nos cobri. Viramos na direção da janela e vimos que a chuva ainda caía, embora um pouco mais calma agora.

Eu deixara as persianas abertas – havia apenas o lago mais além, ninguém poderia nos ver. Um relâmpago cortou o céu a distância e logo ouvimos o ribombar do trovão, mas a tempestade começava a diminuir. Suspirei, feliz, quando Archer me apertou ainda mais junto

dele.

Ficamos bastante tempo assim até que ele finalmente se virou na minha direção e sussurrei:

– Senti tanto a sua falta nesses últimos dias.

Ele assentiu, deitou de costas e falou:

Eu também. Estava ficando louco.

Levantei o corpo, beijei o peito dele e pousei a cabeça ali, ouvindo seu coração bater por algum tempo, enquanto ele brincava com meus cabelos.

Quer saber a primeira coisa que pensei quando nos conhecemos, além do quanto você era linda?, perguntou Archer.

Olhei para as mãos dele se movendo perto de mim, então levantei a cabeça e o encarei com um olhar indagador. Ele me encarou de volta, com uma expressão calorosa nos lindos olhos cor de âmbar.

Você ficou envergonhada diante de mim, acanhada. Chegou até a enrubescer por causa de todas aquelas barras de chocolate.

Ele sorriu, abaixou a cabeça e beijou minha testa. Meu coração acelerou.

Archer prosseguiu:

Aquela foi a primeira vez na minha vida em que alguém ficou envergonhado diante de mim. As pessoas já haviam se mostrado constrangidas por minha causa, mas nunca por algo que houvessem feito na minha frente. Aquilo fez com que eu me sentisse uma pessoa de verdade, Bree. Fez com que eu sentisse que alguma coisa em mim tinha alguma importância.

Engoli com dificuldade.

– Você é uma pessoa de verdade, Archer. É a melhor pessoa que eu conheço – sussurrei, deitando a cabeça em seu peito novamente.

Archer me abraçou outra vez e ficamos deitados pelo que pareceu uma eternidade, apenas aproveitando o fato de ter o outro nos braços, pele contra pele, coração contra coração.

Depois de algum tempo, pressionei o nariz contra a pele dele e inalei, sentindo o cheiro masculino, limpo. Sorri de novo e tornei a beijar sua pele. Archer levou a mão à minha bunda, eu me sobressaltei e dei uma gargalhada. Quando levantei os olhos, ele estava sorrindo.

– Ei, é *você* que gosta disso! – falei, rindo.

E do que você gosta?, perguntou ele, rolando para cima de mim e sorrindo.

Archer apoiou o corpo nos cotovelos para que pudesse usar as mãos para falar. Minhas próprias mãos estavam presas, por isso eu disse:

– Não sei bem... mas aposto que você vai descobrir.

Sorri e ele ergueu uma sobrancelha, como que aceitando o desafio.

Enfiei a mão embaixo das cobertas e acariciei-o delicadamente, sentindo-o enrijecer sob meu toque.

– Então, foi tudo que você imaginava que seria? – perguntei, sorrindo.

Ele também sorriu, então arquejou quando corri um dedo em torno da cabeça do pênis e assentiu vigorosamente. Em seguida, disse:

Foi mais do que eu imaginava.

Vi quando franziu o cenho ligeiramente.

– Qual é o problema? – perguntei.

Acho que eu deveria ir até a farmácia comprar camisinhas, respondeu ele.

Archer baixou os olhos para mim, parecendo um pouco nervoso.

Eu o fitei, imaginando se o tio havia conversado com ele sobre controle de natalidade – me dando conta de que provavelmente esse era um assunto que eu deveria ter abordado.

Elas são 98 por cento efetivas na prevenção da gravidez, disse ele, ainda olhando nos meus olhos. *É o que diz na caixa que vi na*

farmácia.

Não pude evitar um sorriso.

Archer arqueou uma sobrancelha e também sorriu.

Você está rindo de mim?, perguntou, mas não parecia aborrecido.

Pousei a mão no rosto dele, ficando séria.

– Não, nunca – garanti, balançando a cabeça. – Estou tomando pílula.

Pílula?, indagou Archer.

Assenti.

– Evita que eu fique grávida – expliquei.

Como ele simplesmente continuou a me olhar, prossegui:

– Acabei de começar outra cartela, porque a pílula anticoncepcional faz os meus períodos menstruais serem mais tranquilos e... bem...

Archer assentiu, baixou o rosto e esfregou o nariz no meu. Então beijou minha boca, minhas pálpebras e a ponta do meu nariz. Ele sorriu para mim e meu coração se apertou no peito.

Archer levantou as mãos e afastou alguns fios de cabelo do meu rosto, enquanto eu continuava a fitá-lo. Ele me examinou por um longo tempo, como se estivesse tentando memorizar tudo em mim.

– Quais são os seus sonhos, Archer? – sussurrei, querendo saber o que se passava no coração dele.

Archer me encarou por mais alguns instantes, então ficou de joelhos e me puxou para cima, de modo que eu ficasse montada nele. Sorri e passei os braços ao redor de seu pescoço, mas me afastando um pouco para deixá-lo falar.

Não sabia o bastante para sonhar com você, Bree, mas de algum modo você se tornou realidade. Como isso aconteceu? Ele esfregou o nariz no meu, ficou em silêncio por um tempo e então voltou a se afastar. *Quem leu a minha mente e soube exatamente o que eu queria, quando eu mesmo não sabia?*

Suspirei e sorri, sentindo um nó na garganta. Continuei a sorrir junto aos lábios dele e falei:

– Eu me sinto da mesma forma. Você também é meu sonho, Archer. Do jeito que é.

Ele me fitou nos olhos outra vez, então me puxou para ele e me beijou com paixão, a língua passeando dentro da minha boca, me saboreando.

Senti que ele inchava e enrijecia embaixo de mim, então ergui um pouco o quadril e o guiei até a entrada pela qual ansiava, voltando a baixar o corpo sobre o dele até senti-lo totalmente enterrado em mim. Archer prendeu a respiração e passou a mão frouxamente pela minha cintura, enquanto eu começava a mover o corpo devagar, subindo e descendo pelo membro ereto.

Toda vez que eu abaixava o corpo, meu clitóris encostava na virilha dele, fazendo com que deliciosas fagulhas de prazer se espalhassem pelo meu corpo. Comecei a arquejar cada vez que abaixava, jogando a cabeça para trás e cavalgando-o com rapidez e intensidade crescentes.

Archer se inclinou para a frente e sugou meu mamilo, que agora estava bem diante do rosto dele, girando a língua e aumentando o prazer que eu sentia. Podia perceber o orgasmo se aproximando e acelerei o ritmo para alcançá-lo.

A respiração de Archer saía em arquejos contra o meu peito, enquanto ele revezava entre um seio e outro, sugando os mamilos rígidos, me deixando louca de desejo.

Meu corpo ficou tenso e pulsou ao redor do membro dele, no momento em que um orgasmo intenso me dominou. Gritei o nome de Archer, estremecendo em pleno êxtase.

Abri os olhos e vi que os de Archer estavam semicerrados e escuros de desejo. Ele assumiu o controle e começou a arremeter dentro de mim enquanto eu me agarrava a ele e gemia com as pequenas ondas de prazer restantes que ele induzia.

Depois de algumas arremetidas, senti que Archer ficava ainda maior dentro de mim. Seus lábios se entreabriram, os olhos semicerraram e ele também atingiu o clímax, o peito subindo e descendo com os arquejos.

Archer era tão lindo. Senti um aperto no peito e soube que era somente ele me tirando o fôlego.

Eu o abracei e Archer me puxou para ele enquanto eu continuava a montá-lo por vários minutos à medida que nossa respiração se acalmava.

Então levantei, tirando-o lá de dentro, ao mesmo tempo que deixava escapar um lamento que o fez sorrir para mim. Retribuí o sorriso e desabei na cama, suspirando satisfeita.

Archer se deitou ao meu lado e disse:

Há alguma razão pela qual precisamos deixar esta cama pelos próximos... três meses, aproximadamente?

Eu ri, olhei para ele e respondi:

Na verdade, não. Quero dizer, a não ser o fato de que eu acabaria sendo demitida, não poderia pagar o aluguel e esta cama iria parar no meio da rua em algum momento.

Ele sorriu, o peito subindo e descendo em uma risada silenciosa. Por uma fração de segundo desejei desesperadamente poder ouvir sua risada. Apostava que era um som lindo, uma gargalhada profunda e gostosa. Mas afastei o pensamento depressa. Queria Archer do jeito que ele era. Nunca ouviria a risada dele, mas tudo bem. Tinha seu coração, tinha seus pensamentos, tinha *e/e*. E isso era mais do que o suficiente. Na verdade era tudo.

Abracei Archer, apertando-o com força, então me afastei e chamei:

Venha tomar banho comigo.

Ele sorriu e me seguiu até o banheiro, onde preendi rapidamente os cabelos, abri a água quente e entrei no chuveiro.

Archer entrou atrás de mim e nos revezamos lavando o corpo um

do outro. Ele me tocava com carinho, quase com reverência, enquanto passava sabonete em mim. Archer limpou cada parte do meu corpo, até mesmo entre os dedos dos pés, enquanto eu dava risadinhas e me afastava, dizendo:

Cócegas demais!

Ele sorriu, se levantou e me beijou com paixão. Peguei o sabonete líquido da mão dele e o lavei dos ombros até os pés também, demorando um bom tempo no traseiro musculoso – mas isso foi puro egoísmo. Archer tinha uma bunda excepcional.

Quando a água começou a esfriar, nós nos enxaguamos, saímos do chuveiro e secamos um ao outro.

Apaguei as velas e voltei a me enfiar entre as cobertas, nua. Archer me puxou para junto dele e apoiei a cabeça em seu peito, acariciando-lhe a pele com a ponta do indicador, em círculos preguiçosos.

Lá fora, a chuva caía mansa agora, e o luar cintilava sobre o lago, projetando apenas a claridade necessária para que eu conseguisse ver as mãos de Archer quando ele as ergueu e disse:

Você é tudo para mim, Bree.

Levantei o corpo e olhei para o rosto dele na semiescuridão. Como ele podia parecer feliz e triste ao mesmo tempo?

– Você também, Archer – falei. – É tudo para mim.

Em seguida, completei em tom sonolento, já quase dormindo:

– E agora, quando uma tempestade chegar, vou pensar apenas em você. Em mais nada além de você.

capítulo 22

BREE

Ao longo da semana seguinte, estabelecemos uma rotina tranquila, tão absortos um no outro que eu mal conseguia esperar a hora de sair do trabalho para chegar em casa, tomar um banho rápido, pegar Phoebe e ir direto para a casa de Archer. O sorriso com que ele me recebia todos os dias, quando eu corria para os seus braços, fazia com que eu me sentisse especial, sabendo na mente e no coração que eu finalmente estava em casa.

Não o lugar, mas os braços dele. Os braços de Archer eram o meu lar – o único lugar em que eu queria estar, onde eu me sentia segura. O lugar onde me sentia amada.

Fazíamos amor por toda parte. Passávamos longas noites explorando o corpo um do outro e aprendendo tudo sobre o que nos dava prazer. E, como era típico de Archer, ele logo se tornou um mestre na arte de fazer amor, deixando-me debilitada e embriagada de prazer ao fim de cada interlúdio. Não apenas ele sabia como me deixar louca de desejo com as mãos, a língua e suas impressionantes partes masculinas, como também sabia que, quando coçava a parte de trás dos meus joelhos com as unhas curtas, eu ronronava como uma gata, e que relaxava completamente quando ele corria os dedos pelos meus cabelos. Era como se meu corpo fosse um instrumento e ele houvesse aprendido a tocá-lo tão bem que a melodia vibrava em minha alma. Não apenas por causa do prazer que ele me proporcionava, mas porque se importava

bastante em saber tudo a meu respeito.

Um dia, Archer colocou algumas batatas chips em uma tigela enquanto eu estava preparando nosso almoço e, quando fui pegá-las, percebi que eram todas dobradas, do jeito que eu gostava, mas que normalmente precisava procurar nos pacotes.

Abaixei os olhos para as batatas, então fitei Archer, confusa.

– Essas batatas... estão todas dobradas – falei, achando que estava parecendo louca.

Não é dessas que você gosta?

Assenti lentamente, e percebi que ele abrira vários sacos de batatas chips para separar as que eu mais gostava. Quando me dei conta de que ele guardara esse pequeno detalhe a meu respeito, não sabia se ria ou se chorava. Isso era bem típico de Archer. Ele queria me agradar e faria tudo o que pudesse para isso.

Às vezes, estávamos fazendo alguma coisa nas terras dele e, de repente, eu o pegava olhando para mim com uma expressão lânguida no rosto que deixava claro que estava pensando no que gostaria de fazer comigo naquele momento. Eu ficava úmida quase na mesma hora, cheia de desejo, meus mamilos rígidos sob o olhar silencioso dele.

Então, ele me pegava e me carregava para a cama. Ou, se estivéssemos excitados demais, Archer me possuía em qualquer lugar – sobre uma manta aberta na grama, o sol forte brilhando acima de nós, na rede de casal ou na areia na beira do lago.

Depois de uma dessas “sessões”, enquanto meu corpo ainda estava trêmulo com o orgasmo que ele acabara de me proporcionar, sussurrei, sem ar:

– Sonhei com isso, Archer. Sonhei com nós dois... exatamente assim.

Seus olhos abrasadores mergulharam nos meus. Ele se afastou, me observou por um longo tempo, então inclinou-se novamente e me beijou com tanto carinho que pensei que meu coração fosse se

partir.

Rolei com ele sobre a areia molhada, sorri contra a boca que me beijava e ele sorriu também. Paramos de rir quando pousei a cabeça em seu peito e me deixei envolver pelo momento, grata pelo ar entrando nos meus pulmões, pelo sol nas minhas costas e pelo belo homem nos meus braços. Archer desenhava letras com as mãos nas minhas costas e, depois de algum tempo, percebi que ele estava escrevendo *Minha Bree... Minha Bree...* várias vezes.

A temperatura agora estava caindo, por isso, depois de algum tempo, corremos para dentro de casa, rindo e tremendo, e entramos no chuveiro para limpar a areia dos nossos corpos.

Depois que nos aconchegamos no sofá, Archer acendeu o fogo na lareira e ficamos abraçados ali, até que ele se afastou um pouco e eu o encarei.

Ele tinha um modo todo particular de agir que era tão sexy e absolutamente masculino que fazia meu coração vacilar. O jeito dele tão natural e inconsciente... O modo de apoiar o quadril na bancada, ou de ficar parado em uma porta me observando – coisas que ele não tinha ideia do quanto me afetavam. Era apenas Archer sendo *Archer*, e, por algum motivo, isso o tornava ainda mais atraente. Mas jamais diria isso a ele. Adorava ter aquele segredo, adorava que essas coisas fossem só minhas, afinal não queria afetar suas ações tornando-o consciente delas. Quanto a mim, bem, eu era uma causa totalmente perdida no que se referia a Archer Hale.

Isso me fazia pensar no homem que ele teria sido se não houvesse sofrido aquele terrível acidente, se não tivesse perdido a voz. Será que teria sido zagueiro em um time de futebol americano? Teria ido para a faculdade? Aberto seu próprio negócio? Eu brincava com ele dizendo que era bom em tudo o que fazia e, na verdade, era mesmo. Só não se dava conta disso. Não acreditava que tinha muito a oferecer.

Archer ainda não se abria comigo sobre o dia em que perdera os

pais, e eu não voltara a perguntar. Queria muito saber o que acontecera com ele, mas queria esperar até que se sentisse seguro o bastante para me contar.

No que está pensando?, perguntou ele, erguendo uma sobrancelha.

Em você, disse. *Estava pensando em como agradeço todos os dias à minha estrela da sorte por ter vindo parar bem aqui, com você.*

Ele sorriu aquele sorriso doce que fazia meu estômago se contrair e disse:

Eu também.

Então franziu o cenho e desviou os olhos.

O que foi?, perguntei, segurando o queixo dele e fazendo com que voltasse a me encarar.

Você vai ficar aqui, Bree?, perguntou. *Vai ficar aqui comigo?*

Naquele momento, Archer parecia um menino, e percebi o quanto ele precisava que eu dissesse que não iria embora como haviam feito todas as outras pessoas em sua vida.

Sim, assenti.

E era de coração. Minha vida era ali, agora, esse homem. Não importava o que isso significasse, eu não iria a lugar algum.

Archer olhou dentro dos meus olhos, como se estivesse tentando decidir se eu estava sendo sincera. E pareceu satisfeito com o que viu. Ele assentiu e me puxou para junto de si, me abraçando com força.

Archer ainda não dissera que me amava, nem eu a ele. Mas, naquele momento, percebi que estava apaixonada por ele. Tão profundamente apaixonada que a frase quase escapou dos meus lábios. Tive que fechá-los para não gritar a verdade recém-descoberta. Mas, por algum motivo, achei que precisava esperar que ele falasse primeiro. Se Archer também estivesse apaixonado por mim, eu queria que ele percebesse por si próprio. Archer vivera uma

vida tão desprovida de bondade humana, de toque e de atenção... Devia ter sido muito difícil para ele. Não havíamos conversado a respeito, mas eu vira nos olhos dele enquanto fazíamos coisas simples na semana anterior, como deitar no sofá e ler, fazer uma refeição juntos ou caminhar pela beira do lago, que era como se Archer estivesse tentando organizar todos os pensamentos e sentimentos em sua mente, como se estivesse recuperando o tempo perdido nos últimos dezesseis anos. Talvez devêssemos ter conversado sobre isso, talvez eu pudesse tê-lo ajudado, mas por alguma razão isso nunca aconteceu. Em meu íntimo, minha mais profunda esperança era que meu amor fosse o bastante para curar seu coração machucado.

Depois de um minuto Archer me soltou. Eu sentei e olhei para ele. Havia um sorrisinho em seu rosto.

Quero te pedir um favor, disse ele.

Está certo, respondi, encarando-o desconfiada.

Você pode me ensinar a dirigir?

Como... É claro! Você quer aprender dirigir?

Ele assentiu.

Meu tio tinha uma caminhonete. Eu a deixo guardada em uma garagem na cidade. Lá, ligam o carro de vez em quando e rodam com ele. Sempre tive a intenção de vendê-la, mas nunca consegui fazer isso. Na verdade, nunca soube muito bem como fazer isso. Mas agora vejo que talvez tenha sido bom.

Fiquei tão entusiasmada que quase pulei de alegria no sofá. Aquela era a primeira vez que Archer indicava por iniciativa própria que queria fazer alguma coisa que o tirasse de sua propriedade – além de ir ao mercado.

Muito bem! Quando?, perguntei. *Não vou trabalhar amanhã.*

Muito bem, então, amanhã, disse ele, sorrindo e me puxando para ele.

E foi assim que Archer se viu atrás do volante de uma

caminhonete grande, parecendo pronta para ir para o ferro-velho, enquanto eu me sentava no assento do passageiro e tentava ensinar a ele as regras de trânsito e como passar as marchas. Tínhamos escolhido uma clareira grande, uns 4 quilômetros mais abaixo na estrada, logo depois do lago.

– Está sentindo esse cheiro? – perguntei. – É o cheiro da embreagem sendo forçada. Solte bem devagar.

Depois de uma hora de prática, Archer basicamente já dominara a técnica, com exceção de algumas poucas guinadas bruscas que me faziam pisar em um freio imaginário e rir alto.

Ele sorriu para mim, os olhos passeando pelas minhas pernas nuas. Segui o olhar dele e cruzei as pernas, subindo só um pouco a saia com o movimento e relanceando o olhar para ele. Os olhos de Archer já estavam dilatados, mais escuros e ligeiramente semicerrados. Como eu adorava aquele olhar. Significava que coisas muito boas estavam a caminho.

– Dirigir é coisa séria, Archer – provoquei. – Afastar sua atenção da estrada pode ser perigoso para todos os envolvidos.

Sorri sedutoramente e coloquei uma mecha de cabelo atrás da orelha.

Ele ergueu as sobrancelhas em uma expressão divertida e voltou a olhar para a frente. A caminhonete se adiantou na clareira, Archer acelerou e passou a segunda marcha com facilidade. O trecho de terra batida em que estávamos não era tão grande a ponto de Archer conseguir praticar a quarta marcha, mas ele passou a terceira e ficamos girando em círculos largos.

Cruzei as pernas para o outro lado e corri o dedo pela coxa, parando na bainha da saia. Olhei de relance para Archer e os olhos dele estavam fixos no meu dedo. Archer olhou pelo vidro dianteiro brevemente e continuou dirigindo em círculos amplos.

Eu o estava distraíndo, mas não havia perigo ali.

Deixei o dedo continuar subindo pela minha coxa e puxei a saia

para cima, de modo que aparecesse a calcinha rosa de bolinhas que eu estava usando.

Olhei novamente para Archer, cujos lábios agora estavam entreabertos e os olhos famintos enquanto me observavam para ver o que eu faria em seguida. Para dizer a verdade, eu nunca fizera nada parecido. Mas Archer me levava a fazer coisas que eu nunca fizera. Ele fazia com que eu me sentisse *sexy*, ousada e *segura*. Fazia com que eu me sentisse mais viva do que jamais me sentira em toda a minha vida.

Eu o vi engolir com dificuldade e voltar a olhar para a estrada antes de virar-se para mim outra vez.

Levei os dedos à frente da calcinha e inclinei a cabeça para trás no assento, fechando os olhos e gemendo baixinho. Ouvi a respiração de Archer se acelerar.

Arqueei os quadris enquanto deslizava o dedo mais para dentro, finalmente chegando ao ponto úmido entre as minhas coxas. Passei um pouco dessa umidade no clitóris e senti ondas de prazer irradiando do meu próprio toque. Gemi novamente e a caminhonete deu uma guinada.

Usei o dedo para me acariciar, e o prazer intenso que senti me fez ofegar e pressionar mais o corpo contra a minha própria mão.

De repente, fui jogada para a frente quando a caminhonete freou de súbito. Archer nem sequer diminuía a velocidade, apenas tirara o pé do acelerador e o carro dera um solavanco e parara. Meus olhos se abriram bem a tempo de vê-lo puxar o freio de mão e me empurrar delicadamente no banco, enquanto subia sobre o meu corpo.

Levantei os olhos para Archer enquanto ele ajeitava meu corpo de tal forma que minha cabeça estava encostada à porta do passageiro e ele recuava um pouco. A expressão em seu rosto era tensa, primitiva, e fez minhas entranhas se revirarem de prazer. Então se inclinou e beijou minha barriga. Passei os dedos pelos

cabelos macios dele e gemi.

Archer ergueu um pouco o corpo para abaixar a minha calcinha e ergui os quadris para que ela passasse pelo meu traseiro e descesse pelas minhas pernas. Todo o meu corpo vibrava de desejo e a pulsação entre as minhas pernas só aumentava.

Archer se inclinou para trás, abriu minhas coxas e ficou olhando para mim por vários segundos antes de se debruçar sobre o meu sexo e soprar levemente. Arquejei ao sentir a sensação do nariz dele roçando meu clitóris e o hálito quente se espalhando pelas minhas partes mais sensíveis.

– Por favor – gemi, enfiando os dedos nos cabelos dele mais uma vez.

Archer havia me dado prazer de muitas maneiras ao longo da última semana, mas isso ele ainda não fizera. Esperei e preendi a respiração quando senti sua língua tocar meu sexo. Empurrei o corpo para cima, gemendo baixinho. Meu clitóris latejava agora com mais intensidade, minha excitação disparando como um foguete quando Archer começou a circular com a língua o pequeno ponto sensível, como eu o ensinara a fazer com os dedos. Ele acelerou o ritmo, cada vez mais rápido, a língua quente e úmida deslizando pela minha pele, o hálito quente saindo em arquejos, enquanto segurava minhas coxas com as mãos, mantendo-me aberta para ele. Aquilo era maravilhoso. O início de um orgasmo tremeluzia à minha volta segundos antes de eu explodir por completo, elevando os quadris e pressionando o corpo de encontro à boca de Archer enquanto gritava seu nome.

– Archer, Archer, ai, isso!

Voltei a mim quando senti a respiração quente de Archer contra a minha barriga e o senti sorrir contra minha pele.

Retribuí o sorriso e acariciei os cabelos dele, ainda incapaz de articular qualquer palavra.

De repente, ouvimos uma batida forte na janela, e Archer e eu

nos assustamos. Senti o pânico me invadir. Que diabos era aquilo? Abaixei as pernas e Archer se sentou, secando a boca na camisa enquanto eu me atrapalhava colocando a calcinha e ajeitando a saia.

As janelas estavam embaçadas com o vapor da nossa respiração – graças a Deus. Ou talvez não. Ah, não... Estava totalmente constrangida quando olhei para Archer, que assentiu com a cabeça e apontou para a manivela que abria a janela. Eu a abri e vi Travis, de pé, trajando o uniforme, uma expressão severa no rosto ao se abaixar até a janela aberta e olhar para nós dois.

O cheiro de sexo pairava no ar na cabine apertada da caminhonete. Fechei os olhos por um instante, sentindo o rubor colorir meu rosto e voltei a abri-los.

– Oi, Travis – cumprimentei, tentando sorrir, mas o que saiu estava mais para uma careta.

Travis olhou de mim para Archer até seus olhos se fixarem em mim outra vez, descendo até o meu colo e voltando a me encarar.

– Oi, Bree – disse ele.

Nenhum de nós falou por um instante e o rosto dele ficou mais tenso. Olhei para a frente, me sentindo como uma garotinha que estava prestes a ser expulsa pelo diretor.

– Recebi uma ligação avisando de uma caminhonete enguiçada aqui – disse Travis. – Como estava na área, vim ver se poderia ajudar.

Pigarreei.

– Ah, hã, bem...

Olhei rapidamente para Archer e fiquei em silêncio por um instante, observando-o. Ele estava sentado, relaxado, uma das mãos pousadas no volante, parecendo o gato que acabara de comer o canário. E, nesse caso, sem dúvida o canário era eu.

Uma risadinha histérica ameaçou subir pela minha garganta, mas me controlei e apenas estreitei os olhos para ele. A expressão de Archer ficou ainda mais presunçosa.

– Eu estava dando uma aula de direção a Archer – expliquei para Travis.

Ele ficou em silêncio por um instante.

– A-hã. Ele tem o documento de permissão para isso? – perguntou, erguendo as sobrancelhas, certo de que Archer não tinha documento algum.

Suspirei.

– Travis, estamos em uma clareira, um terreno sem asfalto. Não o levei para a estrada nem nada parecido.

– Não importa. Ele ainda precisa do documento.

– Vamos lá, Travis – eu disse em voz baixa –, Archer só quer aprender a dirigir.

Os olhos de Travis se estreitaram e ele falou devagar.

– Ele pode dirigir, mas precisa seguir as regras. – Travis olhou para Archer. – Acha que consegue fazer isso? – perguntou erguendo uma sobrancelha.

Desviei os olhos para Archer e a expressão presunçosa fora substituída pela fúria, o maxilar cerrado. Ele ergueu as mãos e disse em sinais:

Você é um babaca, Travis.

Deixei escapar um sorrisinho nervoso e me virei para Travis outra vez.

– Ele disse que sim, claro, sem problemas – falei.

Ouvi Archer se remexer no assento.

– De qualquer modo – continuei, erguendo a voz –, já estávamos mesmo indo embora. Obrigada por ser compreensivo, Travis. Vamos ver o que podemos fazer sobre esse documento de permissão antes que ele tenha outras aulas. Eu vou dirigir agora, está bem?

Sorri com o que esperava ser uma expressão doce. Essa era uma situação absolutamente embaraçosa, apesar de eu ainda estar muito furiosa com Travis pelo que ele fizera com Archer no clube de striptease.

Travis se afastou da caminhonete e passei por cima do corpo grande de Archer para ocupar o assento do motorista. Senti a mão dele na parte de trás da minha coxa nua e, quando o encarei, vi que ele estava olhando para Travis. Bufei, desabei no assento e liguei o carro.

Olhei pela janela enquanto passava a marcha e vi Travis com a mesma expressão nervosa e um tanto furiosa no rosto. Archer ainda o encarava também. Dei um sorriso tenso e saí com o carro.

Quando voltamos à estrada, olhei para Archer. Ele também me olhou e voltamos a desviar o olhar. Depois de um instante, olhei para Archer mais uma vez e vi que o corpo dele se sacudia em uma risada silenciosa. Ele sorriu para mim e sinalizou:

Gosto de dirigir.

Ri também e sacudi a cabeça.

– Sim, aposto que gosta. – Então soquei de leve o braço dele e disse: – Gosto quando você dirige. Mas talvez devêssemos dirigir em um lugar mais privado da próxima vez.

Ergui as sobrancelhas. Ele riu baixinho, os dentes cintilando e aquelas marquinhas sexy nas bochechas.

Observei o belo perfil de Archer enquanto ele olhava com uma expressão satisfeita para a frente. Ele estava feliz com o que acontecera entre nós, mas também gostara de Travis ter nos flagrado. Mordi o lábio, pensando naqueles dois e em como Archer provavelmente não tivera muitos motivos para se alegrar com nada em sua vida. Depois de algum tempo, eu disse:

– Archer, espero que você saiba que não precisa competir com Travis. Espero que eu tenha deixado claro que escolhi você. *Apenas* você.

Ele olhou para mim, o rosto sério agora. Então estendeu a mão, segurou a minha e a apertou. E voltou a olhar para a frente.

Apertei a mão dele também e fiquei segurando-a, dirigindo com apenas uma das mãos até chegarmos à casa dele.



O dia seguinte, no trabalho, foi um dos mais cheios dos últimos tempos. Por volta de uma e meia da tarde, quando o movimento finalmente estava diminuindo, Melanie e Liza entraram e se sentaram no balcão, no mesmo lugar onde estavam acomodadas quando eu as conhecera.

– Oi! – falei, cumprimentando-as.

Sorri ao vê-las. Elas me cumprimentaram também, abrindo um amplo sorriso.

– Como estão as coisas, amiga? – perguntou Melanie.

Eu me encostei no balcão.

– Nossa, um dia... – baixei a voz até estar sussurrando – infernal. Estou correndo de um lado para outro o dia todo, igual barata tonta.

– Sim, nessa época do ano fica mais cheio aqui porque todas as pessoas que trabalharam do outro lado do lago no verão agora passam mais tempo desse lado. Norm falou sobre contratar mais gente para o turno da noite, para ficar aberto depois das três, mas acho que decidiu não fazer isso. É claro que, com todos os planos de expansão, ninguém sabe o que vai acontecer, por isso não se pode culpá-lo.

Ela deu de ombros.

– Hummm, não sabia disso – falei, franzindo levemente o cenho.

Liza assentiu e de repente voltei à realidade.

– Bem, em que posso servi-las, garotas?

As duas pediram hambúrgueres e chá gelado, e me virei para a máquina de chá para começar a preparar a bebida delas. Alguns segundos depois, ouvi o sino sobre a porta tilintar e, em seguida, Melanie guinchou:

– Meu Deus do céu...

Liza, bem atrás de mim, sussurrou:

– Uau!

Deixei uma fatia de limão cair em cada copo. Uma agitação parecia dominar a lanchonete. Que diabos estava acontecendo?

Ergui levemente as sobrancelhas e me virei, imaginando o que estaria acontecendo. Foi quando o vi – *Archer*. Prendi a respiração e um sorriso se espalhou pelo meu rosto no mesmo instante. Os olhos dele estavam fixos em mim enquanto continuava parado na entrada. Ah, meu Deus, ele estava lindo! Obviamente comprara roupas novas – uma calça jeans com caimento perfeito, mostrando as pernas longas e musculosas, e um pulôver simples, preto, de manga comprida, com uma camiseta cinza aparecendo pela abertura da gola.

Archer estava recém-barbeado e os cabelos assentavam perfeitamente, apesar de terem sido cortados na cadeira da cozinha, por uma garota tão excitada que mal conseguia enxergar direito. Meu sorriso se abriu ainda mais. Ele estava *ali*.

– Quem é esse? – Ouvi a Sra. Kenfield perguntar em voz alta, de uma mesa perto da porta.

Ela devia ter uns mil anos, mas ainda assim fora rude. A neta dela, Chrissy, já adulta, pediu que falasse baixo e respondeu, com o canto da boca.

– É Archer Hale, vovó. – E então, mais baixo: – Meu Deus...

– O garoto mudo? – perguntou a senhora.

Chrissy gemeu e relanceou o olhar para Archer com uma expressão de quem pedia desculpas, antes de se voltar novamente para a avó. Mas Archer não estava olhando para ela.

Pousei os chás gelados que estava segurando no balcão, sem tirar os olhos de Archer, e sequei as mãos nos quadris, o sorriso ainda mais largo.

Dei a volta no balcão e caminhei apressada na direção dele, rindo alto antes de me jogar em seus braços. Ele me levantou no ar, um sorriso de alívio se espalhando pelo rosto bonito antes de enfiar o

nariz no meu pescoço e me dar um abraço apertado.

Se havia um momento para deixar claro o quanto eu o queria, era este.

Ali, ainda abraçada a ele, me ocorreu que nem todos os grandes atos de coragem são óbvios para quem está olhando de fora. Mas eu sabia o que realmente significava aquele momento – um rapaz que nunca se sentira acolhido em lugar nenhum, aparecendo e pedindo aos outros que o aceitassem. Senti o coração se encher de orgulho pelo belo ato de bravura que era Archer Hale entrando naquela lanchonete de cidade pequena.

Era possível ouvir um alfinete caindo no chão, tamanho o silêncio ao nosso redor. Ri novamente e afastei a cabeça para encará-lo.

– Você está aqui – sussurrei.

Ele assentiu, examinando o meu rosto, com um sorriso carinhoso nos lábios. Então me colocou no chão e disse:

Vim por sua causa.

Sorri. Eram as mesmas palavras que ele me dissera no dia em que eu o encontrara do lado de fora da lanchonete, várias semanas antes.

– Também vim por sua causa – sussurrei, sorrindo de novo.

Aquilo era verdade de tantas maneiras que eu nem conseguia começar a listá-las.

Ficamos nos encarando por um longo tempo, enquanto a lanchonete permanecia em silêncio. Pigarreei e olhei ao redor. As pessoas que estavam nos encarando, algumas com um sorriso no rosto, outras parecendo perplexas, voltaram ao que estavam fazendo. A conversa na lanchonete recomeçou lentamente, e eu sabia muito bem qual era o assunto.

Peguei Archer pela mão, levei-o até o balcão e dei a volta para o outro lado. Melanie e Liza viraram-se para ele, suas expressões ainda levemente surpresas sendo substituídas por grandes sorrisos.

Melanie estendeu a mão para ele.

– Sou Melanie. Nunca fomos adequadamente apresentados.
Ele apertou a mão dela, e deu um sorriso um tanto cauteloso.

– Archer – falei –, essa é Liza, irmã de Melanie.

Liza se inclinou para a frente e também apertou a mão de Archer.
Ele assentiu e voltou a olhar para mim.

– Pode me dar um minuto? Só preciso cuidar de alguns clientes e logo estarei de volta.

Entreguei um cardápio a ele, que assentiu. Fui servir o pedido que acabara de ser posto na janela que dava para a cozinha e encher algumas bebidas. Quando voltei, o pedido de Liza e Melanie também estava pronto. Peguei os hambúrgueres, coloquei diante delas e me virei para Archer.

Está com fome?, perguntei.

Não. Estou guardando meu apetite para jantar com uma garota especial, disse ele, sorrindo. *Só...* ele olhou atrás de mim, para a máquina de refrigerantes.

Leite achocolatado com canudo dobrável?, perguntei, erguendo uma sobancelha.

Ele riu baixinho.

Café, disse, piscando para mim.

– Minha, isso é sexy! – disse Melanie. – É como se vocês dois estivessem falando sacanagens um para o outro diante de todo mundo.

Archer sorriu para ela e eu ri. Sacudi a cabeça.

– Talvez vocês duas devessem aprender a linguagem de sinais para se juntarem a nós.

Liza e Melanie riram. Eu me virei para pegar o bule de café, servi uma xícara para Archer e então observei enquanto ele adicionava creme.

Maggie apareceu ao meu lado e estendeu a mão para Archer.

– Olá! – disse, sorrindo e me lançando um rápido olhar. – Sou Maggie. Obrigada por vir aqui.

Archer sorriu timidamente e apertou a mão estendida, enquanto falava para mim:

Por favor, diga a ela que é um prazer conhecê-la.

Fiz isso e ela sorriu.

– Eu o conheci há muitos anos, meu bem. Sua mãe costumava trazê-lo aqui quando você era pequenininho. – Os olhos dela se perderam na distância, como se estivesse lembrando. – Sua mãe era a pessoa mais doce e mais linda... E, ah, como ela amava você! – Maggie suspirou, voltou ao presente e sorriu. – Bem, seja como for, estou muito feliz por você estar aqui.

Archer ouviu o que ela dizia com um sorriso no rosto, parecendo beber aquelas palavras. Então assentiu e Maggie continuou, olhando para mim:

– Archer, essa sua garota tem trabalhado muito nos últimos dias, por isso acho que merece sair mais cedo hoje. Você acha que consegue encontrar alguma coisa para fazer com ela?

– Nossa, Maggie, isso soou tão sacana... – grunhiu Liza.

Archer tentou não sorrir, afastou os olhos e deu um gole no café. Maggie colocou as mãos nos quadris e olhou com severidade para Liza, enquanto todas ríamos.

– É essa sua mente suja que a faz achar isso – disse Maggie, mas havia um brilho brincalhão em seus olhos.

Archer olhou para mim.

Acha que conseguimos pensar em alguma coisa sacana para fazermos esta tarde?, perguntou ele, sorrindo para mim.

Eu ri, mordendo o lábio para me conter.

– Está vendo? – disse Melanie. – Eu sabia que vocês dois estavam falando sacanagem. Estou interessadíssima em aprender a linguagem de sinais.

– Ele só me perguntou se eu gostaria de fazer um piquenique – falei, na maior cara de pau.

– Tá bom... – disse Liza, rindo. – Só se o piquenique for com os

dois sem roupa nenhuma!

Eu ri e Maggie bufou, fazendo Archer abrir um sorriso ainda maior.

– Vocês são umas indecentes. Agora, você, saia já daqui – disse Maggie, me empurrando.

– Tá bom, mas e quanto às minhas guarnições e às saladas...

– Está tudo sob controle – falou Maggie. – Você pode fazer as saladas amanhã de manhã.

Olhei para Archer e falei:

– Muito bem, então! Vamos!

Ele começou a tirar dinheiro do bolso para pagar o café, mas Maggie o deteve pousando a mão em seu braço.

– É por conta da casa – disse.

Archer parou, olhou para mim e assentiu.

– Muito bem – falou ela, sorrindo.

Dei a volta no balcão, nos despedimos de Melanie, Liza e Maggie, e saímos juntos pela porta da frente.

Quando já estávamos fora do restaurante, olhei para o outro lado da rua e avistei alguém conhecido. Victoria Hale saindo de uma loja junto com uma mulher mais velha, de cabelos escuros. Vi o momento em que ela pousou os olhos em mim e em Archer. A temperatura na rua pareceu cair uns vinte graus e senti um calafrio percorrer meu corpo. Passei os braços pela cintura de Archer, que sorriu para mim, me puxou para junto dele e beijou a lateral da minha cabeça. Rapidamente Victoria Hale deixou de existir.



Mais tarde naquela noite, Archer fez uma fogueira na beira do lago, nós nos sentamos em duas antigas cadeiras de madeira que, como ele me contou, o tio fizera anos antes. Levamos uma garrafa de

vinho tinto e mantas, já que o tempo estava ficando cada vez mais frio, ainda mais à noite. Archer tomou uma taça pequena de vinho e eu, uma maior. Ele tomava o vinho como se fosse uma bebida muito forte. Havia tantas coisas que para mim eram triviais e para ele eram tão novas...

Ficamos sentados por algum tempo em silêncio, apenas olhando o fogo. Eu me sentia feliz, o vinho correndo pelas minhas veias. Inclinei a cabeça para trás na cadeira de madeira e olhei para o bonito perfil de Archer, iluminado pelo brilho do fogo. Por um segundo, ele pareceu um deus, talvez o Sol, muito dourado e lindo, seu esplendor superando o das labaredas que dançavam. Ri baixinho de mim mesma, sentindo-me bêbada com apenas meia taça de vinho. Bêbada de Archer, daquela noite, do destino, bêbada de coragem, de vida. Levantei-me, a manta que estava sobre o meu colo caindo na cadeira, e pousei a taça de vinho na areia. Fui até onde Archer estava e me sentei em seu colo, e quando ele sorriu, tomei seu rosto entre as mãos e fiquei apenas olhando-o por um instante antes de abaixar os lábios para encontrar os dele, sentindo o sabor do vinho e o de Archer, uma ambrosia deliciosa que me fez gemer e inclinar a cabeça para que ele pudesse assumir o controle do beijo e me dar mais daquele sabor. E foi o que Archer fez, inclinando-se sobre mim, provocando a minha língua com a dele, enquanto eu me ajeitava em seu colo e suspirava. Ele respondeu ao meu suspiro, penetrando minha boca lentamente com a língua, imitando o ato sexual, e fazendo com que aquele ponto central do meu corpo se acendesse, ficando úmido quase no mesmo instante, pronto para que ele me preenchesse e saciasse o desejo intenso que fazia com que eu me contorcesse em seu colo.

Archer sorriu com a boca colada à minha. Ele sabia exatamente o que fazia comigo e gostava disso. Era tão fácil me perder nele agora. O modo como Archer prestava atenção, como olhava para mim como se me adorasse, a sexualidade intensa, tão natural e

inconsciente, que ele mal sabia que existia. Mas Archer estava aprendendo e, de certo modo, me doía a perda do homem inseguro que me pedia que lhe mostrasse como me dar prazer, que esperava que eu dissesse o que queria. Mas outra parte de mim ficava absurdamente feliz com a sua recém-descoberta confiança, com o modo como ele tomava conta do meu corpo e me fazia quase desfalecer de desejo.

Depois de alguns minutos, inclinei o corpo para trás, ambos respirando pesadamente, buscando ar. Beijei-o de leve nos lábios mais uma vez.

– Você me deixa louca rápido demais – falei.

Ele ergueu as mãos.

Isso é uma coisa ruim?, perguntou Archer.

Archer me encarava. Ele estava fazendo uma pergunta de verdade, não apenas retórica.

Corri o polegar pelo seu lábio inferior.

– Não – sussurrei, sacudindo a cabeça.

Meu olhar encontrou a cicatriz dele, iluminada pelas chamas que dançavam, a pele destacada vermelha à luz do fogo, esticada e reluzente, dourada. Inclinei-me para a frente e beijei a cicatriz. Ele estremeceu ligeiramente e ficou imóvel. Passei a língua sobre ela e senti o corpo dele ficar ainda mais tenso.

Sussurrei de encontro ao pescoço dele:

– Você é lindo, Archer.

Ele deixou o ar escapar e inclinou a cabeça levemente, me dando mais acesso e revelando a cicatriz para mim em um belo gesto de confiança.

– Me conte o que aconteceu – sussurrei, esfregando os lábios para cima e para baixo na pele marcada, sentindo o cheiro gostoso dele. – Me conte tudo. Quero conhecer você – falei, afastando a cabeça e levantando os olhos para ele.

A expressão de Archer era ao mesmo tempo tensa e pensativa

enquanto me olhava. Por fim, ele soltou o ar outra vez e levantou as mãos.

Eu me senti... quase normal hoje, na lanchonete. Ele fez uma pausa. Não quero me lembrar das minhas incapacidades esta noite, Bree. Por favor. Só quero abraçar você, aqui, e então quero levá-la lá para dentro e fazer amor com você. Sei que é difícil entender, mas por favor... Deixe-me só desfrutar você por enquanto.

Fiquei olhando para ele. Eu compreendia. Já passara pela mesma coisa. Havia tentado tanto voltar a um lugar que me trouxesse certa normalidade depois que meu pai morreria... Tentara não perder saídas da estrada que eu pegara milhares de vezes, tentara parar de ficar desnorreada no mercado, parada na frente das laranjas, o olhar perdido, tentara sentir alguma coisa – qualquer coisa que não fosse apenas dor. E não importava quem me pedisse, e o quanto as pessoas me amassem, eu não conseguiria conversar a respeito até que estivesse cem por cento pronta. Archer vivera com a sua dor por um longo tempo, e pedir a ele que revisitasse esse sofrimento no meu tempo não seria justo. Eu esperaria. Esperaria o tempo que fosse.

Sorri para ele, afastei seus cabelos da testa e beijei-o com carinho mais uma vez. Quando me distanciei, falei:

– Lembra-se de que me disse que eu na verdade havia lutado, sim, na noite em que meu pai foi morto e eu fui atacada?

Ele assentiu, os olhos muito escuros à claridade fraca, fora do alcance da luz da fogueira.

– Pois bem, você também – falei com calma. – Não sei o que aconteceu, Archer, e espero que algum dia você me conte. Mas o que essas cicatrizes me dizem é que você também lutou para sobreviver – corri a ponta do dedo levemente pela pele marcada e senti que ele engolia a emoção –, meu lindo Archer, que está se curando apesar de suas feridas.

Os olhos dele cintilaram e, depois de um instante em silêncio, ele

me colocou no chão por alguns segundos enquanto jogava areia para apagar o fogo. Então tornou a me pegar no colo, e eu ria e me agarrava a ele. Archer me carregou colina acima para sua casa, para sua cama.

capítulo 23

BREE

No dia seguinte deixei Archer enrolado nos lençóis da cama. A manta mal cobria os globos musculosos de seu traseiro e os braços envolviam o travesseiro sob sua cabeça, de modo que as costas bonitas, com seus planos e elevações, estavam totalmente à mostra. Considerei a possibilidade de acordá-lo para aproveitar de novo todos aqueles planos e elevações, mas sabia que Phoebe provavelmente precisava sair para fazer suas necessidades. E eu vinha negligenciando o chalé e a minha vida. Tudo estava uma bagunça e eu não tinha nem uma calcinha limpa sequer. Por isso, obriguei-me a ir cuidar de algumas tarefas necessárias, saindo depois de dar um beijo leve no ombro de Archer. Ele estava cansado, tinha gastado muita energia na noite passada. Apertei as coxas uma contra a outra ao me lembrar e forcei meus pés a me tirarem daquele quarto.

Quando cheguei em casa, deixei Phoebe sair rapidamente e tomei uma ducha longa e quente.

Depois que me vesti, coloquei o telefone para carregar e vi que havia duas mensagens de Natalie, ambas dizendo que o investigador que trabalhara no caso do assassinato do meu pai tinha telefonado me procurando e que eu devia retornar a ligação. Respirei fundo e me sentei. Eu ligara várias vezes para o investigador nos meses que se seguiram ao assassinato do meu pai e nunca houvera a menor sombra de evidência. Depois que fui embora da cidade, não voltara

a ligar. Não achara necessário. Mas agora, subitamente, havia novidades? Por quê?

Digitei o número que ainda sabia de cor. Quando o investigador McIntyre atendeu e eu disse quem era, ele me cumprimentou calorosamente.

– Oi, Bree. Como você está?

– Na verdade, estou bem, investigador. Sei que não entro em contato há algum tempo e meu número de telefone mudou...

– Sem problemas. Fico feliz por você ter me dado o número da amiga com quem você se hospedou depois do crime.

Percebi que ele não disse “assassinato”.

– E então? Alguma novidade? – perguntei, indo direto ao ponto.

– Na verdade, sim. Temos um suspeito. Queremos que venha fazer um reconhecimento por fotografias.

Meu coração começou a bater mais rápido e eu disse, quase como um suspiro:

– Ah...

E fiquei sentada onde estava, em silêncio.

O investigador pigarreou.

– Sei que é surpreendente, depois de tantos meses, mas quem nos passou a informação foi um traficante de drogas sem importância que está tentando diminuir seu tempo na cadeia.

– Ok – falei. – Quando preciso voltar?

– O mais rápido possível. Quando pode estar aqui?

Mordi o lábio.

– Hã... – Pensei por um instante. – Daqui a três dias?

– Se esse é o mais rápido que pode chegar aqui, então terá que servir.

Eu me sentia ligeiramente anestesiada.

– Está certo, investigador, ligarei para o senhor assim que chegar.

Nós nos despedimos e desliguei. Fiquei sentada por um longo tempo na cama, olhando pela janela, sentindo como se houvessem

acabado de estourar uma bolha. Mas não sabia muito bem como classificar essa sensação, porque estava feliz pela possibilidade de uma conclusão para o caso do meu pai. Se o culpado fosse preso... eu não precisaria mais ficar imaginando onde ele estaria. Finalmente me sentiria segura. E meu pai teria a justiça que merecia.

Peguei o celular, liguei para Natalie e contei a novidade a ela. Quando terminei de falar, ela deixou escapar um grande suspiro e disse:

– Meu Deus, Bree. Estou com medo de ter esperanças demais, mas... estou muito esperançosa – completou ela.

– Eu sei – falei. – Eu também.

Ela ficou em silêncio por um instante, antes de dizer:

– Escute, tive uma ideia. E se eu voar até aí e voltarmos para cá juntas, no seu carro, para eu lhe fazer companhia?

Deixei escapar um suspiro de alívio.

– Você faria isso? – perguntei.

– É claro que faria. Além do mais, você sabe que minha mãe tem um monte de milhas por causa de todas as viagens que ela faz. Não vai me custar um tostão.

– Isso seria... eu adoraria. E teremos uma longa viagem de carro para colocar os assuntos em dia.

Ouvi o sorriso na voz dela quando disse:

– Ótimo. Vou arranjar tudo. Você vai poder tirar uma folga do trabalho?

– Sim, estou certa de que não haverá problema. As pessoas para quem trabalho são ótimas, e quando eu lhes contar o motivo...

– Bree, eles sabem que você só está no emprego temporariamente, não é?

Fiquei em silêncio e me deitei.

– Não, eu não mencionei isso a eles. – Levei a mão à testa. – E a questão é que... não é temporário, Nat. Eu... Bem... decidi ficar.

Fechei os olhos, esperando a reação dela.

– O quê? Ficar? É sério? Por causa do cara que você mencionou?
Ela pareceu surpresa e confusa.

– Basicamente, sim. Eu... é complicado. Contarei tudo a você durante a viagem de volta, está bem?

– Está bem... sim, claro. Mal posso esperar para vê-la, querida. Vou lhe mandar uma mensagem quando tiver todos os detalhes do voo.

– Está certo. Muito obrigada. Amo você.

– Também amo você, querida. Entrarei em contato.

Desligamos e fiquei deitada por alguns minutos, grata por minha melhor amiga estar vindo para fazer a viagem comigo. Isso tornaria tudo mais fácil. Depois, eu voltaria. Contara a Natalie que iria ficar permanentemente em Pelion. E, ao dizer isso em voz alta para outra pessoa que não Archer, percebi como parecia mesmo a coisa certa a fazer. Não havia como voltar para Ohio. Minha vida agora era ali. Minha vida era com Archer – independentemente do que isso significasse, eu sabia que era verdade.



Na manhã seguinte, no trabalho, contei a Maggie sobre a situação em Ohio e disse, hesitante, que precisava voltar. Não havia contado os detalhes da morte de meu pai a ela, mas Maggie foi tão solidária e compreensiva como imaginei que seria. O abraço carinhoso que me deu e as palavras reconfortantes que disse me acalmaram. Fazia muito tempo que eu não era tratada de um jeito maternal por ninguém.

Embora eu me sentisse grata por ter surgido uma novidade no caso, já que isso era algo raro de acontecer depois de um certo tempo ter se passado, me preocupava com a possibilidade de que o simples fato de estar de volta a Ohio pudesse me fazer reviver a

sensação de desamparo e dor. Eu me sentia segura em Pelion, me sentia segura com Archer. Ainda precisava contar a ele sobre a mudança nos planos. Eu arrumara algumas coisas no meu chalé na véspera, e logo adormecera, por volta das sete da noite, de tão cansada que estava. Odiava não ter como me comunicar com Archer quando não estávamos juntos. Mas sabia que era bom para nós passar um dia separados de vez em quando. Ultimamente éramos quase inseparáveis e uma pequena distância era saudável.

Quando já se aproximava o fim do meu turno, o sino da porta tilintou e vi Travis entrando, de uniforme e óculos de aviador. Quase revirei os olhos diante de sua aparência ridiculamente bonita, não porque o achasse atraente, mas porque era óbvio que ele estava muito consciente disso.

– Oi, Travis – falei, continuando a secar os cardápios à minha frente.

– Oi, Bree – disse ele, os lábios se curvando no que parecia ser um sorriso sincero.

– O que posso lhe servir? – perguntei.

– Café.

Assenti e me virei para pegar uma xícara. Servi o café e o coloquei diante dele. Então me virei novamente.

– Ainda está zangada comigo?

– Zangada, não, Travis. Só não fico satisfeita com o modo como você trata o seu primo.

Ele cerrou os lábios.

– Escute, Bree, ele é da minha família, e não nos falamos por muitos anos. Entendo que a maior culpa disso é minha, mas eu e Archer sempre fomos competitivos quando crianças. Talvez a coisa tenha ido um pouco mais longe do que eu deveria ter permitido no que se refere a você, admito. Mas ele também gosta da disputa, acredite em mim.

– Competitivo? – zombei. – Minha nossa, Travis.

Ergui um pouco a voz e algumas pessoas levantaram os olhos. Mas logo voltaram ao que estavam fazendo quando lhes dirigi um sorriso tenso, antes de me voltar para Travis outra vez.

– Não acha que Archer merece ter alguém lutando *por* ele, em vez de competindo *contra* ele? Você não poderia ter tentado ser essa pessoa?

– Então é por isso que está com ele? Por pena?

Fechei os olhos e respirei fundo antes que eu acabasse jogando o bule de café no rosto dele.

– Não. Archer não precisa da pena de ninguém. Ele é incrível, Travis.

Lembrei dos olhos carinhosos e do modo como o rosto de Archer se iluminava quando ele estava realmente feliz.

– Ele é incrível – repeti.

Abaixei os olhos, me sentindo subitamente envergonhada. Travis ficou em silêncio por algum tempo. E estava abrindo a boca para dizer alguma coisa quando o sininho voltou a tocar. Quando levantei a cabeça para ver quem entrava, arregalei os olhos.

Natalie estava parada ali e nosso amigo Jordan se encontrava um pouco atrás dela, as mãos nos bolsos, parecendo constrangido.

Deixei cair o cardápio que tinha nas mãos e dei a volta apressada no balcão.

– Ah, meu Deus! O que vocês estão fazendo aqui? – guinchei.

Ainda estava esperando que ela me mandasse uma mensagem quando soubesse o horário do voo. Natalie caminhou rapidamente até mim e nos abraçamos, rindo.

– Surpresa! – disse ela, e me abraçou com força mais uma vez. – Senti sua falta.

– Também senti sua falta – falei.

Mas meu sorriso se apagou quando olhei para Jordan, que ainda não se afastara da porta.

Natalie olhou para ele e de novo para mim.

– Ele praticamente me implorou para trazê-lo comigo, para que pudesse se desculpar com você pessoalmente.

Deixei escapar um suspiro e gesticulei para que Jordan se juntasse a nós. O alívio ficou claro no rosto dele, que veio até mim e me abraçou.

– Me desculpe, Bree – disse ele, a voz muito séria.

Eu o abracei. Também sentira saudade dele. Jordan era um dos meus melhores amigos. Eu, ele, Natalie e nossa amiga Avery havíamos sido inseparáveis desde o início do colégio. Tínhamos crescido juntos. Mas Jordan também tinha sido a gota d'água que me fizera jogar minhas coisas em uma mochila e sair da cidade.

No auge do meu luto e da minha confusão emocional, eu o procurei como amigo e ele me acuara em um canto e me beijara, pressionando mesmo quando viu que eu resistia, dizendo que estava apaixonado por mim e me implorando para que eu o deixasse tomar conta de mim. Fora demais, e a última coisa de que eu precisava naquele momento.

Natalie nos abraçou e nós três rimos baixinho, até finalmente nos separarmos. Olhei ao meu redor. Havia apenas umas poucas pessoas na lanchonete e Maggie estava nos fundos com Norm, fechando a cozinha.

– Venham se sentar no balcão enquanto eu termino – falei, sorrindo.

Natalie se sentou perto de Travis, que a examinou de cima a baixo, enquanto tomava um gole do café.

– Ora, olá – disse Natalie, jogando os cabelos longos e louros para o lado e cruzando as pernas, enquanto girava o banco para ficar parcialmente voltada para ele e lhe dirigir seu melhor sorriso sedutor.

Grunhi. Natalie me ignorou e Travis também.

– Travis Hale – disse ele, sorrindo também e estendendo a mão. Sacudi levemente a cabeça e apresentei Travis a Jordan.

Todos disseram oi, então Travis se levantou e deixou uma nota de 5 dólares no balcão.

– Até mais, Bree – disse ele, olhando para mim. – Natalie, Jordan, prazer em conhecê-los e aproveitem sua estadia em Pelion. Bree, diga a Maggie que deixei um alô.

Com isso ele deu as costas e saiu da lanchonete.

Virei-me para Natalie, que ainda estava examinando o traseiro de Travis enquanto ele caminhava até o carro de patrulha do lado de fora. Ela se voltou para mim.

– Nossa, agora entendo por que você quer ficar aqui – disse Natalie.

Eu ri.

– Ele não é a razão para eu querer ficar.

Natalie relanceou o olhar para Jordan, que estava examinando o cardápio. Fiquei séria e mudei de assunto. Desconfiara por anos que Jordan tinha uma queda por mim, mas não sabia que ele achava que estava apaixonado por mim. Eu também o amava, mas não daquele jeito, e sabia que isso jamais aconteceria. Só esperava que conseguíssemos dar um jeito de voltar a ser amigos como éramos antes. Sentia falta dele.

– Já comeram? – perguntei.

A cozinha estava fechada, mas eu poderia preparar um sanduíche ou algo parecido.

– Sim, em uma lanchonete de fast-food há uma hora. – Natalie olhou para Jordan por sobre o cardápio. – Você não está com fome de novo, está?

Ele levantou os olhos.

– Não, só estou olhando.

Jordan pousou o cardápio, obviamente ainda se sentindo pouco à vontade.

Pigarreei.

– Muito bem, vou avisar a Maggie que estou indo e pegar minhas

coisas.

Quinze minutos depois estávamos no carro, a caminho do meu chalé.

Acomodei Jordan na sala e Natalie levou as coisas dela para o meu quarto. Tomamos banho e sentamos na sala para conversar e rir das histórias de Natalie sobre seus encontros com o novo chefe. Jordan já parecia mais à vontade e eu estava muito feliz por tê-los ali.

– Querem sair para jantar na cidade? – perguntei. – Enquanto vocês se arrumam, vou correndo até a casa de Archer perguntar se ele quer vir conosco.

– Por que não liga para ele? – sugeriu Natalie.

– Bem, ele meio que... não fala... – disse baixinho.

– Hein? – perguntaram ela e Jordan ao mesmo tempo.

Contei a eles sobre Archer e sobre como ele fora criado. Falei um pouco sobre o tio dele e sobre o que sabia do acidente, mesmo ele não tendo me contado nada pessoalmente a respeito.

Os dois ficaram me olhando com os olhos arregalados.

– Caramba – disse Natalie.

– Eu sei, gente – retruquei. – É uma história louca e ainda nem a conheço toda. Mas esperem até se encontrarem com ele. Archer é tão doce e tão incrível. Vou ter que traduzir para vocês, mas ele fala fluentemente a linguagem de sinais.

– Uau – disse Jordan. – Mas se ele nunca saiu de verdade das próprias terras ao longo de todos esses anos, e se não fala, o que Archer planeja fazer da vida exatamente?

Baixei os olhos.

– Ele ainda está decidindo isso – falei, me sentindo subitamente na defensiva por Archer. – Mas vai conseguir. Está apenas resolvendo algumas questões básicas.

Eles ficaram me encarando e me senti constrangida.

– De qualquer modo – continuei –, vou dizer a ele sobre os

nossos planos e tenho esperanças de que ele concordará em ir conosco.

Então me levantei, calcei os sapatos e vesti o casaco.

– Está certo – falou Natalie. – O lugar aonde vamos é estilo calça jeans e camiseta ou eu tenho que ir mais arrumada?

Eu ri.

– Com certeza calça jeans e camiseta.

– Acha que Travis estará lá? – perguntou ela.

Gemi.

– Ah, puxa, tenho tanto para contar a vocês, mas volto logo, está bem?

– Está bem! – cantarolou Natalie, levantando-se.

Jordan estava procurando alguma coisa na pequena mala que levava.

– Está bem – repetiu ele, olhando para trás.

Saí do chalé, entrei no carro e parti em direção à casa de Archer.

capítulo 24

ARCHER

Estava parado diante da pia da minha cozinha, bebendo um copo d'água em grandes goles. Acabara de voltar de uma corrida na praia com os cachorros. Não poderia continuar a fazer isso por muito mais tempo, pois o clima começava a esfriar.

Fiquei ali pensando no que faria naquele dia, sentindo um peso no coração com o qual não sabia direito como lidar. Estava me sentindo da mesma forma antes de correr e tinha achado que o exercício clarearia minha mente. Mas de nada adiantara.

Estava inquieto, pura e simplesmente. E, ao que parecia, não era uma inquietude física. Era mental. Quando eu acordara naquela manhã, com o cheiro de Bree por toda parte, me sentira feliz e satisfeito. Mas, ao me dar conta de que ela já tinha ido embora, me levantei e tentei decidir o que fazer do meu dia. Havia vários projetos em que eu poderia ter trabalhado, mas nenhum deles me interessara. Eu tinha a vaga sensação de que aquele era um assunto sobre o qual eu teria que pensar seriamente. *O que você vai fazer da sua vida, Archer?* Bree tinha virado a minha vida de cabeça para baixo, e, naquele momento, tudo o que eu sentia era desconforto. Nunca esperei que alguém entrasse na minha vida e abrisse o mundo para mim, mas fora o que ela fizera. E agora eu tinha possibilidades que não imaginava ter antes. Mas todas giravam em torno dela. E isso me assustava. Muito.

Ouvi uma batida no portão e pousei o copo. Teria Bree saído

mais cedo?

Deixei a casa, fui caminhando para o portão e vi Travis descendo a entrada de carros na minha direção.

Fiquei parado, esperando que se aproximasse, imaginando que diabos poderia querer.

Ele ergueu as mãos em uma posição zombeteira de “não atire em mim”, e inclinei a cabeça para o lado, esperando.

Travis pegou um papel dobrado no bolso de trás da calça e, quando chegou aonde eu estava, estendeu-o para mim. Peguei o papel, mas não o abri.

– É um requerimento para o documento que o autoriza a aprender a dirigir – disse ele. – Você só precisa levar junto com a certidão de nascimento e um comprovante de residência. Uma conta de água ou o que for.

Ergui as sobrancelhas, e relanceei o olhar para o papel. O que Travis tinha escondido na manga dessa vez?

– Eu lhe devo desculpas pelo que fiz naquela história do clube de striptease. Fui imaturo, não fui nada legal. E estou sinceramente satisfeito por ver que você e Bree ficaram bem. Acho que ela realmente gosta de você, cara.

Queria perguntar a ele como sabia disso. Eu sabia que Bree gostava de mim, talvez mais do que isso, mas ansiava por saber o que ela dissera a Travis a meu respeito, se é que dissera alguma coisa. É claro que, mesmo que eu pudesse, não seria uma boa ideia perguntar a ele. O mais provável é que Travis aproveitasse para zombar de mim. Só que eu não sabia como falar de todos os meus sentimentos com Bree. Sabia que sexo não era igual a amor, portanto como saber se Bree me amava, se ela não dizia nada? E, se ela não dizia, isso significava que não me amava? Estava muito confuso e não tinha ninguém com quem conversar a respeito.

E o pior era que eu sabia que a amava. Eu a amava profundamente, com cada parte do meu coração, mesmo as já

quebradas, mesmo as que pareciam não valer nada. E, talvez, principalmente com essas partes.

– Então – continuou Travis –, podemos declarar uma trégua? Vale tudo no amor e na guerra e coisa e tal, né? Você ganhou, ficou com a garota. Mas não pode culpar um cara por tentar, certo? Sem ressentimentos?

Ele estendeu a mão para mim. Olhei para a mão estendida. Não confiava em Travis, mas de que adiantava transformar aquilo em uma guerra contínua entre nós? Ele estava certo, eu vencera. Bree era minha. Bastou pensar nisso para uma forte sensação de posse tomar conta de mim. Estendi a mão e apertei a dele, ainda o encarando desconfiado.

Travis enfiou os dedos no cinturão do revólver.

– Então, imagino que você já saiba que os amigos de Bree estão aqui... os amigos da cidade natal dela.

Franzi o cenho e recuei a cabeça ligeiramente, me entregando. Travis adotou uma expressão de “ah, merda”.

– Droga! Ela não contou a você? – perguntou. Ele desviou o olhar e então voltou a me encarar. – Ora, estou certo de que deve ser difícil para Bree... quero dizer, aqui está ela, gostando de você e, em certo momento, terá que voltar para casa, para a vida real. É uma posição difícil.

Para casa? Para a *vida real*? De que diabos ele estava falando?

Travis me observou, suspirou e passou a mão pelos cabelos.

– Que merda, cara, você não tem ilusões de que Bree vai ficar aqui e trabalhar em uma lanchonete de cidade pequena a vida toda, não é? Viver nesse barraquinho de tábuas que você chama de casa e ter vários bebês que você não terá como sustentar.

Ele riu, mas quando viu que eu não o acompanhava, ficou sério e o riso deu lugar a uma expressão de piedade.

– Ah, droga, é exatamente o que você espera, não é?

O sangue rugia em meus ouvidos. Não chegara a imaginar nada

daquilo, mas a mera ideia de Bree ir embora de vez fazia com que um medo gelado percorresse minhas veias.

– Merda. Escute, Archer, quando eu disse que você ganhou Bree, estava me referindo ao momento presente, por algumas noites quentes, alguns amassos na sua caminhonete. Quero dizer, que bom para você. Você merece, cara. Mas, droga, não comece a fantasiar mais do que isso. Ela talvez diga a você que vai ficar... e é provável que até pretenda fazer isso por um tempo. Mas uma garota como Bree... Ela fez faculdade, vai querer uma *vida* em algum momento. Está aqui temporariamente, para se curar de um trauma, depois vai partir. E por que não faria isso? O que você tem a oferecer a ela? Bree é linda, sempre haverá um homem que a queira e que possa lhe dar mais. – Ele balançou a cabeça. – O que você pode lhe dar, Archer? De verdade?

Fiquei parado, como que congelado, na frente daquele babaca. Eu não era tão estúpido e incapaz de ver o que ele estava fazendo. Estava usando a carta que tinha na manga. Mas, infelizmente para mim, a carta era baseada na verdade. Ele tinha uma jogada campeã e sabia disso. Fora isso o que Travis viera fazer: me destruir com a verdade. Me lembrar que eu não era nada. E talvez isso fosse bom.

Eu nem sabia se ele ainda a queria. Talvez não. Mas agora se tratava de eu também não ficar com ela. Assim, Travis venceria, de um modo ou de outro. Eu via isso, sabia. Já vira o mesmo olhar no rosto de outro homem. E me lembrava do que significava.

Travis respirou fundo de novo, parecendo ligeiramente constrangido – ou talvez fingindo estar. Ele pigarreou.

– De qualquer modo – ele apontou para o pedaço de papel na minha mão –, boa sorte com a autorização. Não é certo que você tenha que ir a pé para todo lado. – Ele acenou com a cabeça para mim. – Se cuide, Archer.

Então Travis se virou, subiu a entrada de carros e saiu pelo portão. Fiquei ali parado por um longo tempo, me sentindo pequeno,

imaginando Bree longe e tentando me lembrar de como continuar a respirar.

capítulo 25

BREE

Fui até a casa de Archer e o chamei ao passar pelo portão. Não houve resposta. Andei até a porta da frente e bati, voltando a chamar por ele. Novamente nenhuma resposta. A porta estava destrancada, então entrei e olhei ao redor. Como sempre, estava tudo limpo e arrumado, mas não havia sinal de Archer. Ele devia estar em algum lugar da propriedade, longe demais para me ouvir chamando. Ou será que fora caminhando até a cidade?

Peguei uma folha de papel e uma caneta e escrevi um bilhete rápido dizendo que meus amigos estavam na cidade e que eu explicaria quando o visse. Disse aonde iríamos jantar e o convidei a juntar-se a nós. Esperava que fosse. Esperava que o fato de ele ter ido à lanchonete o houvesse deixado confortável o bastante para que saísse outra vez. Queria apresentá-lo aos meus amigos. Queria que fizesse parte de todos os aspectos da minha vida.

Voltei para casa, terminei de me arrumar e fui com Natalie e Jordan para a pizzaria/bar da cidade, para um jantar bem informal.

Pedimos uma pizza grande e a levamos para uma mesa próxima a um dos alvos de dardos para começarmos um jogo.

Estávamos na metade do balde de cerveja quando levantei os olhos e vi Archer parado à porta. Um enorme sorriso se abriu no meu rosto na mesma hora, deixei cair o dardo que segurava e corri para ele, passando os braços ao redor de seu pescoço e beijando-o na boca.

Ele soltou o suspiro que parecia ter prendido o dia todo. Inclinei a cabeça para trás, olhando seu rosto e vi uma tensão que não costumava estar ali.

– Você está bem? – perguntei.

Ele assentiu e suas feições relaxaram. Me afastei para que pudéssemos conversar.

Você não me contou que seus amigos viriam, disse Archer.

Na verdade, eu não sabia até ontem, depois que saí da sua casa. E eles acabaram chegando mais cedo do que eu esperava. Archer, há um suspeito no caso do meu pai. Conversei com o investigador responsável pelo caso ontem e ele quer que eu vá para Ohio para fazer um reconhecimento de fotos. O homem pode ser preso, concluí, e olhei para ele, sentindo a emoção me dominar de repente ao falar sobre essa possibilidade “em voz alta”.

Bree, isso é fantástico, disse ele. É mesmo maravilhoso.

Assenti.

Terei que voltar para a minha cidade natal por uns dias. Natalie e Jordan vão voltar de carro comigo, mas logo estarei de volta. Franzi o cenho, pensando em como me sentiria ao voltar para Ohio. Quando voltei a olhar para Archer, ele me observava atentamente com aquela mesma expressão tensa no rosto.

Você poderia vir conosco, falei, sorrindo para ele.

Os olhos de Archer ficaram mais suaves por um instante, mas então ele suspirou.

Acho que não, Bree. Você... precisa colocar a conversa em dia com os seus amigos.

– Ei, Bree, chega de nos deixar aqui esperando! É a sua vez! – gritou Natalie.

Sorri e puxei Archer pela mão.

– Venha conhecer meus amigos – falei, então continuei em um tom mais suave. – Eles vão adorar você.

Archer pareceu um pouco em dúvida, mas deu um sorrisinho e

me deixou guiá-lo até a mesa onde estava a nossa pizza.

Eu o apresentei a Natalie e Jordan. Os dois homens trocaram um aperto de mão enquanto Natalie inclinou a cabeça e comentou:

– Que *diabos* eles colocam na água deste lugar? Algum mineral que faz com que os homens sejam absurdamente gatos? Vou me mudar para cá.

Eu ri e apoiei o corpo no de Archer, inspirando o cheiro dele e sorrindo com os lábios colados em seu pescoço. Jordan desviou rapidamente os olhos e ficou pálido. Meu Deus, eu detestava que ele ficasse desconfortável ao me ver com um homem. Talvez precisássemos conversar mais um pouco. Olhei para Archer e vi que ele encarava Jordan com os olhos semicerrados – também percebera a reação do outro. Archer Hale nunca perdia nada. Desde que o conhecera, me ocorrera algumas vezes que provavelmente seria impressionante o que todos poderíamos ver e ouvir se ficássemos um pouco mais em silêncio e parássemos de tentar escutar nossa própria voz o tempo todo.

Jogamos dardos, conversamos e comemos pizza por mais algum tempo. Archer sorria quando era esperado ao ouvir as histórias sem fim de Natalie, mas o silêncio dele era mais pronunciado do que o normal. Tentei estimulá-lo, mas ele parecia enfrentar algum dilema interno que não estava compartilhando comigo.

Natalie fez perguntas a ele e eu interpretei as respostas. Archer foi doce e respondeu a tudo o que ela perguntou, mas percebi que estava um pouco desligado e eu não tinha ideia do motivo. Mas teria que esperar até mais tarde para perguntar a ele. Em um bar, na frente dos meus amigos, não era a hora nem o lugar certo.

Pedimos outra rodada de cerveja, Archer tomou um copo e pediu licença para ir ao banheiro. Assim que ele se afastou, Jordan se levantou e veio até onde eu estava.

– Posso conversar com você um instante? – perguntou ele.

Assenti, achando que provavelmente precisávamos mesmo fazer

isso. Jordan vinha fuzilando Archer com o olhar a noite toda e eu estava cansada disso.

Ele me puxou para o lado, em um canto onde Natalie não poderia nos ouvir, e respirou fundo.

– Escute, Bree, lamento o que fiz lá em Ohio. Fui um babaca. Sabia que você estava frágil, tendo que lidar com coisas terríveis, e tirei vantagem disso. Não vou mentir e dizer que não sabia. De qualquer modo, você saberia.

Ele passou a mão pelos cabelos louro-escuros, desmanchando-os, mas de um jeito charmoso.

– Sei que você não pensa em mim como nada mais do que um amigo, e isso é o bastante para mim. De verdade. Foi por isso que vim até aqui, para tentar ficar bem com você, e acabei agindo como um babaca de novo. Não é fácil ver você com outro cara, nunca foi. Mas vou dar um jeito nisso. Sua amizade e sua felicidade significam mais para mim do que qualquer outra coisa. Só quero que seja feliz. E tudo o que eu puder fazer, como amigo, quero fazer. Você me perdoa? Será minha madrinha de casamento quando eu finalmente encontrar alguém ainda melhor do que você?

Dei uma risadinha que era quase um choro, e assenti.

– Sim, Jordan, eu perdooo você. E é claro que você vai encontrar alguém melhor do que eu. Não sou uma pessoa muito fácil e posso ser bem chata quando as coisas não acontecem como eu quero.

Ele sorriu.

– Você está mentindo. Mas obrigado. Amigos?

Ele estendeu a mão. Assenti, peguei a mão dele e o puxei para um abraço.

– Sim – sussurrei no ouvido dele –, e pare de ficar fuzilando meu namorado com o olhar. Se estivesse prestando mais atenção ao seu redor, teria visto a loura gostosa que está na mesa à nossa frente babando por você. – Eu me afastei e pisquei para ele.

Jordan riu, relanceou o olhar para a mesa onde estava a loura e

voltou a olhar para mim. Ele pigarreou e ficou sério.

– O que foi? Não achou que ela é gostosa? – perguntei, me forçando a não olhar na direção da garota, para que ela não percebesse que estávamos falando dela.

– Ah, sim, ela é – disse ele –, e seu namorado está bem furioso. Neste momento, ele está me encarando como se quisesse me matar aqui e agora.

Olhei para a nossa mesa, para onde Archer retornara, e vi que ele estava tomando mais uma cerveja.

– Vou conversar com ele. Obrigada, Jor.

Quando voltei para a mesa, sorri para Archer, me inclinei na direção dele, disse “Oi” e beijei a lateral de seu pescoço. Passei as mãos ao redor de sua cintura e o abracei. Não havia nada sobrando ali, eram apenas músculos e pele rígida. Inalei o cheiro dele. Nossa, como Archer cheirava bem, a sabonete e a homem. *Meu* homem. Archer sorriu daquele jeito meio torto, meio inseguro, os olhos encontrando os meus e logo se desviando.

– Ei – sussurrei –, já lhe disse o quanto estou feliz por você estar aqui?

Sorri para ele, tentando melhorar seu humor. Imaginei que estivesse um pouco tenso em relação ao óbvio desconforto de Jordan com ele, mas aquela não era a hora certa para que eu explicasse toda a situação. Só queria tranquilizar Archer com a minha atenção. Ele não tinha nada com que se preocupar. Jordan não era uma ameaça.

De repente, Archer se levantou, pegou minha mão e me levou na direção dos banheiros, nos fundos. Eu o segui, as longas pernas dele me obrigando a apressar o passo para acompanhá-lo.

Entramos no corredor onde ficavam os banheiros e ele olhou ao redor, sem que eu tivesse ideia do que estava procurando.

– Para onde está me levando, Archer? – perguntei, rindo baixinho.

Ele parecia muito determinado.

Archer não respondeu, apenas me puxou para o fundo do corredor mal iluminado, onde havia uma porta recuada da parede. Ele me fez entrar naquele espaço, se debruçou sobre mim e capturou minha boca em um beijo profundo e possessivo. Gemi e me lancei contra o seu corpo rígido. Aquele era um novo lado de Archer e eu não sabia muito bem o que estava acontecendo ali. A intensidade dele estava me confundindo. Mas fiquei excitada do mesmo jeito. Acho que ficaria excitada com qualquer coisa que aquele homem fizesse.

Ele levou a mão a um dos meus seios e esfregou o mamilo com o dedo através do tecido da blusa. Ofeguei, levei as mãos aos cabelos dele e puxei-os delicadamente. Archer afastou a boca da minha e ficou apenas respirando contra os meus lábios por alguns segundos, antes que eu jogasse a cabeça para trás e me apoiasse na porta. Archer desceu os lábios até o meu pescoço, beijou-o e lambeu-o com carinho.

– Archer – gemi.

De repente, tive um leve sobressalto quando ele sugou a pele do meu pescoço, arranhando a área sensível com os dentes. Abaixei a cabeça, a névoa do desejo se dissipando quando levantei os olhos para ele e vi a expressão de desafio em seu rosto.

Levei a mão ao pescoço.

– Você acabou de... me *marcar* de propósito?

Archer abaixou os olhos para o meu pescoço, então voltou a fitar meus olhos, os dele cintilando. Recuando um pouco, ele perguntou:

Quantos homens na sua vida querem ficar com você? Presumo que eu, Travis e o tal do Jordan que está aqui não sejamos os únicos. Quantos mais? O músculo no maxilar dele pulsava.

Fiquei encarando-o por um instante, sem palavras.

– Eu não... Você está brincando? – perguntei. – Nenhum. Mas... o que importa quantos homens querem ficar comigo? Eu já deixei

claro que escolhi você. O que importa o resto? – concluí, a mágoa evidente na minha voz, até aos meus próprios ouvidos.

Uma expressão confusa passou pelo rosto dele antes que as feições se endurecessem novamente e Archer respondesse:

Sim, importa. Importa pra cacete. O músculo voltou a pulsar no maxilar dele. Arregalei os olhos. Archer nunca dissera um palavrão antes e fiquei surpresa. Ele respirou fundo, a expressão nos olhos deixando claro o quanto se sentia vulnerável, quisesse ele ou não.

Não posso sequer dizer a eles para ficarem longe de você, Bree. Tenho que ficar sentado, olhando, e não posso fazer nada!

Archer virou as costas para mim e, apesar do fato de ele estar zangado e eu não gostar disso, senti a perda do calor do corpo dele contra o meu como se alguém houvesse jogado um balde de água fria em mim. Archer passou a mão pelos cabelos e olhou para mim. O coração dele exposto na expressão de seus olhos.

Não sou sequer um homem. Não posso lutar por você.

– Pare! – falei em voz alta. – Você não precisa lutar por mim. Não há razão para lutar com ninguém. Eu sou sua. Já sou sua.

Caminhei alguns passos até ele e passei os braços ao redor de sua cintura. Ele não resistiu, mas também não correspondeu ao abraço. Depois de um instante, recuei.

Sempre vai haver outro homem, disse ele.

Eu o encarei, então me afastei e respirei fundo. Naquele momento, Jordan surgiu no corredor, parou e, semicerrando os olhos na luz baixa, perguntou:

– Você está bem, Bree?

Vi o corpo de Archer ficar tenso, fechei os olhos e abaixei a cabeça. Quando voltei a olhar para cima, ele se virava e saía andando pelo corredor, passando por Jordan.

– Archer! – chamei, mas ele não se virou. – Meu Deus! – gemi.

Então levei a mão à testa e fui até Jordan.

– Desculpe, Bree, não sabia que estava interrompendo. Só vim

usar o banheiro e vi vocês dois no que parecia algum tipo de impasse.

Sacudi a cabeça.

– Não era nenhum impasse. Archer só estava... não sei. Mas preciso ir atrás dele. Vocês já estão prontos para ir embora?

– Natalie está. Eu acho que vou pegar carona de volta com outra pessoa.

Jordan deu um sorrisinho tímido.

Apesar de eu estar aborrecida por causa de Archer, sorri para Jordan e dei um soco de brincadeira no braço dele.

– Esse é o Jordan que eu conheço e amo – falei. – Tem certeza de que ficará bem?

Ele riu.

– Sim, acho que consigo me defender se ela tentar me atacar.

Ele piscou para mim. Ri e balancei a cabeça.

– Está bem.

Eu o abracei e ele disse:

– Me desculpe mais uma vez. A propósito, belo chupão no pescoço. Não vejo você com um desses desde que tínhamos 15 anos.

Bufoei.

– Acho que foi a maneira de um certo homem dizer a você e a todos os outros aqui que já estou comprometida – respirei.

Jordan sorriu.

– Bem, vá dizer a ele que isso não é necessário. Nós, homens, somos capazes de agir como verdadeiros babacas quando estamos inseguros e carentes.

Ergui uma sobrancelha.

– Não me diga!

Ele riu baixinho e apertou meu braço.

– Vocês vão se acertar. Estarei em casa pela manhã.

Assenti, apertei mais uma vez o braço dele, então voltei para o

bar, onde Natalie estava me esperando.

– Ei – disse ela –, seu brinquedinho acaba de sair pisando duro pela porta da frente.

Respirei fundo.

– Ele não é um brinquedinho, Nat. Não sei o que está acontecendo com Archer.

Ela ergueu as sobrancelhas.

– Bem, se quiser saber a minha opinião de especialista, eu diria que ele está apaixonado e não sabe o que fazer em relação a isso.

– Acha mesmo? – perguntei baixinho.

Ela assentiu.

– Sim. Todos os sinais estão ali. O maxilar pulsando, o olhar furioso para os outros homens que chegam perto de você, o comportamento imprevisível e rabugento, a marcação de território...

– Ela apontou para o chupão no meu pescoço. – Vai acabar com a infelicidade dele?

Ri baixinho, mas acabei gemendo. Fiquei sentada por alguns segundos, pensando na situação que tinha nas mãos, então falei:

– Espero que sim. Está pronta?

Fomos até o meu carro e estendi as chaves para Natalie, que concordara em não beber para poder dirigir. Quando já estava ligando o carro, Natalie falou:

– A propósito, sei que ele não é um brinquedo para você. Vejo o modo como você também olha para ele. E posso ver por que gosta dele... e aquela cicatriz – a última palavra saiu como um gemido – me dá vontade de agarrá-lo.

Eu comecei a rir e falei:

– Ei! Tome cuidado ou meu maxilar vai começar a pulsar e vou ficar rabugenta pelo resto do caminho.

Ela riu também, mas depois de um instante, quando me virei para Natalie, vi que ela estava com uma expressão pensativa.

– O que estou me perguntando é se você se vê em um

relacionamento de longo prazo com ele... Quero dizer, como isso funcionaria exatamente?

A voz dela agora era mais carinhosa.

Suspirei antes de responder:

– Não sei. É tudo tão novo... E, sim, a situação dele é muito diferente. Há desafios a serem enfrentados. Mas quero tentar. Sei que quero. O que quer que isso signifique... É como se a minha vida houvesse começado no momento em que o vi. No instante em que comecei a amá-lo, tudo se encaixou para mim. Por mais confusa que seja a nossa situação, por dentro eu sinto que tudo faz o mais perfeito sentido.

Natalie ficou em silêncio por um momento.

– Ora, isso é poético, e acredito em cada palavra que você disse, mas a vida nem sempre é poética. E sei que você sabe disso melhor do que ninguém. Só estou encorajando-a a também ser realista a respeito da situação, está bem?

Ela lançou um olhar rápido para mim e continuou:

– Ele é problemático, querida, e não estou me referindo só às cordas vocais dele... quero dizer, meu Deus, pelo que você me contou, ele cresceu em um lar violento, o tio *atirou* nele, os pais morreram *bem na frente dele* e então Archer foi mantido solitário e isolado até os 19 anos por um tio louco, para não mencionar o fato de que tem um problema físico que, para todos os efeitos, o mantém preso em sua própria mente. Isso deixa uma marca, meu bem. É de *espantar* que ele seja problemático?

Deixei escapar o ar em um suspiro e recostei a cabeça no assento.

– Eu sei – sussurrei. – E quando você coloca a situação dessa forma, parece loucura até mesmo acreditar na possibilidade de que possamos dar certo, de que ele possa dar certo com *qualquer pessoa*, mas, de algum modo... eu acredito. Não tenho como explicar isso a não ser pelo fato de que, apesar do que você

mencionou, ele ainda é bom e gentil, corajoso e inteligente, e até mesmo engraçado às vezes.

Sorri.

– Quero dizer, pense na força de espírito que é preciso ter para passar pelo que ele passou e não ser louco, de mal com a vida, e ainda manter o coração gentil.

– É verdade – concordou ela. – Ainda assim, pessoas problemáticas agem de certa maneira porque não confiam nem acreditam que nada pode ser bom. Ele nunca teve nada bom. Tenho medo de que, quanto mais sério fique o relacionamento com você, mais estranho ele se torne. Saber onde Archer vai trabalhar, o que vai fazer da vida, é pouco se compararmos com a bagagem emocional dele.

Olhei para ela, mordendo o lábio.

– Mas eu também carrego uma bagagem, Nat. Também sou problemática. Todos somos, não é?

– Não nessa dimensão, querida. Não nessa extensão.

Assenti e voltei a apoiar a cabeça no assento.

– A propósito, quando você se tornou tão perspicaz em relação ao espírito humano? – perguntei, sorrindo para ela.

– Sou uma alma antiga... Você já sabia disso.

Ela piscou para mim e sorriu.

Estacionamos em frente ao meu chalé e dei um abraço de boa-noite em Natalie antes que ela descesse do carro com a chave de casa, acenando por cima do ombro. Dei a volta no carro e me acomodei atrás do volante. Estava bem para dirigir até a casa de Archer, já me sentia completamente sóbria.

Quando cheguei, entrei pelo portão e desci até a casa. Bati de leve na porta e, alguns segundos depois, Archer atendeu, usando apenas uma calça jeans e secando os cabelos com uma toalha.

Eu o observei parado ali, parecendo tão absurdamente lindo e tão inseguro e ri baixinho.

– Oi. – Suspirei, entrei na casa e me virei para ele, quando ouvi a porta ser fechada.

Por que está rindo?, ele perguntou.

Sacudi a cabeça e levantei as mãos.

Porque gostaria que você se visse através dos meus olhos. Gostaria que pudesse ler a minha mente, pois assim saberia o quanto quero você e mais ninguém. Poderia haver trezentos homens atrás de mim nesse momento e isso não me importaria. Porque nenhum deles é você, Archer Hale.

Abaixei as mãos por um segundo, então voltei a levantá-las no mesmo instante:

Nenhum deles é o homem que eu amo. Balancei levemente a cabeça, então continuei. E eu ia tentar esperar até que você talvez estivesse pronto para dizer isso também, mas... não consigo. Porque esse sentimento está literalmente transbordando de mim o tempo todo. Assim, não importa se você não me ama ou se não tiver certeza que me ama. Eu tenho certeza. E não consigo suportar que se passe outro minuto sem que eu lhe diga que o amo, porque é a verdade. Eu. Amo. Você. Amo muito.

Ele ficou imóvel, parecendo congelado no lugar, enquanto eu tagarelava sem parar, mas quando comecei a dizer as cinco últimas palavras, Archer atravessou o espaço que nos separava tão rapidamente que preendi o ar e abaixei as mãos. Ele me agarrou e me puxou contra o corpo dele com tanta força que gemi, um som agudo que ficou entre uma gargalhada e um soluço.

Archer me levantou no colo, enterrou o rosto no meu pescoço e, quando passei os braços ao redor dele, me apertou com mais força ainda. Descansei a cabeça em seu ombro e inspirei aquele perfume tão singular. Ficamos daquele jeito por vários minutos.

Finalmente, me afastei, peguei-o pela mão e o levei até o sofá, onde nos sentamos.

Lamento pelo que aconteceu no bar. Posso explicar?

Archer assentiu, e eu continuei:

Jordan é apenas meu amigo, sempre foi, nunca senti nada além de amizade por ele. Nós crescemos juntos. Eu o conheci quando tínhamos 12 anos. Sabia que ele tinha uma queda por mim havia algum tempo, mas deixei claro que não correspondia aos sentimentos dele.

Fiz uma pausa antes de continuar.

Ele insistiu no assunto depois que meu pai morreu e isso foi a gota d'água que me fez partir. Dei um sorrisinho. Portanto, acho que se pode dizer que, na verdade, você deve agradecer a Jordan por me colocar no seu caminho.

Archer sorriu também e olhou para as próprias mãos pousadas no colo. Quando comecei a falar, ele levantou os olhos para as minhas.

De qualquer modo, foi isso o que você viu esta noite: Jordan se vendo obrigado a aceitar o fato de que nunca seremos mais do que amigos e depois nós dois nos entendendo dessa forma. Só isso.

Archer assentiu, passou a mão pelos cabelos e disse:

Me desculpa. Às vezes tenho a impressão de que é tudo demais para mim. E isso faz com que eu me sinta... fraco e furioso, e indigno de você. Indigno de tudo.

Segurei rapidamente as mãos dele e então as soltei.

Não. Não se sinta assim. Por favor não faça isso. Dê um tempo para si mesmo. Olhe para tudo o que já conquistou. Olhe para quem você é, apesar de tudo o que tem contra você.

Levei a mão ao rosto dele. Archer fechou os olhos e se apoiou nela.

– E por acaso eu já disse que amo você? – sussurrei. – E que não tenho o hábito de amar pessoas que não valem a pena? – Dei um sorrisinho.

Ele abriu os olhos e acariciou meu rosto com o olhar por um longo tempo, a expressão quase reverente, antes de dizer:

Também estou apaixonado por você. Ele deixou escapar o ar que estava prendendo. *Estou desesperadamente apaixonado por você.* Archer arregalou os olhos como se as palavras que acabara de "falar" fossem quase uma surpresa. Seus lábios se entreabriram e suas mãos me perguntaram: *É o bastante, Bree?*

Suspirei e sorri, me permitindo um minuto da mais pura alegria ao saber que aquele homem lindo, sensível e corajoso à minha frente me amava. Depois de um segundo, eu disse:

Com certeza é um bom começo. No resto nós damos um jeito, está bem?

Segurei as mãos dele entre as minhas.

A expressão no rosto de Archer era de pura vulnerabilidade quando assentiu para mim, as dúvidas claras. Senti o coração apertado.

Qual é o problema, Archer?

Depois de alguns instantes, ele se inclinou para a frente, segurou meu rosto entre as mãos e beijou ternamente minha boca, os lábios se demorando nos meus, enquanto apoiava a testa na minha e fechava os olhos. Archer se afastou e disse:

Amo tanto você que chega a doer.

E ele realmente parecia estar sentindo dor.

Sorri e pousei a mão no rosto dele, que fechou os olhos mais uma vez antes que eu recolhesse a mão.

Não precisa doer.

Archer suspirou.

Mas dói, porque tenho medo de amar você. Tenho medo de você ir embora e de eu ficar sozinho outra vez. Só que será mil vezes pior porque vou saber o que estou perdendo. Não posso... A respiração dele saiu trêmula. Quero ser capaz de amá-la mais do que temo perdê-la e não sei como fazer isso. Me ensine, Bree. Por favor. Não me deixe destruir isso.

Archer me olhou com uma expressão suplicante e dominada pelo

sofrimento.

Ah, meu Deus, Archer, pensei, sentindo o coração apertado no peito. Como se ensina um homem que perdeu tudo a não temer que isso volte a acontecer? Como se ensina uma pessoa a confiar em algo que na verdade ninguém pode garantir? Aquele homem lindo que eu amava parecia tão arrasado, sentado ali, expressando seu amor e sua devoção por mim. Desejei de todo o coração que pudesse ser um acontecimento feliz para ele, mas entendia as razões de seu sofrimento.

Amar outra pessoa sempre significa se abrir para a dor. Também não quero perder mais do que já perdi, mas será que não vale a pena dar uma chance ao amor?, perguntei.

Archer buscou meus olhos e assentiu, mas seu olhar me dizia que ele não estava convencido. Respirei fundo. Tomaria para mim a missão de fazê-lo acreditar que era possível. Acreditaria com força bastante para nós dois, se fosse preciso. Abracei-o, então ergui o corpo para subir no colo dele e me aninhar ainda mais em seus braços.

– Amo você, amo você, amo você – sussurrei, sorrindo, tentando transformar aquele em um momento feliz.

Ele sorriu também, colou os lábios aos meus e disse silenciosamente “Também amo você”, contra a minha boca, como se estivesse soprando amor no meu corpo.

Continuei a respirar contra a boca de Archer e, depois de algum tempo, ele começou a mexer o corpo, me ajeitando sobre o colo. Minha pulsação acelerou conforme meu corpo reagia à proximidade dele, ao cheiro, a sensação do corpo grande e rígido contra o meu, mais especificamente uma parte rígida e quente que pressionava o meu quadril.

Abaixei a mão, acariciei o volume na sua calça jeans e sorri contra o pescoço dele.

– Você está sempre com uma ereção? – perguntei, os lábios

encostados à pele dele.

Senti Archer rir baixinho contra o meu peito e sorri ao perceber que a tristeza e a tensão de alguns minutos antes parecia estar se dissolvendo no calor dos nossos corpos. Me afastei um pouco, olhei para ele e vi a ternura e o desejo cintilando em seus olhos. Archer levantou as mãos.

Sim, quando você está por perto – por isso estou sempre fazendo careta.

Ele imitou uma expressão de dor.

Inclinei a cabeça.

– Achei que era apenas sua personalidade.

Isso também.

Ri e quando coloquei mais pressão sobre o volume que estava provocando a careta em questão, ele fechou os olhos e entreabriu os lábios. Quando voltou a abri-los, perguntou:

Você sente falta de ouvir os sons que eu faria durante o sexo se tivesse voz?

Archer ficou me observando enquanto eu pensava a respeito.

Afastei uma mecha de cabelo da testa dele, então balancei a cabeça.

Não, eu não penso nisso. Não me baseio nos sons que você talvez fizesse para saber o que você quer. Observo sua expressão e seus olhos. Me inclinei, coleí a boca à dele e voltei a me afastar. Escuto sua respiração e sinto o modo como você crava os dedos nos meus quadris pouco antes de gozar. Há tantos modos de interpretar você, Archer Hale. E eu amo cada um deles.

Os olhos dele cintilaram antes que jogasse o corpo para a frente, de repente, segurasse meu rosto entre as mãos e me deitasse no sofá. Archer abaixou o corpo sobre o meu e tive a sensação de que o tempo da conversa havia acabado. Senti um frio no estômago e um gemido profundo subiu pela minha garganta. Deixei que Archer assumisse o controle e arqueei o corpo contra o dele, vendo que

meu sexo começava a pulsar insistentemente. Esse homem começara a fazer sexo algumas semanas antes, e somente comigo. Como era possível então que eu confiasse mais nele em relação ao meu corpo do que em qualquer outro homem mais experiente com quem já estivera antes? Archer, que sempre superava todas as expectativas.

Sorri ainda com a boca colada à dele e ele fez o mesmo, mas não se afastou para me perguntar por que eu estava sorrindo. Deslizei a língua para dentro da boca de Archer, o sabor dele fazendo com que me sentisse prestes a entrar em combustão. Como a boca de alguém podia ser tão deliciosa a ponto de deixar outra pessoa zonga de desejo no mesmo instante? Horas já haviam se passado desde que eu tomara um gole de cerveja, mas me sentia bêbada de Archer, bêbada de amor, de desejo, de algo indescritível que eu não conseguia nomear, e que, ainda assim, tomava conta de mim, tomava conta do meu corpo e da minha alma, alguma conexão primitiva que devia estar ali antes mesmo que eu existisse, que ele existisse, antes que nós dois sequer houvéssimos respirado o mesmo ar, algo que estava escrito nas estrelas.

Archer encaixou a ereção no meu ponto mais íntimo, me fazendo ofegar e afastar a boca da dele. Gemi e joguei a cabeça para trás, sentindo um prazer intenso correr pelas minhas veias.

– Archer – eu disse ofegante –, nunca haverá mais ninguém para mim.

Minhas palavras pareceram acendê-lo, a respiração saindo em arquejos enquanto ele puxava minha camiseta para cima e abria o sutiã em um movimento único, deixando meus seios expostos ao ar frio.

Ele sugou um dos mamilos com a boca morna. Gemi novamente e enfiei os dedos nos cabelos deles, sentindo faíscas de eletricidade disparando do mamilo até o clitóris inchado. Ergui os quadris, pressionando-o contra o membro rígido dele. Archer deixou escapar

um som sibilante e recuou, abaixando os olhos semicerrados para mim. Uma umidade ainda maior brotava de mim só de olhar, boquiaberta, para o rosto dele. A intensidade e o desejo destacavam-se em sua expressão, mas o amor por mim também. Eu nunca vira nada assim. O poder daquela expressão era tão impressionante que eu fiquei apenas fitando-o por longos segundos, enquanto o sangue corria para o meu sexo, fazendo com que eu ficasse quase desesperada de desejo. Era como se meu corpo inteiro fosse um fio de alta tensão, assim como o meu coração. Era quase demais para suportar.

De repente, Archer se levantou e gesticulou para que eu levantasse os braços acima da cabeça. Atendi ao pedido e ele tirou primeiro minha camiseta e depois passou para a calça jeans, desabotoando-a e puxando-a pelas minhas pernas. Tirou meus sapatos, acabou de me livrar da calça e jogou-a no chão também. Archer ficou de pé, acima de mim, por algum tempo, respirando em arquejos, o volume da ereção sobressaindo na calça, o peito nu à mostra, os olhos percorrendo meu corpo. Meus próprios olhos se arregalaram, o sangue pulsando em meu clitóris só de vê-lo. Não consegui me controlar. Levei a mão ao meio das minhas pernas, enfiei o dedo na abertura molhada, cheia de desejo e gemi. Os olhos de Archer se acenderam enquanto ele observava minha mão. Logo ele abaixava o corpo sobre o meu outra vez, girando-me de tal forma que eu agora estava de bruços no sofá, surpresa. Olhei por sobre o ombro enquanto ele despiu a calça e voltava a descer o corpo sobre o meu, pairando acima de mim, deixando que eu sentisse o seu calor, mas não a sua pele.

Olhei por sobre o ombro mais uma vez e ele ainda tinha aquela expressão intensa no rosto. Minha mente estava nublada de desejo, mas me dei conta de que, embora amasse o Archer doce e gentil, também estava adorando o Archer que assumia o controle. O que quer que houvesse despertado aquele lado dele, eu aprovava e

queria mais.

– Por favor – falei em um sussurro, e os olhos dele encontraram os meus, apenas um pouco mais claros, quase como se estivesse saindo de um transe.

Archer segurou o membro rígido nas mãos e o esfregou na fenda do meu traseiro, para cima e para baixo, até eu começar a arquejar, pressionando o corpo contra as almofadas do sofá.

Ele levou o membro à minha abertura e o empurrou com gentileza para dentro, bem devagar, centímetro a centímetro, e eu gemi de alívio. Não conseguia abrir as pernas por causa do modo como ele me prendia ao sofá, por isso o tamanho dele foi quase mais do que eu podia suportar, grosso e grande demais para que conseguisse acomodá-lo naquele ângulo. Mas Archer ficou imóvel por um instante, esperando meu corpo se ajustar à pressão e, quando deixei o ar escapar, ele voltou a deslizar o pênis para dentro e para fora de mim, em arremetidas lentas.

Passei os braços ao redor da almofada que estava sob a minha cabeça e virei o rosto para o lado. Archer inclinou o corpo para a frente e capturou meus lábios em um beijo cáustico, lambendo e sugando minha língua no mesmo ritmo em que seu membro entrava e saía de dentro de mim. Quando ele se afastou da minha boca e ergueu o corpo, avistei o nosso reflexo na janela grande em frente ao sofá – qualquer pessoa poderia ter nos visto mas, é claro, não havia ninguém naquela propriedade cercada, remota, por isso não me preocupei. Fiquei apenas olhando para o nosso reflexo, fascinada com a visão e com as sensações.

Archer estava com um joelho apoiado no sofá, do outro lado das minhas pernas, e um dos pés ainda no chão, o joelho dobrado enquanto ele arremetia em mim por trás. Aquela imagem era tão primitiva, e a sensação deliciosa enquanto o pênis grande e rígido arremetia contra o meu corpo, meu clitóris roçando no sofá cada vez que ele se abaixava. Era como se Archer quisesse me dominar, me

possuir, transformar nossos corpos em um só. Eu não conseguia me mexer, apenas recebia o que ele estava me dando, confiando nele com meu corpo e meu coração. Confiei nele com tudo o que havia em mim.

Virei a cabeça na almofada e a mordi, não querendo gozar ainda, desejando continuar assim para sempre. Ele me ama, meu coração cantava. E eu o amo e sou dele, de corpo e alma. Nada mais importa. Tudo vai se resolver. E, naquele momento, acreditei nisso com todas as fibras do meu ser.

Archer começou a arremeter mais rápido, me penetrando com uma força maior, quase me punindo. Eu adorei tanto aquilo que não consegui controlar o orgasmo que me dominou subitamente, se esgueirando por meus músculos internos com uma lentidão doce, quase agonizante, se espalhando do meu ponto mais íntimo, subindo até o estômago e descendo novamente até os pés. Gritei contra a almofada e enterrei meu rosto nela, enquanto meu corpo era tomado por espasmos e convulsões de êxtase.

Archer aumentou ainda mais a velocidade das arremetidas, agora erráticas, a respiração mais ruidosa. Senti um espasmo final do meu próprio orgasmo ao me dar conta de que ele estava prestes a gozar também.

Archer deu mais três arremetidas, deixando escapar um gemido alto cada vez que seu corpo encontrava o meu, as mãos pousadas no sofá, ao lado do meu corpo para sustentar o próprio peso. Percebi que ele ficava cada vez maior dentro de mim pouco antes de eu sentir o calor do alívio dele e de Archer desabar parte sobre mim, parte sobre o sofá, de modo que a maior parte de seu peso estava na beira do sofá.

Passamos longos minutos recuperando o fôlego, esperando nossos batimentos cardíacos voltarem ao normal. Archer roçou o rosto na minha nuca, beijando minhas costas, até onde ele conseguia mover o rosto sem mexer o corpo. Fui me acalmando

enquanto sentia a sensação da boca quente de Archer, fechei os olhos e suspirei, feliz. Ele roçou o nariz pela minha pele e senti novamente o contato dos lábios dele, agora formando as palavras *Te amo, te amo, te amo.*



Um pouco mais tarde, depois de termos ido dormir, acordei sozinha. Sentei-me na cama, grogue, olhei ao redor, mas Archer não estava à vista. Levantei, enrolei um lençol no meu corpo nu e fui procurá-lo. Encontrei-o sentado em uma cadeira da sala, vestindo apenas a calça jeans, a pele dourada cintilando sob a luz do luar que entrava pela janela, parecendo tão lindo e tão derrotado, os cotovelos apoiados nos joelhos e uma das mãos massageando a nuca, o olhar baixo.

Fui até ele e me ajoelhei à sua frente.

– Qual é o problema? – perguntei.

Archer me olhou, deu um sorriso doce, que me fez lembrar do homem que aparecera à minha frente com o rosto recém-barbeado, me olhando com insegurança. Ele afastou uma mecha de cabelos do meu rosto e perguntou:

Você quer ter filhos, Bree?

Franzi o cenho, joguei a cabeça para trás e dei uma risadinha.

– Em algum momento, sim. Por que está me perguntando isso?

Estava só me perguntando. Imaginei que você quisesse.

Eu estava confusa.

– Você não quer ter filhos, Archer? Eu não...

Ele sacudiu a cabeça.

Não é essa a questão. É só... como eu sustentaria uma família? Não poderia. Mal consigo me sustentar aqui. Ainda tenho um pouco do que restou do dinheiro do seguro dos meus pais, mas a maioria

serviu para pagar as contas do hospital. Meu tio nos sustentava com a pensão por invalidez que recebia do exército e, agora, tenho uma pequena quantia do seguro que ele deixou. Ele serve para me manter, desde que eu não viva até os 110 anos, mas é só isso.

Ele desviou os olhos de mim e ficou fitando a janela.

Suspirei e meus ombros se curvaram.

– Archer, você poderia conseguir um trabalho, fazer alguma coisa de que goste. Não acha que as pessoas com deficiência têm carreiras? Elas...

Quer ouvir sobre a primeira vez que saí sozinho desta propriedade?, perguntou Archer, me interrompendo.

Examinei o rosto dele e assenti, concordando, a tristeza subitamente me dominando, sem que eu soubesse muito bem o motivo.

Meu tio faleceu há quatro anos. Ele mesmo cuidou de todos os detalhes e foi cremado. A equipe médica veio buscar o corpo dele e, uma semana mais tarde, trouxe de volta as cinzas. Não vi outra pessoa pelos seis meses seguintes. Meu tio tinha um estoque de comida no celeiro – era parte da paranoia louca dele – e essa comida me sustentou por esse período. Comecei a deixar crescer os cabelos e a barba. Naquela época, não sabia por quê, mas agora acho que foi outro modo de me esconder das pessoas que eu sabia que, em algum momento, teria que enfrentar. Loucura, né?

Os olhos dele voltaram a encontrar os meus.

Sacudi a cabeça vigorosamente.

– Não, não é loucura de jeito nenhum – eu disse baixinho.

Archer fez uma pausa, olhou para mim e continuou. Prendi a respiração. Aquela era a primeira vez que ele se abria para mim por iniciativa própria, sem que eu perguntasse.

A primeira vez que saí para ir ao mercado, levei duas horas para chegar até o portão, Bree, disse ele, a voz abalada. Duas horas.

– Ah, Archer – sussurrei, as lágrimas enchendo meus olhos, as

mãos apertando as coxas dele, me ancorando a ele. – Mas você conseguiu. Foi difícil, mas você conseguiu.

Ele assentiu.

Sim, consegui. As pessoas me olhavam e sussurravam. Comprei um pouco de pão e de manteiga de amendoim e sobrevivi com isso por uma semana, até ter coragem de voltar à cidade. Ele bufou baixinho, o rosto atormentado. Não havia saído dessas terras desde que tinha 7 anos, Bree.

Archer olhou ao longe por um instante, obviamente relembrando alguma coisa.

Mas depois de algum tempo, foi ficando melhor. Eu ignorava as pessoas e elas me ignoravam. Acho que comecei a me camuflar com o cenário. Se alguém falava comigo, eu olhava para o outro lado. Depois disso, tudo ficou bem. Eu me dedicava a projetos aqui na propriedade e me mantinha ocupado. Era solitário, muito solitário. Ele passou os dedos pelos cabelos, a expressão torturada. Mas na maior parte dos dias eu trabalhava até ficar esgotado.

Senti lágrimas escorrendo dos meus olhos e compreendi ainda mais profundamente a coragem de que Archer precisara para dar um só passo fora daquelas terras.

– Então você saiu com Travis... e foi me ver na lanchonete – afirmei. – Você fez isso, Archer. E foi muito corajoso da sua parte.

Ele suspirou.

Sim, fiz. Mas levei quatro anos para chegar a esse ponto. Levei quatro anos para dar outro passo... e não gostei.

– Você não gostou de sair com Travis porque ele não é confiável, mas gostou de me ver na lanchonete, certo? Foi tudo bem lá, não foi?

Ele abaixou os olhos para mim, a expressão muito terna, pousou a mão no meu rosto por um instante, então logo a abaixou.

Sim, tudo fica bem quando estou com você.

Inclinei-me na direção dele.

– Não vou deixar você, Archer – sussurrei, piscando para afastar as lágrimas e, assim, poder encará-lo.

Os olhos dele ficaram ainda mais ternos.

É um fardo enorme para uma pessoa carregar, Bree. Saber que, se deixar uma pessoa, a vida dela vai se transformar em poeira. Era nisso que eu estava aqui pensando. No fardo que eu acabaria sendo para você, a pressão a que você estará sujeita só por me amar.

Sacudi a cabeça.

– Não – falei, mas meu coração estava disparado no peito, porque eu também compreendia o que ele estava dizendo.

Não concordava e, no que me dizia respeito até aquele momento, não haveria razão no mundo por que eu o deixaria, mas a insegurança dele mexeu profundamente comigo, porque fazia sentido.

Archer estendeu a mão, inclinou ligeiramente minha cabeça, os olhos passando para a lateral do meu pescoço, onde estava o chupão que ele me dera – ainda muito vermelho e com uma aparência agressiva, eu tinha certeza. Ele se encolheu, me soltou e levantou as mãos para sinalizar:

Não sei como fazer nada disso. Você merece mais do que o nada que eu tenho para lhe oferecer. Mas dói ainda mais pensar em deixá-la. Ele suspirou, os olhos examinando meu rosto. *Há tantas coisas que sinto que ainda preciso resolver, e outras tantas coisas contra nós.* Ele passou uma das mãos pelos cabelos, o rosto angustiado. *Meu cérebro dói quando penso em tudo isso.*

– Então não vamos pensar nisso agora – falei com carinho. – Vamos viver um dia de cada vez e ver como as coisas se resolvem, está bem? Parece demais agora porque você está pensando em tudo de uma vez. Vamos mais devagar.

Archer ficou me encarando por um longo tempo, então assentiu. Levantei-me, me sentei em seu colo e então dei-lhe um abraço bem apertado, a cabeça enfiada em seu pescoço. Ficamos assim por

vários minutos, então ele me pegou no colo e me carregou de volta para a cama. Quando eu já começava a adormecer nos braços de Archer, me ocorreu que até então eu imaginava que dizer que nos amávamos, assumir o que sentíamos, nos tornaria mais fortes... em vez disso, para Archer, só tornara as coisas ainda mais difíceis.

capítulo 26

BREE

Na manhã seguinte, acordei cedo para ir trabalhar. Archer se levantou comigo e me acompanhou até a porta. Ele estava sonolento e sexy, e demorei um pouco mais do que deveria, esticando o beijo, apenas roçando meus lábios nos dele. Ainda precisava passar em casa, tomar banho e pegar meu uniforme. Quando me afastei de Archer, falei com sinais:

Natalie e Jordan vão me pegar depois do trabalho, então verei você assim que eu voltar, está bem?

Ele assentiu, o rosto agora sério.

Ei, brinquei, use esse tempo para colocar o sono em dia. Pense nisso como uma folga de uma semana, em que não precisará atender constantemente aos meus apetites sexuais insaciáveis.

Archer deu um sorriso sonolento e respondeu:

Adoro seus apetites sexuais insaciáveis. Volte correndo para mim.

Dei uma risadinha e suspirei.

Eu voltarei. Amo você, Archer.

Amo você, Bree. Ele deu um sorriso doce e eu me demorei mais um tempo, sem vontade de ir embora. Por fim, Archer me deu um tapinha brincalhão no traseiro e disse: *Vá.*

Ri baixinho e acenei para ele enquanto subia a entrada de carros, jogando-lhe beijos antes de fechar o portão ao passar. Ele ficou lá parado na porta, de calças jeans, sem camisa, as mãos nos bolsos, um sorrisinho no rosto. Nossa, como ia sentir saudades dele.



Tive uma manhã ocupada na lanchonete, o que foi bom porque fez o dia passar rápido, e não tive muito tempo para pensar sobre o quanto iria sentir falta de Archer. Meu Deus, sentiria falta da cidade toda. Chegara há tão pouco tempo, na verdade, mas já sentia que ali era meu lar. Sentia saudades dos meus amigos de Ohio, mas sabia que a minha vida agora era em Pelion.

Natalie e Jordan passaram para me pegar às três em ponto, eu troquei o uniforme por calça jeans e camiseta e me despedi de Maggie e Norm. Entramos no meu carro, Jordan assumiu o volante, Phoebe bufou baixinho para mim na caixa de transporte e partimos.

– O que vocês ficaram fazendo o dia todo? – perguntei, tentando me distrair do aperto que já sentia no peito enquanto pegávamos a rodovia e nos afastávamos de Pelion.

– Caminhamos um pouco pelo lago – disse Natalie. – Mas estava tão frio que não ficamos muito tempo. Então atravessamos o lago, almoçamos do outro lado e também demos uma olhada nas lojas. É um belo lugar, Bree. Posso entender por que gosta tanto daqui.

Assenti e falei:

– O verão foi lindo, mas o outono é...

Meu celular apitou, me interrompendo. Franzi o cenho. Quem poderia ser? Talvez Avery? As únicas outras pessoas que sempre me mandavam mensagens de texto estavam sentadas no carro comigo. Peguei o celular e vi que a mensagem era de um número desconhecido. Ainda com a testa franzida, cliquei para ler.

É cedo demais para começar a sentir saudades de você? Archer.

Arregalei os olhos e afastei o telefone, surpresa. Prendi a respiração. *Archer?* Como era possível?

Levantei os olhos para o assento do passageiro, na frente, onde Natalie estava.

– Archer me mandou uma mensagem de texto! – falei. – Como é possível?

Natalie deu um sorrisinho travesso.

Arquejei.

– Ah, meu Deus! Você deu um celular para ele?

Ela negou com a cabeça, sorriu e apontou para Jordan. Ele me olhou pelo retrovisor com uma expressão constrangida.

– Você deu um celular a Archer? – sussurrei, as lágrimas escorrendo dos meus olhos.

– Ei, não fique toda sentimental. Foi só um celular. De que outro modo vocês iriam se falar enquanto você estivesse longe? Fico surpreso por você mesma não ter pensado nisso.

As lágrimas continuavam a escorrer pelo meu rosto e deixei escapar uma risadinha sufocada enquanto balançava a cabeça.

– Você é... Não consigo... – balbuciei, voltando a olhar para Natalie, que agora também ria e chorava, e secava as lágrimas do rosto.

– Não é mesmo? – perguntou ela.

Assenti, meus olhos vertendo uma nova enxurrada de lágrimas, enquanto eu ria e tentava secá-las. Nós duas estávamos um horror, rindo e chorando ao mesmo tempo.

Olhei para Jordan pelo retrovisor e ele passou o punho por um dos olhos, fez uma careta e disse:

– Tem alguma coisa no meu olho. Certo, parem com essa choradeira. Vocês duas estão me deixando constrangido. E responda à mensagem, Bree. Tenho certeza de que ele está esperando.

– O que Archer disse quando você levou o celular para ele? – perguntei, os olhos arregalados.

Jordan deu de ombros e voltou a me olhar pelo retrovisor.

– Ele olhou para mim como se estivesse se perguntando quais

eram os meus motivos ocultos. Mas só lhe mostrei como usar e fui embora.

Ele deu de ombros novamente, como se não fosse nada de mais.

– Amo você, Jordan Scott – falei, me inclinando para a frente e dando um beijinho no rosto dele.

– Sei disso – disse Jordan, sorrindo para mim através do espelho outra vez. – E trepar com louras gostosas sempre me deixa com um espírito generoso...

Eu ri, ainda fungando e peguei o celular outra vez.

Eu: Espero que não, porque comecei a sentir saudades suas antes mesmo de partir. Deixamos a cidade há uns vinte minutos. O que você está fazendo?

Esperei cerca de um minuto antes de receber outra mensagem dele.

Archer: Lendo. Acabou de começar a chover. Com sorte a chuva não vai alcançar vocês.

Eu: Acho que não. O céu está claro mais à frente. Queria estar aí com você. O que está lendo?

Archer: Também gostaria que você estivesse. Mas o que está fazendo é importante. Estou lendo Ethan Frome, de Edith Wharton. Já leu?

Eu: Não. É bom?

Archer: Sim. Bem, não. É bem escrito, mas provavelmente é um dos livros mais deprimentes de todos os tempos.

Eu: Lol. Então você já tinha lido antes? Por que está relendo se é

deprimente? Qual é a história?

Archer: O que é lol?

Fiz uma pausa e sorri, me dando conta de que aquela era a primeira vez que Archer trocava mensagens de texto. É claro que ele não sabia o que significava lol.

Eu: É uma expressão que significa rindo em voz alta.

Archer: Ah, ok. Não sei bem por que escolhi este livro hoje. Meu tio parecia gostar dele. É sobre um homem infeliz, em um casamento sem amor, que se apaixona pela esposa do primo e eles tentam cometer suicídio juntos, mas acabam machucados, paralisados e ainda infelizes.

Eu: Ah, meu Deus! Que... horror ! Largue esse livro deprimente, Archer Hale!

Archer: Lol.

Ri alto de verdade quando vi a resposta dele.

– Ria mais baixo – resmungou Natalie, mantendo os olhos fechados, mas dando um sorrisinho enquanto virava a cabeça no assento.

Meu telefone apitou baixinho novamente, indicando que havia chegado outra mensagem de Archer.

Archer: Não, na verdade é sobre isolamento e sobre uma garota que representa a felicidade para um homem que nunca foi feliz antes. Acho que consigo me identificar com alguns desses temas.

Engoli com dificuldade, sentindo o coração apertado pelo homem

que eu amava.

Eu: Amo você, Archer.

Archer: Também amo você, Bree.

Eu: Parando em um posto de gasolina. Mando outra mensagem daqui a pouco.

Archer: Ok.



Eu: O que está na sua lista de coisas felizes?

Archer: O que é uma lista de coisas felizes?

Eu: Uma lista curta de algumas coisas simples que o façam feliz.

Meu telefone permaneceu em silêncio por alguns minutos antes de finalmente avisar da chegada de uma nova mensagem.

Archer: O cheiro de terra depois da chuva, a sensação de adormecer, a pequena sarda na parte interna da sua coxa direita. O que está na sua lista de coisas felizes?

Sorri e recostei a cabeça no assento.

Eu: Noites de verão, o momento em que as nuvens se afastam no céu e, subitamente, deixam passar um raio dourado de sol, saber que você é meu.

Archer: Sempre.

Recostei de novo a cabeça no assento, com um sorrisinho sonhador no rosto. Pouco tempo depois, meu telefone apitou outra vez.

Archer: Quando acha que deve chegar a Ohio?

Eu: Provavelmente por volta das oito da manhã. Vou ser a próxima a assumir o volante, por isso é melhor eu tentar descansar um pouco. Vou continuar mandando mensagens para você saber o que está acontecendo, ok?

Archer: Ok. Pode dizer a Jordan que estou agradecendo pelo celular? Gostaria de pagar a ele. Não pensei nisso quando ele apareceu.

Eu: Duvido que ele aceitasse de qualquer modo. Mas vou dizer a ele. Amo você, Archer.

Archer: Também amo você.



Eu: Dormi por umas duas horas. Sonhei com você. Estamos parando para jantar, então vou dirigir pelas próximas cinco horas mais ou menos.

Archer: Sonhou? Que tipo de sonho?

Eu: Um sonho muito, muito, bom. ;) Você se lembra daquela vez na beira do lago?

Archer: Jamais esquecerei. Passei uma semana tirando areia de lugares onde ela jamais deveria ter entrado.

Eu: Lol. Mas valeu a pena, não é? Saudades de você.

Archer: Valeu muito a pena. Também estou com saudades. Sabe de uma coisa? Vim até a cidade fazer compras e agora estou caminhando pela rua mandando esta mensagem para você. Acho que a Sra. Grady quase teve um ataque cardíaco. Uma vez eu a ouvi se referir a mim como Unabomber Jr. quando passou do meu lado no mercado. Tive que procurar quem era essa pessoa na biblioteca. E me dei conta de que não fora um elogio.

Gemi, sem saber se ria ou chorava. Algumas pessoas conseguem ser tão ignorantes. Imaginei aquele adolescente isolado, lutando corajosamente para conseguir sair pelo portão e caminhar em direção ao mundo pela primeira vez desde a infância. Para ter uma recepção como essa... Me encolhi por dentro. Todas as células do meu corpo gritavam de vontade de protegê-lo, mas não havia como. Isso já acontecera. Eu nem o conhecia, mas o fato de eu não estar com ele na época me fez sofrer e me sentir culpada de qualquer modo. Não era um pensamento racional, era amor.

Eu: Eu leria seu manifesto, Archer Hale. Cada palavra. Aposto que seria lindo.

Archer: Lol. O que, por acaso, no meu caso, deveria ser alguma outra sigla, porque só rio.

Eu: :D Está tentando ser engraçado? :D

Archer: Sim. O que está na sua lista de coisas engraçadas?

Sorri e parei para pensar por um segundo antes de digitar.

Eu: Ver os filhotinhos cambalearem porque suas barrigas estão muito cheias, ouvir outras pessoas rindo (é contagioso), erros engraçados. E o que está na sua lista de coisas engraçadas?

Archer: A peruca do Sr. Bivens, a expressão de um cachorro quando ele anda de carro com a cabeça para fora da janela, pessoas que roncam quando riem.

Eu: Estou rindo agora (talvez roncando) enquanto entro no restaurante. :D Mando outra mensagem pra você de manhã. Te amo.

Archer: Ok. Boa noite. Também te amo.

– Santo Deus, Bree, a ideia não é escrever um romance de mensagens de texto. Seus dedos vão estar cansados demais para qualquer coisa quando voltar – brincou Natalie.

Eu ri e suspirei, mas talvez tenha sido um suspiro romântico demais porque Natalie revirou os olhos.

– Adoro isso. Sinto que eu o estou conhecendo melhor dessa forma.

Natalie passou o braço pelo meu ombro e me puxou para ela. Entramos no restaurante sorrindo.



Eu: Bom dia. Já levantou? Só temos mais uma hora de estrada. Nat está dirigindo agora.

Archer: Sim, já levantei. Estou caminhando na margem do lago

com os cachorros. Hawk acabou de comer um peixe morto. Não vai entrar em casa hoje.

Ri, ainda sonolenta. Sentei-me e mexi o pescoço de um lado para outro. Dormir no banco da frente de um carro não era nada confortável. Natalie estava ao volante tomando um café e Jordan roncava baixinho no banco de trás.

Eu: Eca! Hawk! O que está na sua lista de coisas nojentas?

Archer: Unhas muito longas e curvas, aqueles moluscos que ficam grudados nas pedras e cogumelos. O que está na sua lista de coisas nojentas?

Eu: Espere... não gosta de cogumelos? Quando voltar vou preparar um prato com eles que vai fazer você mudar de ideia.

Archer: Não, obrigado.

Eu: Hálito de cigarro, larvas, banheiros de postos de gasolina.

Archer: Volto já. Preciso tomar uma ducha.

Eu: Lol.

Ri, mas fiz uma pausa antes de digitar.

Eu: Obrigada, eu precisava disso. Estou um pouco nervosa por causa do que tenho de fazer hoje.

Archer: Vai dar tudo certo. Prometo que vai dar tudo certo. Você vai conseguir.

Sorri.

Eu: Acha que poderia me fazer um favor? Se eu ligar pra você antes de entrar na delegacia e colocar o telefone no bolso, você... fica comigo?

Archer: Sim. É claro que fico. E prometo não dizer nada.

Ri.

Eu: Engraçadinho. Eu <3 vc, Archer.

Archer: Eu <3 vc, Bree.



Sentada na delegacia, olhava as fotos à minha frente. O investigador encontrava-se do outro lado da mesa, as mãos cruzadas, me observando com atenção.

Meus olhos se concentraram no rosto que eu jamais esqueceria. *Deite-se*, ouvi ele ordenar em minha mente. Fechei os olhos, respirei fundo e senti Archer na linha, o telefone de encontro ao meu corpo. Era como se ele estivesse ali, me abraçando, sussurrando em meu ouvido *Você consegue, Bree. Você é corajosa, vai conseguir.* Continuei sentada, a voz de Archer parecendo cada vez mais forte, mais alta. Era só o que eu ouvia.

– Este aqui – falei, apontando o homem na página à minha frente.

Nem estremei.

– Tem certeza? – perguntou o investigador.

– Cem por cento de certeza – disse com a voz firme. – Este é o homem que matou meu pai.

O investigador assentiu e afastou as fotos.

– Obrigado, Srta. Prescott.

– Vai prendê-lo agora?

– Sim. Vamos avisá-la assim que fizermos isso.

Assenti.

– Muito obrigada, investigador.

Vinte minutos mais tarde, depois de preencher uma papelada, estava descendo os degraus que levavam para fora da delegacia. Peguei o telefone no bolso e falei com Archer, que ainda estava na linha.

– Você ouviu tudo? Eu o identifiquei, Archer! Nem sequer hesitei. Vi a foto à minha frente e, no mesmo instante, soube que era ele. Ah, meu Deus, estou tremendo muito agora. – Ri baixinho. – Obrigada por ficar comigo. Você fez toda a diferença. Vou desligar agora para você poder me mandar uma mensagem. Amo você. Obrigada.

Um segundo depois, meu telefone apitou.

Archer: Você se saiu muito bem, Bree. Muito, muito bem. Era uma situação tão difícil... Queria poder abraçá-la neste instante.

Eu: Eu sei, Archer. Também queria. Ufa! Respirando fundo. Ah, meu Deus, agora as lágrimas estão chegando. Mas estou feliz. Nem consigo acreditar. Meu pai vai ter a justiça que merece.

Archer: Fico feliz por isso.

Eu: Ah, eu também. O que você está fazendo agora? Preciso falar sobre outra coisa enquanto me acalmo.

Archer: Acabei de começar uma corrida.

Ri e funguei.

Eu: Você está correndo e mandando mensagens ao mesmo tempo???

Archer: Estou ficando bom nesse negócio de mensagens de texto.

Eu: Não brinque, gênio. Por que não estou surpresa?

Archer: Não deveria estar mesmo. A tecnologia me adora.

Ri e logo chorei um pouco mais, completamente à mercê das emoções.

Eu: Obrigada por ficar comigo. Fez toda a diferença. Você me fez ser corajosa.

Archer: Não, você já era corajosa muito antes de me conhecer. O que está na sua lista de coisas que acalmam?

Respirei fundo e pensei nas coisas que me acalmavam, me tranquilizavam, confortavam meu coração.

Eu: O som da água do lago batendo na areia, uma xícara de chá, você. O que está na sua lista?

Archer: Lençóis de flanela, olhar para as estrelas, você.

Eu: Ei, Natalie está parando o carro aqui em frente. Vamos até a casa do meu pai pegar mais algumas coisas. Mando uma mensagem pra você mais tarde. Obrigada, obrigada. Amo vc.

Archer: Tb amo vc.



Eu: Adivinhe? Já estou na estrada, voltando.

Archer: O quê? Como?

Eu: Estou com saudades de você. Preciso voltar pra casa.

Archer: Aqui é sua casa, Bree?

Eu: Sim, Archer. Minha casa é onde você estiver.

Archer: Você dormiu essa manhã? Não deveria dirigir cansada.

Eu: Vou ficar bem. Farei várias paradas para tomar café.

Archer: Dirija com cuidado. Volte pra mim, Bree. Sinto tantas saudades suas que é como se estivesse faltando uma parte de mim.

Eu: Eu também, Archer. Meu Archer. Estou voltando pra você. Logo estarei aí. Te amo.

Archer: Também te amo. Sempre.



Archer: Não me mande mensagens enquanto estiver dirigindo, mas na próxima parada, me avise onde está.



Archer: Bree? Já faz algumas horas que não recebo nenhuma mensagem sua...



Archer: Bree? Você está me assustando. Por favor, esteja bem.



Archer: Bree... por favor... estou enlouquecendo. Por favor, me mande uma mensagem. Por favor, esteja bem. Por favor, esteja bem. Por favor, esteja bem.

capítulo 27

ARCHER

7 anos, maio

- **A**rcher! – chamou mamãe, a voz parecendo um pouco assustada. – Meu bem, onde você está?

Eu estava embaixo da mesa de jantar, ajoelhado no chão com os meus bonecos, escondido pela pesada toalha de mesa.

Hesitei, mas quando minha mãe voltou a me chamar, parecendo mais preocupada dessa vez, saí me arrastando de baixo da mesa e fui até ela. Não gostava de vê-la assustada, mas sabia que alguma coisa estava acontecendo e também estava com medo.

Minha mãe passara a manhã toda sussurrando ao telefone e, na última meia hora, ficara no andar de cima enfiando roupas e outras coisas em malas.

Foi quando me escondi embaixo da mesa e esperei para ver o que iria acontecer.

Eu sabia que o que estava acontecendo, fosse lá o que fosse, era porque meu pai tinha chegado em casa na noite anterior, novamente com o perfume de outra mulher, e dera um tapa na cara da minha mãe quando ela dissera que o jantar dele estava frio.

Tive a sensação de que aquela fora a gota d'água para mamãe. E, se eu tivesse que adivinhar com quem ela estava ao telefone, diria que era com tio Connor.

Mamãe entrou na sala de jantar bem quando eu estava saindo de baixo da mesa e deixou escapar um suspiro alto.

– Archer, meu amor – disse ela, tomando meu rosto entre as mãos e se abaixando de modo que seus olhos ficassem bem à minha frente. – Você me deixou preocupada.

– Desculpe, mamãe.

A expressão em seu rosto se suavizou, ela abriu um sorriso e afastou meus cabelos da testa.

– Está tudo bem, mas preciso que você faça uma coisa para mim, e é muito importante. Acha que consegue me ouvir e fazer o que eu pedir sem questionar?

Fiz que sim com a cabeça.

– Muito bem. Isso é bom.

Mamãe sorriu, mas o sorriso logo sumiu de seu rosto e a expressão preocupada voltou aos seus olhos.

– Nós vamos embora, Archer... Eu, você e seu... tio Connor. Sei que isso provavelmente vai deixá-lo confuso por enquanto, e estou certa de que tem perguntas sobre o seu pai, mas...

– Eu quero ir – falei, me empertigando. – Não quero mais morar com ele.

Minha mãe ficou apenas me encarando por alguns segundos, os lábios cerrados. Então deu um suspiro pesado e passou a mão pelos meus cabelos outra vez. Lágrimas surgiram em seus olhos.

– Não tenho sido uma boa mãe – ela falou e balançou a cabeça.

– Você é uma boa mãe! – garanti. – É a melhor mãe do mundo. Mas quero morar com tio Connor. Não quero mais que meu pai bata em você ou que a faça chorar.

Ela fungou, secou uma lágrima do rosto e assentiu para mim.

– Vamos ser felizes, Archer, está me ouvindo? Nós dois vamos ser felizes.

– Ok – falei, meus olhos fixos em seu rosto bonito.

– Ok – repetiu ela, sorrindo finalmente.

Foi quando a porta da frente se abriu e tio Connor entrou apressado. O rosto dele parecia tenso.

– Está pronta? – perguntou, olhando para a minha mãe.

Ela assentiu.

– As malas já estão ali.

Mamãe inclinou a cabeça na direção das quatro malas que estavam na base das escadas.

– Você está bem? – perguntou tio Connor, examinando mamãe como se quisesse se certificar de que ela estava realmente ali.

– Eu ficarei. Leve-nos embora daqui – sussurrou ela.

Por alguns segundos, a expressão de tio Connor era a de alguém sentindo dor, mas então ele sorriu e olhou para mim.

– Pronto, amigão?

Assenti e saí de casa, seguindo os dois. Ambos olharam ao redor enquanto tio Connor colocava nossa bagagem na mala do carro. Mas não havia ninguém do lado de fora e eles pareceram aliviados quando entramos no carro.

Enquanto seguíamos em direção à saída de Pelion, vi tio Connor pegar a mão da minha mãe no assento da frente. Ela se virou na direção dele, deixou escapar um suspiro e deu um sorrisinho.

– Você, eu e nosso menino – disse tio Connor baixinho. – Só nós três.

– Só nós três – sussurrou a minha mãe, com a mesma expressão suave no rosto.

Minha mãe olhou para mim no banco de trás e, depois de um instante, disse:

– Trouxe os Legos e alguns de seus livros, meu amor.

Ela sorriu e apoiou a lateral da cabeça no assento, ainda me olhando. Seus ombros pareciam menos tensos a cada quilômetro que passava.

Apenas assenti. Não perguntei para onde estávamos indo. Não me importava. Desde que estivéssemos longe dali, qualquer lugar era bom.

Tio Connor olhou para mamãe.

– Coloque o cinto de segurança, Lys.

Minha mãe sorriu.

– Esta é a primeira vez em anos que não me sinto presa contra a vontade – disse ela, rindo baixinho. – Mas está certo, segurança em primeiro lugar. – Ela inclinou a cabeça e piscou para mim.

Sorri. Aquela era a mãe que eu adorava tanto ver, quando os olhos dela brilhavam e a voz ficava daquele jeito doce e brincalhão, e ela dizia coisas que faziam os outros rirem de si mesmos, mas de um jeito bom, caloroso e gentil.

Mamãe estendeu a mão para o cinto de segurança e, de repente, o carro deu um solavanco e começou a rodopiar loucamente. Ela gritou e meu tio berrou “Ah, merda!”, enquanto tentava nos manter na estrada.

O carro girou e girou e tudo que eu ouvia eram o ruído de metal contra metal, vidro estilhaçando e meus próprios gritos, enquanto o carro capotava pelo que pareceram horas, até finalmente parar com um último e ruidoso solavanco.

Fui dominado pelo terror e comecei a gritar:

– Socorro! Me ajudem!

Ouvi um gemido alto na frente, então tio Connor chamou meu nome, dizendo que tudo ficaria bem. Vi que ele soltava o cinto de segurança e chutava a porta para abri-la. Não conseguia abrir os olhos, eles pareciam estar colados.

Ouvi a porta de trás sendo aberta e logo senti a mão quente de tio Connor no meu braço.

– Vai ficar tudo bem, Archer. Vou soltar seu cinto de segurança. Venha se arrastando na minha direção. Você consegue.

Finalmente me obriguei a abrir os olhos e fitei o rosto do meu tio, que estendia a mão para mim. Agarrei o braço dele, que me puxou para fora, para o calor do sol da primavera.

Tio Connor estava falando novamente, e a voz dele parecia engraçada.

– Archer, preciso que venha comigo, mas preciso que vire de costas quando eu lhe disser para fazer isso, ok?

– Ok.

Terror e confusão me fizeram chorar mais.

Tio Connor pegou a minha mão e desceu por um trecho curto da estrada deserta. Eu seguia ligeiramente atrás dele, que continuava a olhar para trás, para o carro que batera no nosso. Mas, quando dei uma olhada rápida também, não vi ninguém saindo de lá. Estariam mortos? O que acontecera?

– Vire de costas, Archer, e fique aqui, filho – disse tio Connor, a voz parecendo meio sufocada.

Fiz o que ele pediu, deixando a cabeça cair para trás e olhando para o céu claro e azul. Como alguma coisa ruim podia acontecer sob um céu tão claro, tão límpido e azul?

Ouvi um grito que mais parecia um uivo atrás de mim e me virei, embora soubesse que não estava seguindo as ordens do meu tio. Mas não pude evitar.

Tio Connor estava de joelhos na beira da estrada, a cabeça jogada para trás, soluçando em direção ao céu. O corpo inerte da minha mãe estava em seus braços.

Eu me inclinei e vomitei na relva. Levantei-me alguns minutos depois, respirando com dificuldade e tropeçando nos meus próprios pés ao recuar alguns passos.

Foi então que o vi, vindo na nossa direção. Meu pai. Com um revólver na mão. Uma expressão de puro ódio no rosto, ziguezagueando ao andar. Ele estava bêbado. Tentei sentir medo, mas não vi mais nada que ele pudesse fazer àquela altura. Eu me sentia entorpecido enquanto seguia na direção de tio Connor.

Tio Connor pousou o corpo da minha mãe de volta na beira da estrada com muita delicadeza e se levantou, também ciente da presença do meu pai. Tio Connor foi até mim e me colocou atrás de seu corpo.

– Fique longe, Marcus! – gritou ele.

Meu pai parou a alguns metros de nós, cambaleante, e ficou nos olhando com uma expressão de ódio, os olhos muito vermelhos. Parecia um monstro. Ele *era* um monstro. Meu pai agitava o revólver no ar, como um louco, e tio Connor me segurou com força, certificando-se de que eu estava atrás dele.

– Abaixei essa merda desse revólver, Marcus – gritou tio Connor. – Já não fez o bastante por hoje? Alyssa... – Ele deixou escapar um som que parecia o de um animal ferido, e senti seus joelhos cederem pouco antes de ele se recompor.

– Você achou que simplesmente iria embora da cidade com a minha família? – gritou o monstro.

– Eles não são a sua família, seu filho da puta doentio. Alyssa... – Ele deixou escapar o mesmo som sufocado. – E Archer é *meu* filho. Ele é *meu* filho. Você sabe disso tão bem quanto eu.

Tive a sensação de que alguém havia me dado um soco na barriga e deixei escapar um gemido enquanto as mãos de Connor voltavam a me apertar com força. Eu era filho dele? Tentei entender, tentei fazer com que aquilo fizesse algum sentido. Eu não era filho do monstro? Não tinha nada a ver com ele? Connor era o meu pai. E meu pai era um dos mocinhos.

Dei uma espiada no monstro que continuava olhando para nós.

– Alyssa sempre foi uma vadia. Eu não duvido. E o garoto se parece com você, não posso negar.

As palavras saíram atropeladas, como sempre acontecia quando ele bebia.

Connor cerrou os punhos ao lado do corpo e, quando olhei para ele, vi que seu maxilar não se movia enquanto ele falava.

– Se nossa mãe estivesse aqui agora, ela choraria até não poder mais ao ver a merda em que você se transformou.

– Vá se foder – disse o monstro, os olhos mais cheios de raiva e cambaleando um pouco mais. – Sabe quem me contou que você

estava tentando fugir com a *minha* mulher? A *sua* mulher. Sim, ela me procurou e me contou que vocês estavam fugindo e disse que era melhor eu correr atrás do que era meu. Por isso, aqui estou, pegando o que é meu. Embora veja que, para um dos meus pertences, já seja um pouco tarde...

Ele apontou para a minha mãe, que jazia na beira da estrada.

A fúria tomou conta de mim. Connor era o meu pai. Ele estava levando a mim e à minha mãe para longe do monstro – e o monstro estragara tudo. Como sempre. Dei a volta rapidamente ao redor das pernas de Connor e corri até o monstro o mais rápido que consegui. Ouvi um rugido alto vindo de Connor e ele gritou “Archer!”, como se sua vida dependesse disso. Eu ouvi seus pés correndo em minha direção, enquanto o monstro erguia o revólver e atirava. Gritei, mas meu grito soou como um gorgolejo enquanto alguma coisa afiada e quente atravessava a lateral do meu pescoço como uma faca. Caí no asfalto. Levei as mãos ao pescoço e, quando as baixei para olhá-las, estavam cheias de sangue.

Ouvi outro rugido e comecei a apagar, sentindo que caía, mas foi então que me dei conta de que tio Connor, não, meu pai, *meu pai de verdade*, estava me embalando nos braços, com lágrimas rolando pelo seu rosto.

Meus olhos encontraram o monstro, que agora estava ajoelhado onde estivera de pé minutos antes. Ou horas antes. Tudo parecia estar acontecendo lentamente, como em um sonho.

– Meu menino, meu doce menino – dizia Connor sem parar.

Ele estava falando de mim. Eu era o menino dele. A felicidade encheu meu peito. Tinha um pai que se sentia feliz por eu ser seu filho.

– É tudo culpa *dele* – gritou o monstro. – Se não fosse por ele, Alyssa não estaria mais grudada em você. Se não fosse por *ele*, Alyssa não estaria neste exato momento caída na beira da estrada!

Ele falava como um louco, mas a tristeza me invadiu e eu quis

que alguém me dissesse que não era verdade. Era tudo *minha culpa*? Connor, *meu pai*, tive que lembrar a mim mesmo, não estava lhe dizendo que não era culpa minha, estava apenas pressionando alguma coisa contra o meu pescoço, com uma expressão enlouquecida nos olhos.

Continuei olhando sonhadoramente para o meu pai verdadeiro, então, de repente, vi seu rosto ficar sem expressão, e senti que ele estendia a mão para algo ao lado do corpo. Não era ali que ele carregava a arma? Achei que talvez fosse. Ele costumava mantê-la ali, mesmo quando não estava trabalhando. Eu tinha pedido para ver a arma várias vezes, mas Connor sempre me dizia que não, que me ensinaria a atirar algum dia, quando eu fosse mais velho, e me ensinaria a fazer isso com segurança.

Connor tirou a mão que estava sob o meu corpo e apontou o revólver para o monstro. Meus olhos se afastaram dele em câmera lenta e vi o momento em que o monstro se deu conta do que o meu pai verdadeiro estava prestes a fazer. O monstro também levantou o revólver.

As duas armas explodiram e senti meu pai verdadeiro debater-se debaixo de mim. Tentei gritar, mas estava tão cansado, tão frio, tão entorpecido. Olhei de novo para o monstro, que estava caído no chão, uma poça de sangue se espalhando lentamente à sua volta.

Meus olhos queriam se fechar, e o corpo do meu pai de verdade parecia tão pesado em cima de mim. Mas como isso poderia ser verdade se ele estava parado acima de mim, com mamãe ao seu lado? Eles pareciam tão em paz.

Me levem com vocês!, gritei em minha mente.

Mas eles só olharam um para o outro e minha mãe me dirigiu um sorriso carinhoso, mas ao mesmo tempo triste, e disse:

Ainda não. Ainda não, meu menino querido.

E então eles se foram.

Em algum lugar ao longe, ouvi outro carro freando e alguém

correndo em minha direção. Nos dez minutos que levou para a vida que eu conhecia terminar para sempre, nenhum carro havia passado.

Um grito encheu o ar e senti meu corpo se debater.

– Você! – gritou uma voz de mulher. Era tia Tori, reconheci sua voz. – Ah, meu Deus! É tudo culpa *sua*!

Abri os olhos. Ela estava apontando o dedo para mim, os olhos cheios de ódio.

– Culpa *sua*!

Então ela continuou a gritar e gritar, enquanto o mundo parecia apagar ao meu redor e o céu acima de mim enegrecia.

capítulo 28

BREE

Era bem cedo – o sol ainda nem nascera – quando abri o portão de Archer silenciosamente, deixei Phoebe sair da caixa de transporte e desci a entrada de carros até a casa.

A porta estava destrancada. Entrei na ponta dos pés, porque não queria acordá-lo. Arquejei e fiquei paralisada onde estava. A sala de Archer estava destroçada, todos os livros espalhados pelo chão, a mobília e as luminárias viradas, quadros caídos, quebrados. Senti o sangue gelar nas veias. Ah, meu Deus. O que acontecera ali?

A luz do banheiro estava acesa e a fresta da porta aberta iluminava o pequeno corredor o suficiente para que eu conseguisse enxergar enquanto me dirigia para o quarto de Archer com as pernas bambas, sentindo o vômito subir pela garganta.

Entreí no quarto e logo vi a forma do seu corpo encolhida na cama, totalmente vestido. Os olhos estavam abertos, encarando a parede.

Corri para ele. A pele estava fria e úmida e Archer tremia ligeiramente.

– Archer? Archer? Meu amor, o que houve?

Os olhos dele me encararam, sem ver, olhando através de mim. Comecei a chorar.

– Archer, você está me assustando. O que houve? Ah, meu Deus, você precisa de um médico? O que aconteceu aqui? Fale comigo.

Os olhos de Archer pareceram clarear um pouco, percorrendo

meu rosto. De repente, em um movimento rápido, ele se sentou e me agarrou, passando as mãos pelos meus cabelos, pelo meu rosto, meus ombros. Sua expressão se iluminou por um instante, antes que seu rosto fosse tomado pela dor e ele me agarrasse com mais força, me fazendo gritar. Archer continuou a me segurar, o corpo tremendo tanto que era quase como se estivesse tendo uma convulsão em meus braços.

Ah, meu Deus, ele achou que alguma coisa havia acontecido comigo.

– Ah, Archer, me desculpe. Meu telefone estragou. Deixei ele cair em uma poça na frente do McDonald's. Me desculpe – eu dizia contra o peito dele, agarrando sua camisa. – Me desculpe, Archer, meu amor. Eu não tinha o seu número, que estupidez! Deveria ter anotado. Archer, eu estou bem. Me desculpe.

Ficamos abraçados daquele jeito pelo que pareceram horas, a respiração dele voltando à normalidade aos poucos. Seu corpo parou de tremer e ele me segurou com menos força até finalmente se afastar e olhar nos meus olhos, os dele ainda atormentados, com uma expressão muito semelhante ao luto.

– Estou aqui – sussurrei, afastando os cabelos da testa dele. – Estou aqui, Archer.

Ele levantou as mãos e sinalizou.

Eu quase tinha me esquecido de como era, disse, parecendo subitamente perdido, como um garotinho.

Meu coração batia com força no peito, apertado de tristeza pelo homem que eu amava, que ficara tão petrificado pela dor que sua mente saíra do ar para que ele não precisasse lidar com o medo insuportável. Ah, Archer. Abafei um soluço. A última coisa de que ele precisava agora era que eu perdesse o controle.

– Como era o *quê?* – sussurrei.

Estar completamente só, respondeu Archer.

– Você não está só, meu amor. Eu estou aqui. Não vou a lugar

algum. Estou aqui.

Ele olhou para mim e finalmente deu um sorriso triste.

Era desse fardo que estava falando, Bree. Esse é o fardo de me amar.

– Amar você não é um fardo. É uma honra e uma alegria, Archer.

Preferi usar minha voz para me comunicar com ele, para que pudesse segurar suas coxas com as mãos. O contato parecia importante, tanto para ele quanto para mim. Prossegui:

– E, de qualquer modo, você não conseguiria me convencer a deixar de amá-lo nem se tentasse. Meu amor por você não é uma escolha.

Ele balançou a cabeça, parecendo perdido novamente.

Se você não tivesse voltado, eu teria ficado deitado aqui até morrer. Teria escolhido morrer.

Meneei a cabeça.

– Não, você não teria. É a sensação que tem agora, mas não faria isso. Você arrumaria um modo de conseguir forças para continuar. Acredito nisso. Mas não é preciso, porque estou aqui.

Ele negou com a cabeça.

Não. Eu teria me transformado em pó, bem aqui. Como você me vê sabendo disso? Pareço forte? Sou o tipo de homem que você quer?

Archer olhou dentro dos meus olhos, implorando para que eu dissesse a ele o que queria ouvir, mas eu não sabia o que era. Ele queria que eu dissesse que ele era um homem impossível de amar? Que eu não era forte o bastante para amá-lo? Que as garantias que ele queria de mim eram demais?

Archer me puxou para ele e, depois de alguns minutos, nos deitamos. Tirei os sapatos e puxei a coberta sobre nós.

Ouvi a respiração de Archer se acalmar perto do meu ouvido e acabei fechando os olhos também. Adormecemos de frente um para o outro, os braços e pernas entrelaçados, nossos corações batendo

em um ritmo lento e constante.

Algum tempo mais tarde, quando o sol do meio-dia iluminava as bordas da persiana que protegia a janela do quarto, acordei quando Archer tirava minha calça e passava minha blusa pela cabeça. Ele deslizou as mãos pela minha pele, fechou os olhos e me beijou, quase como se precisasse do contato constante para se certificar de que eu estava realmente ali. Quando passei as pernas em torno dos quadris dele e o apertei com força, a expressão de alívio em seu rosto foi de cortar o coração. Ele me penetrou com arremetidas fundas e poderosas, e deixei a cabeça cair para trás no travesseiro, suspirando de prazer.

O prazer cresceu e cresceu até eu atingir o clímax, gritando o nome de Archer enquanto meu corpo estremecia. Alguns segundos mais tarde, ele me acompanhou com duas últimas arremetidas, penetrando o mais fundo que pôde, o rosto enfiado no meu pescoço, e ficou ali, apenas respirando, por vários minutos.

Corri as mãos para cima e para baixo nas costas dele, sussurrando palavras de amor em seu ouvido, sem parar.

Depois de alguns minutos, Archer rolou para o lado, me puxando para os seus braços outra vez e adormeceu quase no mesmo instante.

Fiquei deitada no quarto pouco iluminado, ouvindo a respiração dele. Precisava fazer xixi e minhas pernas estavam pegajosas com o esperma de Archer, mas me recusei a me mover. Sabia instintivamente que ele precisava de mim bem ali onde eu estava. Depois de algum tempo, também adormeci, o rosto colado ao peito macio dele, meu hálito contra a sua pele, as pernas entrelaçadas às dele.



Acordei mais tarde e vi que estava sozinha na cama. O sol já descera no céu. A luz em torno da borda da persiana agora era suave e dourada. Eu dormira o dia todo?

Sentei-me e me espreguicei, os músculos doloridos protestando. Provavelmente não mudara de posição, presa no abraço apertado de Archer.

Levantei os olhos quando ele entrou no quarto, usando uma toalha ao redor da cintura e secando os cabelos com outra. Os cabelos de Archer já haviam crescido um pouco e começavam a encaracolar ligeiramente na nuca e acima da testa. Eu gostava assim.

– Oi – gemi, sorrindo e cobrindo os seios com o lençol.

Archer abriu um sorriso tímido e se sentou na borda da cama. Ele continuou a secar os cabelos distraidamente por algum tempo, os olhos baixos, então deixou a toalha de lado e levantou os olhos para mim.

Me desculpe pela noite passada. Perdi o controle, Bree. Eu estava muito assustado e não sabia o que fazer. Me senti sozinho e desamparado outra vez. Ele fez uma pausa, mordendo os lábios e obviamente organizando os pensamentos. Eu... me apavorei. Nem me lembro de ter feito o que fiz na sala.

Segurei as mãos dele e fiz que não com a cabeça.

Archer, você se lembra de como eu reagi quando fiquei presa naquela rede lá fora? Indiquei a janela com cabeça. Às vezes o medo toma conta de nós. Eu entendo. Sou a última pessoa com quem você tem que se desculpar. Você me socorreu quando perdi o controle uma vez, e agora estou fazendo o mesmo por você. É assim que funciona, ok?

Ele assentiu, olhando para mim com uma expressão solene.

O problema, Bree, é que sinto que você está melhorando, mas eu estou piorando.

Estou pronta para o desafio, falei, erguendo as sobrancelhas e

dando um sorrisinho para ele, tentando fazer com que sorrisse também.

Funcionou. Archer suspirou e assentiu.

Está com fome?

Faminta.

Ele sorriu, mas ainda parecia um pouco triste. Eu o encarei um instante, então inclinei o corpo para a frente e o abracei.

– Amo você – sussurrei em seu ouvido.

O corpo de Archer ficou ligeiramente tenso, mas ele também me abraçou e me apertou com força.

Ficamos daquele jeito por algum tempo, até que eu disse contra o pescoço dele:

– Preciso de um banho desesperadamente.

Archer riu quando me levantou da cama e me colocou no chão, levantando-se e ajeitando a toalha.

Gosto quando você fica toda suja de mim, disse ele.

Ah, eu sei.

Dei uma piscadinha, tentando tirar outro sorriso de Archer enquanto ia até a porta.

– Você pode me deixar toda suja de novo mais tarde. Agora, porém, vou me limpar e você vai me alimentar.

Sim, senhora, disse ele, me dirigindo outro sorriso.

Saí do quarto e percorri o corredor em direção ao banheiro. Fechei a porta e fiquei parada por algum tempo do outro lado, tentando entender por que ainda estava tão preocupada.

capítulo 29

BREE

Voltei ao trabalho no dia seguinte e Maggie me deu um abraço de ursa, me apertando de encontro aos seios amplos enquanto eu ria e lutava para respirar. Norm disse apenas "Oi, Bree", me deu um raro sorriso e acenou com a cabeça, antes de voltar a atenção novamente para a grelha onde estava virando panquecas. Por alguma razão, tanto o abraço de urso quanto o aceno de cabeça me encheram igualmente de prazer. Eu estava em casa.

Enquanto trabalhava, batia papo com as pessoas que acabara conhecendo na cidade, transitando com facilidade pela lanchonete, entregando os pedidos e atendendo aos meus clientes.

Também pensava em Archer, imaginando como devia ser difícil para ele se apegar a outra pessoa. Tinha percebido isso antes de partir para Ohio, mas não me dera conta da extensão do problema até voltar. Eu o amava e faria o que fosse preciso para garantir a ele que não iria embora. Mas também compreendia seu dilema. E via que Archer se sentia fraco por eu saber o quanto ele dependia de mim.

Archer estava quase tímido comigo na véspera, os olhos se desviando dos meus quando me pegava observando-o enquanto arrumávamos juntos a sala de sua casa. Eu pegara o exemplar de *Ethan Frome* do chão quando reconhecera o título, abrira-o e lera um trecho, dramaticamente, levando a mão ao peito e fingindo um sussurro sofrido e ofegante: "Quero estender a mão e tocar você.

Quero ajudar você e cuidar de você. Quero estar presente quando você estiver doente e se sentindo só.” Parei e deixei a mão cair do peito. Abaixei o livro e levantei as mãos para dizer:

Na verdade, é lindo, observei.

Ele sorriu e disse apenas:

Acho que, se não fosse lindo, a tragédia acabaria não sendo triste.

Mas então voltara a ficar silencioso, parecendo quase constrangido diante de mim. Tentei descontraí-lo brincando e agindo normalmente, mas Archer ainda estava um pouco retraído mesmo quando eu o beijei ao me despedir naquela noite, peguei Phoebe e fui para casa desarrumar as malas e me preparar para o dia seguinte. Imaginei que levaria um dia ou dois para que ele voltasse ao normal.

Ao longo dos dias seguintes, Archer realmente voltou mais ao seu normal, a única diferença que eu ainda percebia era que agora ele fazia amor comigo com uma intensidade mais profunda do que antes. Era como se estivesse tentando nos fundir em uma única pessoa. Archer era quase rude em sua paixão. Na verdade, eu não me importava, afinal, gostava de todos os lados da personalidade sexual dele. Mas não conseguia explicar direito a mudança, e ansiava para que Archer se abrisse comigo e me contasse o que estava sentindo. Mas, quando eu perguntava, ele só dava de ombros, sorria e dizia que sentira muitas saudades de mim enquanto eu estava longe, e que estava tentando recuperar o tempo perdido. Eu não acreditava, mas, como sempre, Archer Hale se manifestaria quando estivesse pronto e nem um minuto antes. Eu aprendera rapidamente – de nada adiantava pressioná-lo; era preciso esperar e torcer para que ele confiasse em mim o bastante para se abrir, mais cedo ou mais tarde, à sua maneira. Eu achava que esse modo de ser tinha a ver com o fato de Archer gostar de compreender as próprias emoções antes de compartilhá-las comigo, e ele não sabia muito

bem em que pé suas emoções estavam naquele momento.



Quatro dias depois de eu voltar de Ohio, bati na porta de Anne e ela atendeu ainda de roupão de banho.

– Ah, Bree, querida! – exclamou ela, abrindo a porta. – Você vai ter que me desculpar, estou tendo um dia de preguiça. Tenho andado tão cansada nesta última semana. – Anne balançou a cabeça. – Vou lhe dizer, ficar velha é muito chato.

Sorri e entrei na casa aconchegante e convidativa. Como sempre, o ar tinha o cheiro reconfortante de eucalipto.

– Você? Velha? – Neguei com a cabeça. – Difícil.

Ela riu e piscou para mim.

– Você é uma boa moça, mas hoje estou me sentindo velha como as montanhas. Talvez esteja ficando doente.

Anne tornou a balançar a cabeça e gesticulou para que eu me sentasse no sofá. Estendi para ela uma pequena caixa de torta que eu levava.

– Fiz uma torta de maçã para você – falei. – Ando fazendo alguns doces e estou gostando.

– Ah, que gentil! E fazendo doces de novo... que maravilha.

Ela aceitou a torta, sorrindo.

– Vou comer mais tarde, com o chá. Falando nisso, aceita uma xícara?

Meneei a cabeça, recusando, dei alguns passos até o sofá e me sentei.

– Não. Na verdade só posso ficar um pouquinho. Vou encontrar Archer para visitarmos umas cavernas das quais ele me falou.

Anne assentiu, deixou a caixa de torta sobre a mesinha de centro e sentou-se no sofazinho menor, à esquerda de onde eu estava.

– São as cavernas Pelion. Você vai gostar de lá. Tem lindas cascatas. Fui até lá algumas vezes com Bill.

– Parecem lindas.

– Elas são. O passeio de carro também é lindo, agora que as folhas estão mudando de cor.

– Devemos ter um bom dia, então. Estamos precisando – eu disse, com um suspiro.

Anne ficou em silêncio por um instante.

– Archer mencionou que eu o visitei enquanto você estava em Ohio?

– Não – falei, surpresa. – Você foi até lá?

Ela assentiu.

– Aquele rapaz não saiu da minha cabeça desde a primeira vez que você perguntou sobre o pai e os tios dele. Eu deveria ter ido visitá-lo anos atrás. – Ela suspirou e balançou ligeiramente a cabeça.

– Levei uns muffins para ele. Usei os últimos mirtilos que tinha congelado.

Ela acenou com a mão, como se o último comentário não tivesse importância.

– Enfim, Archer pareceu... cauteloso, a princípio, e não posso dizer que o culpe por isso. Mas tagarelei um pouco e ele logo ficou mais à vontade... até me convidou para entrar na casa. Eu não tinha ideia de que a propriedade dele era tão linda. Comentei isso e Archer pareceu ficar orgulhoso.

Assenti, sentindo uma inexplicável vontade de chorar.

– Ele trabalha duro – afirmei.

– Sim, é verdade.

Anne me observou por um instante.

– Conte para ele algumas coisas de que me lembrava sobre Alyssa, a mãe dele, e Archer também pareceu gostar disso.

Inclinei a cabeça, querendo que ela continuasse.

– Falei sobre você e esse foi o assunto de que ele mais gostou,

dava para ver no rosto dele.

Anne deu um sorriso carinhoso.

– A expressão de Archer quando mencionei seu nome... Ah, Bree, querida, nunca tinha visto o coração de alguém tão exposto. – Os olhos dela se iluminaram. – Me fez lembrar do modo como Bill costumava me olhar às vezes.

Ela sorriu de novo e eu também, sentindo meu coração acelerar um pouco.

– Ele ama você, querida – disse Anne.

Assenti e abaixei os olhos para as minhas mãos.

– Sim, eu também o amo – confessei e mordi o lábio. – Infelizmente para Archer, acho que o amor é um pouco complicado.

Anne deu um sorriso triste.

– Eu também acho, agora que sei mais a respeito da vida que Archer levou, que amar você parece muito arriscado.

Assenti, os olhos marejados agora. Contei a ela sobre o que acontecera quando voltei de Ohio e ela me ouviu com uma expressão triste.

– O que devo fazer, Anne? – perguntei, por fim.

– Acho que o melhor que você pode fazer por Archer...

Anne se deteve no meio da frase, os olhos se arregalaram em uma expressão perplexa e ela levou a mão ao peito.

– Anne! – falei, levantando de um pulo e correndo até ela.

Anne arfava agora e caíra para trás no sofá.

– Ah, meu Deus! Anne!

Peguei o celular no bolso do meu casaco e liguei para o número de emergência com as mãos trêmulas.

Passei o endereço para a pessoa que atendeu e disse que achava que a minha vizinha estava tendo um ataque cardíaco. A moça do outro lado da linha me garantiu que uma ambulância já estava a caminho.

Voltei para o lado de Anne e fiquei repetindo que a ambulância já

estava a caminho. Ela continuou a apertar o peito, mas os olhos agora estavam concentrados em mim, e achei que compreendia o que eu dizia.

Ah, meu Deus!, pensei. E se eu não estivesse ali?

A ambulância freou na nossa rua dez longos minutos depois e lágrimas escorriam pelo meu rosto enquanto observava os paramédicos cuidarem de Anne, que estava deitada no sofá. Respirei fundo, tremendo, tentando acalmar meu coração disparado.

– Ela vai ficar bem? – perguntei a um dos paramédicos, quando eles entraram com uma maca para transportá-la.

Anne agora estava com uma máscara de oxigênio e já parecia um pouco melhor, pois um pouco de cor já voltara ao seu rosto.

– O prognóstico parece bom – respondeu o homem. – Ela está consciente e chegamos a tempo.

– Está certo – assenti, abraçando meu próprio corpo. – Ela não tem família. Posso encontrar com vocês no hospital?

– Você pode vir na ambulância com ela.

– Ah! Está bem – falei, seguindo-os para fora de casa e fechando a porta da casa de Anne ao passar.

Quando caminhava na direção da ambulância, olhei para a esquerda e vi Archer correndo em minha direção, com uma expressão que só poderia ser descrita como desvairada. Meu coração afundou no peito. Ah, meu Deus, ele viera correndo até aqui – devia ter ouvido as sirenes da ambulância da casa dele. Fui rapidamente ao seu encontro. Archer estacou no instante em que me viu, sem se aproximar mais, os olhos arregalados e fixos, os punhos cerrados. Corri os últimos metros até ele e disse:

– Archer! Anne teve um ataque cardíaco! Ela está bem, eu acho, mas vou com ela até o hospital. Está tudo bem. Eu estou bem.

Ele levou as mãos à cabeça, os dentes cerrados, parecendo estar lutando para controlar alguma coisa. Então, com passos lentos, completou um círculo e se virou para mim, assentindo com a cabeça

uma vez, a mesma expressão desvairada nos olhos, mas não no rosto, que agora estava estranhamente vazio.

– Irei direto para a sua casa quando tiver certeza de que ela está bem – falei.

Olhei rapidamente para trás e vi que as rodas traseiras da maca estavam desaparecendo dentro da ambulância. Comecei a voltar de costas.

– Pegarei um táxi e irei direto para a sua casa.

Archer assentiu, o rosto ainda sem expressão, e então se virou, sem dizer uma palavra, e foi embora.

Hesitei apenas um segundo antes de correr até a ambulância. Consegui entrar pouco antes de eles fecharem as portas.



Permaneci no hospital até ter certeza de que Anne ficaria bem. Quando o médico enfim apareceu, disse que ela estava estável, dormindo e que ele a avisara de que eu estava ali. Eles também tinham ligado para a irmã cujo número a própria Anne lhes passara ao chegar, e ela estaria em Pelion pela manhã. Fiquei muito mais tranquila e, quando finalmente chamei um táxi, foi como se um peso tivesse sido tirado dos meus ombros.

No entanto, estava preocupada com Archer. Eu havia mandado uma mensagem de texto para ele assim que chegara no hospital, e outra depois que o médico conversara comigo, mas Archer não tinha respondido. Eu estava ansiosa para encontrá-lo.

Mordi o lábio durante o trajeto de trinta minutos até o meu chalé. Tinha dito a Archer que iria direto para a casa dele, mas queria pegar Phoebe antes. Àquela altura, com certeza ele já deveria ter se acalmado. Vira que eu estava bem, mesmo que o medo inicial o houvesse abalado. Mas não sabia por que ele não estava

respondendo às minhas mensagens, e isso estava me deixando nervosa.

Paguei ao motorista do táxi, desci, corri para o meu chalé e chamei Phoebe, que veio correndo, as unhas fazendo barulho no piso de madeira.

Poucos minutos depois eu estacionava na frente do portão de Archer e entrava com Phoebe. Fui até a porta e bati de leve antes de abrir e colocar Phoebe no chão. Tinha começado a chover e as nuvens estavam ficando mais escuras no céu.

A casa de Archer estava às escuras, a não ser por uma luminária de pé, acesa em um dos cantos da sala. Ele estava sentado em uma poltrona no canto oposto. A princípio não me dei conta disso e, quando finalmente o vi, me sobressaltei, levando a mão ao peito e rindo baixinho. A expressão dele era sombria, retraída. Fui até ele na mesma hora, me ajoelhei à sua frente, pousei a cabeça em seu colo e suspirei.

Depois de alguns segundos, quando percebi que Archer não iria se mexer, levantei os olhos para ele com uma expressão indagadora.

Como está Anne?, perguntou ele.

Levantei as mãos para sinalizar.

Vai ficar bem. A irmã dela chegará à cidade pela manhã. Suspirei. Sinto muito que esse episódio tenha assustado você. Não queria deixá-lo, mas também não queria deixar Anne sozinha.

Archer levantou as mãos.

Compreendo, falou, os olhos ainda velados.

Assenti, mordendo o lábio.

Você está bem? No que está pensando, sentado aqui?

Ele ficou em silêncio por tanto tempo, que achei que não iria me responder. Então finalmente Archer levantou as mãos e sinalizou:

Naquele dia.

Inclinei a cabeça.

Naquele dia?, perguntei, confusa.

No dia em que levei o tiro. O dia em que meu tio apareceu para levar a mim e a minha mãe para longe do meu pai.

Arregalei os olhos, mas não disse nada, fiquei apenas observando-o e esperando que continuasse.

Meu pai estava em um bar... supostamente ocupado por algum tempo. Archer fez uma pausa e olhou além de mim por um instante, antes que seus olhos voltassem a encontrar os meus. Ele nem sempre fora daquele jeito, como estava no fim. Meu pai já tinha sido um homem engraçado, cheio de charme quando queria. Mas então começou a beber e as coisas foram ladeira abaixo. Ele batia na minha mãe e a acusava de coisas que ele fazia. De qualquer forma, minha mãe só amou um homem na vida: meu tio Connor. Eu sabia disso, meu pai sabia, toda a cidade sabia. E a verdade era que eu também o amava mais do que ao meu pai.

Ele voltou a ficar em silêncio por algum tempo, olhando além de mim. Por fim, continuou:

Então, quando nos encontrou naquele dia e eu soube que era filho dele, e não de Marcus Hale, fiquei feliz. Fiquei muito feliz.

Archer abaixou os olhos para mim, me olhando com uma emoção distante, como se estivesse perdido dentro de si mesmo, escondido.

Meu tio atirou em mim, Bree. Marcus Hale atirou em mim. Não sei se foi de propósito, ou se o revólver simplesmente disparou quando parti para cima dele, furioso. De qualquer modo, ele atirou em mim e o resultado é este.

Ele levou a mão ao pescoço e a passou pela cicatriz. Então gesticulou com a mão para indicar todo ele.

Este é o resultado.

Meu coração se apertou no peito.

– Ah, Archer – disse em um sussurro.

Ele continuou a me encarar. Parecia quase entorpecido.

– O que aconteceu com eles? Com a sua mãe? – perguntei, encarando-o e tentando engolir o nó que ameaçava me sufocar.

Ele se manteve em silêncio por um segundo.

Marcus bateu em nosso carro por trás, tentando nos tirar da estrada. O carro capotou. Minha mãe morreu no acidente.

Archer fechou os olhos por um instante, fazendo uma pausa, então tornou a abri-los e continuou.

Depois que Marcus atirou em mim, houve um confronto entre ele e Connor na estrada. Mais um instante de silêncio, os olhos cor de âmbar inundados de uma tristeza profunda. Eles atiraram um no outro, Bree. Bem ali na estrada, sob o céu azul de primavera.

Eu me senti fraca de tão horrorizada.

Archer voltou a falar.

Tori apareceu e eu me lembro vagamente de outro carro surgindo um pouco depois. A próxima coisa de que me lembro é de acordar no hospital.

Senti um soluço subindo por minha garganta, mas o engoli.

Todos esses anos, balancei a cabeça, incapaz de imaginar o tormento que ele passara, você viveu com isso todos esses anos... sozinho. Ah, Archer. Deixei escapar um suspiro profundo, tentando controlar minhas próprias emoções.

Ele olhou para mim, a emoção finalmente vindo à tona antes que ele os desviasse outra vez.

Cheguei mais perto do corpo dele, agarrei sua camisa e apoiei a cabeça em sua barriga, as lágrimas correndo silenciosamente pelo meu rosto, enquanto eu murmurava sem parar:

– Eu sinto tanto...

Não sabia o que dizer em resposta ao peso do horror que um garotinho tivera que suportar. Mas finalmente compreendi a profundidade da dor, do trauma, do fardo que Archer carregara. E compreendi por que Victoria Hale o odiava. Ela não pretendia apenas tirar a voz dele, mas também a autoconfiança, o senso de valor próprio, a identidade. Porque Archer era a encarnação do fato de que o marido dela amara profundamente outra mulher, como

jamais a amara, e que dera àquela mulher não apenas seu coração, mas também seu primogênito. E aquele filho tinha o poder de tirar tudo dela.

Continuei a abraçar Archer.

Depois do que pareceu um longo tempo, eu me afastei.

Você é o dono das terras desta cidade. É o filho mais velho de Connor.

Ele assentiu, sem olhar para mim, sem parecer se importar nem um pouco.

Você não quer seu legado, Archer?, perguntei, secando as lágrimas do meu rosto molhado.

Ele baixou os olhos para mim.

Que diabos eu faria com as terras da cidade? Não consigo sequer me comunicar com alguém que não você. Menos ainda tomar conta de toda uma maldita cidade. As pessoas me olhariam como se eu fosse a piada mais engraçada que já ouviram.

Meneei a cabeça.

Isso não é verdade. Você é bom em tudo o que faz. Na verdade, se sairia muito bem nesse papel.

Não quero, disse ele, o rosto tomado pela angústia. *Deixe Travis fazer isso. Não quero ter nada a ver com essa história. Não só sou incapaz, como não mereço. Foi minha culpa. Foi por minha causa que eles morreram naquele dia.*

Recuei, espantada.

Sua culpa? Você era só um garotinho. Como o que aconteceu poderia ter sido culpa sua?

Archer me encarou, uma expressão indecifrável no rosto.

Minha mera existência causou a morte deles.

As escolhas deles levaram às suas mortes. Não uma criança de 7 anos. Sinto muito, mas você nunca vai me convencer de que tem qualquer responsabilidade pelo que aconteceu entre quatro adultos naquele dia.

Balancei a cabeça com veemência, tentando fisicamente enfatizar as palavras que acabara de "dizer".

Archer olhou por sobre meu ombro por vários minutos, os olhos fixos em algo que só ele conseguia ver. Esperei.

Eu costumava achar que era amaldiçoado, disse ele, um sorriso sem humor curvando-lhe os cantos da boca, antes que a expressão se transformasse em uma careta.

Archer voltou a passar a mão pela lateral do rosto antes de levantá-la para voltar a falar por sinais.

Não era possível que alguém tivesse que suportar tanta merda em apenas uma vida. Mas então me dei conta de que era mais provável que eu estivesse sendo castigado, e não que fosse amaldiçoado.

Voltei a balançar a cabeça.

Não é assim que funciona, falei.

Os olhos de Archer encontraram os meus. Suspirei e voltei a falar:

Também já pensei assim durante um tempo, Archer. Mas percebi que, se acreditasse realmente nisso, teria que acreditar também que meu pai merecia ser morto com um tiro em sua própria loja, e sei que isso não é verdade. Fiz uma pausa, tentando me lembrar como fora me sentir amaldiçoada também. Coisas ruins não acontecem com as pessoas porque elas merecem. Não é assim que funciona. É só... a vida. E não importa quem somos, temos que lidar com a sorte que nos cabe, por mais terrível que ela possa ser, e tentar fazer o melhor para seguir em frente de qualquer modo, amar de qualquer modo, ter esperança de qualquer modo... ter fé de que há um propósito para a nossa jornada. Segurei as mãos dele por um instante, então soltei-as para que pudesse continuar. E tentar acreditar que talvez mais luz brilha por trás daqueles que têm as maiores rachaduras.

Archer continuou a me olhar por um longo tempo antes de

erguer as mãos e dizer:

Não sei se consigo. Estou tentando de verdade, mas não sei se consigo.

Você consegue, afirmei, gesticulando para dar mais ênfase. *Você consegue.*

Ele ficou parado por um instante antes de continuar.

Tudo parece tão confuso. Archer passou a mão pelos cabelos curtos. *Não consigo dar sentido a tudo isso – meu passado, minha vida, meu amor por você.*

Levantei os olhos para ele por um instante, vendo as emoções atravessarem sua expressão. Depois de um instante, ergui as mãos.

Não lembro muito da minha mãe. Meneei ligeiramente a cabeça. *Ela morreu de câncer e eu era muito nova na época.* Umedeci os lábios, fazendo uma pausa. *Mas lembro dela bordando em ponto de cruz, fazendo pequenas imagens bordadas.*

Archer observava minhas mãos, o olhar passando pelo meu rosto entre as palavras.

Enfim, uma vez peguei um desses bordados e vi que era muito feio – bagunçado, com nós aparecendo e pontos irregulares por toda parte. Eu mal conseguia identificar o que a imagem representava.

Eu mantinha os olhos presos ao de Archer e apertei a mão dele rapidamente antes de voltar a falar:

Mas então, minha mãe apareceu, tirou o pedaço de tecido das minhas mãos e o virou. E lá estava a obra de arte. Suspirei e sorri. *Ela gostava de pássaros. Lembro da imagem: era um ninho cheio de filhotinhos, a mãe tinha acabado de voltar.* Fiquei em silêncio por um instante, pensando. *Às vezes, quando a vida me parece muito complicada, muito difícil de entender, penso nesses pequenos pedaços de tecido bordado. Tento fechar os olhos e acreditar que, mesmo que eu não esteja conseguindo ver o outro lado naquele momento, e que o lado que estou vendo seja feio e confuso, há uma obra-prima por trás de tantos nós e fios soltos. Tento acreditar que*

algo bonito pode resultar de algo feio, e que chegará o momento em que conseguirei ver o que é. Você me ajudou a ver minha própria imagem, Archer. Deixe que eu o ajude a ver a sua.

Archer baixou os olhos para mim, mas não disse nada. Apenas me puxou com delicadeza, me acomodou no colo, aninhada contra o seu corpo, me apertando com força, o hálito quente na dobra do meu pescoço.

Ficamos sentados daquele jeito por um longo tempo, até eu sussurrar no ouvido dele.

– Estou tão cansada. Sei é que cedo, mas me leve para a cama, Archer. Me abrace. Deixe-me abraçá-lo.

Então nos levantamos e fomos para o quarto, onde nos despimos lentamente e entramos embaixo das cobertas. Ele me puxou para ele e me abraçou com força, mas não tentou fazer amor. Parecia melhor, mas ainda distante, como se estivesse perdido em algum lugar dentro de si mesmo.

– Obrigada por me contar a sua história – sussurrei na escuridão.

Archer apenas assentiu com a cabeça e me puxou para mais perto.

capítulo 30

BREE

Hoje era o dia do Desfile Comemorativo da Polícia de Pelion. Fiquei na janela da lanchonete, vendo distraidamente os carros e caminhões passando, as pessoas agrupadas nas calçadas acenando com bandeiras. Eu me sentia dormente, abatida e dolorida.

Não dormira muito bem. Sentira Archer se virando e se batendo a maior parte da noite. E quando perguntara pela manhã se não tinha conseguido dormir, ele apenas assentira, sem dar maiores explicações.

Archer também não falara muito enquanto tomávamos o café da manhã e eu me preparava para voltar para casa. Precisava pegar meu uniforme e soltar Phoebe. No entanto, quando eu estava saindo, ele me puxara para ele e me abraçara com força.

– Archer, meu bem, fale comigo – disse, sem me importar se isso faria com que eu me atrasasse.

Ele apenas balançou a cabeça, me oferecendo um sorriso que não chegou aos olhos, disse que me veria depois do trabalho e que então conversaríamos.

Agora eu estava ali, na janela, preocupada. A lanchonete estava praticamente vazia, já que a cidade toda assistia ao desfile, assim tive alguns minutos para me perder em meus pensamentos, sem interrupções.

Vi os antigos carros de patrulha passarem, a multidão aplaudindo entusiasmada e senti uma onda de amargura me dominar. Archer

deveria estar ali. Deveria comparecer ao jantar em memória do pai. E nem sequer fora convidado. Qual era o problema com essa cidade? Victoria Hale, a supermegeira, ela era o problema da cidade. Como alguém como ela conseguia viver com a própria consciência? A mulher arruinara tantas vidas... e tudo isso para quê? Dinheiro? Prestígio? Poder? Orgulho? Apenas pelo prazer de vencer?

E agora a cidade toda se inclinava à vontade dela com medo de retaliações.

Parada ali, pensando em tudo o que Archer me contara na noite passada, sentia meu estômago se revirar e tinha a sensação de que ia vomitar. A realidade do que deveria ter sido para um menino de 7 anos assistir a tudo naquele dia era revoltante, horrível. Tive vontade de voltar no tempo e tomá-lo em meus braços, confortá-lo, tentar fazê-lo se esquecer de tudo. Mas não era possível e eu sofria por isso.

Fui arrancada de meus pensamentos pelo celular vibrando no bolso do meu uniforme. Peguei-o rapidamente e vi que a ligação era de Ohio. Voltei na direção do balcão, onde um casal de fregueses estava sentado, mas passei por eles e fui atender a ligação perto da mesa no canto da lanchonete, onde fazíamos nossos intervalos.

– Alô? – disse em voz baixa.

– Bree, olá, aqui é o investigador McIntyre. Estou ligando porque tenho notícias.

Olhei rapidamente para o balcão e vi que todos pareciam ter sido atendidos. Então me virei de costas.

Nesse momento ouvi o sino acima da porta tilintar, mas não me virei. Maggie poderia cuidar dos novos clientes até eu encerrar a ligação.

– Notícias, investigador?

– Sim. Nós o pegamos.

Prendi a respiração.

– É mesmo? – sussurrei.

– Sim. O nome dele é Jeffrey Perkins. É o homem que você identificou. Nós o detivemos para interrogatório e as impressões digitais bateram com as que encontramos na cena do crime. Ele diz que só vai falar na presença de um advogado. O pai é dono de uma empresa aqui na cidade que está na lista das quinhentas maiores do mundo publicada pela revista *Forbes*.

Fiquei em silêncio por um instante, mordendo o lábio.

– Jeffrey Perkins? – perguntei. – O pai dele é Louis Perkins, não é?

Fechei os olhos, reconhecendo o sobrenome do homem que era dono de uma das maiores empresas de seguro em Cincinnati.

O investigador também demorou um instante até confirmar.

– Sim.

– Por que alguém como Jeffrey Perkins roubaria uma pequena delicatessen? – perguntei, estupefata.

– Gostaria de saber a resposta para isso – disse ele. – Meu melhor palpite é que tem relação com drogas.

– Humm – eu disse, lembrando os olhos brilhantes, as pupilas dilatadas e os tremores de Jeffrey.

Ele com certeza estava drogado. Garoto rico viciado em drogas? Estremeci e meneei ligeiramente a cabeça, me forçando a voltar ao presente.

– E o que acontece agora, investigador?

– Ele foi solto sob fiança. A apresentação em juízo será daqui a alguns meses, portanto agora teremos que esperar.

Voltei a ficar em silêncio.

– Solto sob fiança. E mais espera... – suspirei.

– Eu sei, é difícil. Mas, Bree, temos provas muito fortes contra ele. E temos a sua identificação. Estou otimista.

Respirei fundo.

– Muito obrigada, investigador. Por favor, mantenha-me informada caso tenha qualquer outra informação, está bem?

- Com certeza farei isso. Tenha um bom dia.
- O senhor também, investigador. Tchau.

Desliguei e permaneci de costas para a lanchonete por mais algum tempo. Eram boas notícias, mas por que eu não conseguia sentir a felicidade e o alívio que deveria estar sentindo? Fiquei mordendo o polegar, tentando entender minhas emoções. Por fim, respirei fundo e me virei. Victoria e Travis Hale estavam sentados na extremidade do balcão, bem perto de onde eu estava parada.

Arregalei os olhos e me dei conta do olhar gelado de Victoria e do cenho franzido de Travis.

Então dei meia-volta e avisei:

– Maggie, estou fazendo um pequeno intervalo. Não estou me sentindo muito bem.

Maggie se virou para mim com uma expressão preocupada.

– Está certo, meu bem – disse ela.

Corri para os fundos e fiquei lá até Travis e Tori saírem da lanchonete.

Um pouco depois de eles irem, vi Archer do outro lado da rua. Meu coração disparou no peito.

– Maggie! – avisei. – Volto já!

– Tudo bem – ouvi Maggie responder, confusa, da mesa de intervalo onde estava sentada lendo uma revista.

Ela devia estar se perguntando o que estava acontecendo comigo hoje.

Fui até a porta da frente e chamei Archer. Ele estava parado na calçada do outro lado, vendo os carros de patrulha passarem, uma expressão tensa no rosto. Será que estava pensando a mesma coisa que me ocorrera?

Eu estava prestes a descer o meio-fio quando uma mão segurou meu braço. Parei, me virei e vi que era Travis. Olhei para a esquerda dele e vi Victoria parada ali, tentando fingir que eu não existia, os olhos concentrados apenas no desfile à sua frente, um sorriso falso

no rosto e o nariz empinado.

Olhei sobre o ombro para Archer, que agora atravessava a rua em nossa direção.

– Tenho que ir, Travis – eu disse, tentando me soltar.

– Ei, espere – disse ele, sem me largar. – Ouvi sua ligação. Estou preocupado. Queria apenas...

– Travis, me solte – falei, sentindo o coração acelerar.

Essa era a última coisa de que Archer precisava nesse momento.

– Bree, sei que não sou sua pessoa favorita, mas se houver alguma coisa que eu possa fazer para ajudar...

– Me solte, Travis! – gritei, soltando meu braço bruscamente.

A multidão ao nosso redor ficou em silêncio, os olhos se desviando do desfile na rua e se voltando lentamente na nossa direção.

Antes que eu pudesse me virar, um punho acertou o rosto de Travis, que desabou pesadamente no chão, um jato de sangue parecendo espirrar em câmera lenta à minha frente. Arquejei, assim como Tori Hale e várias pessoas próximas.

Olhei por sobre o ombro e vi Archer parado, a respiração alterada, os olhos arregalados, abrindo e fechando os punhos ao lado do corpo.

Encarei-o, boquiaberta, e voltei o olhar para Travis, que acabava de se levantar. Os olhos dele se encheram de ódio quando se fixaram em Archer.

– Seu filho da puta – sibilou Travis, cerrando os dentes.

– Travis! – exclamou Tori Hale, sem conseguir esconder a expressão de alarme no rosto.

Abri os braços entre os dois, mas era tarde demais. Travis desviou-se de mim e atacou Archer. Os dois caíram no chão, enquanto as pessoas arquejavam, assustadas, e cambaleavam para trás, algumas tropeçando no meio-fio, enquanto outras as ajudavam a se equilibrar.

Archer acertou mais um soco antes que Travis o jogasse no chão com força. As costas de Archer bateram ruidosamente na calçada. Vi que ele ficou sem ar e cerrou os dentes. Travis então acertou um soco no maxilar dele.

Gemi, o medo se espalhando pelo meu corpo como fogo na floresta.

– Parem! – gritei. – Parem!

Travis levantou o punho e estava prestes a acertar novamente o rosto de Archer. Ah, meu Deus! Ele ia esmagar Archer ali no chão, bem na frente de todo mundo, bem na minha frente. Todas as reações do meu corpo pareceram acelerar, o coração latejando alto em meu ouvido, a pulsação disparando como um foguete.

– Parem! – gritei, minha voz saindo como um soluço. – Vocês são *irmãos!* Parem com isso!

O tempo pareceu congelar, o punho de Travis parou em pleno ar e os olhos de Archer voaram na minha direção. Ouvi Tori arquejar.

– Vocês são irmãos – repeti, as lágrimas descendo pelo meu rosto agora. – Por favor, não façam isso. O dia de hoje é em homenagem ao pai de vocês. Ele não iria querer isso. Por favor, parem.

Travis empurrou o peito de Archer, mas saiu de cima dele e se levantou. Archer também se levantou rapidamente, esfregando o maxilar e olhando à sua volta, para as pessoas que observavam, boquiabertas. A expressão em seu rosto era um misto de fúria, medo e confusão, tudo se revezando nos olhos castanho-dourados.

Outro par de olhos castanho-dourados encontrou os meus quando Travis afastou Archer do caminho, mas sem muita força.

– Não somos irmãos. Somos primos – disse Travis, me olhando como se eu fosse louca.

Balancei a cabeça, os olhos fixos em Archer, que não estava olhando para mim.

– Me desculpe, Archer – falei. – Não tinha a intenção de revelar

isso. Lamento – sussurrei. – Gostaria de poder voltar atrás.

– Que merda é essa? – perguntou Travis.

– Vamos embora! – Tori Hale guinchou para Travis. – Ele é um animal! – cuspiu, apontando para Archer. – Eles são loucos, os dois. Não vou mais ficar aqui ouvindo essas bobagens nem por um segundo.

Ela tentou puxar o braço de Travis, mas ele se desvencilhou com facilidade.

Travis observou a mãe com atenção, seus olhos parecendo compreender alguma coisa.

– Ora, é fácil provar esse tipo de coisa com um simples exame de sangue – disse Travis, em um tom calmo, os olhos fixos nos da mãe.

Tori ficou pálida e virou a cabeça. Travis a observava.

– Ah, meu Deus – disse ele. – É verdade. Você sabia.

– Não sei nada sobre isso! – disse ela, mas sua voz soava histérica.

– Bem que eu suspeitei – disse outra voz, saindo da multidão.

Virei a cabeça e vi Amanda Wright caminhando em nossa direção.

– No instante em que vi seus olhos fixos em mim, nos braços de sua mãe, fiquei desconfiada. São os olhos de Connor Hale, os olhos do seu pai – sussurrou Mandy, encarando Archer.

Fechei os olhos e mais lágrimas escorreram pelo meu rosto. Ah, meu Deus.

– Basta! – gritou Tori. – Se você não sair daqui, eu saio. É do meu marido que estão falando! E de todos os dias que poderiam escolher para macular a memória dele... Vocês todos deveriam se sentir envergonhados.

Ela apontou o dedo ossudo, com a unha pintada de vermelho, para cada um de nós, a mesma expressão glacial no rosto. Com isso, virou-se e abriu caminho entre a multidão.

Olhei rapidamente para Travis, mas meus olhos logo seguiram

para Archer. Ele também me encarou, então olhou para Travis, Mandy e finalmente para a multidão, que tinha os olhos fixos em nós. O pânico varreu sua expressão, e percebi que as pessoas o encaravam boquiabertas, sussurrando. Meu coração saltou no peito e dei um passo em sua direção, mas Archer recuou, os olhos percorrendo outra vez a multidão.

– Archer – falei, estendendo a mão para ele.

Archer se virou e começou a abrir caminho entre as pessoas que, em sua maioria, ainda estavam paralisadas. Então me detive, deixei a mão cair ao lado do corpo e abaixei a cabeça.

– Bree? – chamou Travis, e eu o fuzilei com o olhar.

– Não ouse – disse entre dentes.

Em seguida, dei as costas para ele e corri de volta para a lanchonete. Maggie estava parada na porta.

– Vá atrás dele, querida – disse ela com carinho, pousando a mão no meu ombro. Obviamente ela vira toda a cena. A cidade toda vira.

Balancei a cabeça.

– Archer precisa de um tempo – falei.

Não tinha ideia de como eu sabia disso, mas sabia.

– Está certo – disse Maggie. – Mas pelo menos vá para casa. O dia hoje está morto, de qualquer modo.

Assenti com a cabeça.

– Obrigada, Maggie.

– É claro, meu bem.

– Vou sair pelos fundos. Meu carro está no beco, assim consigo sair sem passar pelas ruas bloqueadas.

Maggie assentiu, a simpatia cintilando nos olhos bondosos.

– Se precisar de qualquer coisa, me ligue – disse ela.

Consegui sorrir brevemente.

– Farei isso.

Voltei para casa como se estivesse no piloto automático, sem

sequer lembrar de como havia chegado lá. Me arrastei para dentro do chalé e desabei no sofá. Quando Phoebe pulou no meu colo e ficou lambendo meu rosto, as lágrimas começaram a cair. Como tudo ficara tão caótico em apenas dois dias?

Tinha a sensação de que Archer era uma bomba-relógio, pronta para explodir a qualquer minuto. Queria ajudá-lo a superar aquilo, mas não sabia como. Eu me sentia impotente, despreparada. Sequei as lágrimas e fiquei sentada onde estava por mais um longo tempo, tentando encontrar uma solução.

Talvez precisássemos ir embora daquela cidade, simplesmente jogar algumas coisas no carro e ir para outro lugar. Minha nossa, isso parecia tão familiar. Não fora exatamente a ideia que Connor Hale tivera? E veja como tudo terminara. Nada bem.

E, de qualquer modo, como isso faria Archer se sentir? Ele já estava lutando contra o fato de não se considerar um homem de verdade. Como se sentiria quando eu conseguisse um emprego em algum lugar novo e ele tivesse que ficar sentado o dia inteiro em um apartamento? Ao menos em Pelion ele tinha suas propriedades, seus projetos, a casa, o lago...

Embora agora eu provavelmente tivesse arruinado tudo para ele. Fiz uma careta por causa da culpa que me dominou. Archer demorara tanto para se sentir à vontade o bastante para sair de casa e agora ia querer se esconder novamente em sua propriedade, temendo que as pessoas ficassem sussurrando e o observando, julgando sua deficiência, fazendo com que se sentisse inferior.

Depois de algum tempo, me levantei, cansada, levei Phoebe para fora, então voltei para dentro de casa e tomei uma ducha, minha mente ainda repassando o que acontecera no desfile. Eu precisava ir até Archer e me desculpar. Não tivera a intenção de revelar o segredo que ele pretendia manter oculto. Mas fora o que eu fizera. E agora era ele que teria que viver com as consequências disso, se é que haveria alguma.

Vesti roupas quentes, incapaz de afastar o frio que parecia alojado em meus ossos, e sequei os cabelos lentamente.

Deitei na minha cama e deixei a tristeza me invadir mais uma vez. Me sentia fraca e não conseguia ver nada de positivo na situação, a não ser pelo fato de eu amar Archer desesperadamente. Achei que me sentia assim por estar tão cansada. Talvez só precisasse descansar alguns minutos...

Abri os olhos depois do que pensei terem sido alguns minutos e olhei para o relógio. Ah, meu Deus, eu dormira por duas horas. Levantei de um pulo e passei a mão pelos cabelos.

Precisava ir até Archer. Ele devia estar se perguntando por que eu não fora procurá-lo logo. Archer virara as costas para mim, mas eu já dera algumas horas a ele. Com sorte, Archer estaria melhor agora. *Por favor, não esteja furioso comigo*, pensei, ao entrar no carro e ligar o motor.

Poucos minutos mais tarde, passava pelo portão e descia até a casa dele. Bati na porta, girei a maçaneta e fui recebida por um profundo silêncio. A luz do crepúsculo que entrava pela janela mal iluminava a sala à minha frente.

– Archer? – chamei, uma sensação sinistra percorrendo meu corpo. Procurei afastá-la e chamei de novo. – Archer? – Nada.

Foi então que vi a carta em cima da mesa que ficava atrás do sofá, meu nome escrito nela.

Peguei o papel com as mãos trêmulas e o desdobrei, o medo tomando conta de mim.

Bree,

Não se culpe. O que aconteceu no desfile, hoje, não foi culpa sua. Foi minha culpa, toda minha.

Estou indo embora, Bree. Estou levando a caminhonete do meu tio. Ainda não sei para onde vou, mas preciso partir. Preciso

resolver algumas coisas, talvez até mesmo descobrir um pouco mais sobre quem eu posso ser no mundo, se é que posso ser alguém. Essa mera ideia me enche de medo, mas ficar aqui, sentindo o que estou sentindo, parece a alternativa mais apavorante. Sei que é difícil entender. Nem eu mesmo compreendo muito bem.

Por duas vezes achei que havia perdido você, e a mera possibilidade me destruiu. Sabe o que eu fiz quando você estava apenas alguns minutos atrasada e ouvi a ambulância passando na direção da sua casa? Vomitei no gramado e saí correndo até você. Quase morri de medo. E a questão é que sempre vai haver alguma coisa, não só uma ambulância, mas um dia em que você volte tarde do trabalho ou um cara que paquere você ou um milhão de cenários diferentes que nem consigo imaginar neste momento. Sempre vai haver alguma coisa que ameace tirar você de mim, mesmo que seja algo pequeno, mesmo que só exista na minha mente. E, por fim, isso vai acabar nos destruindo. Vou começar a magoá-la porque você não vai conseguir fazer com que eu pare de me sentir assim. Você nunca conseguirá me tranquilizar o bastante. Vai acabar ressentida comigo porque vai se ver sempre obrigada a carregar o fardo por nós dois. Não posso permitir que isso aconteça. Pedi a você que não me deixasse destruir o que temos juntos, mas não acho que sou capaz de fazer outra coisa.

Na noite passada, depois que você adormeceu, não consegui parar de pensar na história que você me contou sobre os bordados que sua mãe costumava fazer. E fiquei pensando sobre isso hoje também. Quero muito acreditar que o que você disse é verdade, que alguma coisa bonita pode sair de tanta feiura e caos, de tanta dor, de tudo o que me fez ser quem eu sou. Quero ver o que há do outro lado do bordado. Mas acho que, para isso, é necessário que seja eu a virá-lo. É necessário que seja eu a dar

esses passos. É necessário que seja eu a entender tudo isso, a dar um sentido às coisas, ver como é a imagem do meu próprio bordado.

Não estou pedindo que espere por mim. Eu nunca seria tão egoísta. Mas, por favor, não me odeie. Nunca, jamais, quero magoá-la, mas não sou bom para você. Não sou bom para ninguém neste momento e preciso descobrir se sou capaz de vir a ser.

Por favor, compreenda. Por favor, saiba que amo você. Por favor, me perdoe.

ARCHER

Minhas mãos tremiam agora e lágrimas escorriam pelo meu rosto. Deixei escapar um soluço e levei a mão à boca.

Embaixo da carta estavam o chaveiro de Archer, o celular e o recibo de um abrigo para cães contratado por tempo indeterminado. Deixei escapar outro soluço e desabei no sofá, o mesmo sofá em que Archer me embalara no colo depois de me salvar da armadilha do tio, o mesmo sofá onde ele me beijara pela primeira vez. Solucei contra a almofada, querendo-o de volta, querendo ouvir seus passos passando pela porta atrás de mim tão desesperadamente que sentia sua falta em todas as células do meu corpo. Mas a casa permaneceu em um profundo silêncio, quebrado apenas pelos sons dos meus soluços abafados.

capítulo 31

BREE

Os dias se arrastavam. Meu coração parecia ter se rachado e pesava em meu peito. As lágrimas eram uma ameaça constante. Sentia tanta falta de Archer que quase o tempo todo parecia que eu estava vivendo embaixo d'água, olhando o mundo ao meu redor e me perguntando por que me sentia tão desconectada dele, por que tudo e todos pareciam nublados, distantes, inacessíveis.

Também vivia preocupada. O que Archer estaria fazendo? Onde estaria dormindo? Como estava se comunicando com as pessoas com quem precisava se comunicar? Estaria com medo? Eu tentava evitar esses pensamentos, já que fora essa uma das razões por que Archer partira. Ele se sentia menos homem porque dependia de mim para coisas demais no mundo fora de sua casa. Ele não dissera exatamente isso, mas eu sabia que era verdade. Ele não queria ter a sensação de que eu era sua mãe, queria se sentir igual a mim, meu protetor, alguém em quem *eu* me apoiava às vezes.

Eu compreendia. Mas ainda me partia o coração ver que a solução que Archer encontrara para o problema fora se afastar de mim. Ele voltaria? Quando? E, quando e se voltasse, ainda me amaria?

Eu não sabia. Mas esperaria. Para sempre, se fosse preciso. Dissera a Archer que nunca o deixaria e isso era verdade. Estaria ali quando ele voltasse.

Eu trabalhava, visitava Anne, que se recuperava rapidamente,

caminhava às margens do lago, mantinha a casa de Archer limpa e arrumada e sentia saudades dele. Meus dias passavam lentamente, um emendando no outro sem nada que os diferenciasse.

A cidade fervilhara de fofocas por algum tempo e, pelo que eu ouvira aqui e ali, depois que o segredo fora revelado, ninguém ficara muito surpreso com o fato de que Archer também fosse filho de Connor. As pessoas especulavam se Archer voltaria para exigir o que era dele por direito ou se jamais retornaria. Mas eu não me importava com nada daquilo. Só queria Archer.

Surpreendentemente, depois do dia do desfile, houvera um absoluto silêncio da parte de Victoria Hale. Em algum ponto distante da minha mente, achei que isso talvez fosse motivo de preocupação. Ela não parecia ser o tipo de mulher que aceitava a derrota tranquilamente, mas eu estava sofrendo demais para fazer qualquer coisa a esse respeito. Talvez Victoria acreditasse que Archer não era uma ameaça para ela. E talvez ele não fosse mesmo. Meu coração doía ao pensar nisso.

Travis tentou conversar comigo várias vezes depois do dia do desfile, mas eu o tratava com frieza e, felizmente, ele não insistia. Não o odiava, mas a verdade era que Travis perdera muitas oportunidades de ser uma boa pessoa no que dizia respeito a Archer. Ele preferira menosprezar alguém que já tinha tantos obstáculos para enfrentar. Eu nunca teria respeito por Travis. Ele era irmão de Archer apenas no nome.

O outono se transformou em inverno. As folhas de cores vibrantes secaram e caíram das árvores, a temperatura despencou e o lago congelou.

Um dia, no fim de novembro, várias semanas depois de Archer ter partido, Maggie veio até onde eu estava reabastecendo os condimentos atrás do balcão e pousou a mão no meu ombro.

– Você está planejando ir à sua cidade para passar o Dia de Ação de Graças, querida?

Eu me levantei e balancei a cabeça, negando.

– Não. Vou ficar aqui.

Maggie me olhou com uma expressão triste no rosto.

– Meu bem, se ele voltar enquanto você estiver fora, eu ligo para você.

Balancei a cabeça com mais veemência.

– Não, preciso estar aqui caso ele volte.

– Está certo, querida – dissera ela. – Bem, então você virá passar o Dia de Ação de Graças conosco. Nossa filha, o marido e os filhos estarão na cidade. E Anne e a irmã também irão. Vai ser divertido.

Sorri para Maggie.

– Está bem, Maggie. Obrigada.

– Ótimo – dissera ela, mas por algum motivo ainda parecia triste.

Norm sentou-se comigo à mesa onde fazíamos nossos intervalos, no fim daquele dia, quando já estávamos fechando e todos os fregueses já haviam ido embora. Ele tinha uma fatia de torta de abóbora à sua frente e deu uma grande mordida antes de falar.

– Você faz a melhor torta de abóbora que eu já comi – disse ele, e eu comecei a chorar de repente, ali mesmo, porque sabia que aquele era o modo de Norm dizer que me amava.

– Também amo você! – disse, entre soluços.

Norm se levantou, a expressão fechada.

– Ai, Jesus. Maggie! – chamou. – Bree precisa de você!

Talvez eu estivesse um pouco emotiva demais...



Novembro deu lugar a dezembro e a neve começou a cair em Pelion, cobrindo tudo com uma manta branca e dando um ar mágico à cidade, fazendo com que tudo parecesse mais antigo, como uma pintura de Thomas Kinkade.

Dia 2 de dezembro era aniversário de Archer. Tirei o dia de folga e o passei diante da lareira da casa dele, lendo *Ethan Frome*. Não foi a melhor escolha; Archer tinha razão, aquele era o livro mais deprimente que já fora escrito. Mas era o seu dia, e queria me sentir próxima dele.

– Feliz aniversário, Archer – sussurrei aquela noite, fazendo meu próprio desejo: *Volte para mim*.

Em um sábado frio, mais ou menos uma semana depois, eu estava sentada no sofá de casa com Phoebe, uma manta e um livro, quando ouvi uma batidinha na porta. Meu coração saltou no peito e me levantei rapidamente. Espiei pela janela com a imagem de um rapaz ensopado de chuva atravessando a minha mente.

Era Melanie parada na varanda, usando um casaco comprido, um cachecol rosa-choque e chapéu. Meu coração afundou no peito. Adorava Melanie, mas por um breve instante havia me permitido ter esperança de que fosse Archer voltando para mim. Fui abrir a porta para ela.

– Oi! – Melanie sorriu.

– Entre – falei, estremecendo com a rajada de ar gelado que entrou pela porta aberta.

Ela deu um passo para dentro do chalé e fechou a porta.

– Vim pegar você para vermos as luzes sendo acesas na árvore de Natal de Pelion. Vamos, vista-se – ordenou ela.

Deixei escapar um suspiro.

– Melanie...

Ela balançou a cabeça.

– Nem tente. Não vou aceitar um não como resposta. Me recuso a deixar que você se torne a louca dos gatos de Pelion.

Ri, apesar de tudo.

– A louca dos gatos de Pelion?

– Ahã. – Uma expressão de tristeza passou pelo rosto bonito de Melanie. – Já se passaram mais de dois meses desde que Archer foi

embora, Bree. E sei que você sente saudades, sei mesmo. Mas não vou deixar que fique sentada neste chalé, se consumindo por ele o dia inteiro. Isso não é saudável.

A voz de Melanie ficou ainda mais carinhosa e ela acrescentou:

– Ele escolheu ir embora, meu bem. E sei que teve suas razões. Mas você ainda tem uma vida. Ainda tem amigos. Sinta saudades de Archer, mas, por favor, não pare de viver.

Uma lágrima deslizou silenciosamente pelo meu rosto. Sequei-a e funguei. Assenti e outra lágrima escorreu. Melanie me puxou para si e me abraçou. Depois de um instante, afastou-se.

– Está frio. Vai precisar se agasalhar. Use alguma coisa que não esteja cheia de pelos de gato.

Dei uma risadinha e sequei a última lágrima do meu rosto.

– Ok – sussurrei, e fui me vestir.

No caminho para a cidade, vi luzes piscando por toda parte. Pela primeira vez desde que Archer partira, senti algo próximo de serenidade quando olhei a cidadezinha que passara a amar tanto, onde viviam tantas pessoas queridas que agora faziam parte da minha vida.

Encontramos Liza no meio da multidão no centro da cidade e sorri mais do que havia sorrido em dois meses. As duas garotas me atualizaram em relação aos seus encontros amorosos mais recentes e me deram o braço quando as luzes da árvore foram acesas em meio a aplausos e assovios.

Inspirei o ar gelado de dezembro, olhei para o céu, cheio de estrelas, e sussurrei mentalmente: *Volte para mim*. Uma sensação de paz me dominou. Olhei ao redor e dei um abraço apertado em minhas amigas, sorrindo sem nenhum motivo em particular.



O Natal veio e se foi. Apesar de Natalie ter me implorado para voltar para casa e passar as festas de fim de ano com ela, não aceitei e passei o feriado novamente com Maggie e Norm. Eu me sentia melhor, tentando viver a minha vida, mas precisava permanecer em Pelion. Precisava estar onde Archer sabia que poderia me encontrar.

Ele estaria bem? Fiquei parada na janela, olhando para o lago congelado, a neve caindo suavemente, e me perguntei se Archer estaria aquecido, se teria dinheiro suficiente. Aquela caminhonete velha ainda estaria funcionando direito? Será que ele sentia tanto a minha falta quanto eu sentia dele?

– Volte para mim – sussurrei pela milésima vez desde que ele partira.

Na véspera de ano-novo, a lanchonete ficou aberta até o meio-dia. Melanie e Liza haviam me convidado para ir com elas a uma grande festa do outro lado do lago, na casa de um cara que conheciam. Eu aceitara, mas agora, enquanto me arrumava e colocava o vestido preto que comprara para a ocasião na loja de Mandy, considerei a hipótese de ligar para as meninas e desistir. Não estava me sentindo muito festiva. Mas sabia que elas insistiriam e não aceitariam não como resposta, então suspirei e continuei a arrumar o cabelo e passar a maquiagem.

Levei algum tempo para fazer um coque no alto da cabeça, com o qual fiquei satisfeita, e apliquei a maquiagem com cuidado. Eu me senti bonita pela primeira vez desde que Archer fora embora e levara com ele seu olhar de desejo e adoração, e que fazia com que eu me sentisse a mulher mais desejável na face da Terra. Fechei os olhos e respirei fundo, tentando engolir o soluço que ameaçava subir pela garganta.

Liza e Melanie me pegaram às oito e, meia hora depois, chegamos a uma mansão enorme, do outro lado da cidade. Olhei espantada à minha volta enquanto subíamos o longo caminho até a entrada da casa.

– Vocês não me contaram que estávamos indo a uma festa na casa de uma estrela de cinema!

– Aqui é lindo, né? É de Gage Buchanan. O pai dele é dono de um resort na região. Ele pode ser um idiota quando quer, mas dá festas incríveis e costumamos ser convidadas porque somos amigas de Lexi, a irmã dele.

Assenti, observando a linda casa iluminada e todos os carros estacionados diante dela. Um manobrista de paletó vermelho abriu as portas para nós quando paramos, e Melanie entregou-lhe as chaves.

Passamos por uma grande fonte na frente da casa e subimos até a porta, onde fomos recepcionadas por um mordomo que não sorriu, apenas fez um gesto amplo com a mão, indicando que entrássemos.

O interior da casa era ainda mais impressionante, com uma ampla escadaria logo depois do saguão, muito mármore e candelabros cintilantes por toda parte, a mobília clássica e sofisticada, grande o bastante para encher os cômodos enormes. Tudo parecia grandioso e exagerado. Eu me senti como Alice no País das Maravilhas enquanto atravessava o imenso saguão, com grandes retratos na parede e portas francesas que iam do chão ao teto, cada uma levando a uma varanda individual.

Andamos pela casa e fui reparando em tudo, enquanto Liza e Melanie tagarelavam, sem que eu prestasse muita atenção.

O lugar estava elegantemente decorado, com fitas pretas e douradas e balões por toda parte. As mesas estavam cheias de cornetas e confetes para quando o relógio marcasse meia-noite. As pessoas riam e conversavam, mas eu não conseguia melhorar meu humor. Sentia-me ansiosa e agitada, como se houvesse outro lugar em que eu precisasse estar naquele momento, mas não soubesse onde ou por quê. Girei em um círculo lento, olhando as pessoas ao meu redor, procurando algo... sem saber o quê.

Quando entramos no salão de baile, uma mulher com uma

bandeja se aproximou e nos ofereceu uma taça de champanhe. Cada uma de nós pegou uma e eu continuei olhando ao redor, distraída.

– Bree? Terra chamando Bree! – disse Liza. – Onde você está?

Sorri, e voltei ao presente.

– Desculpe, mas este lugar é meio opressivo.

– Ora, então vamos beber! Ainda temos muito o que dançar.

– Está bem – afirmei, tentando afastar a estranha sensação.

Terminamos o champanhe, fomos para a pista de dança, e, enquanto ríamos e dançávamos, o champanhe fez efeito, e pude me concentrar no momento presente.

Saímos da pista de dança quando a música agitada que estávamos dançando acabou e começou a tocar uma mais lenta.

– Ah, lá estão Stephen e Chris – disse Melanie, olhando na direção de dois rapazes que estavam parados na lateral da pista, conversando.

Eles também viram as duas, sorriram e gesticularam para que fossem até lá.

Pousei a mão no braço de Melanie.

– Vão falar com eles. Preciso mesmo tomar um pouco de ar.

Melanie franziu o cenho.

– Tem certeza? Podemos ir com você.

– Não, eu estou bem, de verdade.

Elas hesitaram, mas então Melanie tornou a falar:

– Está certo, mas vamos atrás de você se demorar muito.

Ela deu um sorrisinho e piscou antes de acrescentar:

– E se encontrarmos você fazendo carinho no gato da família, *haverá* uma intervenção.

– Prometo que não vou demorar – falei, sorrindo.

Deixei o salão de baile na direção da varanda mais ampla que vira no caminho e, quando me vi ali fora, inspirei profundamente. Estava frio, mas não gelado, e depois de dançar tanto, o ar fresco

era bem-vindo.

Caminhei pela varanda, correndo a mão pela amurada de pedra. Ali fora parecia mágico. Grandes árvores em vasos enfeitadas com luzes pisca-pisca estavam dispostas ao longo da parte externa da casa e, entre elas, bancos reservados, com lugar apenas para duas pessoas. Debrucei-me sobre a amurada, olhando os convidados conversando e rindo na varanda abaixo, então endireitei o corpo e fiquei ali por mais alguns minutos, respirando fundo e olhando as estrelas.

Tive a estranha sensação de que alguém me observava. Girei em um círculo lento, tomada pela mesma impressão que já tivera dentro da casa. Balancei a cabeça ligeiramente e voltei ao momento presente.

Um casal entrou na varanda, os dois rindo enquanto o homem tentava agarrar a mulher e ela o afastava, provocante, antes de puxá-lo para um beijo.

Desviei o olhar, o coração apertado diante da intimidade entre eles. *Por favor, volte para mim*, eu disse, silenciosamente.

Fui até a porta, passando pelo casal, deixando que tivessem privacidade, e tornei a entrar na casa. De volta ao saguão, fiquei imóvel por um momento e respirei fundo mais uma vez antes de seguir na direção do salão de baile. Levei um susto ao sentir uma mão no meu braço, preendi a respiração e me virei lentamente. Um homem alto, bonito, com os cabelos muito pretos e olhos azuis profundos encontrava-se bem atrás de mim, os olhos fixos no meu rosto.

– Vamos dançar? – perguntou simplesmente, e então estendeu a mão, como se fosse óbvio que eu aceitaria.

– Hã, está bem – respondi baixinho, voltando a respirar e pegando a mão dele.

O homem me guiou até a pista de dança e parou no meio, puxando-me para ele.

– Qual é o seu nome? – sussurrou com a voz grave e sedosa.
Afastei um pouco o corpo e encarei os olhos azuis.

– Bree Prescott.

– Prazer em conhecê-la, Bree Prescott. Sou Gage Buchanan.

Voltei a me afastar.

– Ah, esta casa é sua! Obrigada por me receber. Sou amiga de Liza e Melanie Scholl. A mansão é tão linda!

Gage sorriu e me girou sem esforço, o corpo se movendo fluidamente com a música. Era fácil acompanhá-lo, embora eu devesse admitir que não era uma boa dançarina.

– E por que ainda não tínhamos nos conhecido antes de hoje? É difícil acreditar que uma garota linda como você não tenha sido o assunto da cidade. Eu mesmo teria cuidado disso.

Ele piscou. Ri e recuei um pouco.

– Moro em Pelion – falei. – Talvez...

Parei de falar de repente quando a conversa alta ao nosso redor pareceu cessar. Agora só se ouvia um murmúrio percorrendo a multidão. A música, "In My Veins", pareceu aumentar de volume e as vozes ao nosso redor se calaram. Gage parou de dançar e eu também, enquanto olhávamos ao redor, confusos.

E foi quando o vi. Parado na extremidade da pista de dança, os maravilhosos olhos cor de uísque fixos em mim, a expressão indecifrável.

Meu coração pareceu prestes a sair pela boca. Deixei escapar um arquejo alto e levei as mãos à boca, sentindo a mais pura felicidade invadir cada célula do meu corpo. Ele se assemelhava a um deus ali parado, parecendo ainda mais alto, maior, como se agora tivesse uma autoridade que não tinha antes, mas mantendo nos olhos a mesma beleza e bondade. Pisquei, hipnotizada. Os cabelos escuros estavam mais longos, encaracolados por cima do colarinho, e ele usava terno e gravata pretos e uma camisa de cor clara. Os ombros pareciam ainda mais largos, a estrutura física maior, a beleza mais

intensa. Meus olhos o absorviam inteiro, meu coração batendo três vezes mais rápido.

Percebi vagamente que as pessoas nos observavam quando dei um passo na direção dele e ele se moveu na minha direção, como ímãs sendo atraídos pela força de algo que nenhum de nós dois controlava. Ouvi uma senhora na multidão murmurar:

– Ele é idêntico a Connor Hale, não é? – A voz baixa, sonhadora.

As pessoas na pista de dança se afastaram para abrir espaço para ele e então eu fiquei parada, esperando. As luzes piscavam ao meu redor e a música ficou mais alta quando Archer chegou até onde eu estava e olhou para um ponto à minha direita.

Senti uma mão no meu braço e, quando desviei os olhos de Archer e virei-os naquela direção, Gage, que eu havia esquecido que estava ali, sorriu e se inclinou, sussurrando:

– De repente ficou óbvio que você já está comprometida. Prazer em conhecê-la, Bree Prescott.

Suspirei e sorri para ele também.

– Prazer em conhecê-lo também, Gage.

Aparentemente, Gage Buchanan era um cara mais legal do que Liza e Melanie achavam. Ele acenou com a cabeça para Archer e se afastou, desaparecendo na multidão.

Voltei a olhar para Archer e, por um longo instante, não fizemos nada além de nos fitar. Até que levantei as mãos e disse:

Você veio, as lágrimas saltando dos meus olhos, a alegria me envolvendo.

Archer suspirou, a expressão calorosa enquanto ele também levantava as mãos para sinalizar:

Eu vim por você, disse Archer.

E foi então que seu rosto se abriu no mais lindo sorriso que eu já vira na vida e me atirei nos braços dele, chorando e arquejando de encontro ao seu pescoço, abraçando-o com força, me agarrando ao homem que eu amava.

capítulo 32

ARCHER

Abracei-a com força, sentindo seu perfume delicioso, meu coração em êxtase pelo puro alívio de ter o peso dela em meus braços. Minha Bree. Sentira uma saudade tão desesperada dela que achei que morreria naquelas primeiras semanas. Mas não morreria. Tinha tanta coisa para contar a ela.

Afastei-me um pouco e encarei os olhos cor de esmeralda, as sardas douradas que eu tanto amava ainda mais brilhantes sob as lágrimas. Bree estava estonteante. E eu pedia a Deus para que ainda fosse minha.

Na verdade, eu não sei dançar, falei, incapaz de afastar os olhos dela.

Bree suspirou e sorriu brevemente.

Também não sou muito boa nisso.

Tomei-a nos braços assim mesmo e segurei-a de encontro ao meu corpo enquanto começávamos a nos balançar ao som da música. Faríamos do nosso jeito.

Passsei a mão pela pele nua das costas de Bree e ela estremeceu em meus braços. Nós dois observamos meus dedos da outra mão entrelaçarem-se aos dela, e meus olhos seguiram rapidamente para o seu rosto. Ela engoliu em seco, seus lábios se entreabriram e ela me encarou.

Puxei-a mais para perto e pressionei o corpo dela contra o meu, sentindo a serenidade me invadir.

Quando a música terminou, nos afastamos e Bree perguntou:

Isso está acontecendo de verdade?

Sorri.

Não sei. Acho que sim. Mas parece um sonho.

Ela deu uma risadinha, baixou a cabeça e então voltou a me olhar.

Como você soube que eu estava aqui?

Fui até a sua casa, eu disse. *Anne me viu e disse que você estava aqui.*

Bree ergueu a mão e pousou-a no meu rosto, como se estivesse querendo se certificar de que eu realmente estava ali. Fechei os olhos e apoiei o rosto em sua mão. Depois de um instante, Bree abaixou a mão e disse:

Onde você esteve, Archer? O que andou...?

Envolvei suas mãos com as minhas, para impedir que continuasse, e ela me encarou, piscando, surpresa. Soltei-a e ergui as mãos.

Tenho tanto para lhe contar. Tantas coisas sobre as quais precisamos conversar.

Você ainda me ama?, perguntou ela, e seus olhos vulneráveis piscaram mais uma vez, com novas lágrimas tornando a enchê-los. Seu coração estava ali totalmente exposto em sua expressão, e eu a amava tanto que sentia esse amor em cada célula do meu ser.

Nunca vou deixar de amá-la, Bree, eu disse, torcendo para que ela pudesse ver em meus olhos que eu falava do fundo do coração.

Bree examinou meu rosto por alguns segundos, então baixou os olhos por um instante antes de fixá-los no meu peito ao dizer:

Você me abandonou.

Tive que fazer isso, respondi.

Seus olhos voltaram-se para o meu rosto, me estudando atentamente.

Leve-me para casa, Archer, disse ela, e não foi necessário que pedisse duas vezes.

Peguei-a pela mão e comecei a atravessar a multidão de cuja existência eu havia esquecido.

Quando saímos no ar frio da noite, Bree disse:

– Espere, Melanie e Liza...

Elas me viram, eu disse com as mãos. Vão saber que você foi embora comigo.

Bree assentiu.

O motorista trouxe minha caminhonete, que parecia completamente deslocada entre os outros carros. Mas tudo bem. Eu tinha Bree Prescott em meus braços e pretendia mantê-la ali.

Sorri para ela ao ligar a caminhonete. Quando estava me afastando, o cano de descarga produziu um estouro, fazendo com que as pessoas ali perto se assustassem e gritassem, e uma mulher que usava um casaco de pele se jogasse no chão. Devem ter pensado que alguém abria fogo. Fiz uma careta e acenei para eles, pedindo desculpas.

Quando já estávamos na estrada, olhei rapidamente para Bree, que mordida o lábio, tentando reprimir uma risada. Nós nos encaramos, e então voltamos a olhar para a frente. Alguns segundos depois, Bree olhou de novo para mim, jogou a cabeça para trás e começou a gargalhar. Arregalei os olhos, mas não consegui me conter e também caí na gargalhada, enquanto tentava prestar atenção na estrada.

Ela riu tanto que as lágrimas rolavam pelo seu rosto, e eu segurava o peito, tentando controlar a alegria que parecia ter nos dominado.

Depois de algum tempo, voltei a olhar para Bree e vi que as gargalhadas haviam dado lugar a um surto de lágrimas. Parei de rir e fiquei olhando para ela, nervoso, me perguntando que diabos tinha acontecido.

Pousei a mão na perna de Bree e ela a afastou, chorando ainda mais intensamente, parecendo estar com dificuldades de recuperar o

fôlego. Senti uma onda de pânico. O que estava acontecendo? Eu não sabia o que fazer.

– Você ficou longe por três meses, Archer. Três meses! – disse Bree, parecendo engasgar, a voz falhando na última palavra. – Não me escreveu. Não levou o celular. Eu não sabia nem se você estava vivo. Não sabia se tinha agasalho. Ou como estava se comunicando com quem precisava se comunicar. – Ela deixou escapar outro soluço.

Voltei a olhar para Bree e parei o carro no acostamento, em um pequeno recuo de terra perto da margem de um rio. Me virei para Bree no momento em que ela abria a porta da caminhonete e saltava, andando rapidamente pela lateral da estrada em seu vestidinho preto. Que diabos estava fazendo? Desci também e corri para alcançá-la, enquanto Bree cambaleava à minha frente com seus saltos altos.

A lua, grande e cheia acima de nós, iluminava a noite, permitindo que eu a visse claramente à minha frente.

Quando enfim a alcancei, segurei-a pelo braço. Bree parou e se virou para mim, as lágrimas ainda escorrendo pelo rosto.

Não fuja de mim, pedi. Eu não podia ligar para você. Por favor, não fuja de mim.

– Você fugiu de *mim*! – disse ela. – Fugiu de mim e eu fui morrendo um pouco a cada dia! Nem mesmo me avisou se estava em segurança! Por quê?

A voz dela morreu na última palavra, e senti o coração apertado no peito.

Eu não podia, Bree. Se eu tivesse escrito para você ou entrado em contato, não teria conseguido me afastar. E eu precisava, Bree. Você é minha segurança, e eu precisava fazer o que fiz sem me sentir seguro.

Ela ficou parada, em silêncio, por um longo tempo, os olhos nas minhas mãos imóveis, sem fitar meu rosto. Estávamos ambos

tremendo, nossa respiração saindo em nuvens brancas.

Subitamente eu compreendi. Bree estivera contendo os sentimentos que minha ausência lhe causara por três longos meses, e minha volta os trouxera à tona. Eu sabia como era quando a emoção, borbulhando na superfície, nos deixava doentes e fora de controle. Sabia melhor do que ninguém. Fora por isso que precisara partir. Mas agora estava de volta. E agora era a minha vez de ser forte para Bree. Agora, eu finalmente era capaz.

Volte para a caminhonete. Por favor. Deixe-me aquecê-la, então conversaremos.

– Houve outras mulheres?

Balancei a cabeça e suspirei, olhando para os pés, então voltando a encará-la. Inclinei-me e “falei” com as mãos em seu corpo, olhando-a nos olhos, enquanto seus olhos iam do meu rosto para minhas mãos e vice-versa.

Só houve você para mim. Só. Haverá. Você. Para. Sempre.

Bree fechou os olhos e novas lágrimas rolaram pelo seu rosto. Então ela voltou a abri-los e ficamos ambos parados ali, em silêncio, nosso hálito se dissipando à medida que subia para o céu.

– Pensei... – ela meneou a cabeça lentamente – que você talvez tivesse se dado conta de que era solitário – Bree deixou escapar um longo suspiro –, e que teria se apaixonado por qualquer garota que houvesse aparecido na entrada da sua casa naquele dia... e que talvez precisasse descobrir isso.

Bree baixou a cabeça.

Segurei o queixo dela entre os dedos e levantei seu rosto em minha direção. Então baixei a mão e disse:

Não há nada para descobrir. O que eu sei é que você entrou pelo meu portão naquele dia e eu perdi meu coração. Mas não porque poderia ter sido com qualquer garota, e sim porque era você. Perdi meu coração para você. E, Bree, caso esteja se perguntando, não o quero de volta nunca mais.

Ela fechou os olhos novamente, então voltou a abri-los e vi seu corpo relaxar.

– O que você estava fazendo? – perguntou ela finalmente, baixinho, abraçando o próprio corpo com os braços nus.

Por favor, deixe-me aquecê-la, repeti, estendendo a mão para ela.

Ela não disse nada, mas aceitou minha mão e voltamos juntos para a caminhonete. Ajudei-a a entrar, dei a volta até o lado do motorista, entrei e me virei para ela.

Fiquei olhando pela janela atrás de Bree por um instante, pensando em tudo que eu fizera nos últimos três meses, e respondi à pergunta que ela me fizera do lado de fora.

Fui a restaurantes, a cafés... fui ao cinema uma vez.

Sorri timidamente e ela ergueu os olhos para o meu rosto. Então piscou, afastando as lágrimas.

– Foi? – sussurrou.

Eu assenti.

Ela examinou meu rosto por algum tempo antes de perguntar:

– O que você viu?

Thor, soletrei.

Ela riu baixinho e aquele som foi como música para os meus ouvidos.

– Gostou?

Adorei. Vi duas vezes seguidas. Até comprei pipoca e refrigerante, embora houvesse uma fila de pessoas atrás de mim.

– Como você fez? – Ela me encarou com os olhos arregalados.

Tive que apontar e gesticular um pouco, mas o garoto entendeu. Ele era legal. Fiz uma pausa. *Percebi algo depois de um mês que eu partira. Sempre que ia a algum lugar e precisava me comunicar com alguém, e as pessoas viam a minha cicatriz e compreendiam por que eu estava gesticulando, cada uma tinha uma reação diferente. Algumas se sentiam constrangidas, pouco à vontade, outras eram*

gentis, prestativas, e havia até as que ficavam impacientes e irritadas.

A expressão nos olhos de Bree agora era mais suave, e ela ouvia atentamente.

Percebi que a reação das pessoas tem mais a ver com elas, com quem são, do que comigo. Foi como se um raio me atingisse, Bree.

Lágrimas voltaram a escorrer pelo rosto de Bree e ela estendeu a mão e tocou minha perna, deixando a mão ali. Então assentiu.

– Foi assim com meu pai também. O que mais? – perguntou Bree.

Consegui um emprego.

Sorri ao ver a expressão surpresa dela e assenti. *Sim, parei em uma cidadezinha no estado de Nova York e vi um anúncio dizendo que precisavam de homens para descarregar caminhões de entrega no aeroporto. Escrevi uma carta sobre a minha situação, explicando que conseguia ouvir e compreender as orientações e que trabalhava duro, mas que não conseguia falar. Entreguei-a na mão do homem que estava contratando. Ele leu e me contratou na mesma hora.*

Sorri ao me lembrar do orgulho que sentira naquele momento.

Era um trabalho tedioso, mas conheci outro cara lá, Luis, que falava sem parar, me contando a história da sua vida enquanto trabalhávamos. Contou sobre como viera do México sem falar nossa língua, como ainda se esforçava para sustentar a família, mas que eram felizes, que tinham uns aos outros. Ele falava muito. Tive a impressão de que ninguém jamais o escutara.

Sorri novamente ao lembrar do meu primeiro amigo de verdade, além de Bree.

Luis me convidou para passar o Natal na casa dele e a filhinha dele aprendeu alguns sinais antes que eu chegasse, e depois ensinei mais alguns a ela. Sorri ao pensar na pequena Claudia. A menina me perguntou como se dizia amor na linguagem de sinais, e eu soletei seu nome, Bree.

Bree deixou escapar um som abafado, algo entre uma risada e um soluço.

– Então a essa altura ela deve estar andando por aí dizendo “Eu Bree você?” – perguntou ela, sorrindo suavemente.

Assenti.

Sim. Me virei mais para ela, fitando seu rosto. Para mim faz todo sentido. Acho que amor é um conceito, e cada pessoa tem uma palavra única para descrever em que o sentimento se resume para ela. A minha palavra para amor é Bree.

Ficamos nos encarando por um longo tempo, eu me embriagando de sua beleza, de sua doce compaixão. Nenhuma das duas coisas era novidade para mim, mas só agora me dava conta da extensão de ambas.

Finalmente, ela me perguntou:

– O que o fez decidir que era hora de voltar?

Fiquei olhando para Bree por algum tempo, considerando a pergunta.

Estava sentado em um pequeno café, alguns dias atrás, e vi um homem idoso sentado em uma mesa à minha frente. Ele parecia tão solitário, tão triste. Eu também estava, mas de repente me ocorreu que algumas pessoas passam a vida toda sem nunca terem sido amadas ou sem amarem tão profundamente quanto eu amo você. Sempre vai haver a possibilidade de eu perdê-la ao longo da vida. Não há nada que a gente possa fazer em relação a isso. Mas naquele momento decidi que estava mais interessado em me concentrar no grande privilégio que me foi dado de ter você simplesmente.

As lágrimas voltaram a cintilar nos olhos de Bree, que sussurrou:

– E se eu não estivesse mais aqui quando você voltasse?

Então eu teria ido atrás de você. Teria lutado por você. Mas, entenda, eu precisava lutar por mim mesmo primeiro. Precisava sentir que merecia você.

Bree me encarou por um segundo, mais lágrimas aflorando em seus olhos.

– Como se tornou tão brilhante? – perguntou ela, deixando escapar uma risadinha, ainda fungando.

Eu já era brilhante. Só precisava ter alguma experiência de vida. Precisava de Thor.

Ela deixou escapar outra risadinha e sorriu para mim.

Está tentando ser engraçado?

Retribuí o sorriso, e me dei conta de que Bree finalmente estava usando as mãos para se comunicar comigo.

Não, eu jamais faria piada com Thor.

Ela riu, então voltou a me encarar em silêncio, novamente séria.

Também fiquei sério e perguntei:

Por que ficou, Bree? Me fale.

Bree deixou escapar o ar, olhando para as mãos pousadas em seu colo. Por fim, levantou-as e disse:

Porque amo você. Porque esperaria por você para sempre. Ela olhou dentro dos meus olhos, e sua beleza voltou a me tirar o fôlego. *Me leve para casa, Archer,* pediu.

Meu coração disparou enquanto eu ligava o motor da caminhonete e voltava para a estrada. Seguimos o resto do caminho em um silêncio confortável. Quando estávamos quase lá, Bree estendeu a mão, pegou a minha e continuamos o resto do caminho de mãos dadas.

Estacionei na frente de casa, atravessamos o portão e descemos até a porta da frente, sem dizer uma palavra.

Quando entramos e ela se virou para mim, falei:

Você manteve a casa limpa.

Bree olhou ao redor, como se estivesse lembrando, e então assentiu.

Por quê?, perguntei.

Ela pareceu pensar a respeito.

Porque me dava a sensação de que você estava voltando para casa, de que ia chegar logo.

Senti o coração apertado.

Me desculpe, Bree.

Ela balançou a cabeça e levantou os olhos arregalados e vulneráveis para mim.

Não me deixe de novo, por favor.

Balancei a cabeça e me aproximei mais dela.

Nunca mais, falei, e tomei-a nos braços.

Ela ergueu a boca em busca da minha e coleí os lábios aos dela, gemendo silenciosamente com o sabor de Bree ao deslizar minha língua para dentro de sua boca. Não pude evitar o tremor que percorreu meu corpo quando o sabor de pêssego e de Bree explodiu em minha língua. Meu pênis ficou rígido na mesma hora e pressionei-o contra o corpo dela. Bree suspirou dentro da minha boca e, por mais impossível que fosse, fiquei ainda mais rígido. Parecia que uma vida se passara desde a última vez que estivera dentro dela.

Bree afastou a boca da minha e disse:

– Senti tantas saudades suas, Archer. Tantas.

Soltei-a por um instante e falei:

Também senti saudades suas, Bree. Demais.

Comecei a descer a boca sobre a dela novamente quando Bree levou as mãos aos meus cabelos e comentou:

– Está mais comprido. Vamos ter que cortá-lo de novo. – Ela sorriu. – Dessa vez, talvez você não me expulse da sua casa quando tentar molestá-lo de novo.

Ri silenciosamente, então ergui as mãos.

Há uma grande possibilidade de eu não fazer isso. Agora, Bree, vou parar de falar e usar as mãos para outras coisas, ok?

Seus olhos se arregalaram, os lábios se entreabrindo ligeiramente quando ela sussurrou:

– Ok.

Peguei-a no colo e a carreguei pelo corredor até o meu quarto, onde a coloquei de pé ao lado da cama.

Tirei os sapatos, desfiz o nó da gravata e comecei a desabotoar a camisa, enquanto ela também descalçava os sapatos de salto alto e se virava de costas para que eu abrisse o zíper do vestido.

Abaixei lentamente o zíper, expondo cada vez mais a pele. As marcas de biquíni haviam sumido e a pele de Bree tinha um tom mais cremoso e claro do que da última vez que a vira. Ela era tão linda. E minha, toda minha. Uma profunda satisfação me invadiu, e a ânsia desesperada que eu sentia de estar dentro dela se elevou a outro nível.

Bree se virou para mim e deixou o vestido preto cair aos redor dos pés. Meu pênis latejava quando ela levantou os olhos semicerrados para mim, entreabrindo novamente os lábios rosados.

Abaixei, tirei as meias, então endireitei o corpo, abri o cinto e desabotoei a calça. Deixei a roupa cair no chão e chutei-a para o lado. Bree umedeceu os lábios e olhou para a minha ereção, voltando em seguida para o meu rosto. Seus olhos cintilavam, as pupilas dilatadas.

Estendi a mão, abri o fecho do sutiã sem alças que ela usava e o deixei cair no chão. Senti a ponta do membro úmida quando segurei os seios perfeitos, os mamilos rosados já rígidos e implorando pela minha boca.

Olhei para trás dela e fiz um gesto com a cabeça, indicando a cama. Bree se deitou de costas e eu abaixei o corpo sobre o dela, colando pele com pele. O calor de Bree me acariciava, fazendo com que ondas de puro prazer percorressem minha espinha. Seus olhos me diziam que eu era amado. Eu era amado pela linda mulher deitada debaixo de mim, me convidando a entrar em seu corpo.

Todas as outras vezes que eu fizera amor com ela, minha cabeça gritara desesperadamente: *Minha!*, mas agora eu sentia a mesma

coisa com tranquilidade, como uma verdade reconfortante. Minha, minha, sempre minha.

Inclinei a cabeça e capturei um dos mamilos na boca, usando a língua para brincar com ele enquanto Bree gemia e pressionava os quadris contra meu pênis rígido. Ah, meu Deus! Como isso era bom. O sabor dela, a sensação da pele quente e sedosa sob a minha, a certeza de que eu logo penetraria o calor apertado de seu sexo... mas não tão rápido. Queria que aquele momento durasse.

Suguei e lambi os mamilos dela por vários minutos, enquanto Bree corria os dedos pelos meus cabelos, puxando-os de leve. Meu corpo se contraía de encontro à barriga dela segundo sua própria vontade, tentando aliviar a intensa pulsação em meu membro.

Bree arqueou as costas e deixou escapar um gemido profundo.

– Archer, ah, meu Deus, por favor – disse em um sussurro.

Estendi a mão para suas dobras e senti a umidade que indicava que Bree estava pronta, mais do que pronta, para me receber. Usei parte dessa umidade para esfregar o clitóris dela, massageando-o delicadamente em círculos lentos, fazendo-a arquejar.

– Ah, Deus, Archer, por favor, ainda não quero gozar. Quero gozar com você dentro de mim, por favor.

Voltei a capturar os lábios dela, a língua de Bree dançando com a minha, macia, úmida e inacreditavelmente deliciosa. Nunca me saciaria da boca de Bree... ou da própria Bree.

Segurei o pênis, posicionei-o na entrada do sexo dela e a penetrei, preenchendo-a inteiramente em uma investida profunda. Fechei os olhos quando a sensação deliciosa me invadiu e a carne de Bree cercou a minha com força. Fiquei parado por alguns instantes.

Bree pressionou o corpo para cima, contra o meu, pedindo silenciosamente que eu me movesse. E foi o que fiz. Ela estava tão úmida que foi fácil deslizar para dentro e para fora. A fricção entre nossos corpos provocava um prazer além das palavras.

A princípio, eu me movia lentamente, sentindo um alívio tão

grande por estar dentro dela que não queria que aquele momento terminasse nunca. Mas depois de um minuto, meu próprio corpo exigiu mais, e então acelerei a velocidade das minhas arremetidas.

Bree gemeu e disse, ofegante:

– Sim.

Ela fechou os olhos e pressionou a cabeça contra o travesseiro. Minha, minha, sempre minha, cantava a minha mente enquanto eu a penetrava e observava o prazer tomar conta do rosto lindo, os cabelos espalhados ao redor da franha branca, como uma deusa, um anjo, os seios pequenos e brancos oscilando com o meu movimento.

Continuei a penetrá-la, sustentando o peso do meu corpo nos braços, enquanto ouvia seus arquejos e gemidos de prazer. Passei um braço sob a parte de trás do joelho direito de Bree e ergui sua perna, para que pudesse penetrar ainda mais fundo. Bree gemeu outra vez, agarrando meu traseiro com as unhas. Como eu gostava daquilo.

Depois de alguns minutos, o rosto de Bree ficou corado, um sinal do clímax iminente, eu sabia, e ela abriu os olhos.

Ela passou as mãos nos meus bíceps rígidos, os olhos turvos, os lábios formando um O silencioso, pouco antes de eu sentir seus músculos internos apertarem meu membro com mais força, em espasmos. Ela ofegou e arqueou o corpo contra o meu, a linda expressão de satisfação deslizando sobre seu rosto. Bree gemeu baixinho e seu corpo relaxou.

Ela olhou para mim com ar sonhador enquanto eu continuava a penetrá-la e disse baixinho:

– Eu te amo.

Eu te amo, repeti silenciosamente, então fechei os olhos e senti os primeiros arrepios na espinha.

Fiquei de joelhos na cama, passei as mãos por baixo do corpo de Bree, agarrando o traseiro dela e inclinando-o de modo a conseguir penetrá-la ainda mais fundo do que antes. Eu arremetia com força e

rápido agora, o prazer aumentando mais e mais.

– Ah, Deus! – arquejou Bree, pressionando o corpo contra o meu enquanto eu via outro orgasmo percorrê-la.

Bree me encarava com os olhos arregalados. Eu teria sorrido diante da sua expressão de choque, mas o prazer que circulava pelo meu abdome, comprimindo meus testículos e tornando meu membro ainda mais rígido e grande com o orgasmo iminente era tão intenso que eu estava quase perdendo o controle.

Arremeti uma vez, duas e então meu mundo explodiu em milhões de pontos de luz, o próprio ar parecendo cintilar ao meu redor, enquanto um êxtase intenso e profundo percorria todo o meu corpo, meu pênis se contraindo dentro de Bree no momento em que eu gozava.

Quando voltei a mim, Bree ainda estava me olhando com aquela expressão maravilhada. Eu só podia imaginar que meu rosto tivesse a mesma expressão. Saí de dentro dela, segurei meu membro semirrígido e o usei para esfregar meu esperma, que agora escorria de dentro dela, ao redor do clitóris e das dobras de Bree.

Não sabia por que estava fazendo aquilo, era quase por instinto, nada que eu tivesse premeditado. Mas estava fascinado pelo que acabáramos de compartilhar, e a visão de Bree comigo, com a prova do meu prazer espalhada por ela me excitou, me deu um sentimento de posse tranquilo que adorei.

Voltei a olhar para Bree. O rosto dela agora estava mais calmo e ela parecia sonolenta e satisfeita, os olhos semicerrados, a expressão ainda cheia de amor.

Soltei o pênis e disse:

Eu te amo.

Bree sorriu para mim, ergueu os braços e me puxou para ela, acariciando minhas costas até eu sentir que corria o risco de adormecer em cima dela. Beijei seus lábios rapidamente, então me levantei e a puxei comigo para o banheiro, onde tomamos banho,

lavando um ao outro, não com segundas intenções dessa vez, apenas com amor e ternura.

Quando terminamos, nos secamos, voltamos para a cama e nos enfiamos nus embaixo das cobertas. Puxei Bree para junto do meu corpo e a abracei, experimentando uma felicidade que jamais tivera na vida.

Virei-a para que me encarasse e levantei as mãos:

Um dia, falei, quando estivermos velhos e com os cabelos grisalhos, vou olhar para você deitada ao meu lado, exatamente assim, e vou olhar em seus olhos e saber que nunca houve mais ninguém além de você. E essa vai ser a grande alegria da minha vida, Bree Prescott.

Ela sorriu e seus olhos se encheram do que eu sabia serem lágrimas de felicidade. Puxei-a para junto do peito, abraçando-a com força, inspirando seu perfume.

Um pouco mais tarde, despertei por um breve segundo quando ouvi fogos de artifício a distância. Sonolento, percebi que era meia-noite e um novo ano, um novo começo. Puxei minha linda garota para mim, ela suspirou dormindo e eu fechei os olhos. Estava em casa.

capítulo 33

BREE

Só deixamos a casa de Archer duas vezes nos dois dias seguintes – para nossa sorte, os dois dias de folga que eu tinha seguidos naquela semana. Fomos até o mercado uma vez, na manhã seguinte ao retorno de Archer e pegamos Phoebe na volta. E, naquela noite, fomos jantar do outro lado do lago. O orgulho nos olhos de Archer quando ele pediu uma taça de vinho para mim e uma Coca para si mesmo me fez sorrir e piscar para ele. Era lindo vê-lo se encontrando e eu me sentia privilegiada por testemunhar isso. Tinha vontade de suspirar e desfalecer diante do charme fácil e do sorriso lindo de Archer, e percebi que a garçonete que nos atendia se sentia da mesma forma ao relancear o olhar para a cicatriz e se desmanchar em cima dele a noite toda. Mas não me importei. Na verdade, adorei. Como poderia culpá-la? Como Natalie dissera, Archer fazia as mulheres terem vontade de agarrá-lo. Mas ele era meu. E eu era a garota mais sortuda do mundo.

Conversamos um pouco mais sobre o que ele fizera nos três meses em que estivera longe, as pessoas que conhecera, os quartos que alugara, como a solidão que sentira não fora menor do que antes, mas diferente. A diferença, concluíra Archer, era que ele finalmente tinha *a si mesmo*, e que era mais capaz do que soubera ou acreditara.

Preciso tirar a carteira de motorista, disse ele durante o jantar.
Assenti.

– Sim, eu sei, motorista ilegal – comentei, erguendo uma sobrancelha.

Ele sorriu, os olhos fixos no prato.

Se Travis me pegar, vai me trancar na cadeia e jogar a chave fora. Ele ergueu ambas as sobrancelhas. *Por falar nisso, você tem visto Travis? Ele tentou falar com você?*

A expressão no rosto de Archer era cautelosa.

Fiz que não com a cabeça.

– Algumas vezes, mas eu o evitei. Fui seca e ele não insistiu. E Victoria Hale está em um silêncio sepulcral.

Archer me observou por um instante, então assentiu.

Eu a deixei sozinha para enfrentar a confusão toda. Sinto muito. Mas é a mim que Tori odeia, não você. Acho que pensei que seria mais fácil para você nesse sentido também, se eu não estivesse por perto. Ele desviou o olhar por um instante, então voltou a me encarar. *Vou conversar com Travis e Tori. Queria saber se você se incomodaria de vir comigo e servir de intérprete.*

Pisquei, surpresa.

– É claro que vou, Archer, mas o que exatamente pretende dizer a eles?

Estou pensando em tomar posse da terra, Bree... da cidade.

Os olhos dele permaneceram fixos nos meus, esperando minha reação.

Fiquei boquiaberta por um instante.

– Você está pronto para isso? – sussurrei.

Não sei, disse ele, parecendo pensativo de novo. *Talvez não... mas tenho a sensação de que poderia estar. Acho que talvez algumas pessoas na cidade possam me ajudar a tornar a missão um pouco mais fácil: Maggie, Norm, Anne, Mandy e alguns outros. É isso que fará a diferença. É isso que me faz pensar que eu deveria pelo menos tentar.*

Ele deu uma garfada e depois continuou:

Meus pais cometeram muitos erros, até o fim. Mas eram pessoas boas e amorosas. Meu tio Marcus não era uma boa pessoa e Travis é bastante questionável também. E Victoria é a pior de todos. Eles não merecem ganhar aqui. Talvez eu também não mereça, mas talvez sim. E essa mera possibilidade me faz querer tentar.

Estendi a mão e peguei a dele, sentindo uma onda de orgulho.

– O que precisar, estou com você. O que quer que seja.

Ele sorriu para mim e continuamos a comer em silêncio por algum tempo, antes que eu me lembrasse da ligação que recebera do investigador de Ohio no dia do desfile. Conteí a Archer a respeito e ele pareceu preocupado.

Saiu sob fiança? Você pode estar correndo perigo?

Balancei a cabeça, negando.

– Não, acho que não. Ele não tem ideia de onde estou e está cercado de advogados. A polícia sabe quem ele é. É só... decepcionante que o processo demore tanto. Queria que essa história estivesse terminada, e agora provavelmente vai haver um grande julgamento e eu terei que voltar a Ohio. – Balancei novamente a cabeça.

Archer segurou minha mão e a apertou com carinho. Então falou:

Então irei com você. E ele será condenado. Tudo estará terminado. Nesse meio-tempo, você está segura aqui comigo, bem do meu lado.

Sorri, sentindo a ternura me invadir.

– Não há outro lugar em que eu queira estar – sussurrei.

Nem eu, afirmou ele.

Terminamos o jantar e voltamos para a casa de Archer, onde passamos o resto daquela noite e a maior parte do dia seguinte na cama, redescobrimo o corpo um do outro e nos embebedando da presença um do outro. A felicidade nos cercava. O futuro parecia iluminado e cheio de esperança e, naquele momento, o mundo era perfeito.



Na manhã seguinte, acordei cedo, me soltei do corpo de Archer e com um beijo suave me despedi dele enquanto ele dormia. Mas Archer estendeu o braço e me puxou de volta. Ri alto e ele abriu um sorrisinho de lado, sonolento. Meu coração deu um salto diante da beleza absurda daquele sorriso, tão cedo de manhã, e eu disse:

– Fique aqui, exatamente como está. Voltarei assim que puder.

Archer abriu apenas um olho e assentiu, concordando. Ri de novo, me levantei e fui rapidamente em direção à porta, antes que resolvesse abandonar o trabalho de vez.

Quando já estava saindo do quarto, me virei mais uma vez para olhá-lo. Archer sorriu para mim, levantou as mãos e disse:

Você me faz muito feliz, Bree Prescott.

Parei na porta, inclinei a cabeça e sorri para ele também. Alguma coisa naquele momento pareceu muito importante. Algo me disse para ficar bem ali e desfrutá-lo, guardá-lo com carinho. Não entendi muito bem a sensação, mas apoiei a cabeça no batente da porta e fiquei apenas olhando-o por um minuto.

– Vou continuar fazendo você feliz, Archer Hale.

Então sorri e saí do quarto.

Tínhamos planos para Archer me encontrar na lanchonete para almoçarmos cedo, antes que a maioria dos fregueses começasse a chegar para o almoço. Portanto, sabia que o veria logo. Não sentiria saudades por muito tempo.

A lanchonete estava muito movimentada naquela manhã e as horas voaram. Por volta das 10h45, servi o último café da manhã especial e comecei a fazer a limpeza.

– Ei, Norm – chamei –, como foi a aceitação daqueles cupcakes de veludo vermelho enquanto eu estava de folga?

Eu tinha assado uma fornada deles na véspera do ano-novo,

antes de sair da lanchonete. Aquilo parecia ter acontecido há milhões de anos. Saíra daqui ansiando por Archer do fundo do coração e voltara deixando-o na cama. Meu homem silencioso, lindo e forte. Eu estava muito orgulhosa dele.

– As pessoas pareceram gostar deles – disse Norm. – Talvez você devesse assar uma nova fornada.

Sorri. Aquilo significava que os cupcakes tinham feito sucesso e que ele ficaria grato se eu fizesse mais. Havia aprendido recentemente que, com frequência, o amor era uma questão de aprender a falar a língua da outra pessoa.

– Vai se sentar aqui comigo para tomar uma xícara de café? – perguntou Maggie, enquanto eu arrumava dois frascos de ketchup. – Acho que você me deve pelo menos umas três horas de atualizações. Mas vou aceitar a versão de quinze minutos.

Ela riu. Eu retribuí o sorriso.

– Na verdade, Maggie, Archer vai chegar aqui em cerca de quinze minutos. Que tal a versão de trinta minutos logo depois do almoço?

Ela bufou, brincando.

– Tudo bem. Acho que vou ter que me contentar com isso.

Maggie fingiu estar aborrecida, mas eu ri, porque a expressão no rosto dela mais cedo naquela manhã e as lágrimas que haviam escorrido por seu rosto tinham me dito tudo o que eu precisava saber. Maggie estava feliz por mim e aliviada por Archer ter voltado são e salvo.

O sino da porta soou alguns minutos depois e o homem em questão ficou parado ali, sorrindo para mim. Lembrei do dia, meses antes, em que Archer reunira coragem pela primeira vez para passar por aquela porta e o observei agora. O rosto tinha a mesma expressão doce e carinhosa quando ele me viu e sorriu, mas agora sua postura deixava claro que ele se sentia confiante no fato de que seria bem-vindo.

Eu me permiti ficar apenas olhando embevecida para ele por alguns segundos, antes de sair de trás do balcão e me atirar em seus braços. Archer girou comigo e eu ri. Então ele me colocou no chão e olhou timidamente para Maggie.

Ela acenou para afastar qualquer constrangimento.

– Não parem por minha causa. Nada me faz mais feliz do que ver vocês dois juntos. Bem-vindo, Archer.

Ele inclinou a cabeça e sorriu, então levantou os olhos quando Norm veio dos fundos.

– Por que vocês dois não param de dar espetáculo e vão se sentar naquela mesa lá nos fundos? Tem bastante privacidade ali.

Ele olhou para Archer e suas feições se suavizaram um pouco.

– Archer – disse –, você está com um ótimo aspecto.

Archer sorriu para Norm e estendeu a mão para apertar a do outro homem. Então sorriu para mim e retribuí o sorriso, o coração repleto de felicidade.

– Vamos? – perguntei.

Sentamos à mesa que ficava na parte de trás da lanchonete e Maggie perguntou:

– O que posso servir a vocês?

– Não se preocupe, Maggie – respondi. – Em um instante vamos pedir o almoço.

– Está certo – disse ela, voltando a se sentar à mesa onde fazíamos o intervalo.

Estendi a mão sobre a mesa e peguei a de Archer no instante em que o sino acima da porta voltou a tocar. Ergui os olhos e senti o sangue gelar nas veias, minha pele se arrepiando toda e um som estrangulado escapando de minha garganta. Era *e/e*.

Não. Ah, meu Deus. Não, não, não. Eu tinha a sensação de que sinos tocavam muito alto nos meus ouvidos e fiquei paralisada.

Os olhos desviados dele encontraram os meus quase no mesmo instante e uma expressão de puro ódio se apossou de seu

rosto.

Isso não está acontecendo. Isso não está acontecendo, eu repetia sem parar em minha mente, enquanto sentia o vômito subindo pela garganta. Consegui engolir e deixei escapar outro grunhido.

Archer virou a cabeça na direção em que meus olhos estavam fixos e se levantou imediatamente quando viu o homem atrás de mim. Eu também me levantei, mas minhas pernas tremiam tanto que eu não sabia se conseguiriam me sustentar de pé, uma onda de adrenalina percorrendo meu corpo.

O homem parecia nem sequer ver Archer, à minha frente, um pouco mais para a direita. Os olhos dele estavam fixos apenas em mim.

– Você arruinou a minha vida, sua vadia – disse entre dentes. – Sabe quem eu sou? Meu pai ia passar o controle da empresa para *mim* antes que você me acusasse. Acha que vou deixar que se safe enquanto eu perco tudo?

Minha mente gritava, e o som alto do sangue latejando nos meus ouvidos não me deixava compreender direito o que ele estava dizendo.

Os olhos do homem estavam injetados e muito brilhantes, assim como da última vez. Ele estava drogado. Ou isso ou era completamente louco.

Por favor, por favor, chame a polícia, Maggie. Ah, meu Deus, como isso era possível?

Então tudo aconteceu em um instante. Alguma coisa brilhou na mão do homem e o salão da lanchonete pareceu se inclinar para um dos lados quando me dei conta de que era um revólver. Ele ergueu a arma e a mirou diretamente em mim. Vi um clarão de fogo no momento em que Archer jogava o corpo na frente do meu, batendo em mim e me derrubando, eu caindo logo atrás de Archer.

Então ouvi outro disparo e a voz de Travis gritando no rádio:

– Preciso de ajuda!

Eu me arrastei para trás, percebendo imediatamente que o homem que atirara em mim estava caído no chão, imóvel, e que Archer também não estava se mexendo. Deixei escapar um soluço estrangulado e me lancei para a frente, na direção dele. Archer estava deitado de lado, o rosto virado para o chão. Puxei-o para que ficasse de costas e soltei um grito angustiado quando vi que a frente da camisa dele já estava ensopada de sangue.

Ah, não! Ah, Deus, não. Por favor, não.

Meus soluços se misturaram a todo o barulho que começava ao meu redor agora: passos, o que pensei ser o choro baixo de Maggie, a voz grave de Norm e cadeiras sendo arrastadas. Mas meus olhos não deixaram Archer.

Puxei-o para mim e fiquei embalando seu corpo e passando mão por seu rosto enquanto sussurrava sem parar:

– Agente firme, meu amor, agente firme. Eu te amo, Archer, eu te amo. Não ouse me deixar agora.

– Bree – ouvi Travis dizer baixinho, enquanto o som de uma ambulância ia ficando mais alto lá fora. – Bree, deixe-me ajudar você a se levantar.

– Não! – gritei, puxando Archer mais para perto de mim.

Embalei-o um pouco mais, colando meu rosto ao dele, sentindo a pele áspera contra a minha e sussurrando outra vez:

– Não me deixe, eu preciso de você, não me deixe.

Mas Archer não me ouviu; ele já não ouvia mais nada.

capítulo 34

Você trouxe o silêncio,
O som mais lindo que já ouvi,
Porque era onde você estava,
E agora você o levou embora.
E todos os ruídos, todos os sons do mundo,
Não são altos o bastante para penetrar meu coração partido.
Olho para as estrelas, infinitas e eternas, e sussurro:
Volte para mim,
Volte para mim,
Volte para mim.

capítulo 35

BREE

A cidade inteira se reuniu em homenagem a Archer Hale.

Os moradores de Pelion, dos mais jovens aos mais velhos, se juntaram para mostrar seu apoio ao homem que fora uma parte silenciosa daquela comunidade desde o dia em que nascera. Sua ferida muda, o isolamento que passara anos despercebido por todos, agora tão bem compreendido, e, por fim, seu coração generoso e seu ato de bravura, levaram lojas a fecharem e pessoas que raramente saíam de casa a se unir aos outros moradores na maior demonstração de apoio que a cidade já vira. Uma pequena e silenciosa estrela, sempre à margem, mal percebida antes, brilhara tão intensamente que toda a cidade parara para apreciar esse brilho, e enfim abriu os olhos para acolher Archer como parte de sua pequena constelação.

Ouvi várias vezes que a minha história com Archer fizera as pessoas desejarem ser melhores, que ela as inspirara a estender a mão para os que ninguém via, a serem mais receptivas a quem não tinham amigos, a olhar mais detidamente para as outras pessoas, a reconhecer a dor do outro quando deparavam com ela e a fazerem algo para acabar com essa dor, se pudessem.

Naquele dia frio de fevereiro, entrei no salão de braços dados com Maggie de um lado e Norm do outro. Ocupamos nossos lugares e as pessoas sorriam gentilmente para mim e acenavam com a cabeça. Eu sorria e acenava de volta. Aquela, agora, era a minha

comunidade também. Eu também era parte daquela constelação.

Do lado de fora, a chuva começara a cair e ouvi o som de um trovão a distância. Mas não tive medo. *Quando uma tempestade cair*, eu dissera a ele, *vou pensar apenas em você, em mais nada além de você*. E sempre fiz isso. Sempre.

Archer fora embora uma vez antes – três longos meses em que senti sua falta desesperadamente todos os dias. Dessa vez, ele se fora por três semanas inteiras. Archer entrou em coma profundo e os médicos não tinham como me dizer quando acordaria ou mesmo se acordaria. Mas eu esperei. Sempre esperaria. Rezei e murmurei aos céus todas as noites: *volte para mim, volte para mim, volte para mim*.

Em outro dia chuvoso no fim de janeiro, no exato momento em que o relâmpago cintilava em seu quarto de hospital e o trovão ribombava, Archer abriu os olhos e olhou para mim. Meu coração também pareceu trovejar em meus ouvidos, mais alto do que o barulho do lado de fora e eu me levantei de um pulo da cadeira em que estava sentada e corri para o lado dele.

– Você voltou – falei, engasgada.

Peguei suas mãos e levei-as aos lábios, beijando-as sem parar, as lágrimas caindo sobre os dedos de Archer, sobre suas lindas mãos, que guardavam nelas toda uma linguagem, que me permitiam saber o que se passava no coração e na mente dele. Eu amava aquelas mãos. Eu o amava. Minhas lágrimas continuaram a cair.

Archer ficou apenas me olhando por vários minutos antes de retirar as mãos das minhas e dizer lentamente, com os dedos desenhando rigidamente os sinais:

Voltei para você.

Deixei escapar um riso estrangulado, apoiei a cabeça em seu peito e o abracei com toda a minha força, enquanto as enfermeiras entravam apressadas no quarto.

E agora toda a cidade aguardava enquanto Archer caminhava na

direção do palco, os movimentos ainda rígidos por causa das ataduras que envolviam seu torso e das cirurgias que tivera que fazer para reparar órgãos internos.

Olhei ao redor mais uma vez. Travis estava no fundo do salão, ainda de uniforme, vindo de seu turno. Encontrei seu olhar e o cumprimentei com a cabeça. Ele retribuiu o cumprimento e sorriu. Eu ainda não estava certa de como me sentia em relação a Travis, mas ele merecia meu respeito por seu próprio ato de heroísmo naquele dia terrível.

Recentemente fora descoberto que o homem que me encontrara naquele dia, Jeffrey Perkins, havia se viciado em heroína e tinha sido banido da família. Ele aparecera na delicatessen da nossa família naquela noite atrás de dinheiro para uma dose.

O traficante que lhe fornecia a droga o havia entregado como parte de um acordo para salvar a própria pele. Ao que parecia, Jeffrey o procurara naquela noite, todo sujo de sangue e balbuciando alguma coisa sobre ter atirado em um homem em uma delicatessen.

Ele começara a se recuperar e o pai havia começado a aceitá-lo de volta na família quando eu o identificara na foto.

Depois da prisão, o pai o deserudara novamente e ele voltara às drogas.

Travis havia confrontado a mãe. Ele era um bom policial, com bons instintos, e reconhecera que a mãe era uma mulher vingativa, cheia de ódio e amargura, que faria qualquer coisa para manter o que via como seu por direito: a cidade, o dinheiro, o respeito e a posição social.

Travis também estivera presente quando a mãe ouvira minha conversa no telefone sobre a prisão de Jeffrey Perkins. E juntara as peças do quebra-cabeça.

De que outra maneira um viciado em heroína, sob o efeito da droga, teria me encontrado na lanchonete naquele dia terrível?

Tínhamos subestimado o ódio que Victoria sentia por mim, a pessoa que, na prática, acabara com toda a manipulação que ela conseguira manter ao longo dos anos.

Quando Travis me procurara para contar que havia confrontado a mãe e que ela negara ter relação com o ocorrido, uma negativa em que ele não acreditava, revelou que dissera a Victoria que fosse embora da cidade, caso contrário ele abriria uma investigação contra ela. Mesmo sabendo que Travis não tinha provas suficientes para um processo, não restava mais nada para Victoria em Pelion a não ser a vergonha.

Com a partida dela e a ausência de um gestor para o fundo, Archer herdara o dinheiro e as terras da família Hale um ano antes de seu aniversário de 25 anos.

Travis parecia abatido, a barba por fazer e quase entorpecido, como se não estivesse dormindo. Ele tinha seu próprio histórico de manipulação da vida de outras pessoas. Mas, afinal, aprendera com a melhor. No entanto, no fundo, eu não achava que Travis quisesse causar mal de verdade a ninguém. A mãe dele era outra história. Tinha a impressão de que ver Victoria como ela realmente era e saber o que ela era capaz de fazer, transformara Travis de forma dramática. Havia uma tristeza profunda em seus olhos e ele me dera a informação sobre a mãe em um tom sem expressão, e então se fora, me deixando novamente entregue à minha dor, no hospital, esperando que Archer voltasse para mim.

Houve um burburinho no auditório quando Archer se aproximou do curto lance de escada.

Norm, de pé a um lado, usou a linguagem de sinais para dizer a Archer: *Acabe com eles*, então ergueu o queixo para ele, a expressão muito séria. A surpresa foi visível no rosto de Archer, que assentiu. Mordido o lábio, reprimindo um soluço.

A Sra. Aherne, a bibliotecária da cidade, que havia feito centenas de empréstimos de livros a Archer nos últimos quatro anos,

abrangendo assuntos que iam desde a maçonaria até a linguagem de sinais, mas que nunca lhe fizera uma única pergunta nem tentara se aproximar de nenhuma forma, também disse por sinais:

Estamos todos com você, Archer.

Lágrimas cintilavam nos olhos dela e a expressão em seu rosto me fez perceber que a mulher desejava ter agido de outra forma. Archer sorriu para ela, assentiu e sinalizou de volta: *Obrigado.*

Já no palco, atrás do pódio, Archer acenou com a cabeça para o intérprete, parado à sua direita, um homem contratado para ajudá-lo quando precisasse se dirigir à cidade inteira em ocasiões como aquela.

Archer começou a mover as mãos e o intérprete começou a falar. Mas meus olhos estavam fixos em Archer, observando suas mãos voarem, tão graciosas e seguras em cada um de seus movimentos. Senti meu coração se encher de orgulho.

Obrigado a todos vocês por virem, disse ele, fazendo uma pausa para olhar ao redor. O terreno onde está construída esta cidade está na minha família há muito tempo, e pretendo cuidar dele como fez cada Hale antes de mim – com a consciência e a convicção de que cada pessoa que vive aqui é importante, que cada um de vocês tem um voto no que acontece e deixa de acontecer em Pelion. Ele voltou a correr os olhos pela multidão, fitando intencionalmente cada rosto, antes de prosseguir. *Afinal, Pelion não é o terreno sobre o qual foi construída, mas as pessoas que andam em suas ruas, administram suas lojas, vivem e amam em suas casas.* Nova pausa. *Acho que vão descobrir que sou um senhorio aprazível, e já me disseram que sou um bom ouvinte.* As pessoas riram baixinho, e Archer pareceu tímido por um instante, baixando os olhos antes de continuar. *Haverá uma votação esta noite acerca do projeto de desenvolvimento previsto para a cidade. Sei que alguns de vocês têm opiniões muito passionais a respeito, mas gostaria que todos soubessem que, se em algum momento do futuro tiverem alguma preocupação ou*

sugestão, minha porta estará sempre aberta.

A plateia continuava a observá-lo, sorrindo e assentindo sua aprovação, procurando os olhos uns dos outros e assentindo para eles.

Por fim, Archer voltou a encarar a multidão e os murmúrios cessaram completamente quando os olhos dele encontraram os meus. Sorri, encorajando-o, mas ele continuou apenas a me olhar por alguns segundos, antes de voltar a levantar as mãos.

Estou aqui por você. Estou aqui por sua causa. Estou aqui porque você me viu, não apenas com seus olhos, mas com seu coração. Estou aqui porque você quis saber o que eu tinha a dizer e porque estava certa... todo mundo precisa de amigos.

Eu ri baixinho, secando uma lágrima do rosto. Archer continuou com o olhar fixo em mim, os olhos cheios de amor.

Estou aqui por sua causa, repetiu ele, *e sempre estarei aqui por sua causa.*

Deixei escapar um suspiro profundo, as lágrimas agora escorrendo livremente pelo rosto. Archer sorriu com carinho para mim e tornou a olhar para a multidão.

Obrigado mais uma vez por estarem aqui, pelo apoio de vocês. Espero ansioso conhecer melhor a todos, encerrou ele.

Um aplauso isolado começou no fundo do salão, então vários outros se juntaram a ele até que todo o salão estava aplaudindo e assoviando. Archer sorriu e abaixou os olhos, envergonhado. Eu derramei mais algumas lágrimas, agora misturadas com o riso. Algumas pessoas se levantaram e logo foram seguidas por outras. Em um instante, toda a plateia estava de pé, aplaudindo Archer vigorosamente.

E, enquanto ele sorriu para a multidão, seus olhos voltaram a pousar em mim, e ele levantou as mãos e disse:

Eu Bree você.

Eu ri e respondi:

Eu Archer você. Meu Deus, eu Archer muito você!

Então ele trocou um aperto de mãos com o intérprete e desceu do palco. Eu me levantei e, quando passei por Maggie, ela apertou minha mão. Fui até Archer, determinada e, quando nos encontramos, ele me puxou para os seus braços e, apesar das ataduras, girou comigo, rindo silenciosamente de encontro aos meus lábios, os olhos castanho-dourados cheios de ternura e amor.

E pensei comigo mesma: A voz de Archer Hale era uma das coisas mais bonitas no mundo inteiro!

Epílogo

Cinco anos depois

Observei minha esposa se balançar preguiçosamente na nossa rede, um dos pés arrastando de leve na grama, enquanto ela ia para a frente e para trás sob o sol de verão. Ela enrolava um cacho de seu cabelo castanho-dourado em torno de um dedo delicado, a outra mão passando as páginas do livro apoiado na barriga protuberante.

Um orgulho feroz de macho me dominou enquanto eu olhava para a minha Bree, a mulher que amava a mim e aos nossos filhos com todo o seu coração.

Nossos gêmeos de 3 anos, Connor e Charlie, brincavam na grama, ali perto, girando até ficarem tontos, as gargalhadas se derramando alegremente de suas boquinhas quando caíam na grama. Meninos...

Nós os havíamos batizado em homenagem aos nossos pais, homens que haviam nos amado com tanta devoção que, quando encararam perigos potencialmente fatais, o único pensamento deles fora nos salvar. Eu entendia bem isso. Afinal, agora também era pai.

Fui caminhando lentamente até Bree e, quando ela me viu, virou o livro aberto sobre a barriga, deitou a cabeça para trás e ficou me olhando com um sorriso nos lábios e uma expressão sonhadora.

Você chegou.

Me abaixei ao lado da rede e disse:

A reunião foi rápida.

Eu estivera no banco negociando a compra de um terreno que

ficava nos limites da cidade. Correria tudo bem.

Logo depois de eu ter assumido as terras da família, cinco anos atrás, Pelion havia votado contra os planos de expansão que Victoria Hale vinha desenvolvendo. Mas, na verdade, os moradores não eram contra o crescimento da cidade, nem contra trazer mais negócios para ela, eles só não queriam o tipo de expansão que Tori Hale tinha em mente. Por isso, quando propus a abertura de várias pousadas, todas com o toque singular e histórico que a cidade sempre amara, a maioria esmagadora dos moradores votara a favor.

A quarta pousada seria erguida no terreno que eu acabara de comprar naquela manhã.

A cidade estava desabrochando, os negócios crescendo, e eu acabei me tornando um bom homem de negócios.

Quem diria?, eu perguntara a Bree, uma noite, sorrindo quando a primeira votação terminara e tantas pessoas tinham deixado claro o seu apoio ao meu plano.

– Eu – dissera ela, baixinho. – Eu diria.

E era verdade. Bree me dissera que a minha voz importava, e o amor dela me fizera acreditar que isso talvez fosse verdade. E, às vezes, era só isto que bastava: uma pessoa disposta a ouvir o nosso coração, o som que ninguém jamais tentara ouvir.

Arranquei um dente-de-leão da grama ao meu lado e o estendi para Bree, sorrindo. Ela inclinou a cabeça e seus olhos se encheram de ternura quando pegou a flor dos meus dedos.

– Todos os meus desejos já se realizaram – sussurrou ela. Então olhou para nossos filhos e disse: – Este é para eles.

Bree soprou suavemente e as penugens do dente-de-leão saíram dançando pelo ar, antes de serem carregadas pelo vento para o céu daquele dia de verão.

Meus olhos voltaram a encontrar os dela e pousei a mão sobre sua barriga, sentindo nosso bebê se mover sob os meus dedos.

É um menino, você sabe, disse ela, sorrindo.

Provavelmente. Eu sorri também. *Acho que é só o que os Hales fazem. Tudo bem para você?*

Sim, perfeitamente, disse, acrescentando em seguida: *Desde que só haja um aqui dentro, tudo bem até se for um bode.*

Ela riu, olhando para a pequena dupla que ainda girava na grama, os mesmos dois pestinhas que não haviam parado de se mexer desde o dia em que vieram ao mundo.

Ri silenciosamente, então bati palmas três vezes para chamar a atenção deles. As cabecinhas viraram-se rapidamente na minha direção e eles começaram a gritar ao mesmo tempo que diziam a palavra na linguagem de sinais:

– Papai, papai!

Os dois correram para mim e deixei que acreditassem que estavam me derrubando. Caí de costas na grama enquanto eles subiam em cima de mim, os dois se acabando de tanto rir e aquele som lindo reverberando pela nossa propriedade.

Eu me sentei, levantando os meninos comigo.

Qual de vocês dois vai me ajudar na obra hoje?

Eu! Eu! Os dois sinalizaram juntos.

Muito bem, ótimo. Temos muito trabalho a fazer se quisermos terminar tudo o que há para fazer no anexo a tempo da chegada do irmão ou da irmã de vocês.

Estendi a mão para eles e os meninos puseram as mãos gordinhas sobre a minha. Os dois levantaram os olhos para mim, muito sérios. Tirei a mão e disse:

Irmãos até o fim.

Eles repetiram os sinais, logo depois de mim, ainda solenes, sérios.

Isso mesmo, falei. Este é o pacto mais importante de todos.

Talvez um dia eu tivesse um relacionamento de verdade com meu irmão. A situação entre nós melhorara desde que eu assumira a cidade e ele se tornara chefe de polícia, e até eu sabia que Travis

amava os sobrinhos, mas ainda tínhamos uma longa estrada a percorrer.

Meus meninos assentiram com as cabecinhas, os olhos castanho-dourados muito arregalados nos rostos idênticos que pareciam tanto com o meu. Nem mesmo eu poderia negar.

– Muito bem, meninos, corram para dentro. Vou entrar para preparar o almoço de vocês enquanto seu pai pega as ferramentas – disse Bree, tentando se levantar da rede e rindo de si mesma quando voltou a cair para trás, incapaz de erguer o próprio peso.

Segurei a mão dela e puxei-a para os meus braços. Beije seus lábios e me apaixonei por ela, exatamente como acontecia mil vezes todos os dias.

Naquela noite, havia quatro anos, quando Bree atravessara a nave da igreja de Pelion, toda iluminada com velas, de braço dado com Norm, e me deixara sem fôlego, eu jurara que a amaria para sempre, apenas ela, e dissera isso do fundo da minha alma.

E agora, mesmo com toda a loucura e agitação da vida, mesmo tendo meu próprio trabalho e o serviço de bufê de Bree prosperando, a cada noite, antes de adormecer, eu faço questão de me virar para a minha esposa e dizer: *Apenas você, para sempre*. E o amor dela me envolve suavemente, me sustentando, me ancorando, me lembrando de que as palavras que mais importam são aquelas que vivemos.

A g r a d e c i m e n t o s

Um agradecimento muito, muito especial, do fundo do meu coração, mais uma vez, ao meu Comitê Executivo de Edição: Angela Smith e Larissa Kahle. Sou grata a ambas por se certificarem de que minha gramática esteja impecável e que as palavras estejam escritas corretamente. No entanto, mais do que tudo, sou grata pelo fato de essas duas pessoas que conhecem meu coração estarem editando meu trabalho. Vocês compreendem melhor do que ninguém o que estou tentando dizer e onde me insiro na história. Esse é um presente imensurável e acredito que, assim, meus personagens se tornam mais fortes, minha história mais clara e o que tenho a oferecer de mim mesma é transmitido. Também tenho sorte de ter um fantástico grupo de leitores de provas que não apenas foram duros comigo, mas também atenciosos e comprometidos com a história de Bree e Archer. Eles me deram conselhos, comentários e aplausos inestimáveis quando eu mais precisava: Elena Eckmeyer, Cat Bracht, Kim Parr e Nikki Larazo – minha enorme gratidão! Amor infinito e eterno ao meu marido, meu melhor amigo, minha inspiração, o homem que tem o maior coração que conheço. Obrigada por me apoiar ao longo do processo e por arrumar toda a bagunça da nossa casa enquanto eu sumia em minha caverna de escritora. Você torna tudo possível.

Sobre a autora

© Jenny Gaskins/ Jenny G Photography



Mia Sheridan começou a escrever na tentativa de superar a dor da perda da filha. Publicou seu primeiro livro on-line e, em cerca de uma semana, ele chegou à lista de mais vendidos. Desde então, ela não parou de escrever e se tornou uma autora apaixonada por tecer histórias de amor sobre pessoas destinadas a ficarem juntas.

Suas narrativas verdadeiras conquistaram o público e a levaram ao topo das listas dos prestigiosos *USA Today*, *The Wall Street Journal* e *The New York Times*.

Mia mora em Cincinnati, Ohio, com o marido e os quatro filhos.

www.miasheridan.com

www.facebook.com/miasheridanauthor

CONHEÇA O PRÓXIMO TÍTULO DA SÉRIE

O coração do leão

capítulo 1

EVIE, 14 ANOS

LEO, 15 ANOS

Estou sentada no telhado do lado de fora da janela do meu quarto, à noite, olhando para o céu escuro, observando o vapor da minha respiração subir como uma pluma no ar frio de novembro. Enrolo a manta rosa, velha, com mais força ao redor do corpo e descanso a cabeça sobre os joelhos, que puxei contra o peito. De repente, uma pedrinha aterrissa no telhado, perto de mim, e logo desliza de volta pela leve inclinação até cair no chão. Levanto a cabeça e sorrio quando escuto o barulho dele começando a escalar a treliça caindo aos pedaços, presa na lateral da casa. Se ele engordar mais meio quilo, aquela coisa decrepita não o sustentará mais. No entanto, isso não importa agora. Ele não estará aqui para escalá-la. Meu coração se aperta de tristeza quando penso nisso, mas controlo a expressão do meu rosto quando ele finalmente chega à beira do telhado e se arrasta até onde estou, todo desengonçado, muito alto e magro, os cabelos louro-escuros. Ele sorri com carinho, deixando à mostra o pequeno espaço entre os dentes da frente que eu tanto amo, e se senta ao meu lado. Me inclino na direção dele, e permanecemos

sentados, as testas encostadas por vários minutos, olhando nos olhos um do outro, antes de ele suspirar e endireitar o corpo.

– Acho que não vou conseguir sobreviver sem você, Evie – diz e parece estar controlando as lágrimas.

Dou um soquinho no ombro dele.

– Isso é um pouco dramático, não acha, Leo? – respondo, tentando arrancar um sorriso.

A tentativa funciona, mas o sorriso logo desaparece. Leo esfrega o rosto, fica quieto por um instante e fala:

– Não. É um fato.

Não sei o que dizer. Como posso confortá-lo se me sinto exatamente do mesmo jeito?

Ele me encara novamente e nossos olhares voltam a ficar presos.

– Por que está me encarando? – pergunto, usando uma frase que sei que ele vai reconhecer.

Foi a primeira coisa que disse a ele quando nos conhecemos.

Por um instante, a expressão de Leo não se altera. Então, lentamente, ele abre um sorriso preguiçoso.

– Porque gosto do seu rosto – diz ele, sorrindo abertamente, agora, mostrando outra vez o espaço entre os dentes e também repetindo a frase que disse quando nos conhecemos.

Ele é magrelo, desengonçado e tem os cabelos desarrumados, mas é o menino mais lindo que eu já vi. Não quero jamais deixar de olhar para ele nem ficar longe dele. Mas Leo está se mudando para o outro lado do país, e não há nada que possamos fazer em relação a isso. Nós nos conhecemos no primeiro lar adotivo para onde fomos mandados. Ele é meu melhor amigo no mundo inteiro, o menino que passei a amar intensamente, aquele que me fez acreditar que era seguro sonhar. Mas Leo está sendo adotado definitivamente. Estou muito feliz por ele enfim ter uma família, porque é muito raro isso acontecer com adolescentes. Mas, ao mesmo tempo, tenho a sensação de que meu coração está sangrando no peito.

Leo está me olhando de forma intensa agora, como se pudesse ler a minha mente. E é claro que ele pode. Talvez eu seja um livro aberto, ou talvez o amor seja como uma lupa que faz com que aquele que possui nosso coração consiga enxergar o fundo da nossa alma.

Ele continua me encarando em silêncio por vários segundos, e então percebo por sua expressão que tomou uma decisão. Antes que eu consiga imaginar qual foi, Leo se inclina na minha direção e roça os lábios com delicadeza nos meus. Pequenas fagulhas parecem acender o ar ao nosso redor e estremeço levemente. Ele chega mais perto, segura meu rosto entre as mãos e olha bem dentro dos meus olhos, os lábios ainda a poucos centímetros dos meus. Então sussurra:

– Vou beijá-la agora, Evie, e quando isso acontecer vai significar que você é minha. Não me importo com o tamanho da distância que haverá entre nós. Você. É. Minha. Vou esperar por você. E quero que espere por mim. Prometa que não vai deixar mais ninguém tocá-la. Prometa que vai se guardar para mim e apenas para mim.

O mundo parou e só nós dois continuamos a existir, sentados ali naquele telhado, no meio de uma noite de novembro.

– Sim – sussurro de volta, a palavra reverberando em minha mente.

Sim, sim, sim, um milhão de vezes sim.

Ele faz uma pausa, os olhos ainda presos aos meus, e sinto vontade de gritar: "Me beije logo!" Meu corpo está inebriado com a expectativa.

Então os lábios dele estão novamente nos meus e isso, sim, é um beijo. Ele começa com gentileza, os lábios mordiscando os meus. Mas então algo dentro dele parece mudar e, de repente, Leo está passando a língua por toda a extensão dos meus lábios, pedindo para entrar. Um arrepio desce pela minha espinha quando abro a boca para recebê-lo e deixo escapar um gemido involuntário.

Quando me ouve, ele geme também. A língua de Leo flerta com a minha – acariciando, duelando gentilmente – e sinto como se meu corpo fosse implodir de prazer apenas por sentir o sabor dele. Nós nos tocamos por algum tempo, e até mesmo a nossa inexperiência é deliciosa nessa exploração mútua. Ou ao menos é o que eu acho, e espero que ele também. Estamos aprendendo, decorando a boca um do outro. Não demora muito e já somos como dois parceiros de dança, nos movendo em perfeita sintonia, criando uma coreografia apaixonada de lábios e línguas.

Eu me deito sobre o telhado, abraçando-o, enquanto continuamos a nos beijar. Nos beijamos por horas, dias, semanas, por uma vida inteira talvez. Nosso beijo é uma abençoada distração. É demais e, ainda assim, não chega nem perto de ser o bastante.

É o meu primeiro beijo e sei que também é o primeiro de Leo. E é perfeito.

De repente, sinto algo frio e úmido em meu rosto e isso me traz de volta ao momento presente. Abro os olhos e ele também, e vemos grandes flocos de neve caindo ao nosso redor. E rimos, encantados. É como se os anjos tivessem preparado aquele show apenas para nós, para tornar o momento mais memorável das nossas vidas ainda mais mágico.

Leo rola para o meu lado e me sinto congelar no mesmo instante. Sei que preciso entrar e que ele precisa voltar para casa. Essa constatação me atinge com força e sinto a garganta apertada. Lágrimas escorrem pelo meu rosto.

Leo me puxa para junto dele e ficamos agarrados por um longo tempo, enquanto reunimos forças para a despedida.

Ele me afasta e a expressão atormentada em seu rosto é de cortar o coração.

– Isso não é um adeus, Evie. Lembre-se da nossa promessa. Nunca se esqueça da nossa promessa. Voltarei para você. Vou escrever mandando meu endereço novo assim que chegar a San

Diego e vamos nos manter em contato. Quero poder carregar suas cartas comigo para relê-las sem parar. Também vou mandar o meu número de telefone, só para garantir, mas quero que me escreva, está bem? Então, antes que a gente se dê conta, você terá 18 anos e poderei voltar para você. Vamos construir uma vida juntos.

– Está bem – sussurro. – Escreva para mim assim que chegar lá, ok?

– Farei isso. Será a primeira coisa que vou fazer.

Ele me puxa uma última vez para um abraço e seca com beijos as lágrimas no meu rosto. Então se vira e move o corpo em direção à treliça. Quando já está começando a descer, Leo se volta para olhar para mim e diz baixinho:

– Para sempre, será apenas você, Evie.

Essa é a última coisa que ele me diz.

Nunca mais vi Leo.

capítulo 2

Oito anos depois

Alguém está me seguindo. O homem já vem fazendo isso há uma semana e meia. E não tem a menor habilidade. Eu o percebi quase imediatamente e venho observando-o enquanto ele também me observa. Óbvio que ele não é um profissional. Mas não consigo encontrar uma única razão para alguém estar me seguindo pela cidade. Principalmente alguém com a aparência desse cara. Ouvei dizer que uma das razões pelas quais vários assassinos em série têm sucesso em atrair suas vítimas é serem homens de boa aparência,

gentis e comuns. Mas ainda não consigo acreditar que o Adônis que vem me seguindo é alguém com quem precise me preocupar muito, mesmo sendo cautelosa. Talvez esteja sendo ingênua, mas é apenas um pressentimento. O modo como cresci me treinou para reconhecer uma ameaça de imediato, e não é essa a sensação que tenho com esse homem. Além do mais, ele não parece ser do tipo que daria uma pancada na cabeça de uma mulher e a arrastaria para um beco escuro. Está mais para alguém que seria levado até lá *por ela*. Posicionei estrategicamente uma embalagem de pó compacto para observá-lo pelo espelhinho, espiei por uma fresta nas persianas da minha casa e pelo reflexo nas vitrines das lojas. Fiz tudo isso com tanta facilidade que fiquei quase envergonhada pelos talentos risíveis dele como perseguidor sorrateiro. É claro que o cara não seria contratado por uma organização ninja nunca, em lugar algum.

Mas a dúvida permanece. O que ele quer? Tenho que acreditar que é um caso de confusão de identidade. Talvez ele seja mesmo um investigador particular incompetente, trabalhando para algum cliente, e tenha colado na garota errada.

Mas hoje ele não está me seguindo, o que é bom, já que estou indo a um funeral e preferiria não ter essa distração. Willow vai ser enterrada hoje. A linda Willow, batizada em homenagem ao carvalho, com seus longos galhos, feitos para ondular e se dobrar com o vento. Mas Willow não se dobrou quando o vento frio soprou. Ela quebrou. Se espatifou. Willow decidiu que era o bastante para ela e enfiou a agulha de uma seringa no braço. Sinto a respiração presa na garganta quando lembro de seu belo rosto, sempre marcado pela expressão triste e cautelosa.

Crescemos juntas em um lar adotivo, e a vida de nenhuma das duas começou como um conto de fadas. Eu a conheci na primeira casa para onde fui mandada, depois de um vizinho chamar a polícia por causa do barulho que vinha da festinha que a minha mãe

biológica estava promovendo. Quando a polícia apareceu, eu estava sentada no sofá, usando o meu pijama rosa dos Ursinhos Carinhosos, com um cara ao meu lado que cheirava a dente podre e cerveja, a mão dele apoiada na minha roupa de dormir. O cara estava chapado demais para se afastar de mim com a rapidez necessária, e havia várias embalagens de metanfetamina em cima da mesinha de centro. Minha mãe biológica estava sentada no sofá à minha frente, observando tudo com uma expressão desinteressada. Não sei se ela simplesmente não se importava ou se também estava chapada demais para se importar. No fim das contas, acho que isso não tinha a menor importância.

Fiquei sentada, imóvel, enquanto a polícia afastava o homem de perto de mim. Àquela altura, eu já aprendera que não adiantava brigar. Desaparecer era a minha melhor opção, e se eu não conseguisse me enfiar dentro de um armário ou embaixo de uma cama, então dava um jeito de desaparecer dentro da minha própria cabeça. Eu tinha 10 anos.

Comparei aquele primeiro lar adotivo a uma gaveta de tralhas. Como aquela que você tem em sua cozinha, onde guarda todos os cacarecos que não têm utilidade e você não sabe onde mais guardar. Éramos todos como peças aleatórias jogadas ali, sem relação uns com os outros a não ser pelo fato de sermos todos *tralhas*.

Alguns dias depois que eu cheguei, Willow apareceu, uma menina loirinha com jeito de fada e olhos assombrados. Ela não falava muito, mas naquela primeira noite subiu na minha cama, se acomodou entre mim e a parede e encolheu o corpo como uma bola. Willow chorou no sono e implorou para que alguém parasse de machucá-la. Não precisei de muita imaginação para deduzir o que acontecera com ela.

Tomei conta dela o máximo que pude depois disso, mesmo Willow sendo apenas um ano mais nova do que eu. Nenhuma de nós era exatamente uma força a ser levada em consideração – duas

garotas maltratadas, que já haviam aprendido que confiar nas pessoas era um negócio arriscado –, mas Willow parecia ainda mais frágil do que eu, e o menor dos maus-tratos já a deixava em frangalhos. Por isso eu assumia toda a culpa e aceitava os castigos por coisas que eram culpa dela. Deixava que dormisse toda noite comigo, contava histórias para ela, para tentar acalmá-la e afastar os demônios que a assombravam. Eu não tinha muita coisa nesse mundo, mas era boa em contar histórias e sempre inventava uma nova para tentar dar sentido aos pesadelos dela. Verdade seja dita, as histórias eram tanto para mim quanto para ela. E também estava tentando entender.

Através dos anos, fiz o que pude para amar aquela garota. Deus sabe que fiz. Mas por mais que eu quisesse, e por mais que tentasse, não consegui *salvar* Willow. Acho que ninguém teria conseguido, porque a triste verdade era que Willow *não queria* ser salva. Ela fora ensinada bem cedo na vida que não era digna de amor, e essa mentira se entranhou em sua alma e Willow passou a viver e a respirar essa mentira. Isso foi a base para todas as escolhas que fez e para todos os corações que partiu, inclusive o meu.

Um mês depois de Willow e eu termos nos mudado para aquele lar adotivo, um garoto de 11 anos apareceu por lá. Era alto, magrelo e bravo, se chamava Leo, grunhia sim e não como resposta para os responsáveis pelo lar adotivo e mal olhava nos olhos de alguém. Quando ele chegou, estava com um dos braços engessado, com manchas roxas já começando a ficar amareladas no rosto e algo que se assemelhava a marcas de dedo no pescoço. Parecia que ele tinha raiva do mundo, e o bom senso me disse que o garoto devia ter uma boa razão para isso.

Leo... Leo. Sei que não posso pensar nele. Não me deixo pensar, porque é doloroso demais. De tudo o que já passei na vida, ele é a única coisa em que não consigo pensar por muito tempo. Leo tem

um lugar no meu passado e é lá que o deixo... o tanto que minha mente e meu coração permitem.

Sou arrancada do meu devaneio quando o pastor sinaliza para que eu vá até a frente, para o elogio fúnebre. Infelizmente, Willow nunca fizera amizade com pessoas que se levantavam de seus próprios buracos de desespero às nove da manhã de um domingo, por isso minha audiência era pequena e, pelo menos, metade dela era formada por gente de ressaca, se não ainda bêbados. Me postei atrás do púlpito e encarei o grupo, e foi então que o vi, inclinado contra uma árvore, vários metros afastado do resto das pessoas. Vê-lo ali me surpreendeu. Eu tive certeza de que não estava sendo seguida. Mas como e por que o homem estaria ali se não tivesse me seguido? Tenho certeza absoluta de que nunca o vira com Willow. Eu teria lembrado de um cara como ele. Fiquei encarando meu perseguidor misterioso por um instante, e ele manteve o contato visual, com uma expressão indecifrável no rosto. Essa é a primeira vez que nossos olhares se encontram. Balancei a cabeça devagar, voltei a me concentrar no momento presente e comecei a falar.

– Era uma vez uma garotinha muito linda e muito especial, que foi mandada por anjos para uma terra distante, para viver uma vida encantada, cheia de amor e felicidade. Eles a chamavam de Princesa de Vidro porque sua risada lembrava o tilintar dos sinos de vidro que eram pendurados no portão do paraíso e que badalavam cada vez que uma nova alma chegava. Mas o nome também era muito apropriado para ela, porque a garotinha era muito sensível e amava muito profundamente, e seu coração se partia com facilidade.

Faço uma pausa rápida e continuo:

– Durante os preparativos para a viagem dela para essa terra distante, um dos anjos mais novos cometeu um erro, e a Princesa de Vidro acabou sendo mandada para um lugar para onde não deveria ir, um lugar feio, escuro, dominado em sua maior parte por gárgulas e criaturas do mal. Mas quando uma alma é colocada dentro de um

corpo humano, a situação é permanente, não pode ser modificada. Embora os anjos tenham chorado de angústia pelo destino que a Princesa de Vidro teria que suportar, não havia nada que pudessem fazer, a não ser observá-la e tentar fazer o melhor que podiam para encaminhá-la na direção certa, longe da terra das gárgulas e das criaturas do mal. Infelizmente, logo depois de a Princesa de Vidro ter chegado a essa terra, a crueldade das bestas ao redor provocou uma enorme rachadura no coração sensível dela. E, embora muitas outras criaturas menos más tentassem amar e cuidar da princesa, porque ela era muito linda e muito fácil de amar, o coração dela continuou a rachar até se esfacelar completamente, deixando-a com o coração partido para sempre.

Nova pausa.

– A princesa fechou os olhos pela última vez, pensando em todos os monstros do mal que haviam sido tão cruéis com ela e feito seu coração se estilhaçar. Mas não importa quanto as criaturas do mal sejam insanas, elas nunca têm a última palavra. Os anjos, sempre por perto, desceram e carregaram a Princesa de Vidro de volta para o paraíso. Lá, consertaram seu coração partido e ela nunca mais será magoada de novo. A princesa abriu os olhos, deu seu lindo sorriso e gargalhou sua linda risada, que ainda soava como o tilintar dos sinos de vidro, como sempre acontecera. A Princesa de Vidro finalmente estava em casa.

Volto para o meu lugar passando através do grupo reunido, alguns rostos distraídos, outros levemente confusos. Tenho certeza de que estão se perguntando por que acabo de narrar um conto de fadas infantil no funeral de uma viciada em drogas. Mas isso é entre Willow e eu, e tenho certeza de que, em algum lugar, ela ouviu a história que contei e está sorrindo. Relanceio o olhar para o homem que está apoiado na árvore e ele parece congelado, os olhos ainda fixos nos meus. Franzo ligeiramente o cenho. Se eu conhecia bem Willow, a presença daquele homem ali provavelmente não é nada

positiva. Meu Deus, ela devia dinheiro a alguém? Ele vem me seguindo para tentar descobrir se pode cobrar de mim? Franzo o cenho outra vez. Com certeza, não. Acho que depois de trinta segundos fica perfeitamente claro que minha carteira de investimentos é, ahn... *ausente*.

– Não entendi muito bem o que você disse, querida, mas foi bonito – diz Sherry, que sorri para mim, me puxa para o lado e me dá um rápido abraço.

Sherry era colega de apartamento de Willow, e com isso quero dizer que era no apartamento dela que Willow aterrissava quando não estava vagabundeando com algum namorado.

Sherry é um pouco brusca e parece ter uns dez anos a mais do que sua idade real. Seus cabelos são pintados de louro, mas os dois centímetros perto da raiz são escuros, misturados com grisalho. Ela está com um decote generoso demais para um funeral... Aliás, o decote é generoso demais até para uma boate onde as mulheres dançam dentro de gaiolas. A pele é curtida e bronzada demais e Sherry está usando uma grossa camada de maquiagem. Os sapatos plataforma, estilo stripper, arrematam o visual. Mas, apesar da miríade de passos falsos em matéria de moda, ela tem um bom coração e tentou ao máximo ser amiga de Willow. Mas acabou aprendendo a mesma lição que eu: se alguém está determinado a se autodestruir, não há muito o que se possa fazer a respeito.

Quando volto a olhar, o homem misterioso partiu.

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.



www.editoraarqueiro.com.br



facebook.com/editora.arqueiro



twitter.com/editoraarqueiro



instagram.com/editoraarqueiro



skoob.com.br/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail,
basta se cadastrar diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro

Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP

Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818

E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br